

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Felipe Morelli Machado

Bola na rede e o povo nas ruas! Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938

MESTRADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Felipe Morelli Machado

Bola na rede e o povo nas ruas! Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938

MESTRADO EM HISTÓRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História Social sob a orientação da Prof. (a) Dr. (a) Estefânia Knotz Canguçu Fraga.

SÃO PAULO

2011

Banca Examinadora

---

---

---

*Ao meu Senhor e Salvador, Jesus Cristo, razão da minha esperança.  
Aos meus queridos pais, Nei e Andréia, por todo sacrifício e amor que me  
fizeram prosseguir, mesmo diante dos obstáculos dessa dura jornada e da  
própria vida. Aos meus pais na fé, Carlos e Josélia, pelo apoio, amor e pelas  
orações. E à minha amada esposa, Ana Carla, por tornar completa a minha  
vida, pelo amor e carinho demonstrados nessa difícil caminhada e por todos os  
momentos em que ainda seremos felizes, até o fim dos meus dias.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de qualquer pessoa, a Deus, por ter me abençoado em todos os esforços dedicados a essa Dissertação. Louvo ao Senhor Jesus por cumprir mais essa promessa em minha vida e por tornar possível o que parecia apenas um sonho distante. A Ele toda a glória e todo o reconhecimento, pelo amor com que sempre cuidou de mim. Toda a gratidão ao Rei Eterno, que tem a chave para abrir e fechar todas as portas que estarão diante de mim.

Quero também agradecer, de todo o coração, à minha esposa, Ana Carla, por ter sido tão maravilhosa ao longo desses mais de dois anos dedicados a essa Dissertação. Sem o seu amor e carinho, sua compreensão e suas orações, com certeza não me seria possível chegar ao fim desse árduo percurso. Foi por sua presença, nos momentos de alegria e dor, que me senti mais forte para seguir em frente, rumo a uma vitória que também é sua, minha linda amada. Obrigado por estar sempre aqui, ao meu lado, e que esse seja sempre o seu lugar até o fim dos meus dias.

Não poderia deixar de mencionar todo o amor e gratidão aos meus maravilhosos pais, Nei e Andréia, com os quais compartilho da alegria dessa conquista, pois, sempre encontrei neles a inspiração, o incentivo e, por muitas vezes, o sacrifício de um amor que nunca mediu esforços para me fazer prevalecer sobre as dificuldades dessa vida. Nem todas as linhas seriam suficientes para demonstrar o quanto amo vocês e o quanto sou feliz por tê-los em minha vida. De longe ou de perto, carrego vocês em meu coração. Obrigado por tudo.

Aproveito desse momento família para agradecer aos meus avós, Yolanda e João Lopes (o popular “Quiquito”), Ernani e, minha falecida avó, Geralda, por todos os anos de tanto cuidado com o primeiro neto. Também ao meu sogro e sogra, Pr. Morelli e Josélia, pelo amor e carinho que jamais um genro merecerá receber, fazendo sempre me sentir como um filho, em todos esses anos de convivência. Amo muito todos vocês.

À querida orientadora e professora, Estefânia K. C. Fraga, pelos ensinamentos e por todo o carinho demonstrado com os seus “meninos do futebol”. Aos também queridos professores da Banca, Antônio Rago Filho e Fábio Franzini, pelo apoio dado e pelas decisivas contribuições a essa pesquisa. Também à professora Célia, pelo auxílio e aprendizado.

Ao meu grande amigo Luciano, por ter compartilhado do ardor dessa caminhada. Obrigado mesmo por jogar junto, nessa que foi uma das partidas mais difíceis dessa ainda curta trajetória acadêmica.

Ao CNPq, pelo decisivo apoio no financiamento dessa pesquisa, através da Bolsa Integral que me foi concedida e que tornou possível esta Dissertação.

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, foram e têm sido tão importantes em minha vida.

## RESUMO

Felipe Morelli Machado

### Bola na rede e o povo nas ruas! Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938

Esta Dissertação tem por finalidade a análise da participação brasileira na Copa do Mundo de futebol, disputada em junho de 1938, na França, um empreendimento que assumiu diferentes sentidos para o Estado Novo, a imprensa esportiva e os torcedores. Trata-se de um momento emblemático para a percepção do futebol como lugar social e simbólico de conservação e, ao mesmo tempo, de questionamento da ordem vigente, diante de um contexto ditatorial.

A partir do trato com os jornais esportivos de grande vulto, nas capitais paulista e carioca da época, observou-se a repercussão daquele episódio esportivo de norte a sul do país, contagiando a vida nacional. O futebol emerge, nesse acontecimento, não só como elemento capaz de congrega – na mesma torcida - indivíduos dos mais diferentes perfis sócio-culturais, mas também como espaço de conflitos, desavenças e rivalidades, que se encontram na base da edificação do sentimento nacional.

Palavras-chave: Futebol, Copa do Mundo, Imprensa Esportiva, Nação e Torcedores.

# ABSTRACT

Felipe Morelli Machado

## Ball in the back of the net and the people in the streets! New State, Sports Press and Supporters in the 1938 World Cup

This thesis aims at analyzing the Brazilian participation in the Football World Cup disputed in June 1938, in France, an achievement that took on different meanings for the New State, the sports press and the supporters. It is about an emblematic moment for perceiving football as a social and symbolic place of conservation and, at the same time, of posing questions about the order in force, within a dictatorial context.

From the dealing with the huge sports newspaper, in the capital cities of São Paulo and Rio de Janeiro (Brazil), it was observed the repercussion of that sports episode, from north to south, spilling over into the national life. In this happening, football arises not only as an element capable of congregating, among the same supporters, individuals from the most varied social cultural profiles, but also as a quarreling space, with disagreements and rivalries, which are found in the construction base of the national feeling.

Key-words: Football, World Cup, Sports Press, Nation, and Supporters.

## LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1. Fac-símile do selo que simbolizava a campanha destinada a arrecadar recursos para o custeio das despesas da CBD com a delegação brasileira. *A Gazeta*, 7 de abril de 1938, p. 8. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo..... 60
- Imagem 2. Registro do “Embaixador da torcida brasileira”, Oswaldo Menezes, e da “Embaixatriz”, Leonor Silva, na retirada de seus passaportes, para seguirem viagem rumo à França. *A Gazeta*, 11 de maio de 1938, p. 8. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo..... 63
- Imagem 3. Flagrante do início da Campanha do Selo, em São Paulo, com torcedores adquirindo os selos no balcão d’*A Gazeta*. *A Gazeta*, 6 de abril de 1938, p. 9. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo..... 67
- Imagem 4. Destaque para a venda dos selos, por ocasião do jogo-treino entre as equipes titular e reserva da seleção, em São Paulo, no estádio do Parque Antártica, como despedida do torcedor paulista. *A Gazeta*, 14 de abril de 1938, p. 8. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo..... 67
- Imagem 5. Torcedores rodeando os jogadores brasileiros, antes do embarque do “Arlanza”, no cais Mauá, no Rio de Janeiro. *A Gazeta*, 3 de maio de 1938, p. 8. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo..... 126
- Imagem 6. O locutor Gagliano Netto, realizando a transmissão da final do Campeonato Sul-Americano da Argentina (1936-7), em Buenos Aires. *A Gazeta*, 16 de abril de 1938, p. 9. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo..... 143
- Imagem 7. Lance do jogo Brasil x Itália, pela semifinal da Copa de 1938. O goleiro da seleção, Walter, afasta a bola da área brasileira, enquanto Domingos da Guia marca o atacante italiano, Piola. *A Gazeta*, 24 de junho de 1938, p. 8. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo..... 164
- Imagem 8. Flagrante de um dos ataques da Itália na semifinal, com o atacante Colaussi tentando o drible sobre a dupla de zaga brasileira, Machado e Domingos da Guia. *A Gazeta*, 24 de junho de 1938, p. 8. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo..... 165
- Imagem 9. O atacante italiano, Giuseppe Meazza, cobra o pênalti e marca o segundo gol da Itália na vitória por 2 a 1 sobre o Brasil, pela semifinal da Copa de 1938. *A Gazeta*, 24 de junho de 1938, p. 8. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo..... 166
- Imagem 10. Grande número de torcedores, em frente à redação do *Jornal dos Sports*, na Avenida Rio Branco, à espera de notícias sobre a possível anulação da partida entre Brasil e Itália. *Jornal dos Sports*, 17 de junho de 1938, p. 1. Fonte: Biblioteca Nacional (RJ)..... 168
- Imagem 11. Numerosos torcedores, aglomerados na Avenida Rio Branco, para vivarem os jogadores da seleção, durante a recepção à delegação, no Rio de Janeiro, após a Copa de

1938. <i>A Gazeta</i> , 12 de julho de 1938, p. 12. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.....	174
Imagem 12. Charge, na Revista <i>Careta</i> , ilustrando a revolta dos torcedores brasileiros contra o árbitro da partida válida pelas quartas-de-final, da Copa de 1938, entre Brasil x Tchecoslováquia, terminada em 1 a 1. <i>Careta</i> , 9 de julho de 1938, p. 22-23. Fonte: Biblioteca Nacional (RJ).....	178
Imagem 13. Charge, na Revista <i>Careta</i> , simulando um diálogo entre o zagueiro da seleção, Domingos da Guia, e o ditador alemão, Adolf Hitler: “O Brasil venceu a Polônia por 6 x 5”: DOMINGOS – Ora veja seu Hitler! Eu não acreditava nessa história de superioridade de raças! <i>Careta</i> , 2 de julho de 1938, p. 26. Fonte: Biblioteca Nacional (RJ).....	182
Imagem 14. Aglomeração de torcedores em frente ao Cine Broadway, no Rio de Janeiro, aguardando a exibição do filme-documentário Brasil x Polônia, <i>Jornal dos Sports</i> , 16 de junho de 1938, p. 2. Fonte: Biblioteca Nacional (RJ).....	188
Imagem 15. Torcedores no cais Mauá, no Rio de Janeiro, acompanhando à chegada dos jogadores brasileiros, após a Copa de 1938. <i>Jornal dos Sports</i> , 12 de julho de 1938, p. 1. Fonte: Biblioteca Nacional (RJ).....	201
Imagem 16. Charge, na Revista <i>Careta</i> , ironizando o título de “campeões morais” atribuído, pela imprensa esportiva, à seleção, após a Copa de 1938. <i>Careta</i> , 9 de julho de 1938, p. 23. Fonte: Biblioteca Nacional (RJ).....	205
Imagem 17. O desembarque de Leônidas da Silva, no Rio de Janeiro, no retorno da delegação brasileira a então capital federal. <i>A Gazeta</i> , 12 de julho de 1938, p. 12. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.....	206
Imagem 18. Embarque de Leônidas da Silva e Domingos da Guia, com suas respectivas esposas, no trem que seguia do Rio de Janeiro para a cidade mineira de Caxambu, onde a seleção esteve concentrada durante boa parte do período de treinamentos para a Copa do Mundo de 1938. <i>A Gazeta</i> , 14 de abril de 1938, p. 9. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.....	215
Imagem 19. Charge, na Revista <i>Careta</i> , ilustrando a grande admiração dos torcedores pelo “Diamante Negro”, Leônidas da Silva. <i>Careta</i> , 9 de julho de 1938, p. 1. Fonte: Biblioteca Nacional (RJ).....	225
Imagem 20. Leônidas da Silva ao lado do então ex-jogador Friedenreich, na redação d’ <i>A Gazeta</i> , em encontro promovido pelo jornal após a Copa de 1938. <i>A Gazeta</i> , 26 de julho de 1938, p. 9. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.....	232
Imagem 21. Os jogadores brasileiros, que atuavam em clubes de São Paulo, são festejados por grande número de torcedores, em seu retorno à capital bandeirante, após a Copa de 1938. <i>A Gazeta</i> , 13 de julho de 1938, p. 8. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.....	233
Imagem 22. O meia-direita da seleção brasileira, Romeu Pelicciari, recebido festivamente em Jundiá (SP), sua cidade natal, após o bom papel desempenhado na Copa de 1938. <i>A Gazeta</i> , 22 de julho de 1938, p. 10. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.....	233

- Imagem 23. Propaganda da “Goiabada Peixe” com os jogadores da seleção após a Copa de 1938. *A Gazeta*, 26 de julho de 1938, p. 10; e *Jornal dos Sports*, 12 de julho de 1938, p. 5. Fontes: Arquivo Público do Estado de São Paulo e Biblioteca Nacional (RJ)..... 235
- Imagem 24. Anúncio do então lançamento das Indústrias Sudan: os “*Cigarros Leônidas*”. *A Gazeta*, 22 de julho de 1938, p. 1. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo..... 236
- Imagem 25. O encontro de Vargas e Leônidas, em Belo Horizonte (MG), após a Copa de 1938. *Jornal dos Sports*, 20 de julho de 1938, p. 10. Fonte: Biblioteca Nacional..... 238

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. “DISCIPLINA ACIMA DE TUDO!”.....	33
1.1 Todos juntos na mesma emoção? Pacificação e rivalidades.....	41
1.2 “Auxiliar o <i>scratch</i> é dever de todos os brasileiros!”: a Campanha do Selo.....	57
1.3 “Ide para o Futuro com os olhos voltados para o Passado!”: a invenção de uma tradição futebolística brasileira.....	77
2. E VAI ROLAR A BOLA NOS GRAMADOS FRANCESES... ..	99
2.1 Servindo a Pátria sem criar embaraços: preparação e polêmicas.....	102
2.2 “Anulado o jogo! Viva o Brasil!”: o início do torneio e os delírios de um boato.....	124
2.2.1 Vibrou a alma popular! É a vez do Rádio.....	141
3. A APOTEOSE DAS RUAS: UM VIVA AOS “VERDADEIROS” CAMPEÕES.....	173
3.1 “O Desfile Monstro!”: o futebol enquanto rito público.....	184
3.2 É a vez do preto? O “Diamante Negro” e as desavenças em torno de um protagonismo conquistado e construído.....	206
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	244
FONTES.....	247
BIBLIOGRAFIA.....	248
TESES E DISSERTAÇÕES PESQUISADAS.....	257

## INTRODUÇÃO

Nelson Rodrigues traçou o seguinte comentário sobre a atmosfera vivida no Rio de Janeiro quando da estréia da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra:

“(...) toda a cidade parou. As nossas madames Bovary, as nossas Anas Karênicas suspenderam seus amores e seus pecados, das três às seis. Os bandidos do Leblon não assaltaram senhoras nem crianças ... Ontem ninguém era credor, ninguém era devedor. Éramos apenas brasileiros, da cabeça aos sapatos<sup>1</sup>”.

O futebol é uma expressão cultural das mais importantes de nossa sociedade. Além disso, na conjuntura dos primeiros anos do século XXI, não seria exagero nenhum considerá-lo um esporte que arrebanha multidões, nos mais diferentes cantos do planeta, navegando como elemento transversal sobre diferentes mundos. O futebol dos estádios, das casas, das esquinas e das ruas. O futebol do cotidiano de uma imensa maioria dos brasileiros, mobilizados em torno de uma paixão capaz de aproximar e irmanar indivíduos dos mais diferentes perfis sócio-culturais; ao mesmo tempo em que promove as mais acaloradas discussões, rivalidades, sentimentos e práticas hostis. O futebol que, para muitos, é o assunto por excelência e que não escapou aos olhos e à imaginação do cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues, delineando - em seu estilo hiperbólico e irônico de criações imagéticas - o momento em que o sentimento nacional ganha os contornos mais nítidos e exacerbados, a Copa do Mundo. Mas nem sempre foi assim.

A percepção do potencial aglutinador e formador da identificação nacional em torno da seleção brasileira durante a Copa do Mundo, remete a um momento em que o futebol monopolizou as atenções da vida nacional, a Copa do Mundo da França de 1938:

“João Pessoa – A irradiação do jogo Brasil x Polônia foi ouvida nesta capital com o maior entusiasmo e interesse. O governo e as sociedades recreativas mandaram instalar nos principais logradouros públicos, poderosos alto-falantes. Assim o povo paraibano, vibrando de entusiasmo acompanhou a sensacional luta de *football*. A vitória dos brasileiros motivou grandes demonstrações de alegria, por parte da população.

Recife – Grande quantidade de povo aglomerou-se nas portas dos cafés e nas praças públicas, ouvindo ontem a irradiação do jogo Brasil x Polônia.

A vitória final dos brasileiros foi recebida com delirantes manifestações de regozijo.

Vitória – A partida de futebol entre o Brasil e a Polônia, ontem realizada em disputa do Campeonato Mundial, foi acompanhada pelo rádio com grande entusiasmo patriótico por toda a população desta capital.

Além das pessoas que ouviram a irradiação em suas residências particulares, mais de mil pessoas se reuniram na praça Independência, onde foram instalados alto-falantes ...

---

<sup>1</sup> RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. (Ruy Castro org.). São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 127.

Porto Alegre – Incalculável massa popular afluíu, ontem, a vários pontos da cidade, ouvindo a irradiação do jogo Brasil x Polônia.

São Paulo – Nunca se viu aqui fato igual motivado por uma competição esportiva. A multidão aclamou em delírio a vitória do Brasil

Belo Horizonte – O povo vibrou intensamente sendo empolgado do maior entusiasmo quando foi anunciada a vitória brasileira. Cada lance do jogo era acompanhado de aplausos, num verdadeiro delírio popular”<sup>2</sup>.

Manifestações como essas descritas em breves notas pelo *Jornal dos Sports* (RJ), atestavam o grande entusiasmo da torcida, em diversos cantos do país, após a dramática vitória brasileira na estréia contra a Polônia, por 6 a 5, com direito à prorrogação e à primeira grande exibição do “Diamante Negro”, Leônidas da Silva, diante do público francês<sup>3</sup>. Contudo, a verdadeira empolgação seria verificada pelas bandas de cá, onde o triunfo do escrete nacional fazia delirar e enchia de orgulho um número incalculável de torcedores espalhados pelo território nacional. Diversos alto-falantes foram instalados, em vários pontos das principais cidades do país, permitindo aos torcedores que pudessem acompanhar todos os lances do prélio contra os poloneses e vibrar com eles. O torcedor apoiava e aplaudia como se estivesse em canchas francesas. Nunca, até então, na curta história das Copas, a seleção estivera tão longe e, ao mesmo tempo, tão perto de seus torcedores.

A seleção avançaria no torneio e teria pela frente os tchecos em seu segundo *match*. O empate verificado no tempo normal e na prorrogação obrigaria as equipes à realização de uma segunda partida<sup>4</sup>. Nas ruas da capital federal, o entusiasmo não seria menor e o relato do cronista do *Jornal dos Sports* tratava das mais inusitadas manifestações desencadeadas pela vitória brasileira neste jogo-desempate, que garantiu a inédita passagem a semifinal:

“Foi uma coisa louca! Houve de fato algo de loucura, loucura coletiva, nas manifestações que a cidade celebrou o triunfo brasileiro. Passeatas, gritaria, ruídos de todos os gêneros, bombas, cantos patrióticos, serpentinas, confete, folhetos, papel rasgado – eis o que se viu e ouviu durante horas inteiras no cenário carioca”<sup>5</sup>.

Alguns fatores colaboraram decisivamente para tamanha mobilização em torno do selecionado nacional. Em linhas gerais, merecem destaque a intensa cobertura dos jornais em torno do acontecimento; a transmissão direta, via rádio, de todas as partidas do selecionado

<sup>2</sup> *Jornal dos Sports*, 7 de junho de 1938, p. 5.

<sup>3</sup> Nesta partida de estréia Leônidas marcou três gols para o Brasil, incluindo os da vitória na prorrogação. *Jornal dos Sports*, 6 de junho de 1938, p. 1, 3 e 4.

<sup>4</sup> Este primeiro jogo entre Brasil e Tchecoslováquia terminou com o placar de 1 a 1, com gols de Leônidas da Silva e Nejedly (pênalti). *Jornal dos Sports*, 13 de junho, p. 1 e 4.

<sup>5</sup> *Jornal dos Sports*, 15 de junho de 1938, p. 5.

nacional para as principais praças esportivas do país <sup>6</sup>; as campanhas para a arrecadação de donativos destinados ao custeio das despesas da delegação - junto a bancos, indústrias e comércio; as iniciativas <sup>7</sup> voltadas para a aglutinação dos diferentes grupos sociais em torno do escrete brasileiro; o apoio do recém-inaugurado regime estado-novista, na figura do chefe da nação, Getúlio Vargas e a pacificação do campo esportivo, que permitiu à seleção, pela primeira vez, contar com os principais jogadores que atuavam nos clubes do Rio de Janeiro e São Paulo - com destaque para craques como o zagueiro Domingos da Guia e o centroavante Leônidas da Silva (ambos que, à época, defendiam as cores do Flamengo). Esses elementos fizeram da participação brasileira, naquele torneio, uma questão de ordem e dimensão nacionais.

Nesse sentido, tal relação, que aproxima futebol e nação, é ainda hoje evidenciada em expressões que povoam o senso comum e que caracterizam o Brasil - perante os próprios brasileiros e o mundo - como o “país do futebol”, a “pátria de chuteiras” e que, por conseguinte, apregoa uma imagem do jogador brasileiro como aquele provido de capacidades especiais, que o destacam em relação aos jogadores de outros países, o portador de um talento, que é constantemente reafirmado como um desígnio divino, um “dom” de jogar bola que o diferenciaria dos demais. Todavia, não se pode ignorar que esta é uma sentença social e historicamente construída e que tal associação entre futebol e nação pode mascarar inúmeros conflitos, descompassos, descontinuidades, enfim, questões que precisam ser evidenciadas e problematizadas, uma direção a qual esta reflexão a respeito da Copa do Mundo de 1938 se propõe a trilhar.

O encontro com esta temática diz respeito não somente às aventuras e desventuras de uma ainda curta trajetória acadêmica, mas, primordialmente, o resultado de uma paixão construída ao longo de boa parte de uma vida às voltas com o universo do futebol, o que, para a grande maioria

---

<sup>6</sup> Pela primeira vez, as partidas do selecionado nacional, na Copa do Mundo, seriam transmitidas diretamente para o Brasil, via rádio. Assim como ocorrera no sul-americano de 1936-7, disputado em Buenos Aires, a Rádio Club do Brasil (PRA-3), emissora do Rio de Janeiro – em parceria com o Cassino da Urca, o *Jornal dos Sports* e *O Globo* - adquiriu (por uma alta quantia de cerca de 100 contos de réis por partida) os direitos de transmissão dos jogos do escrete brasileiro, em tempo real, para os principais estados do país. A irradiação seria redistribuída, como forma de divisão de gastos, por cerca de 45 emissoras que compunham a Rede Nacional, através do programa “Hora do Brasil”. *Jornal dos Sports*, 13 de abril de 1938, p. 4.

<sup>7</sup> A de maior vulto neste propósito foi a “Campanha do Selo”, que consistia basicamente na emissão de selos numerados pela CBD que poderiam ser adquiridos por uma módica quantia de 500 réis por qualquer torcedor que desejasse se engajar na campanha brasileira, sendo todo o valor arrecadado com a venda dos selos destinado ao custeio das despesas da delegação na disputa da Copa do Mundo. O torcedor que tivesse o número de seu selo sorteado teria como prêmio o direito a compor a delegação que seguiria rumo à França, com passagens de ida e volta e todas as despesas de hospedagem, alimentação e outras cobertas pela CBD. *Jornal dos Sports*, 24 de março de 1938, p. 4.

dos brasileiros, vem já de berço. Quando do percurso na Academia, se mostrou como fundamental a participação como ouvinte no curso *Esporte e Memória na História do Brasil*, realizado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) <sup>8</sup>, que nos colocou em contato com uma diversidade de abordagens sobre o futebol – envolvendo pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento – e nos trouxe subsídios para uma mais nítida delimitação da temática da pesquisa.

Tal percepção facilita a problematização, desde as primeiras linhas deste trabalho, do lugar comum, que parece inerente à nossa condição e faz crer que este sentimento nacional, no caso brasileiro, sempre calçou chuteiras e adentrou os gramados. Nesse trabalho sobre a Copa do Mundo de 1938, assume centralidade a percepção de que os agentes e grupos sociais - que estiveram direta ou indiretamente envolvidos com a campanha da seleção brasileira - apresentavam diferentes sentidos para a “nação” que se fazia representada no certame mundial.

Muito embora esse acontecimento se encontre valorizado na Historiografia, em trabalhos relativamente recentes, é consensual nas diferentes abordagens, a perspectiva de que a Copa de 1938 se constitui em um importante capítulo para o entendimento da elevação do futebol como símbolo de identidade nacional, cuja construção se dá ao longo das décadas de 1920 a 1940.

É nessa perspectiva que se situa, por exemplo, a relevante obra do historiador Fábio Franzini, *Corações na ponta da chuteira* <sup>9</sup>, para quem a visão panorâmica da trajetória do futebol brasileiro – a partir de um esporte monopolizado pelas elites até uma inserção popular, que traz ao jogo a condição de verdadeiro “*produto nacional*” (consagrado em sua grandeza nas conquistas dos campeonatos mundiais) - se revelaria muito superficial por mascarar os conflitos que permeariam este processo.

Tal entendimento passaria pela própria dimensão adquirida pelo futebol na cultura e sociedade brasileiras, o que, para Franzini, se dá muito antes da conquista do bicampeonato mundial, em 1958 e 1962, e tem a ver com questões mais íntimas da própria história brasileira do período. A Copa de 1938 é situada então como marco de uma aproximação mais efetiva do governo Vargas com o futebol, cuja importância deve ser vista em face de um contexto político

---

<sup>8</sup> Curso que teve a coordenação da Prof<sup>a</sup>.Dra. Mary Del Priore e do Prof. Dr. Victor Andrade de Melo, com aulas ministradas no período de 14 de Agosto a 4 de Outubro de 2007 e que se mostraram de grande valor para a construção de uma pesquisa ainda embrionária sobre o assunto, por ocasião do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação, em História, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), que contou também com decisivas contribuições do Prof. Dr. Jorge Ferreira.

<sup>9</sup> FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

muito favorável para o início do que este autor identifica como a “*transformação do futebol em patrimônio nacional*”<sup>10</sup>.

Entretanto, como também o ressalva o próprio Franzini, faz-se também necessária uma reflexão sobre essa temática, que não seja refém de um protagonismo unísono do Estado Novo<sup>11</sup> e que escape à proposição da utilização do futebol como importante instrumento político do regime, haja vista que essa abordagem da relação entre futebol e política pode cair no condicionamento simplificador do primeiro aos interesses do segundo. Esse é o percurso empreendido por análises, como a de Maurício da Silva Drumond Costa<sup>12</sup>, que realiza uma reflexão sobre as primeiras Copas no bojo do processo de aproximação do governo Vargas com o futebol. Mais uma vez, a Copa de 1938, em toda a sua repercussão é tratada como marco desta relação entre futebol e política, o momento em que “(...) o governo (estado-novista) percebe a importância de controlar mais de perto o futebol no Brasil”<sup>13</sup>.

Outro trabalho importante, nessa problematização, é o do também historiador Rubim Santos L. de Aquino<sup>14</sup>, em sua proposta de dar conta de todo o processo de afirmação do futebol, no seio da sociedade brasileira, como uma “paixão nacional”. Mesmo que chamando a atenção - com base na perspectiva trazida pelo sociólogo Waldenyr Caldas - para os cuidados necessários à utilização do “binômio futebol/política”, de modo a se evitar “(...) a desgastada e superada imagem de que o ‘futebol é o novo ópio do povo’; ou, ainda, se acreditar no velho jargão apressado e destituído de análise mais profunda que atribui ao futebol uma função que ele, na verdade, não tem: a de alienar o indivíduo e a de reforçar o establishment”<sup>15</sup>, Aquino analisa a Copa de 1938, no curso das transformações da Era Vargas e sua incidência no futebol, que, em sua ótica, se tornaria mais uma prática controlada pelo governo.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 84.

<sup>11</sup> A mudança para esse regime foi marcada, dentre outras importantes medidas políticas, pelo fechamento do Congresso Nacional pela Polícia Militar sob as ordens de Getúlio Vargas na manhã do dia 10 de novembro de 1937. Apesar do golpe de Estado o poder continuava nas mãos de um mesmo chefe, os partidos políticos foram extintos, no entanto o estabelecimento do Estado Novo não significou uma consequência natural da Revolução de 1930, mas o resultado de muitas tensões e conflitos políticos que marcariam os anos 30 no Brasil. Cf. FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O tempo do nacional-estatismo**: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2007.

<sup>12</sup> COSTA, Maurício da Silva Drumond. “Os Gramados do Catete: futebol e política na era Vargas” (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). **Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro, Mauad Editora: FAPERJ, 2006. v. 2. p. 107 – 132.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 115, grifo nosso.

<sup>14</sup> AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

<sup>15</sup> CALDAS, Waldenyr. **Pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: IBRASA, 1990. p. 195 apud AQUINO. op. cit., p. 56.

Nesse mote, é no curso de uma reflexão sobre a participação brasileira nas três primeiras edições do torneio, sob o regime varguista, que Aquino procura entender as peculiaridades daquele acontecimento, como uma oportunidade que o futebol brasileiro teve para tirar lições preciosas do que deveria ser evitado para o mundial seguinte - que viria a ser disputado, no Brasil, em 1950. Portanto, essa Copa do Mundo somente ganharia sentido se entendida no processo linear que marca a participação brasileira em todas as Copas, estabelecendo-se assim um gancho importante para que sejam identificadas algumas das razões da derrota brasileira para os uruguaiois, em pleno Maracanã, na final da Copa do Mundo de 1950. Assim, em prejuízo das especificidades do acontecimento, valoriza-se a sua compreensão e adequação ao processo por Aquino denominado de “*A Era das Copas*”.

Há que se destacar também trabalhos de grande valor, que abarcam a Copa de 1938 a partir dos dividendos por ela gerados ao governo Vargas (como o maior beneficiado pela grande repercussão, que o certame internacional ganhou junto às diferentes camadas sociais e, principalmente, perante os grupos populares), caso de *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura, Sociedade*, de Hilário Franco Júnior<sup>16</sup>. Esse historiador traz como premissa o entendimento do futebol como “*fenômeno cultural total*”, uma “*metáfora*” da vida contemporânea, em suas diferentes dimensões (política, econômica, social etc.) e, nesse aspecto, contribui para as interpretações que procuram reconhecer a importância do futebol como apêndice de algo maior que ele ajude a explicar, isto é, a própria sociedade em toda a sua complexidade.

Sob outro foco de análise, importantes contribuições são trazidas por três historiadores que tratam do futebol de forma bastante vigorosa: Plínio J. Labriola de Negreiros, Leonardo Affonso M. Pereira e Denaldo Alchorne de Souza. Em *A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*<sup>17</sup>, Negreiros se dedica a analisar a relação entre espaço urbano e futebol, percebida a partir do desenvolvimento do jogo na cidade de São Paulo, tomando-se o estádio do Pacaembu como monumento revelador do peso adquirido pelo futebol nessa metrópole.

---

<sup>16</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: Futebol, Cultura, Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>17</sup> NEGREIROS, Plínio José Labriola de. **A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40**. São Paulo, 1998. Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Na obra *Footballmania*<sup>18</sup>, o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira opera uma importante mudança no ângulo de interpretação, quando se propõe a realizar uma história social do futebol no Rio de Janeiro que valorize outros personagens em seu processo. Uma investigação que não se apoiaria na ótica dos grupos dominantes - em sua tentativa de afirmação de uma lógica excludente para o esporte nas primeiras décadas do desenvolvimento do futebol na então capital da República -, mas uma história que fosse contada do ponto de vista daqueles que eram alvo dessa exclusão. Desse modo, Pereira enfatiza a trajetória de luta de negros, mulatos e brancos pobres, buscando a inserção em um universo que se pretendia exclusivamente aristocrático, mais um espaço de afirmação de distinção social para os grupos dirigentes.

Essa guinada também se encontra presente na obra de Denaldo Alchorne de Souza, *O Brasil entra em campo*<sup>19</sup>, em que o autor se dedica a perceber de que modo o futebol foi utilizado simbolicamente por diferentes atores sociais na construção da identidade nacional brasileira durante as décadas de 1930 e 1940. Nesse percurso, a Copa de 1938 é apontada como o momento em que o futebol atingiu uma popularidade de proporções nunca dantes vistas, ainda que tal acontecimento não seja o foco de sua abordagem. Por conta disso, sua rica análise não alcança uma problematização mais densa das tensões que emergiram naquela ocasião, o que se constitui como esforço do deste trabalho.

Ainda que o diálogo crítico com os autores acima citados apresente significativas distinções, não somente na compreensão do futebol como também na forma de abordar a participação brasileira na Copa do Mundo da França, as obras se igualam, na medida em que, apesar de reconhecerem o papel diferenciado desse torneio dentro do processo de construção de uma identidade nacional através do futebol, não se preocupam em investigá-lo de uma forma mais esmiuçada, justamente porque tal acontecimento não se constitui no eixo central de suas pesquisas.

---

<sup>18</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Esta obra faz parte da coleção *Histórias do Brasil*, que conta com trabalhos de fôlego de outros historiadores como Ronaldo Vainfas, Hebe Maria Mattos, Sidney Chalhoub, Martha Abreu, dentre outros, destinada a divulgação de pesquisas históricas com temáticas variadas, cuja relevância estaria na descoberta de novos problemas na investigação histórica, desvelando questões durante muito tempo escondidas ou deixadas à margem por interpretações clássicas da história do Brasil. No caso do futebol, o diálogo crítico de Leonardo Pereira se desenvolve com a obra de Mario Rodrigues Filho, *O Negro no Football Brasileiro*, que se constitui como a grande referência para os estudiosos do assunto no país.

<sup>19</sup> SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo**: estado, trabalhadores e imprensa na construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947). 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Tal esforço também foi desenvolvido por Paulo Henrique do Nascimento, em seu breve artigo intitulado *A Copa do Mundo de 1938: nacionalismo e a identidade nacional brasileira em campo*<sup>20</sup>, em que, porém, mais uma vez, o III campeonato mundial aparece como prova do êxito alcançado pelo governo varguista, ao atrair a atenção dos grupos populares e manipulá-los quanto ao ideal de nação presente no projeto político ideológico do regime. Para esse autor “*O futebol foi mais um dos elementos utilizados por Vargas como capaz de atrair a atenção do povo brasileiro e criar a identificação deste com sua ‘nação’.*”<sup>21</sup>.

Uma reformulação importante desta visão já havia sido esboçada pelo já citado historiador Plínio José Labriola de Negreiros<sup>22</sup>, em um artigo relativamente mais denso sobre o assunto. Em *O Futebol e Identidade Nacional: o caso da Copa de 1938*, o autor traz algumas contribuições à reflexão sobre a relação entre Estado Novo e a Copa de 1938, quando afirma que, embora não seja possível encontrar um projeto nitidamente estabelecido pelas diferentes esferas do poder público para a utilização do futebol como instrumento político, tal fato não foi um impedimento para que o Estado Novo (quer seja na figura do presidente, de alguns dos ministros, interventores, dentre outros) usufruísse toda a mobilização decorrente desse evento.

Contudo, mesmo que este seja um dos aspectos que ajudem a compreender tal episódio na afirmação do sentimento nacional, não significa que os torcedores seguiram à risca os moldes de participação que lhes eram reservados pelos grupos dominantes. É no intuito de perceber como se dá a movimentação e o envolvimento desses agentes na relação com o selecionado nacional - e o ideal de “nação” que se edificava a partir do certame mundial - que se constitui um dos eixos desta pesquisa, que busca a valorização das tensões, das disputas e das desavenças que se encontram na base da unidade nacional, para a qual se pretendia delinear uma feição harmônica.

Ainda no que diz respeito à bibliografia sobre o futebol, nos últimos anos tem se verificado uma multiplicidade de trabalhos acadêmicos - de diferentes áreas do conhecimento - sobre o assunto, revertendo o quadro que vigorou durante muito tempo, em que o esporte não era valorizado como objeto de pesquisa no campo científico.

---

<sup>20</sup> NASCIMENTO, Paulo Henrique do. **A Copa do Mundo de 1938: nacionalismo e a identidade nacional brasileira em campo**, *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, São Paulo, n. 30, abr. 2008. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao30/materia07/texto07.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2009.

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> NEGREIROS, Plínio José L. de. **O futebol e a identidade nacional: o caso da copa de 1938**. *Educación Física y Deportes*, n. 10, maio de 1998. Disponível em <http://www.efdeportes.com/edf10/copa38.htm> Acesso em: 18 nov. 2009.

O fundamental a ser considerado, no tocante às produções sobre futebol no país, é que, nas últimas décadas, o meio acadêmico brasileiro - principalmente no caso das ciências humanas (com grande contribuição de estudos empreendidos pela História Cultural e Social bem como pela Antropologia Cultural e pela Sociologia Configuracional), vem valorizando o esporte a partir de diferentes abordagens e temáticas<sup>23</sup> que o elevam a uma posição de destaque, como alvo de inúmeras pesquisas, modificando, nestes primeiros anos do século XXI, o quadro de escassez de trabalhos e reflexões, a respeito do papel do futebol na sociedade brasileira, que vigorou até pelo menos a década de 1980, nas principais universidades do país.

Por conta disso, coube aos próprios agentes diretamente envolvidos com o futebol (técnicos, dirigentes, cronistas, ex-jogadores) a escrita das primeiras obras sobre essa temática, ainda que, muitas vezes, com um caráter meramente jornalístico, informativo, estatístico ou mesmo pedagógico (no sentido de ensinar a prática do novo esporte, apresentando, por exemplo, o conjunto de suas primeiras regras).

Enquadram-se, nesse perfil, obras como *A História do Football em São Paulo*, do antigo redator do jornal *O Estado de S. Paulo*, Antônio Figueiredo, publicada em 1918 e que tratava do cotidiano futebolístico, na capital paulista, nas primeiras duas décadas de desenvolvimento do esporte, por meio do estudo estatístico do resultado de jogos envolvendo equipes do referido estado. Com base nesse levantamento, o autor argumentava a superioridade do futebol paulista, em relação ao carioca, em um trabalho influenciado pela própria rivalidade do momento, que

---

<sup>23</sup> Dentre a pluralidade de temáticas já contempladas pode-se situar genericamente eixos como: Futebol e Identidade; Futebol e Relações de Gênero; Futebol e Realidades Regionais; Futebol e Política; Futebol e Mídia; Futebol Amador; Futebol e Imprensa Escrita etc. Tais dados foram levantados por ocasião da realização do 1º Simpósio de Estudos sobre Futebol – Futebol, Sociedade e Cultura: Pesquisa e Perspectivas, que teve como instituições promotoras os Departamentos de História da FFLCH/USP, de Antropologia da PUC-SP e o Instituto de Arte do Futebol Brasileiro – Museu do Futebol (Pacaembu), com apresentação de trabalhos durante os dias 10 a 14 de maio de 2010. Nesse pioneiro evento, que reuniu pesquisadores de 58 universidades do país, estivemos participando com a apresentação de uma comunicação sobre a Copa do Mundo de 1938, cujo resumo está disponível em: [http://www.museudofutebol.org.br/historia/anexos/333\\_Programação\\_Simpósio%2028abr2010.pdf](http://www.museudofutebol.org.br/historia/anexos/333_Programação_Simpósio%2028abr2010.pdf). Essa experiência permitiu observar não só o grande volume de pesquisas desenvolvidas sobre o futebol, bem como o fato de, em boa parte delas, ser explorada, direta ou indiretamente, a relação entre futebol e identidade, seja essa clubística, regional ou nacional. Um conjunto de estudos - nos quais este trabalho se insere - assentados na perspectiva de problematizar e desconstruir alguns mitos aqui já mencionados - muitas vezes elevados à condição de axiomas pela produção bibliográfica sobre o assunto - que procuram sustentar epítetos de base freyreana, dedicados a afirmar uma concepção de identidade nacional assentada no futebol como se, nesse esporte, a miscigenação explicasse o jeito “especial” e “tipicamente brasileiro” de jogar bola, na mais perfeita representação de uma sociedade marcada pela democracia racial.

ultrapassava os gramados e dizia respeito à própria posição de liderança política e cultural do país, disputada pelas duas cidades <sup>24</sup>.

Destaca-se também em seu relato, a transição vivida pelo futebol, nos anos 1910, identificado por Figueiredo como o “*início do fim*” do monopólio das elites sobre o jogo que se mostrava, então, cada vez mais popular. Essa inserção de outros sujeitos históricos não identificados às elites era apontada pelo autor como sintoma de uma “*decadência*” do esporte bretão em nossas terras.

A crescente popularização do futebol motivou outros trabalhos, como o do também cronista esportivo Leopoldo Sant’Anna, que trabalhou nas redações do jornal *A Gazeta* (SP), no período de 1915 a 1930. Suas obras de maior destaque são: *O Football em São Paulo* (1918); *Veteranos e Campeões* (1924) e *Supremacia e Decadência do nosso Futebol* (1925) <sup>25</sup>. Outro estudo daquele momento, elaborado com muita propriedade pelo ex-jogador Floriano Peixoto Corrêa <sup>26</sup>, foi *Grandezas e Misérias do nosso Futebol* (1933), em que se relatavam as barreiras enfrentadas pelo jogador de futebol, em um contexto em que o profissionalismo era ainda mascarado por alguns clubes, ao incorporarem ao seu plantel jogadores de camadas menos abastadas. Tal autor dirige o olhar para dentro do campo, quando se vivenciava a transição do regime amador ao profissional no país <sup>27</sup>.

É no contexto dos anos 1930, quando o futebol *association* já havia perdido no Brasil seu caráter de fidalguia, face ao número cada vez maior de jogadores negros, mulatos e brancos, oriundos das camadas menos favorecidas, que se destacavam nos quadros dos grandes clubes, que as importantes figuras de Mario Filho e Thomaz Mazzoni <sup>28</sup> protagonizariam significativas modificações no tratamento dado ao futebol, nas páginas esportivas de jornais de grande circulação, nos dois grandes centros do país.

---

<sup>24</sup> MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil** (1894-1945). São Paulo, Ed. Leia, 1950.

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> O mineiro Floriano Peixoto fora centro-médio de destaque atuando em equipes como São Cristóvão, América e Fluminense do Rio de Janeiro, além de ter sido capitão da seleção carioca durante alguns anos e ter defendido a seleção brasileira no campeonato Sul-Americano de 1925. Fora também treinador de clubes como Vasco da Gama, Portuguesa Santista e Atlético Mineiro. *A Gazeta*, 26 de julho de 1938.

<sup>27</sup> Para maiores informações sobre estas primeiras obras ver: NEGREIROS, Plínio José Labriola de. **A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40**. 1998. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.

<sup>28</sup> Tais autores são personagens centrais para a nossa compreensão da Copa do Mundo de 1938 e, por conta disso, a reflexão sobre o papel desempenhado por eles na cobertura do esporte e na vivência deste universo será alargada no desenvolvimento dos capítulos desta Dissertação.

É de autoria do irmão mais velho de Nelson Rodrigues a obra que se constitui em pedra fundamental para a grande maioria das produções sobre a trajetória do futebol brasileiro, *O Negro no Futebol Brasileiro*, prefaciada pelo sociólogo Gilberto Freyre e reconhecida como o clássico que abriu as portas para outra leitura de nossa sociedade, levando-se em conta o futebol, como um de seus elementos explicativos. Em linhas gerais, a inserção de jogadores negros e mulatos no “fidalgo esporte” - ainda que abordada no livro, a partir de casos que demonstravam os conflitos e lutas para a superação dos preconceitos -, evidenciaria a importância do futebol como espaço em que triunfaram a democracia racial e social no Brasil, comprovada na ascensão não somente dos jogadores, mas também dos novos torcedores, pertencentes às camadas menos abastadas que passavam a afluir aos estádios:

“E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais, compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota”<sup>29</sup>.

Este é um dos excertos preteridos pelo próprio autor, na segunda edição do clássico, publicada em 1964. Nela, Mario Filho revisou algumas de suas interpretações sobre o futebol brasileiro, sob influência dos episódios de discriminação a jogadores negros e mulatos, o que continuariam ocorrendo após 1947. O mais marcante de todos foi alimentado pelo próprio jornalista, após a já mencionada derrota brasileira para o Uruguai na final da Copa de 1950, em que a culpa pela derrota - na ótica de Mario Filho - recaía sobre os jogadores negros que defendiam o escrete nacional, casos de Barbosa, Bigode e Juvenal, taxados de covardes e fracos, e outras depreciações que, para o jornalista, estariam diretamente vinculadas à sua cor, muito embora não compactuemos com essa leitura desse famoso episódio do futebol nacional, como será visto mais adiante.

Ainda assim, tal postura não significou uma abdicação absoluta de suas antigas convicções, presentes na 1ª edição, conforme sublinhado por Denaldo Alchorne de Souza ao registrar o seguinte trecho, presente na introdução da 2ª edição de *O Negro no Foot-Ball Brasileiro*:

---

<sup>29</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-Ball Brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947. apud SOUZA, op. cit., p. 198. Dentre outras obras de menor repercussão escritas por Mario Filho a despeito de histórias do universo futebolístico, destacam-se: *Copa Rio Branco de 32* (1943); *Histórias do Flamengo* (1945); *Romance do Foot-Ball* (1949); *Copa do Mundo, 62* e *Viagem em torno de Pelé* (1963); *O sapo de arubinha* (organizada por Ruy Castro em 1994), dentre outras. Para mais informações ver: SOUZA, op. cit., p. 210-211.

“*O Negro no Futebol Brasileiro*, cuja primeira edição estava esgotada há anos, era um ensaio que, embora insinuasse mais do que concluísse e procurasse, sobretudo, fixar o processo, de certa forma penoso e longo, da democratização do futebol brasileiro, enfrentava uma prova a que poucos livros se submetem em vida.

Basta lembrar que a derrota do Brasil em 50, no Campeonato Mundial de futebol, provocou um recrudescimento do racismo. Culpou-se o preto pelo desastre de 16 de julho. Assim, aparentemente, ‘*O Negro no Futebol Brasileiro*’, por uma análise superficial, teria aceito uma visão otimista a respeito de uma integração racial que não se realizara ainda no futebol, sem dúvida o campo mais vasto que se abria para a ascensão social do preto”<sup>30</sup>.

De todo modo, cabe aqui o registro do grande valor dessa obra, corroborado em sua larga utilização por autores de diferentes campos do conhecimento, o que, por sua vez, não implica o abandono de uma postura crítica quanto às concepções de “futebol” e “Brasil” nela expressas.

Por outro lado, Thomaz Mazzoni também fornece uma obra pioneira, na tentativa de elaboração de uma síntese de todo o percurso do futebol no Brasil. Em *História do Futebol no Brasil (1894-1950)*<sup>31</sup>, apresenta-se um conteúdo composto de relatos e dados, levantados pelo autor, acerca de episódios selecionados como os mais representativos do nosso futebol na visão do célebre cronista<sup>32</sup>.

Outro trabalho que se insere nesse conjunto de obras produzidas por figuras que vivenciavam o universo do esporte é o do também cronista esportivo e futuro técnico da seleção brasileira<sup>33</sup>, João Saldanha, que publicou, em 1963, *Os Subterrâneos do Futebol*, denunciando a corrupção presente nos bastidores do esporte, como a manipulação de resultados através do envolvimento dos árbitros.

Apesar da relevância dessas obras não demoraria muito para que surgissem novos trabalhos corroborando a importância do futebol e sugerindo diferentes compreensões de seu papel em nossa formação social. Em *Negro, Macumba e Futebol*, o intelectual e crítico alemão Anatol Rosenfeld<sup>34</sup> contrapõe-se à interpretação rodrigueana de que o futebol – diferentemente

<sup>30</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p. XIX. apud SOUZA, op. cit., p. 199.

<sup>31</sup> MAZZONI, op. cit.

<sup>32</sup> Entre os trabalhos menos conhecidos do autor estão: *O Brasil na Taça do Mundo, 1938*, como obra pioneira sobre o torneio aqui analisado, resultado de uma série de matérias escritas por Mazzoni, correspondente de *A Gazeta*, que acompanhara todos os passos da delegação brasileira, desde o embarque no Rio de Janeiro, no dia 30 de abril de 1938, rumo à França, e que compõem o *corpus* documental desta reflexão; e *Problemas e Aspectos do nosso Futebol* (1939).

<sup>33</sup> Saldanha assumiria o cargo nas eliminatórias para a Copa de 1970, que seria disputada no México, porém, seria demitido após classificar a seleção em face de problemas políticos de bastidores envolvendo o regime militar.

<sup>34</sup> ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Perspectiva, 1993, grifo nosso. Este estudo do futebol como meio para a compreensão da sociedade brasileira fora publicado pelo autor

de outros espaços sociais – teria conferido ao jogador não somente a possibilidade de ascensão econômica, mas também a oportunidade de ascensão social:

“(Mario Filho) Expôs minuciosamente em que medida o futebol abriu um canal importante de ascensão para o homem de cor. Mas precisa ser frisado que se trata, em primeiro lugar, de possibilidades puramente econômicas, que em geral só produzem efeitos sociais nos descendentes. Seria um erro pensar que o jogador de futebol como tal, em consequência do seu prestígio como craque, encontra, na mesma medida, reconhecimento social. Ao ídolo se abrem todas as portas, mesmo a dos palácios; mas sua auréola pertence a outra região que não a social; é efetivamente uma auréola que assimila a situação “extraordinária” do jogador. Ele é um rei na esfera do entusiasmo festivo e do êxtase das massas, nessa posição talvez comparável aos atores ou músicos nas cortes dos séculos passados: eram bem considerados, mas não eram levados inteiramente a sério”<sup>35</sup>.

Procurando situar o prestígio do jogador de futebol em outra esfera “*que não a social*”, Rosenfeld chama a atenção em nota para o fato de que Mario Filho – apesar da grandeza de sua obra – incidiu no equívoco de considerar a consagração do craque de cor nos gramados brasileiros, como sinônimo de reconhecimento social. Se por um lado, relativiza-se a importância social do negro como resultado de seu sucesso dentro das quatro linhas, por outro se reconhece, em seu trabalho sociológico, a importância do futebol para se compreender a sociedade brasileira – como o fez antes Mario Filho.

Nesse percurso bibliográfico cabe pontuar que é a partir da segunda metade da década de 1970 que se estabelecem, de maneira mais consistente, os estudos acadêmicos sobre o futebol, com o desenvolvimento de trabalhos como *O Futebol Brasileiro: Instituição Zero*<sup>36</sup>, da antropóloga Simoni Lahud Guedes, e a obra *Futebol e Cultura – Coletânea de estudos*<sup>37</sup>, organizada por José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter e composta por diversos artigos que ampliam as discussões envolvendo futebol e sociedade no Brasil. Estudos tais que serão explorados e ampliados em outras abordagens, casos de trabalhos antropológicos como os

---

no anuário *Staden Jahrbuch*, do Instituto *Hans Staden*, sob o título de *Das Fussballpiel in Brasilien* (O Futebol no Brasil) ainda no ano de 1956 e traduzido para o português por Modesto Carone, em 1974.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 104-105, grifo nosso. O aspecto interessante de tal leitura crítica se encontra na proposta de um tempo limitado do prestígio do “jogador-herói”, restrito à duração da atmosfera de júbilo e de “êxtase das massas”, ainda que discordemos, a partir das fontes, que ídolos como Leônidas da Silva (a quem Mario Filho constantemente se refere em seu clássico) não fossem levados a sério pelos diferentes grupos sociais, sendo este um dos vários aspectos que serão tratados, principalmente, no terceiro capítulo.

<sup>36</sup> GUEDES, Simoni Lahud. **O Futebol Brasileiro: Instituição Zero**. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFF/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

<sup>37</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom & WITTER, José Sebastião (org.). **Futebol e Cultura** – coletânea de estudos. São Paulo, Convênio IMESP/DAESP, 1982.

de Roberto DaMatta <sup>38</sup>, e sociológicos como o de Waldenyr Caldas <sup>39</sup> e, pouco depois, de Ronaldo Helal <sup>40</sup> e Maurício Murad <sup>41</sup>, que, sob diferentes matrizes, irão reforçar a concepção do futebol como um importante elemento explicativo da sociedade brasileira.

Entretanto, considera-se necessária a proposição de alternativas a esse argumento, na medida em que o futebol é portador de uma dinâmica própria, uma historicidade própria que - muito embora não possa ser desvinculada do contexto sócio-histórico que lhe é específico - também exerce papel ativo nessa relação conjuntural com outras instâncias sociais, não sendo somente um reproduzidor de questões que emergem externamente, ou seja, um mero “espelho” da sociedade. Não é este o caminho que se busca trilhar neste trabalho e sim a consideração do futebol, ao mesmo tempo, como produto e produtor da dinâmica social, na valorização dos personagens que vivenciaram esse universo (jogadores, torcedores, dirigentes, jornalistas etc.) que, por ocasião da Copa do Mundo de 1938, permitem elaborar um quadro diverso das abordagens que homogeneízam a construção do sentimento nacional a partir desse esporte.

Em face de tal consideração, faz-se também importante o esclarecimento de alguns conceitos que são recorrentes na construção dessa problemática. Para o entendimento da Copa do Mundo de 1938 como um “momento emblemático” da relação entre futebol e nação, reporta-se ao pensamento crítico do autor alemão Walter Benjamin, em suas teses *Sobre o conceito de história*.

A respeito da tese XVII, Benjamin reafirma sua contrariedade à história universal - vista como uma abstração que faria uso da agregação de fatos, sem nenhuma base teórico-reflexiva, para preencher o “*tempo homogêneo e vazio*” que é relacionado pelo autor ao historicismo positivista - e aponta para outra direção, ao chamar a atenção para os momentos que devem ser extraídos da continuidade histórica vazia, de modo a se tornar possível ao historiador a reflexão sobre eles: “... *Pensar não inclui apenas o movimento das idéias, mas também sua imobilização.*”

---

<sup>38</sup> DAMATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo X drama da justiça social. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, vol.1, nº 4, novembro de 1982; \_\_\_\_\_. (org.) **Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982; \_\_\_\_\_. **O que faz do Brasil, Brasil?** 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

<sup>39</sup> CALDAS, Waldenyr. **O Pontapé Inicial – Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)**. São Paulo, IBRASA, 1990.

<sup>40</sup> HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses – Futebol e Cultura de Massa no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1997.

<sup>41</sup> MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça – Elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro, Irradiação Cultural, 1996.

*Quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada”* <sup>42</sup>.

Não cabe aqui adentrar mais o pensamento benjaminiano, no que diz respeito ao papel que atribui ao materialista histórico, quando se dirige ao passado, mas perceber um aspecto de sua análise que assume centralidade em nossa reflexão, que é o de que a construção da história a partir da relação passado / presente demanda ao pensamento parar diante de uma “configuração saturada de tensões”. Um momento privilegiado, um recorte, um traço do passado que permita repensar as próprias tensões e problematizar todo o contexto. Trata-se da possibilidade da reflexão, de recolocar as mesmas tensões no presente a partir de outras questões.

Deste modo, o que se deseja apreender desse breve diálogo com Benjamin é a importância de um olhar atento a esses “*momentos privilegiados*” da história, o que nos ajuda, em certa medida, a reconhecer a importância de um acontecimento singular como a Copa de 38. A competição internacional é tomada, neste trabalho, como um “momento emblemático”, uma situação privilegiada para se perceber uma “*configuração saturada de tensões*”, a partir da consideração dos diferentes sentidos que o futebol assumia para os grupos sociais envolvidos com o esporte nacional. As desavenças emergiam, mesmo em meio à tentativa de promoção da unidade nacional em torno do selecionado brasileiro, um percurso que não se fez com a harmonia e a coesão pretendidas pelos dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) – como entidade máxima dos esportes no país naquele período – e por parte da imprensa esportiva.

Outro conceito caro à análise é o de “nação”, que deve ser entendido no bojo de uma reflexão que incorpore também a noção de “identidade nacional”. De acordo com Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade*, a “nação” deve ser compreendida não só em sua condição política, mas como comunidade simbólica representada por um conjunto de significados que tem o poder de gerar um sentimento de pertencimento. Assim, se coloca como fundamental, em sua concepção, o entendimento das “*culturas nacionais*” enquanto discursos que produzem sentidos e, por sua vez, influenciam as ações e as representações que os sujeitos têm de si mesmos:

“As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e

---

<sup>42</sup> LOWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo, Boitempo, 2005, p. 130.

imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson <sup>43</sup>, a identidade nacional é uma ‘comunidade imaginada’.” <sup>44</sup>.

O argumento de Hall é o de que as identidades nacionais não estão naturalmente ligadas à questão da origem do indivíduo, mas são construídas e modificadas de acordo com a representação da cultura nacional da qual este sujeito participa e se sente participante. Assim, enseja-se a necessidade de se analisarem “*as culturas nacionais*”, não sob esse pressuposto de unicidade, mas como um “*dispositivo discursivo*” que apresente a diferença “*como unidade ou identidade*” <sup>45</sup>.

À luz de suas contribuições e com base no trato com as fontes - a “identidade nacional” emerge, neste trabalho, como uma construção simbólica que não encontra sua correspondência no real de forma homogênea. Por isso, referir-se à relação entre futebol e “nação”, demanda a ênfase na construção de identidades através da Copa do Mundo de 38, na consideração de diferenças que não podem ser apagadas e que se manifestam nos sentidos do “Brasil” (construção simbólica), expressos nas manifestações de figuras do Estado Novo, dos profissionais da imprensa esportiva, e dos torcedores que se encontravam envolvidos naquela campanha.

Nessa perspectiva, o pensamento de Hall abre caminhos para a compreensão de que a idéia de “nação” não implica a superação de outras formas de diferença e, portanto, a identidade nacional se estabelece, nesse caso, como uma construção, que não só não está isenta de contradições, tensões e relações de poder em seu interior, bem como se ergue sobre elas, e é justamente na expressão desses conflitos, que a Copa do Mundo de 1938 ganha relevância para este estudo.

---

<sup>43</sup> A fim de tornar mais clara sua concepção do nacionalismo como artefato cultural historicamente construído e modificado, Anderson trabalha com o conceito de “nação” como uma “*comunidade política imaginada*”, cujos membros compartilhariam de uma imagem de sua comunhão, ainda que na prática seja impossível que todos se tornem conhecidos uns dos outros. Portanto, a projeção desta imagem tem a ver com um sentimento de pertencimento a uma comunidade maior, que se expressa a partir de comportamentos como o de torcer pela seleção de seu país durante a Copa do Mundo, vendo os jogadores como seus representantes. Cf. ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo, Editora Ática, 1989. e HOBBSBAWN, Eric J., **Nações e Nacionalismo desde 1870**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

<sup>44</sup> HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 51.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 62. Na concepção trabalhada por Hall rejeita-se a existência de uma “*identidade*” mestra, maior, no sentido de algo fixo, homogêneo e engessado, em benefício do reconhecimento de “*identidades*”, que, no contexto da sociedade pós-moderna, demarcariam uma inserção dos indivíduos em um contexto de “pós” “*relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade*”, ou seja, um desprendimento do sujeito de qualquer ligação enraizada a uma identidade que implique sua própria razão de existir.

Para a análise do conteúdo civilizador recorrente nos discursos das autoridades estadonovistas, dos dirigentes esportivos e da imprensa esportiva paulista e carioca, no período, convergindo, principalmente, no insistente recurso à disciplina como atributo primordial aos jogadores do selecionado de modo a garantir a representação de uma “boa” imagem da nação no estrangeiro, este estudo referencia-se nas contribuições teóricas do sociólogo alemão Norbert Elias, partindo dos dois volumes de sua clássica obra, *O Processo Civilizador*<sup>46</sup>, e sua análise dos esportes – empreendida sob influência da parceria com o sociólogo inglês Eric Dunning<sup>47</sup>-, como uma modalidade desse processo.

Outro aspecto fundamental para se evidenciar o papel determinante das manifestações populares, vivenciadas nas ruas das principais capitais do país, durante e após a irradiação das partidas, é a compreensão do futebol enquanto rito social e público capaz de se constituir como lugar de significação simbólica, em que a ordem é ao mesmo tempo conservada e confrontada. Como nos adverte DaMatta, o ritual é o espaço de negociação e enfrentamento das normas sociais e valores dominantes, local de sua (re)significação:

“O rito, como elemento privilegiado de tomada de consciência do mundo, é um veículo básico na transformação de algo natural em algo social. Isso porque, para que essa transformação de natural em social possa ocorrer, uma forma qualquer de dramatização é necessária. É pela dramatização que tomamos consciência das coisas e passamos a vê-las como tendo um sentido, vale dizer, como sendo sociais. ...

(O rito é, portanto) O momento extraordinário que permite ... pôr em foco um aspecto da realidade, e por meio disso, mudar seu significado cotidiano ou mesmo dar-lhe um novo significado. Tudo o que é ‘elevado’ e colocado em foco pela dramatização é deslocado, e assim pode adquirir um significado surpreendente, capaz de alimentar a reflexão e a criatividade”<sup>48</sup>.

Quanto ao trabalho com as fontes, a pesquisa se concentra nas páginas do *Jornal dos Sports* (RJ) e de *A Gazeta – seção esportiva* (SP), numa investigação que se inicia nos meses que antecedem a Copa do Mundo e se prolonga até o momento do retorno da delegação, após conquistar o terceiro lugar nos gramados franceses.

Nesse sentido, o *Jornal dos Sports* se estabelece como principal fonte, por conta não somente da ampla cobertura realizada sobre o campeonato mundial, mas também por ter como

<sup>46</sup> ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Ruy Jungman (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1994.; \_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador (vol. II)**: Formação de Estado e Civilização. Ruy Jungman (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1994.

<sup>47</sup> DUNNING, Eric. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer. **Revista História / Questões e Debates (UFPR)**, n. 39, Jul-Dez/2003.

<sup>48</sup> DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 36-37, grifo nosso.

um de seus proprietários e diretor, um dos maiores nomes da crônica esportiva brasileira, Mario Rodrigues Filho, que comprara tal folha, no ano de 1936, em parceria com Roberto Marinho - naquela oportunidade já dono do jornal *O Globo*<sup>49</sup>, cuja página esportiva era dirigida pelo próprio Mario Filho.

A iniciativa contou também com o importante apoio dos dirigentes Arnaldo Guinle, do Fluminense, e José Bastos Padilha, do Flamengo, que consideravam aquela uma boa oportunidade para que o amigo Mario Filho adquirisse o jornal, aproveitando o fato de que seu então proprietário e fundador Argemiro Bulcão o havia posto a venda, cinco anos depois de começar a circular nas ruas do Rio de Janeiro. Contudo, seria mesmo Mario Filho, com toda a sua inventividade, que faria do *Jornal dos Sports* a folha esportiva de maior circulação no país<sup>50</sup>.

Por razões semelhantes, foi incorporada à base documental o jornal *A Gazeta*<sup>51</sup>, em sua seção esportiva, dirigida por outro grande expoente da crônica esportiva no período, Thomaz Mazzoni, que seria um dos correspondentes a acompanhar a delegação brasileira em solo francês. A análise das páginas desse diário serve como contraponto à análise do *Jornal dos Sports* (RJ), por trazer as manifestações ocorridas em São Paulo e a repercussão, na cidade, da participação da seleção nacional na Copa do Mundo de 1938.

A partir dessas considerações, este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo, “*Disciplina acima de tudo!*”, trata da aglutinação dos diferentes agentes em torno da preparação do escrete nacional para a disputa do campeonato mundial. O esforço empreendido por parte dos dirigentes e por parte importante da imprensa esportiva, nas páginas do *Jornal dos Sports* e d’*A Gazeta*, no intuito de conclamar os torcedores, dos diferentes grupos sociais, a participarem daquela campanha, convergiam a partir do princípio da disciplina,

---

<sup>49</sup> *O Globo* foi fundado em 29 de julho de 1925, por Irineu Marinho, que havia deixado o vespertino *A Noite*. O pai de Roberto Marinho viria a falecer 21 dias depois do surgimento do novo periódico na capital federal. Para mais informações, ver: SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

<sup>50</sup> O controle do jornal só mudaria de mãos por conta de uma parada cardíaca que causaria a morte de Mario Filho, em sua casa, no dia 16 de setembro de 1966. Por conta disso, a direção do *Jornal dos Sports* seria assumida por seu filho Mario Julio, que permaneceria no cargo - contando com o apoio do tio, o já famoso cronista e escritor Nelson Rodrigues - até sua morte em 1972. A partir desse episódio, a folha esportiva passaria a ser propriedade da segunda esposa de Mario Júlio, Cacilda, que o venderia em definitivo em 1980. Cf. CASTRO. Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 366.

<sup>51</sup> A 16 de maio de 1906, começava a circular, em S. Paulo, *A Gazeta*, dirigida por Adolfo Araújo, sucedido por João Dentice e, depois, por Antônio Covelo, que a transfere, no ano de 1918, a Cásper Líbero, a quem ainda pertencia no contexto aqui estudado. SODRÉ, op. cit., p. 324.

enquanto elemento orientador da caracterização da “nação” que se faria representar em gramados franceses.

Todavia, a tentativa de construção desse ideal de “nação”, pautado na disciplina e atrelado a outros princípios condizentes com o projeto político varguista tais como ordem, patriotismo, civilidade, harmonia social e democracia racial etc., não representou a superação das tensões expressas através dos diferentes sentidos daquela campanha para Estado Novo, imprensa esportiva, dirigentes, jogadores e torcedores. No subtítulo *Todos juntos na mesma emoção? Pacificação e rivalidades...*, procura-se demonstrar que, sob o aparente clima de pacificação e unidade que permeava a organização e a preparação do esporte brasileiro, os conflitos e desavenças eram latentes e podem ser mais bem visualizados pela rivalidade entre cariocas e paulistas, observada a partir das reportagens e crônicas do *Jornal dos Sports* e da seção esportiva d’*A Gazeta*.

No segundo item deste capítulo, apresentado sob o slogan “*Auxiliar o scratch é dever de todos os brasileiros!*”, analisa-se a “Campanha do Selo” e outras iniciativas de caráter popular, que funcionariam no sentido de orientar e disciplinar o envolvimento dos torcedores com a campanha brasileira, na tentativa de inculcar, nos diferentes grupos, os valores dominantes e assim integrá-los no esforço de uma grande mobilização nacional. Vê-se que os jornais esportivos definiam a participação dos torcedores como “um dever patriótico” de todos os brasileiros que, ao adquirirem um selo no valor de 500 réis, estariam auxiliando no custeio das despesas da delegação, na disputa do campeonato mundial, e assim, contribuindo diretamente para uma boa representação da nação no estrangeiro. As manifestações dos diferentes grupos sociais em torno dessa e de outras iniciativas indicam a tentativa de construção, por parte dos dirigentes e da imprensa esportiva, de uma imagem harmônica e homogênea da “nação” representada naquela seleção.

De modo semelhante, a disciplina também seria evocada pela imprensa esportiva como atributo determinante para as grandes vitórias alcançadas pelo futebol brasileiro em sua curta trajetória. Em “*Ide para o Futuro com os olhos voltados para o Passado*”, percebe-se como a imprensa se encarrega de confeccionar uma tradição vitoriosa do futebol brasileiro, através da rememoração de episódios como as conquistas do selecionado nacional no Sul-Americano de 1919 e na Copa Rio Branco de 1932, além da vitoriosa excursão do C. A. Paulistano pela Europa,

em 1925. Tal recurso deveria servir de respaldo e inspiração aos jogadores e torcedores em seu envolvimento com a campanha de 1938.

Durante e após esse mundial, pode-se perceber e problematizar a invenção de um estilo tipicamente brasileiro de jogar futebol, idealizada por Gilberto Freyre e corroborada por Mario Filho, na valorização da miscigenação, como atributo peculiar e positivo de nossa formação social. O sucesso da seleção na Terceira Taça do Mundo evidenciaria, para esses autores, o valor do “*foot-ball mulato*”<sup>52</sup> e contribuiria decisivamente para a afirmação de uma tradição que, durante as décadas seguintes, seria reproduzida por novos narradores dos mais diferentes meios – do jornalístico ao acadêmico – na consolidação mítica da sentença que eleva e define o Brasil como “país do futebol”. Uma construção a ser problematizada no último item deste primeiro capítulo.

O segundo capítulo, *E vai rolar a bola nos gramados franceses*, tratará do desenrolar do certame mundial, com ênfase nas partidas do escrete brasileiro e nas muitas manifestações coletivas ocorridas em diferentes cidades do país. No subtítulo *Servindo a pátria sem criar embaraços: preparação e polêmicas*, analisa-se a trajetória do selecionado brasileiro, nas páginas do *Jornal dos Sports* e de *A Gazeta – seção esportiva*, a partir da consideração das muitas polêmicas que envolveram a preparação do escrete e que seriam minimizadas, pela mesma imprensa, diante do sucesso na III Taça do Mundo. Uma campanha vitoriosa não poderia ficar marcada por episódios que contrariavam os valores tão defendidos para a “nação”, forjada em campos estrangeiros. Partindo-se de tal premissa, se constituiria a narrativa do feito brasileiro nas matérias e crônicas desses periódicos, sedimentando o ideal de unidade nacional como superação de todos os conflitos e problemas que, como se verá, não estiveram ausentes daquela campanha.

Finalmente, no item “*Anulado o jogo! Viva o Brasil!*”, destaca-se o envolvimento dos torcedores com o selecionado nacional, desde o embarque do escrete no Rio de Janeiro - com breves passagens por Salvador e Recife - até o início e o desenrolar do torneio na França. As efusivas manifestações de apoio ao selecionado seguiriam durante as partidas do Brasil na Copa do Mundo e, por conta disso, no subitem *Vibrou a alma popular!*, enfatiza-se a importância das transmissões diretas, via rádio, para que a campanha brasileira assumisse uma dimensão nacional. Diante de todo o entusiasmo observado, nas diferentes praças esportivas do país, será abordado

---

<sup>52</sup> Essa expressão foi utilizada por Gilberto Freyre como título do artigo “*Foot-ball mulato*”, produzido para os *Diários Associados* e aonde o autor fazia uma leitura do sucesso do selecionado brasileiro na Copa de 1938, como evidência do valor da miscigenação em nossa formação social. *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p. 4.

um dos momentos mais marcantes do torneio, no qual, por diferentes razões, se difundiu o boato de que a semifinal, em que os brasileiros caíram diante dos italianos, seria anulada, provocando verdadeiros delírios nas principais capitais brasileiras. Tal episódio possibilita a percepção da atmosfera ritualística do futebol, que, em sua dramatização, produzia sentidos diferentes, acerca daquele mundial.

O último capítulo dedica-se a tratar do retorno da delegação brasileira, após o terceiro lugar obtido no campeonato mundial, em suas novas passagens por Recife e Salvador, além do desembarque definitivo no Rio de Janeiro, evidenciando o apoio popular que aclamava aquela seleção como “campeã” da Copa do Mundo de 1938 e a tentativa da imprensa esportiva de adequar tamanha mobilização aos princípios de harmonia social, disciplina, ordem, hierarquia, civilidade, tão caros ao regime. Nesse propósito, em mais uma iniciativa capitaneada pelo *Jornal dos Sports*, se organizaria o “*Desfile Monstro!*”, visando ao controle das manifestações festivas que marcariam o reencontro da seleção com os torcedores, nas ruas da capital da República, na tentativa de fazer do rito um lugar social de preservação da ordem e de reprodução dos valores dominantes.

Em seguida, desloca-se o eixo da reflexão para a figura de Leônidas da Silva, problematizando em *É a vez do preto? O “Diamante Negro” e as desavenças em torno de um protagonismo conquistado e construído*, o papel de relevo do artilheiro brasileiro na Copa do Mundo de 1938 e as contradições que marcaram a construção de sua imagem como o grande “herói nacional”, imagem esta que assumiu significados diversos, ao longo daquela campanha. De todo modo, pretende-se analisar os contornos de tamanha consagração popular, coroando uma seleção que não trazia na bagagem a sonhada taça de campeã do mundo.

## 1. “DISCIPLINA ACIMA DE TUDO!”

Após o término de uma das primeiras reuniões que tratavam de questões relacionadas à organização do escrete nacional, no mês de março de 1938, o presidente da CBD<sup>53</sup>, Luiz Aranha, procurava deixar bem claro para a opinião pública o princípio que orientaria a campanha brasileira na Copa do Mundo, a partir dos dizeres utilizados como título deste capítulo e que ganhariam status de lema daquela empreitada: “*Disciplina acima de tudo! A requisição dos jogadores obedecerá a uma orientação inicial: não serão convocados os players<sup>54</sup> que forem julgados indisciplinados. Para isso serão consultados os antecedentes dos jogadores nos clubs e entidades*”<sup>55</sup>.

A manchete trazida pelo *Jornal dos Sports* era um forte indício de que os esforços realizados pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) - a fim de desenvolver um programa

---

<sup>53</sup> A CBD fora oficialmente fundada em dezembro de 1916, com o intuito de unificar os esforços de representantes de oito estados brasileiros, a respeito da organização do futebol no país. A nova entidade, sediada no Rio de Janeiro, representava os esforços de pacificação capitaneados pelo então Ministro das Relações Exteriores, Lauro Muller, juntando as partes litigiosas da Federação Brasileira de Sports (fundada em novembro de 1915, no Rio de Janeiro) e da Federação Brasileira de *Football* (fundada no mês de setembro também de 1915, em São Paulo). Cf. PEREIRA, op. cit., p. 145.

<sup>54</sup> É devido à origem inglesa do futebol moderno e sua difusão na América Latina também a partir dos funcionários ingleses de empresas capitalistas de mesmo berço em expansão, que se pode entender a utilização de termos ingleses no futebol aqui praticado durante fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, tais como: *goal* (gol); *referee* (árbitro); *field* (campo de jogo); *players* (jogadores); *match* (partida); *goal-keeper* (goleiro); *back* (zagueiro); *center-half* (meia); *forward* (atacante), e etc. Cf. AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 21.

<sup>55</sup> *Jornal dos Sports*, 8 de março de 1938, p. 4.

pautado em um cuidadoso planejamento, quanto ao período de preparação do selecionado brasileiro –, visavam a atender a expectativas outras que não somente a conquista do campeonato mundial. A cerca de quatro meses do início da competição, o dirigente da entidade máxima dos esportes no país já esclarecia que a preocupação maior daquela campanha não era a conquista do inédito título mundial, tão almejado pelos torcedores brasileiros, mas a representação de uma boa imagem da nação nos gramados internacionais. Era o anúncio do predomínio da disciplina sobre o talento, ao menos no campo dos propósitos dos organizadores do esporte.

Entretanto, esse não era um discurso exclusivo da cúpula esportiva do país, e sim uma orientação que atendia ao clamor de parte importante da imprensa esportiva do Rio de Janeiro e São Paulo, que reclamava uma postura diferenciada, não somente por parte dos jogadores, mas, fundamentalmente, dos dirigentes, que seriam os responsáveis por inculcar nos *players* uma nova mentalidade acerca de suas responsabilidades como representantes da nação:

“(…) Precisamos antes de tudo convencer os dirigentes e os jogadores que sem uma rigorosa disciplina, sem aquela compenetração de deveres e espírito de sacrifício, dificilmente poderemos nos sair bem de uma empresa como é a ‘Taça do Mundo’... A nossa boa participação não depende apenas de indicar a ‘trouxe mouche’ um punhado de jogadores de renome e confiá-los ao seu destino, mandá-los a uma aventura apenas. Muito mais do que isso é necessário empreender”<sup>56</sup>.

Nas linhas desta coluna de Thomaz Mazzoni (que a assinava sob o pseudônimo de *Olimpicus*), advertia-se acerca da seriedade que deveria revestir aquela campanha, de modo a se evitar que todo o investimento empregado fosse desperdiçado por um péssimo papel realizado no estrangeiro pelos jogadores convocados. Tais *players* precisavam saber que não iriam à França a passeio, pois uma empresa de tamanho vulto, como já era considerada a Copa do Mundo, não poderia ser tomada como uma simples e descompromissada aventura.

Nessa mesma crônica, Mazzoni chamava a atenção para certos detalhes, que compreenderiam a organização do selecionado, e que não deveriam se restringir a uma escolha orientada por critérios meramente técnicos para a convocação dos atletas. Era preciso formar uma nova consciência em cada jogador, a respeito do alto valor daquela “*missão*”, o que demandaria um proceder cuidadoso nos mínimos detalhes da preparação. Detalhes que diziam respeito àqueles que tinham a função de educar os jogadores e não àqueles que só teriam por ocupação o ato de torcer:

---

<sup>56</sup> *A Gazeta*, 1 de fevereiro de 1938, p. 11.

“(...) Existem muitos detalhes a serem estudados com o maior cuidado ... detalhes que não estão ao alcance da massa ‘torcedora’ que só se preocupa com os nomes dos ‘azes’ e dos clubes preferidos, pelos resultados ... São detalhes que não podem, porém, deixar de ser compreendidos pelos que tem em suas mãos os destinos da nossa participação. Não adianta nada enviarmos um poderoso selecionado se depois faltar boa direção, se não se submeter àquela disciplina toda militar, que devem aceitar espontaneamente todos os esportistas, que conscientes dos seus deveres, vão ao estrangeiro representar a sua Pátria”<sup>57</sup>.

No trecho, Mazzoni estabelecia uma nítida distinção entre o que deveria importar àqueles que tinham “*os destinos da nossa participação*” em suas mãos, e os torcedores - que só se ocupariam de questões triviais do futebol. Aqui transparece um pouco do teor de seu pensamento, a respeito do futebol no Brasil, que será mais bem identificado em outras matérias por ele assinadas e que serão discutidas no correr deste trabalho. Por agora, vale a consideração de que torcedores e dirigentes apresentavam uma visão diferenciada, um modo distinto de compreender o futebol e de se envolver na relação com aquela seleção, o que não implica uma aceitação do papel “superior” das autoridades esportivas, em detrimento de uma posição supostamente “inferiorizada” dos torcedores – em sua atenção somente dirigida a detalhes “banais” desse universo -, haja vista que esta perspectiva esvazia o sentido do próprio envolvimento dos aficionados na campanha brasileira.

E se o padrão disciplinar exigido ao programa de treinamentos deveria ser pautado na rigidez e na seriedade militares, nada mais adequado à CBD que a opção pela Escola de Educação Física do Exército<sup>58</sup>, para a elaboração de um meticuloso programa de condicionamento físico, que deveria ser aplicado durante todo o período de preparação da seleção. Além desse programa, fora também solicitado ao centro a realização de uma bateria de exames médicos nos jogadores cujos nomes constassem na primeira lista de convocação. Essa parceria não era firmada por acaso.

A excelência e tradição dessa instituição - no que diz respeito ao desenvolvimento da Educação Física no país - remontam à relação histórica entre Educação Física e Forças Armadas, verificada no Brasil, desde as primeiras décadas da República, como registra Mauro Betti:

“As primeiras instituições destinadas à formação de pessoal especializado eram

---

<sup>57</sup> Ibid.

<sup>58</sup> *Jornal dos Sports*, 8 de março de 1938, p. 4.

ligadas às Forças Armadas. Em 1909 foi criada a Escola de Educação Física da Força Policial ... Portaria do Ministro da Guerra, de 10 de janeiro de 1922, criou, junto à escola de Sargentos da Infantaria, o “Centro Militar de Educação Física”<sup>59</sup>.

O Centro Militar de Educação Física passaria por ampla reforma organizacional, realizada também pelo Ministério da Guerra, em janeiro de 1930, o que levaria à própria mudança no nome da instituição, em outubro de 1933, para a então Escola de Educação Física do Exército<sup>60</sup>. A instituição remodelada se constituiria então, segundo Corrêa, em “*referência na formação de professores para atuarem nos estabelecimentos de ensino e nas escolas de Educação Física civis ...*”<sup>61</sup>.

A partir dessa decisão, acentuava-se também o caráter disciplinador que deveria ser estabelecido, desde o início dos treinamentos do nosso escrete, corroborando a preferência por um centro militar, em detrimento do Departamento Médico da Liga de *Football* do Rio de Janeiro que, em circunstâncias normais, assumiria a responsabilidade pela parte clínica e física do selecionado no princípio da preparação. Aquela medida era tão inesperada, que a Federação Brasileira de *Football* (FBF)<sup>62</sup> tratou de enviar um ofício ao presidente da Liga, procurando justificar a opção:

“A preferência dada pela CBD aos serviços da Escola de Educação Física do Exército, não implica no desconhecimento dos serviços médicos organizados e mantidos pelas entidades federadas e alguns de seus clubes, *maximé*, o da entidade de sua digna presidência, sabidamente excelente e modelar, mas, tão somente, o desejo de manter orientação única e metódica em matéria ainda não sistematizada nos nossos centros esportivos”<sup>63</sup>.

Ainda que os argumentos se concentrassem em questões meramente técnicas - apontando para uma posição mais avançada da Escola de Educação Física do Exército em relação aos programas de treinamento físico e aos exames clínicos oferecidos pelo Departamento Médico da

<sup>59</sup> BETTI, Mauro. Educação física e sociedade. São Paulo: Movimento, 1991, p. 72-73. apud CORRÊA, Denise Aparecida. **Os Governos de Getúlio Vargas (1930-1954) e a Educação Física Escolar no Estado de São Paulo: lembranças de velhos professores.** 2009. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, p. 43.

<sup>60</sup> Para maiores informações sobre esta questão Cf. Ibid.

<sup>61</sup> Ibid.

<sup>62</sup> Entidade então presidida por José Maria Castello Branco e também diretamente responsável pela organização daquela campanha, e que teve - no ano de 1933 - a sua fundação a partir dos esforços conjuntos da Liga Carioca de Futebol (LCF) e da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) na luta pelo controle do campo esportivo contra a CBD. A aliança entre paulistas e cariocas defendia a bandeira do profissionalismo e estabeleceria uma polarização de forças com as entidades inicialmente favoráveis à manutenção do amadorismo nos esportes do país, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) apoiada pela CBD, na configuração de um conflito que não somente prejudicaria a participação brasileira na Copa de 1934, como nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, assunto que será tratado mais detalhadamente no segundo capítulo. Cf. MAZZONI, op. cit., 239.

<sup>63</sup> *Jornal dos Sports*, de 16 de março de 1938, p. 1 e 4.

Liga -, não há como desconsiderar o intuito de submeter os jogadores a uma rigidez e uma disciplina ainda maiores do que aquelas as quais estavam habituados em seus clubes e em outras passagens pela própria seleção.

Tais princípios também iam ao encontro da política autoritária que caracterizava o governo Vargas e eram constantemente reafirmados pelo chefe da nação em seus discursos. Foi o caso, por exemplo, do pronunciamento, por ocasião dos festejos da Independência em 07 de setembro de 1936, em que Getúlio faz alusão à agitação política vivida no país, por conta dos conflitos contra os opositores do regime, que ameaçariam o desenvolvimento ordeiro da nação: “(...) o Brasil é um país de ordem. Ordem e democracia que significam disciplina e liberdade, obediência consciente e acatamento ao direito. Repeliremos os surtos demagógicos, como não toleraríamos a tirania”<sup>64</sup>.

Percebe-se, em suas palavras, a associação dos princípios de “ordem”, “disciplina” e “obediência” com os ideais de “democracia” e “liberdade” que, na prática, estiveram longe de caracterizar seu primeiro governo. Todavia, em oportunidades como essa, Vargas dava o tom do discurso que deveria imperar, nos diferentes setores da sociedade.

E, como a centralização política viria a ser a marca maior do regime varguista, pode-se perceber em que dimensão o ato de governar e a concepção de Estado se encontravam para Vargas: “[O Estado deve ser o] coordenador e disciplinador dos interesses coletivos ou a sociedade organizada como poder, para dirigir e assegurar o seu progresso”<sup>65</sup>.

Ainda que, sob os valores já mencionados, convergissem os esforços dos dirigentes e das grandes figuras da crônica esportiva, em relação ao ideal de nação que direciona o projeto político varguista, o Estado Novo, em si, não era o mentor de um projeto deliberado de construção da “nação” através da seleção nacional, que disputaria o certame mundial de 1938.

De todo modo, o que também não se pode desprezar é o fato de que o homem forte da CBD naquele momento, Luiz Aranha – irmão do então Ministro das Relações Exteriores Osvaldo Aranha, ambos revolucionários de 1930<sup>66</sup>-, possuía uma relação direta com o chefe da

<sup>64</sup> VARGAS, Getúlio. A nova política do Brasil. Retorno à terra natal / Confraternização sul-americana / A revolução comunista. (novembro de 1934 a julho de 1937). Vol. 4. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937. p. 183. apud CORRÊA. op. cit., p. 52.

<sup>65</sup> BRASIL (Presidente). Mensagens Presidenciais 1933-1937 – Getúlio Vargas. Brasília: Câmara dos Deputados, 1978. p. 41. apud CORRÊA. op. cit. p. 29, grifo da autora.

<sup>66</sup> Após a derrota nas eleições de março de 1930, para o candidato paulista Júlio Prestes, parte dos aliancistas (coligação partidária que lançara Getúlio Vargas como candidato à presidência) planejava o golpe, em uma associação entre tenentes e políticos (dentre os quais Osvaldo Aranha, Pedro Ernesto, Virgílio de Melo Franco,

nação, o que contribuiu, ainda mais, para o envolvimento do governo federal e do próprio Vargas na seleção nacional, o que ficaria já acertado em reunião no Palácio Rio Negro, em Petrópolis (RJ): “*O chefe do governo reiterou ao paredro cebedense o decisivo apoio do governo federal, assegurando que estava empenhado em prestigiar a CBD, que na Europa prestaria relevantes serviços à propaganda de nossa terra*”<sup>67</sup>.

Tal apoio viria em forma de subsídios à campanha, com o governo se comprometendo a arcar com o valor das passagens à França, para trinta membros da delegação; sem dúvida, um bom investimento, considerando-se a oportunidade oferecida na Copa do Mundo para a construção de uma boa imagem do Brasil no cenário internacional. Aproveitando-se da ocasião, o presidente da CBD também levou ao conhecimento de Vargas a sugestão, trazida pelo *Jornal dos Sports* à entidade, a fim de que, em caso da inédita conquista, fosse dada, como prêmio, uma casa própria a cada jogador, seguindo o exemplo do que havia sido feito pela Federação Italiana de Futebol, na ocasião do título mundial, conquistado em casa pela *squadra azzurra*, em 1934. Uma forma de valorizar ainda mais o esforço de cada *player*, e que fora bem recebida pelo governante máximo da nação: “*O Sr. Getulio Vargas aplaudiu a idéia, adiantando que a apoiaria inteiramente, pois julgara justa e simpática*”<sup>68</sup>.

O curioso, nesse episódio, é que o mesmo jornal, que viria a criticar duramente a postura dos jogadores convocados, ao reivindicarem, junto a CBD, o recebimento de um valor mais elevado em ordenados e luvas, seria aquele a considerar insuficiente, em caso de título, somente o pagamento de certa quantia em dinheiro como prêmio. Sendo assim, o próprio *Jornal dos Sports* prestava esclarecimento aos leitores, por meio da coluna “Crítica e Sugestões”<sup>69</sup>:

“O prêmio excepcional representaria um estímulo pelo esforço realizado já, caso os brasileiros trouxessem a ‘Copa do Mundo’. Há uma diferença sensível, profunda, abismal, entre o que se exige e o que se dá. As condições para a participação no máximo certame não podem ser ditadas pelos jogadores. Se o fossem estaríamos diante do caos e nada poderíamos esperar, senão o fracasso. O princípio da disciplina surge, então, como ponto essencial para o sucesso. ... Sem o espírito de cooperação, de compreensão, sem a noção exata da responsabilidade – que se poderia aspirar? Não basta o virtuosismo, a agilidade, o

---

Carlos de Lima Cavalcanti e João Neves de Fontoura), além de alguns militares que se opunham às propostas tenentistas da década anterior, mas que aderiram à revolução, caso de Góis Monteiro. A revolução vem à tona em outubro de 1930 e, já em 3 de novembro, Vargas era declarado chefe do Governo Provisório, tomando como primeira medida o fechamento do Congresso Nacional, das assembleias estaduais e das municipais, retirando também do poder os governadores estaduais e revogando a Constituição de 1891.

<sup>67</sup> *Jornal dos Sports*, 20 de março de 1938, p. 6.

<sup>68</sup> *Ibid.*

<sup>69</sup> Essa coluna, que não era assinada, fora por muitas vezes utilizada por Mario Filho, para expressar suas opiniões e deixar suas críticas a despeito de diferentes assuntos, principalmente as polêmicas ocorridas no futebol carioca e brasileiro.

entusiasmo avassalante. É indispensável, antes de tudo, um único pensamento, um único objetivo, uma só palavra de ordem. Os prêmios surgem como uma resultante da campanha desenvolvida. Não se vai realizar o esforço pelo prêmio e sim se vai receber um prêmio pelo esforço. Os jogadores, por sua vez, não podem encarar as sugestões que surgiram ou que ainda surgirão como uma resposta às exigências de alguns indisciplinados, mesmo porque a seleção do Brasil não tem lugar para os aproveitadores, para os últimos remanescentes de um regime morto – o do falso amadorismo, em sua encarnação mais lamentável: o falso profissionalismo ... Por isso mesmo não se transforme essa missão magnífica em pasto de ambições, em estopim de indisciplina”<sup>70</sup>.

Através dessa explicação inflamada, a respeito das razões que motivaram a iniciativa do *Jornal dos Sports*, o cronista não identificado expressava toda a sua indignação quanto a possíveis exigências dos “aproveitadores”, isto é, alguns jogadores que estariam utilizando o selecionado nacional para fazer valer seus interesses pessoais, de ordem financeira, promovendo, desse modo, uma verdadeira inversão de valores, por se julgarem no direito de fazer qualquer tipo de reivindicação.

A crítica veemente se dirigia ao que se considerava reminiscência indesejável, da mentalidade de alguns jogadores, a respeito das condições que lhes eram habituais, no regime do “amadorismo marrom”, também chamado, por Mazzoni, de “*profissionalismo canalha*”<sup>71</sup>. Em tais circunstâncias, predominava o pagamento do “bicho”<sup>72</sup> aos jogadores, cujo valor nem sempre era dado em dinheiro e variava de acordo com o resultado e com a importância da partida. Uma prática que, nas décadas de 1920 e 1930, já era reconhecida publicamente e que tornavam ainda mais acirrados os debates entre os defensores do profissionalismo e os partidários do amadorismo, principalmente devido ao crescente êxodo dos craques brasileiros para outros países em que o profissionalismo já estava em vigor<sup>73</sup>.

<sup>70</sup> *Jornal dos Sports*, 20 de março de 1938, p. 2.

<sup>71</sup> CALDAS, op. cit., p. 57.

<sup>72</sup> De acordo com José Sérgio L. Lopes: “A designação de ‘bicho’ para as gratificações pagas aos jogadores, variáveis segundo os resultados favoráveis alcançados, ... associada ao número correspondente na loteria clandestina do jogo do bicho, em que cada número é associado a um animal. A linguagem semiclandestina do jogo do bicho prestava-se, assim, à designação metafórica e codificada da prática semiclandestina da gratificação de atletas amadores”. Cf. LOPES, José Sérgio Leite Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In BATALHA, Cláudio H. M. et al. (org.). **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2004, p. 157.

<sup>73</sup> Dentre os casos mais célebres se encontram os dos jogadores cruzmaltinos, Jaguaribe e Fausto. Por ocasião de uma excursão do Vasco por Portugal e Espanha, ambos receberam propostas dos dirigentes europeus para atuarem no Barcelona, por onde se decidiram por ficar - não acompanhando a delegação do clube carioca em seu retorno ao Brasil - ainda que em uma passagem muito breve e sem grande sucesso. Pior para o Vasco, que liderava com certa tranqüilidade o campeonato estadual de 1931, mas que, após o retorno sem seus grandes destaques, sofreria três derrotas consecutivas, que lhe custariam a ponta da tabela e o título, comemorado pelo América. Ver: COSTA, Maurício da Silva Drumond. op. cit., p. 115.

Outro fator que também colaborou com tal conjuntura foi a concepção, inaugurada e fortemente difundida pelo governo varguista, de associar o trabalhador ao ideal de homem brasileiro, com base na legislação social e trabalhista, que ajudaria a regulamentar uma série de profissões, até a implantação do Estado Novo. Por conta disso, tornava-se menos absurda a aceitação do jogador de futebol como um profissional dos gramados<sup>74</sup>, ainda que essa questão não fosse decisiva para a mudança do regime no futebol brasileiro. Por ora, interessa o fato de que o regime estado-novista começava a se aproximar do selecionado nacional, em um compromisso de apoio financeiro, garantido pelo próprio Vargas, conferindo as bases de legitimação da campanha brasileira perante os diferentes segmentos sociais. Desse modo, a busca por novos donativos e recursos seguiria junto as indústrias, os bancos, as casas comerciais e em outras esferas do poder público.

Com relação aos jogadores convocados para os exames médicos, o reforço à disciplina era também apresentado sob a forma de um compromisso mútuo: “- *Os nossos esforços em proporcionar todo o conforto aos ‘scratchmen’ terão de ser correspondidos à altura. Por isso exigimos disciplina, sem transigência, ao mesmo tempo em que dedicação ao preparo físico. Sem a compreensão moral da missão, nenhum resultado prático se poderá esperar na cancha*”<sup>75</sup>.

O senso de justiça e de cooperação era então evocado, para deixar claro aos jogadores a parcela de responsabilidade que lhes cabia naquele acordo. Somente com a real ciência da representatividade daquela “missão” é que bons resultados poderiam ser esperados dentro de campo. Contudo, mais do que um bom futebol, a prioridade dos dirigentes era por um bom comportamento durante todo o percurso, afinal, o bom nome esportivo do país que estava em jogo e a responsabilidade maior era assim transferida para os atores principais. O comportamento do jogador deveria atender aos padrões disciplinares, como pressupostos fundamentais para a preservação do refinamento do esporte e, nesse sentido, o autocontrole era um elemento-chave a orientar a postura nos gramados.

Destarte, este primeiro capítulo tratará da lógica disciplinadora que emergia como condição primordial para o sucesso brasileiro na Copa do Mundo e que deveria se estabelecer como princípio basilar daquela campanha. Apesar das crônicas e matérias, publicadas no *Jornal*

---

<sup>74</sup> Esta legislação era apresentada como parte componente do chamado “Programa de Reconstrução Nacional”, apresentado pelo próprio Vargas no momento de sua posse como chefe do Governo Provisório, em 4 de novembro de 1930, o qual também previa a criação do Ministério do Trabalho, que deveria se ocupar da questão social, em defesa dos trabalhadores. Cf. CALDAS, op. cit., p. 175.

<sup>75</sup> *Jornal dos Sports*, 16 de março de 1938, p. 4.

*dos Sports* (RJ) e n'A *Gazeta, Seção Esportiva* (SP), convergirem no clamor de uma boa representação do renome esportivo do país no estrangeiro, a partir da disciplina, observa-se que essa aparente harmonização dos discursos não foi capaz de abrandar a rivalidade nas páginas esportivas dos jornais dessas duas capitais.

Será analisado também o alcance de iniciativas de cunho popular para a mobilização dos diferentes grupos sociais, em torno do esporte brasileiro, com destaque para a *Campanha do Selo*, destinada ao custeio das despesas de viagem e hospedagem da delegação na Copa do Mundo de 1938, em uma tentativa de disciplinar o envolvimento dos torcedores e assim revestir aquela campanha patriótica de valores como harmonia social, ordem, solidariedade e responsabilidade, que se adequavam ao projeto político varguista de unidade nacional, reproduzido nos discursos da alta cúpula esportiva e da imprensa especializada.

E, por fim, será abordada também a construção, nessas mesmas páginas esportivas, de uma tradição vitoriosa do futebol brasileiro, como forma de legitimar todos os esforços e as esperanças investidas no selecionado nacional. A seleção de conquistas, como o Sul-Americano de 1919 (disputado no Rio de Janeiro), a vitoriosa excursão do C. A. Paulistano pela Europa (em 1925) e a conquista da Copa Rio Branco de 1932, foram alguns dos episódios utilizados, a fim de evocar uma história de sucesso internacional do futebol brasileiro e, assim, respaldar o controle e a disciplinarização de uma tradição futebolística nacional. O inédito terceiro lugar alcançado na Copa de 1938 é interpretado por autores como Gilberto Freyre e Mario Filho como a comprovação definitiva da superioridade de um estilo "*tipicamente brasileiro*" de jogar futebol, em contraposição ao estilo europeu, e demarcaria a afirmação inventiva do "*país do futebol*" que tem ecoado até esses primeiros anos do século XXI. Ressaltando a miscigenação, como atributo positivo e peculiar, evidenciada nos gramados, como característica da sociedade brasileira, analisa-se, em que medida, essa tradição teve, na Copa de 1938 e especialmente em crônicas e matérias sobre nomes como Leônidas da Silva e Domingos Da Guia, o selo de sua validação como verdade incontestável, a respeito do futebol nacional.

### 1.1 Todos juntos na mesma emoção? Pacificação e rivalidades...

Paralelamente a essa intensa agitação nos bastidores, já se percebia, nas ruas da capital federal, o entusiasmo da população em torno da convocação dos jogadores para o período de treinamentos. Mesmo faltando ainda cerca de quatro meses para o início do campeonato mundial, os torcedores, no Rio de Janeiro, já respiravam os ares do certame, como registra a matéria do *Jornal dos Sports*: “*Nos cafés, nas rodas habituais dos desportistas, nos bares dos clubes, nos grupos que se formam em cada esquina, discute-se, escala-se, sugere-se, enfim, só se cogita do quadro que representará o nosso país no grande Campeonato do Mundo*”<sup>76</sup>.

Como os principais campeonatos estaduais ainda não haviam começado, todas as atenções se concentravam no programa de treinamento do escrete brasileiro e, principalmente, na escolha dos atletas que estariam concorrendo às vinte e duas vagas na delegação que viajaria a França.

A expectativa mais do que nunca se justificava. As desavenças, no campo esportivo, que tanto haviam atrapalhado a formação da seleção nos dois primeiros mundiais pareciam estar temporariamente superadas. Assim, os maiores temores, de que mais uma vez o selecionado fosse privado de sua força máxima, pareciam cair por terra, quando fora divulgada a notícia, por intermédio da Liga Paulista de *Football*, de que os clubes paulistas não se rebelariam, diante da polêmica transferência do zagueiro da seleção Jahú, do Corinthians para o Vasco da Gama, um imbróglio que se arrastaria ainda durante vários meses<sup>77</sup>.

Todavia, havia ainda razão para muita desconfiança, da parte dos torcedores, quanto à aparente pacificação, e as lembranças recentes justificavam a cautela. Na I Copa do Mundo, disputada em 1930, no Uruguai<sup>78</sup>, os conflitos envolvendo a APEA e a CBD monopolizaram as atenções e apresentariam um desfecho nada agradável para o escrete brasileiro, em face da recusa da entidade máxima dos esportes no país em nomear um representante da APEA para compor a

<sup>76</sup> *Jornal dos Sports*, 9 de março de 1938, p. 1 e 4.

<sup>77</sup> A polêmica ocorreu porque o zagueiro assinou com o Vasco, quando ainda estava preso por contrato ao clube paulista. O caso se agigantava em sua repercussão por conta da insatisfação dos grandes clubes de São Paulo com as investidas dos clubes do Rio sobre seus craques (um processo que, por exemplo, levaria ao Fluminense, craques da seleção paulista e da brasileira, como o goleiro Batataes, os meias Romeu e Tim e o atacante Hércules, decisivos na campanha do tricampeonato carioca, conquistado nos anos de 1936-8).

<sup>78</sup> A escolha desse país se deu, dentre outras razões, por conta do protagonismo uruguaio no cenário futebolístico mundial, em razão do bi-campeonato olímpico conquistado nos Jogos de Paris, em 1924, e Amsterdã, em 1928. A consagração da chamada “celestes olímpica”. Daquele mundial participariam as seguintes seleções: Brasil, Argentina, Uruguai, Bolívia, Chile, México, Paraguai, Peru, Estados Unidos, Bélgica, Romênia, França e Iugoslávia. O número reduzido de quadros europeus pode ser entendido pelo contexto de crise mundial onde as demais seleções deste continente apresentariam diferentes motivos para justificar a não participação no torneio. Dentre os símbolos da primeira Copa do Mundo está o Estádio Centenário de Montevideú, à época com capacidade para cerca de 100 mil torcedores e erguido às pressas para ser o carro-chefe da competição. Sua construção durou cerca de 8 meses até a conclusão das obras e, neste grande palco, os donos da casa se sagrariam os primeiros campeões mundiais. Cf. AQUINO, op. cit., p. 23.

comissão encarregada da organização da seleção. A negativa foi respondida pela entidade paulista com a não cessão de jogadores dos clubes a ela vinculados para a preparação do selecionado e a disputa do campeonato mundial. Em comunicado oficial, a APEA dava a sua versão para as desavenças com a CBD, em 1930:

“Em princípios do corrente ano, a diretoria da APEA pleiteou junto a CBD a nomeação de um dos membros de sua Comissão de Esportes para integrar a comissão da entidade nacional, encarregada de organizar o selecionado que representaria o Brasil no I Campeonato Mundial de Futebol.

Essa pretensão da Associação foi mal recebida pela CBD que primeiramente com protelações e afinal com a recusa franca, indeferiu o desejo.

Nessas condições, a Associação, para evitar a continuação das humilhações por que a CBD a fazia passar, recusou a cooperar com seus jogadores para formar o selecionado brasileiro”<sup>79</sup>.

Com intransigência de ambas as partes, a seleção seguiria para Montevideú, sem os craques que atuavam nos grandes clubes de São Paulo. A eliminação veio logo na primeira fase, após derrota na estréia para os iugoslavos, pelo placar de 2x1. Mesmo vencendo os bolivianos por 4x0, o selecionado teve de fazer as malas, por conta da vitória da Iugoslávia sobre a Bolívia<sup>80</sup>.

Contudo, a crise no campo esportivo não daria trégua e a participação brasileira no mundial seguinte, disputado na Itália, em 1934, seria ainda mais discreta. Dessa vez, o dissídio opunha partidários do profissionalismo (reunidos em torno da FBF) e defensores do amadorismo (representados pela CBD). Como os principais clubes do país (Vasco da Gama, Fluminense, Flamengo, América, São Paulo, Corinthians, Palestra Itália (SP) e outros) estavam filiados a FBF, a CBD (enquanto representante nacional junto a FIFA) não teve alternativa senão a de tentar contratar os jogadores profissionais pertencentes a alguns desses clubes<sup>81</sup>, assinalando com essa atitude o apagar das luzes do amadorismo nos dois grandes centros do país.

Para piorar ainda mais a situação, a seleção - desentrosada e com problemas físicos decorrentes da longa viagem de 12 dias até a chegada em Gênova – teria, logo de cara, a forte seleção espanhola como primeiro adversário. A derrota por 3 a 1<sup>82</sup> confirmava o pessimismo do

<sup>79</sup> MAZZONI, op. cit., p. 221-222.

<sup>80</sup> O autor do gol, na derrota contra os iugoslavos, fora o avante Prego (apelido do tricolor João Coelho Neto, filho do famoso literato Coelho Neto, torcedor apaixonado do Fluminense), que também marcaria dois gols na vitória contra a Bolívia. Os outros dois gols da partida foram marcados por seu companheiro de ataque, Moderato, que substituiu Teófilo na ofensiva da seleção. Ver. DRUMOND, op. cit., p. 108.

<sup>81</sup> Dentre os que assinaram contrato, estavam os jogadores do São Paulo (Luizinho, Armandinho e Waldemar de Brito), além dos atacantes Leônidas da Silva (Vasco da Gama) e Patesko (Nacional de Montevideú), reforçando assim o setor ofensivo da seleção. Cf. DRUMOND, op. cit., p. 117.

<sup>82</sup> Leônidas da Silva foi o autor do gol brasileiro.

qual havia se cercado aquela campanha, que se consumaria na pior participação brasileira na história das Copas do Mundo.

Alguns anos depois, Mazzoni traria as seguintes razões para o insucesso na Copa de 1934:

“Em primeiro lugar, faltava-lhe força técnica. Todos os melhores craques daquele tempo militavam na FBF e, somente o Botafogo, dos grandes clubes do Rio, estava ao lado da CBD. Era preciso, pois, investir contra os clubes profissionalistas e tirar-lhes jogadores. Em vão a imprensa, pondo acima de tudo os interesses do futebol brasileiro, clamou por um acordo. Por que ambas as facções não deveriam de se unir para o XI do Brasil comparecer forte e unido no magno certame mundial? Não seria sequer necessária a pacificação, bastaria uma trégua, os clubes dariam seus elementos e, na volta da Itália, a trégua terminaria. Nada foi obtido. A paixão partidária cegou a todos ... Nenhum acordo ... Partiu a delegação sob pessimismo geral e o rancor dos ferrenhos defensores do profissionalismo. As experiências do passado com os campeonatos sul-americanos e do próprio mundial de 1930, não nos fizeram esperar uma boa figura. Ademais, por uma infelicidade única, o Brasil tinha sido colocado na ‘chave’ forte do certame e lhe coube, mediante sorteio, enfrentar, logo na 1ª rodada, a seleção da Espanha então no seu apogeu e tida como das principais no campeonato, como realmente resultou. Não escapamos da derrota”<sup>83</sup>.

Os rumos do futebol no país precisavam de mudança e o projeto que viabilizaria a tão aguardada pacificação partiria dos então presidentes de Vasco e de América, Pedro Novaes e Pedro Magalhães, respectivamente. O clamor da imprensa esportiva, pela solução dos conflitos que vinham manchando a imagem do futebol brasileiro no estrangeiro, se concentrava, àquela altura, nessa iniciativa e, sem meias palavras, o *Jornal dos Sports* veiculava a notícia, taxando de impatriótica qualquer oposição ao pacto proposto. Para superar as disputas clubísticas e bairristas era necessário que se colocasse a pátria acima de tudo:

“A cidade foi agitada por uma nova sensacional. Vasco e América tinham firmado um pacto para impor a pacificação no *football*. Tal notícia ecoou como uma bomba. Tantas vezes tinha sido tentada a pacificação, tantos fracassos acompanharam todos os esforços naquele sentido, que a primeira impressão foi de incredulidade. Era o anúncio de uma nova era para o *sport* brasileiro. A luta ingrata e inglória ia cessar e o entusiasmo fazia par com a dúvida. Mas a notícia, dada e confirmada em tom categórico, não admitia mais a incredulidade. Cedia-se à evidência dos fatos e o delírio apoderou-se de todos os círculos esportivos. ...

Desaparecerão, portanto, a Liga Carioca de Futebol e a Federação Metropolitana, criando-se uma terceira entidade, só de futebol, cujo nome ainda não foi escolhido. A nova entidade pedirá filiação à Federação Brasileira de Futebol que, por sua vez, pedirá filiação à CBD. A Federação Brasileira de Futebol seria reconhecida pela CBD como a única e suprema dirigente do futebol no Brasil, ficando a CBD encarregada da representação do futebol brasileiro no exterior.

O pacto estabelece que a entidade que não aceitar as condições estipuladas perderá a filiação da nova Liga. Como se vê, coloca-se a questão em um plano só. Não se admitem hesitações, sofismas, recuos.

E uma obra dessa natureza proíbe gestos facciosos. Será impatriótico qualquer entrave oposto ao pacto América e Vasco.

<sup>83</sup> MAZZONI, op. cit., p. 248.

O Rio assistirá, portanto, o maior de todos os campeonatos já travados em suas canchas. Veremos as peijas que o público espera ansiosamente desde fins de 34: Flamengo e Vasco, Fluminense e Vasco e Vasco e América. Veremos o choque do S. Cristóvão com os esquadrões da Liga Carioca. ...

Pela assinatura do pacto se estabelece que a Federação Brasileira dirigirá o *football* nacional. Todas as entidades regionais filiadas a CBD terão de pedir filiação à Federação Brasileira reconhecendo-a como a suprema dirigente do *football* no Brasil”<sup>84</sup>.

A proposta era da criação de uma nova e única entidade no futebol carioca - extinguindo a Federação Metropolitana de Desportos (FMD)<sup>85</sup> e a Liga Carioca de *Football* (LCF) -, que se submeteria diretamente a FBF, ao passo que esta se filiaria à CBD. A organização do futebol, no âmbito nacional, ficaria então a cargo da FBF, enquanto a CBD caberia a representação do futebol brasileiro junto a FIFA, o que já ocorria anteriormente. Se houve um vencedor, em meio a tais conflitos esportivos, foi sem dúvida a FBF, que assumia as rédeas administrativas do futebol no país<sup>86</sup>.

Contudo, quem deveria celebrar ainda mais aquela notícia era mesmo o torcedor carioca, que poderia novamente acompanhar todos os clássicos envolvendo os principais times do Rio, que voltariam a concorrer dentro de um mesmo campeonato. O mesmo torcedor, que teve uma participação decisiva para os rumos daquele acordo, a partir de suas muitas manifestações, por ocasião do Sul-Americano daquele mesmo ano, disputado na Argentina, e que marcava o retorno do Brasil àquela competição, que não disputava havia mais de dez anos<sup>87</sup>.

Muito mais por uma questão de integração nas relações internacionais e de valorização da CBD, Luiz Aranha decidira que a seleção retornaria à disputa do Sul-Americano naquela edição de 1936-7. A campanha de destaque no modesto Madureira, no ano anterior, levaria o técnico Adhemar Pimenta ao comando do *scratch*, que não contaria mais uma vez com força máxima, por conta dos jogadores que pertenciam aos clubes ligados a LCF<sup>88</sup>. Outra figura que aparecia

<sup>84</sup> *Jornal dos Sports*, 18 de julho de 1937, p. 1 e 6.

<sup>85</sup> Essa entidade fora fundada por Vasco e Botafogo, após o clube cruzmaltino decidir por abandonar a LCF, por conta de uma crise com dirigentes de Flamengo e Fluminense. DRUMOND, op. cit., p. 118.

<sup>86</sup> A pacificação se daria também em São Paulo, de maneira ainda menos arduosa, ante a decadência da APEA, penhorada após uma derrota em processo judicial movido pelo Club Atlético Santista, que fora oficialmente retirado da primeira divisão do campeonato organizado pela entidade de forma ilegal e havia recorrido da decisão. Desse modo, já esvaziada de seus grandes clubes, a APEA teve de ver dois dos últimos clubes a ela filiados se integrarem à nova Liga, sendo eles a Portuguesa de Desportos e o Ipiranga, como o apagar das luzes daquela entidade. MAZZONI, op. cit., p. 271.

<sup>87</sup> Por diferentes razões o Brasil após disputar o torneio no ano de 1925, não disputaria as edições seguintes de 1926, 1927, 1929 e 1935, sendo que o torneio esteve suspenso de 1930 a 1934. Cf. NEGREIROS, op. cit. p. 251.; e MAZZONI, op. cit., p. 268.

<sup>88</sup> Dos vinte jogadores convocados por Pimenta, a metade também faria parte do grupo que disputaria a próxima Copa do Mundo, sendo estes os seguintes jogadores: Nariz e Jahú (zagueiros); Brito (médio-direito); Brandão

como chefe da delegação nacional era o dirigente José Maria Castello Branco, que seria mantido na Copa de 1938 – já como presidente da FBF.

Vitórias contra Peru (3x2), Chile (6x4), Paraguai (5x0) e Uruguai (3x2), credenciariam o Brasil ao título na última rodada do torneio, jogo difícil contra os argentinos, donos da casa, em que bastava o empate. Apesar da boa exibição, o selecionado saiu derrotado, pelo placar de 1x0, havendo a necessidade da realização de mais um jogo para decidir o campeão. No decisivo duelo, a confusão foi a tônica da partida, como ressalta Mazzoni:

“Foi necessário o desempate, cheio de incidentes desagradáveis, sendo os brasileiros coagidos e maltratados pela torcida, jogadores e policiais. O jogo terminou 0 a 0, ante a heróica defesa dos nossos. Prorrogado o prélio por mais 30 minutos a situação não se alterou a princípio.

A defesa brasileira assombrou. Nos últimos dez minutos, deu-se a vitória dos argentinos por 2 a 0, após dramático duelo”<sup>89</sup>.

O aspecto dramático e violento do desenrolar daquela final mexeu ainda mais com os ânimos dos torcedores, que acompanhavam a transmissão da partida, via rádio. Esse foi um dos elementos decisivos para o envolvimento popular com o torneio, que se constituiria no primeiro campeonato internacional, em que as partidas do escrete foram transmitidas, em tempo real, para o Brasil, fato que, como já mencionou, se repetiu em uma dimensão ainda maior na Copa do Mundo do ano seguinte.

Apesar do vice-campeonato, a recepção dos torcedores à delegação que havia lutado bravamente nas canchas argentinas era algo surpreendente:

“Nesse momento era incalculável a multidão que se aglomerava na Praça Mauá. A torcida quis prestar uma homenagem especial a Adhemar Pimenta, técnico dos brasileiros, que preparou a arrancada magnífica dos nossos ‘onze’. Assim, Adhemar desceu, fê-lo nos braços de torcedores, que o carregavam em triunfo. Também Roberto, Tim e Afonsinho apareceram nos braços da multidão ...

Em seguida o sr. Luis Aranha cedeu a palavra ao chefe da delegação brasileira, sr. Castello Branco, que agradecendo as carinhosas homenagens que se prestavam aos jogadores, ressalta que o feliz êxito obtido pela representação se devia à disciplina, patriotismo e perfeita compreensão de todos os seus componentes”<sup>90</sup>.

Ainda que, naquela oportunidade, nenhum dos jogadores tenha concedido entrevista e a narrativa da heróica peleja de Buenos Aires tenha ficado a cargo somente do chefe da delegação, não havia a menor dúvida de que a voz que mais alto ecoou foi mesmo a dos torcedores. Através

---

(centro-médio); Affonso (médio-esquerdo); Luizinho (meia-direita); Roberto (extrema-direita); Tim (meia-esquerda); Patesko (extrema-esquerda) e Niginho (centroavante). Ver: MAZZONI, op. cit., p. 268.

<sup>89</sup> Ibid., p. 269.

<sup>90</sup> Os Futebolistas Brasileiros Tiveram Entusiástica Recepção no Rio, O Estado de São Paulo, 07 de fevereiro de 1937, p. 10. In: NEGREIROS. op. cit., p. 254.

daquela recepção festiva e de todo o entusiasmo com que a torcida acompanhou a transmissão dos jogos do Brasil, estava dado o recado, aos dirigentes, de que o esforço pela pacificação nos esportes era de extrema necessidade. A euforia das ruas trazia mais uma vez a sensação de que o escrete nacional deveria ser alvo de uma atenção especial. Atenção essa que viria a permear a organização de nossa participação na Copa de 1938.

Embora com certa resistência inicial ao projeto de pacificação, naquelas condições claramente favoráveis à FBF, a CBD e o clube que permanecia como um de seus grandes aliados, o Botafogo, devido à estreita relação entre Luiz Aranha e o alvinegro, já tendo inclusive figurado no quadro de sua diretoria, aderiram à iniciativa. A pacificação, envolvendo as duas principais entidades do país, parecia anunciar novas esperanças aos torcedores brasileiros, a respeito de uma melhor representação no III Campeonato Mundial. Contudo, a fonte de muitas das discórdias entre as entidades não havia secado e continuava a jorrar nas páginas da imprensa esportiva: a rivalidade entre cariocas e paulistas.

Logo nos primeiros meses de 1938, a agitação nas páginas esportivas de ambas as capitais era motivada pela aquisição de jogadores<sup>91</sup> que atuavam em São Paulo, pelos grandes clubes do Rio de Janeiro. O descontentamento dos dirigentes paulistas com o esvaziamento de seus clubes (que perdiam seus principais jogadores, por conta das investidas “descabidas” dos dirigentes cariocas) motivaria a troca de farpas entre as folhas esportivas de ambas as capitais. Se, do lado da *Gazeta*, Mazzoni era um dos principais defensores do futebol paulista e crítico mordaz dos dirigentes e da imprensa carioca, por sobrepujarem, em sua ótica, os interesses nacionais (que envolviam a boa preparação da seleção para a disputa da Copa do Mundo) em benefício de interesses clubísticos, o *Jornal dos Sports*, dirigido por Mario Filho, apesar de encabeçar as

---

<sup>91</sup> O caso de maior debate envolveu o zagueiro da seleção brasileira Jahú, que deixou o Corinthians e assinou contrato com o Vasco da Gama. Tal episódio fomentou ainda mais as rivalidades políticas no campo esportivo, pelo fato de os dirigentes do alvinegro paulista não aceitarem a saída de seu principal zagueiro, argumentando que o atleta havia fechado o acordo, com o clube carioca, ainda sob a vigência de seu contrato com o Corinthians. Em meio ao imbróglio, colocava-se em cheque a organização do selecionado diante da possibilidade de que as federações paulista ou carioca, em represália, não liberassem os jogadores dos clubes a elas vinculados, para se apresentarem à seleção na disputa da Copa do Mundo de 1938. Neste mesmo ano, já havia ocorrido a tentativa do goleiro King de deixar o São Paulo e seguir para o Flamengo, ocasionando o protesto do clube paulista, que argumentava estar o jogador ainda preso por contrato à sua agremiação. Devido a esse fato, a Federação Paulista de Futebol chegou a anunciar que não cederia os atletas dos clubes a ela filiados para a disputa da Copa de 1938, mas a represália não foi levada adiante e, ao menos para a disputa daquele mundial, as desavenças entre entidades, clubes paulistas e cariocas experimentariam uma relativa trégua. Para maiores informações sobre tais casos, ver: PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A Narrativa da Ordem e a Voz da Multidão: O Futebol na Imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)**. 2009. 239f. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: USP/Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, p. 194-195.

principais iniciativas para a união dos diferentes grupos em prol da seleção, não seria negligente quanto aos reclames vindos da paulicéia. As críticas elegiam os paulistas mais uma vez como ameaças à boa representação nacional:

“Adianta-se que os clubes paulistas se recusarão a fornecer elementos para o escrete brasileiro caso a Federação Brasileira não solucione satisfatoriamente os casos de King e Jahú. Não é a primeira vez que S. Paulo nega a colaboração para uma representação nacional. A primeira disputa da ‘Copa do Mundo’ forneceu o mesmo espetáculo de intransigência, em um movimento em que o concurso de S. Paulo era indispensável ... Assim não se admite uma ameaça, um arremedo de revolta. Uma liga ou um clube tem a liberdade bastante para votar até o próprio suicídio. Mas não tem a liberdade de atingir a lei para feri-la, nem criar um movimento de exceção. Portanto, se os clubes paulistas se atreverem a levar o caso de Jahú para prejudicar o preparo do escrete brasileiro, a Federação só tem um caminho a seguir: punir com a mesma violência de recusa injustificada e injustificável”<sup>92</sup>.

Observa-se, nessa abordagem dada ao fato pelo cronista do periódico carioca, que mais importante que qualificar o protesto dos clubes paulistas como uma atitude impatriótica era caracterizar o descumprimento da lei, por parte dessas agremiações. Se a cessão dos jogadores à CBD era obrigatória, medidas punitivas aos clubes bandeirantes se faziam urgentes.

Contudo, tais acusações e exigências da imprensa esportiva do Rio de Janeiro também se apresentavam como respostas às seguidas colunas de Mazzoni, na *Gazeta*, dirigindo-se como críticas veementes à postura clubística e regionalista dos paredros cariocas. Nem bem o ano da Copa havia começado e *Olimpicus* já exigia, em tom exortativo, uma postura mais firme da CBD, ante a possibilidade de que os clubes cariocas fizessem exigências para cederem seus jogadores à seleção:

“O Brasil é talvez o único país ... em que a entidade superior tem que implorar dos clubes os elementos para a seleção nacional, seja de futebol, atletismo, natação, etc... Em outras partes a requisição de ‘azes’ para a representação do país nos certames internacionais, é uma ordem que absolutamente não pode ser desobedecida”<sup>93</sup>.

Sob a argumentação da lógica hierárquica que estabelece quem dá as ordens e quem as deve cumprir, Mazzoni desloca a preocupação da indisciplina para outro nível, o que envolvia a CBD e os clubes. De nada adiantaria a proposta pedagógica e conscientizadora destinada aos jogadores, se estes – em seus melhores valores – sequer chegassem a ser recrutados, por conta do descumprimento da ordem por parte dos dirigentes dos clubes brasileiros.

<sup>92</sup> NEGREIROS. op. cit. p. 254.

<sup>93</sup> *A Gazeta*, 13 de janeiro de 1938, p. 8.

Na mesma coluna, *Olimpicus* procurava apresentar o motivo de sua preocupação com os destinos do selecionado na Copa do Mundo que estava por vir. O passado recente não era nada animador:

“Temos deveras medo da ‘Taça do Mundo’. Até agora tem sido desastrosa para o futebol brasileiro. Em 1930, o Brasil fez uma figura triste, devido à briga que surgiu entre os “iluminados” paredros cariocas e a APEA; em 1934, o fiasco repetiu-se, devido a cisão. Ambas às vezes mandamos ao campeonato um quadro que seria melhor ir jogar em Xiririca ... A infelicidade pode ainda desta vez se apoderar da nossa participação. Já se sabe que surgir uma nova questão nada custa, especialmente se a CBD mexer com os ‘princípios’, os ‘ideais’, os ‘brios’ e a ‘lealdade’ dos Botafogo, Fluminense, Vasco, Flamengo ...”<sup>94</sup>.

Toda essa ironia, ao se referir à iminente “dor de cabeça” que sempre representaram os “paredros cariocas” - preocupados muito mais com os seus “*princípios*” do que com qualquer propósito maior -, não era um reclame de momento do cronista. Um balanço das muitas crônicas escritas por Mazzoni indica sua trajetória de luta contra o que considerava um dos maiores entraves ao desenvolvimento do futebol brasileiro: o clubismo<sup>95</sup>.

E em nenhum outro momento, o terreno estaria mais propício para que o cronista levantasse a sua bandeira, por uma maior organização do futebol nacional. Apontava-se a necessidade de uma maior intervenção estatal, que colocasse ordem em toda a “bagunça” armada por dirigentes, técnicos, jogadores, torcedores, enfim, as personagens daquele universo. Para Mazzoni, a desorganização, não só do futebol e sim dos esportes no país, não seria sintoma de outra coisa senão de nossa própria desorganização social.

Todavia, deve-se atentar também para o fato de que o alvo das críticas de Mazzoni eram os dirigentes dos clubes cariocas, porquanto seriam eles os promotores da discórdia, os que alimentavam os sentimentos facciosos, ao menos no que diz respeito à formação do selecionado nacional. Os maiores inimigos da nação pertenciam a ela e, por isso mesmo, deveriam ser exortados para que mudassem sua postura e sua mentalidade.

---

<sup>94</sup> Ibid.

<sup>95</sup> De acordo com o antropólogo Arlei Sander Damo a opção clubística é algo que transcenderia o próprio futebol na medida em que a identificação com um clube pode ser encontrada mesmo em indivíduos que não tem a mínima vivência na prática do futebol e que, ainda assim, se apresentam como torcedores “fanáticos”. Uma paixão que incidiria na própria construção ou reconstrução de sociabilidades e identidades que constituem sentido para o indivíduo no universo político. Para uma maior problematização deste aspecto cf. DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

A insatisfação dirigida aos clubes do Rio pode ser mais bem verificada nesta matéria da *Gazeta*, em que se denunciava uma suposta cobrança feita pelos dirigentes do Fluminense, junto à CBD, por conta da cessão de seu campo para os primeiros treinos do escrete:

“Registre-se! ... O Fluminense, o clube ‘campeão da brasilidade’, o ‘clube da nata’, o ‘clube mais rico do Brasil’, após ter se apressado, em primeiro lugar, a exigir indenização dos seus ‘azes’ para a seleção, quer agora cobrar o aluguel do campo para os treinos do selecionado!... Registre-se!...”<sup>96</sup>.

Não se sabe ao certo se as exigências do Fluminense, quanto à cessão de seus jogadores e ao aluguel do campo são ambas verídicas, entretanto, bastaram os rumores para que o cronista da *Gazeta* denunciasse, ironicamente, as supostas ações vindas do “*campeão da brasilidade*”. Mais uma vez, os dirigentes e um clube carioca se colocavam no caminho dos interesses esportivos nacionais e, justamente no momento em que a CBD começava sua campanha para arrecadar fundos, destinados a custear todas as despesas da campanha brasileira, o “*clube da nata*”, o “*mais rico do Brasil*” se via requisitando à entidade o pagamento do aluguel referente ao uso de seu campo. O cronista não perdera a oportunidade de satirizar o clube mais aristocrático do Rio de Janeiro, desde suas origens, que não era capaz de abrir mão de uma mísera quantia em nome de um “*ideal patriótico*”.

Muito embora tanto Mazzoni quanto Mario Filho defendessem, em seus escritos, o cultivo dos valores mais “nobres” do futebol - mesmo em um contexto em que a popularização do esporte, nas principais capitais do país, já estava consolidada, a postura de ambos, na defesa ora dos clubes, ora da imprensa carioca ou paulista, acabava por contradizer os princípios por eles tão arduamente defendidos.

Tais valores remetem ainda aos primeiros anos do futebol em grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, onde as idéias e costumes difundidos na Europa serviriam de modelo também para a afirmação do esporte no seio das elites brasileiras. E nesse processo de tentativa de reprodução do paradigma do futebol educativo e promotor do desenvolvimento físico dos brasileiros, a disciplina já estava presente, como um dos mais fortes elementos desses discursos. A proposta de se fazer do futebol o que se fizera em tantas outras instâncias da sociedade brasileira, isto é, adotar-se o modelo europeu, se materializava no desenvolvimento de um esporte de caráter restrito, que deveria se manter como fator de distinção social para as famílias de

---

<sup>96</sup> *A Gazeta*, 31 de março de 1938, p. 10.

posses, nas diferentes capitais brasileiras, ainda que, na prática, o modelo excludente não tenha se sustentado por muito tempo.

O que interessa ressaltar é que a rivalidade nutrida, nas páginas da seção esportiva d’*A Gazeta*<sup>97</sup> e do *Jornal dos Sports*<sup>98</sup>, por esses cronistas, não os impediu de convergirem, em seus discursos, na valorização de elementos disciplinadores e civilizadores - dirigidos principalmente aos jogadores e à torcida - de um esporte que, mesmo popularizado, não deveria ser esvaziado de seus atributos de fidalguia.

Para o caso do jornal dirigido por Mario Filho, tal fato pode ser percebido no próprio título, daquele que era o principal periódico esportivo da capital da República: o *Jornal dos Sports*. A grafia em inglês (que também se fazia presente no nome da maioria das seções daquele jornal) remete ainda aos primeiros anos de desenvolvimento do futebol entre as elites das grandes capitais. Um caráter fidalgo, que era constantemente evocado através de matérias que sustentavam os mitos fundadores do futebol em nossas terras, em torno das figuras aristocráticas de Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro<sup>99</sup>, ou mesmo na valorização de aspectos da partida que remetem à evocação das virtuosas características que, na ótica desses jornalistas, deveriam ser perpetuadas, tais como: o cavalheirismo, a civilidade, o *fair play*, dentre outras, como bem o ressalta Franzini a despeito da difusão do *football* entre as elites da capital federal:

“O uniforme, o equipamento e o vocabulário específicos do jogo, todos importados da Inglaterra, das chuteiras ao grito de *goal*, eram, antes de tudo, marcas de distinção social, expressões do elitismo de seus cavalheirescos praticantes. Pouco importava que em sua própria pátria o *association* não mais tivesse, já havia muito tempo, tais traços aristocráticos: aqui, os *matches*, como se dizia então, assumiam cada vez mais a forma de uma celebração da alta sociedade carioca”<sup>100</sup>.

<sup>97</sup> A seção esportiva d’*A Gazeta* era intitulada *Todos os Esportes*, sendo composta em média por duas a três páginas dedicadas a tratar dos assuntos esportivos, sendo uma delas ocupada, quase que obrigatoriamente, pelo futebol.

<sup>98</sup> O *Jornal dos Sports* se apresentava a partir do seguinte epíteto: “*O diário mais completo e de maior circulação na América do Sul*”. Sua sede ficava localizada na Avenida Rio Branco, nº 129, centro da capital da República. Além de ter em seu comando o diretor e proprietário Mario Filho, apresentava, como gerente, Henrique Gigante e, como secretário, Everardo Lopes, que integraria a delegação brasileira na França, como correspondente da imprensa carioca. Suas edições eram compostas em média por seis páginas, sendo vendido na capital carioca pelo preço de 100 réis.

<sup>99</sup> Tais mitos acabariam por sustentar o caráter elitista e excludente do futebol, nos primeiros anos de sua prática no país, muito embora o esporte bretão tenha se iniciado a partir de uma ampla gama de espaços e agentes, tais como: marinheiros, técnicos de ferrovias, operários de minas, professores dos estabelecimentos educacionais das colônias inglesas, jovens bacharéis que (como os casos de Charles Miller e Oscar Cox) retornavam ao país, depois de estudarem em colégios e universidades europeias, missionários europeus etc. Ver: PEREIRA, op. cit., p. 21-42.

<sup>100</sup> FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: MELO, Victor Andrade de & DEL PRIORE, Mary (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 118.

Ainda que, em fins da década de 1930, o futebol não mais pudesse ser caracterizado pelos mesmos atributos que o orientavam, em seus primeiros anos de amadorismo, nas capitais carioca e paulista, o discurso civilizador ainda permeava esse universo de incipiente profissionalismo. Tal fato deve-se, fundamentalmente, à própria funcionalidade do esporte moderno, como uma das manifestações dos processos civilizatórios, como proposto por Norbert Elias <sup>101</sup>. Processos que trariam, por indicadores do desenvolvimento civilizatório, nas diferentes sociedades, um grau de maior ou menor elevação na combinação do controle social e do auto-controle dos indivíduos.

De acordo com essa concepção eliasiana, o aumento contínuo do auto-controle dos indivíduos, a respeito de seus impulsos, ocorreria simultaneamente ao controle social exercido por terceiros, residindo, nessa relação entre indivíduo e sociedade, controle social e auto-controle, os elementos fundamentais para o entendimento dos processos civilizatórios.

Apesar de admitir o controle da violência como uma das características fundamentais a diferenciar o esporte moderno dos jogos que o antecederam, Elias também chama a atenção acerca da ruptura constante que ocorreria na dinâmica dos jogos esportivos, não só quanto às regras, mas, principalmente, quanto aos *padrões de civilidade*, pelos agentes envolvidos em sua constituição, quer sejam os jogadores, os dirigentes ou mesmo os torcedores, como ressalta André Botelho:

“O esporte moderno, afirma o sociólogo Norbert Elias, é uma expressão de uma teoria maior por ele denominado de processo civilizador, como uma forma de violência pacificada. Configurado pela dinâmica de uma partida de futebol, que se equilibra entre a alegoria e a realidade da disputa entre os grupos uniformizados. Esta disputa traz em si a emergência de ‘identidade’ coletiva de aficionados, com suas bandeiras e camisas, ou dentro dos clubes no embate entre os times. Em geral, a afirmação destas identidades se dá mediante a diferenciação, o preconceito e o conflito. Todos controlados por uma espécie de ‘parlamentarização’ da prática do jogo, que se homogeneiza através de suas regras. A necessidade de regras claras não significa o controle total da prática. A transgressão é uma constante nas partidas, não só das regras do jogo, mas, sobretudo, dos padrões de civilidade por praticantes e espectadores. Rapidamente as barreiras que dividem o *fair play* das agressões morais e físicas são rompidas” <sup>102</sup>.

Tal reconhecimento da proposta de ordem e civilidade, que é a tônica do esporte moderno e do futebol *association*, desde seus primeiros passos na Inglaterra, bem como de seu início aristocrático no Brasil, não significa que essa expressão do *processo civilizador* (que possui suas especificidades de acordo com o contexto sócio-histórico onde se desenvolve) tenha exercido um

<sup>101</sup> Ver: ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador (vol. II):** Formação de Estado e Civilização. Ruy Jungman (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1994.

<sup>102</sup> BOTELHO, André Ricardo Maciel. **Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo.** A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894 – 1919). 2005. 126f. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Rio de Janeiro: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em História Comparada, p. 8.

controle absoluto da violência, pois, mesmo tais padrões de civilidade, relacionados ao futebol, não impedem a coexistência com uma dinâmica conflitiva e de rupturas no seio desse esporte. Ou seja, tais padrões não necessariamente foram sempre seguidos à risca, não somente no que diz respeito às dezessete regras do *association*, mas também aos valores comportamentais que constantemente são apregoados e defendidos como indispensáveis aos seus praticantes e seus espectadores. Como observa Franzini, o processo de popularização do *football*, a recriação e a ressignificação do esporte pelas camadas menos abastadas, das principais capitais brasileiras, configuraram um movimento “*incômodo*” que escapou à tentativa de controle absoluto das elites:

“Não é difícil de imaginar que essa expansão desordenada do futebol para além das fronteiras geográficas e sociais que separavam a elite do povo nas duas principais cidades brasileiras devia incomodar bastante aqueles que se julgavam os donos da bola. Afinal, subúrbios, várzeas e até mesmo fábricas, onde se tornava cada vez mais comum a organização de equipes entre os operários, não eram espaços dotados da elegância e do refinamento que o esporte bretão supostamente exigia, ao menos a seus olhos. Numa sociedade ainda muito marcada pelo senso de hierarquia e pelo ranço escravocrata, a entrada em campo de pobres, negros e trabalhadores braçais significava a vulgarização, em seu sentido pejorativo, dos nobres ideais que o esporte trazia em si e que deveriam ser preservados...”<sup>103</sup>.

Logo, essa vertente do *processo civilizatório* (que até o século XXI perpetua princípios orientadores a reger o futebol profissional, nos mais diversos cantos do planeta) apresenta, ao longo de seu desenvolvimento, a convivência com rupturas e descontinuidades, que nunca foram negadas por Elias e bem podem ser observadas nas especificidades que marcaram a tentativa de construção de uma imagem civilizada da nação, a partir do futebol na Copa do Mundo de 1938, como evoca o cronista do *Jornal dos Sports*:

“(...) Por outro lado a representação do Brasil no Campeonato do Mundo deixou de ser apenas uma questão esportiva, transformando-se em uma questão nacional. Daí o movimento maravilhoso de incentivo, de solidariedade, que raiou no sacrifício. Os clubes cedem os melhores ‘cracks’, nada exigindo em troca; a indústria, o comércio, o povo, o governo, todos se unem para que o scratch brasileiro esteja apto a desempenhar uma missão esportiva no sentido de lealdade e de cavalheirismo<sup>104</sup>.

Ao ressaltar o cavalheirismo e a lealdade, como os valores que traduziam, em sua forma mais perfeita, o real sentido daquela “*missão*”, o cronista apresenta os parâmetros pelos quais a imprensa esportiva mediria, ao menos *a priori*, o sucesso ou o fracasso naquele mundial. A “*boa representação*” não seria avaliada somente pelo resultado e sim pela demonstração, por parte dos jogadores brasileiros, das qualidades mais nobres de um esportista civilizado, como a imagem

<sup>103</sup> FRANZINI In MELO & DEL PRIORE, op. cit., p. 121-122.

<sup>104</sup> *Jornal dos Sports*, 17 de maio de 1938, p. 2.

civilizada e disciplinada da “nação” que os dirigentes, os políticos do regime e a própria imprensa especializada desejavam mostrar em gramados franceses.

Entretanto o discurso civilizador conviveria nas páginas esportivas com a rivalidade Rio x São Paulo, um elemento marcante, que somente pode ser mais bem compreendido se for levado em consideração o fato de que a “troca de gentilezas”, na esfera do poder esportivo, entre instituições e grupos das duas capitais, já existia desde meados da década de 1910 <sup>105</sup>. Datam desse período as primeiras disputas pela representação do futebol brasileiro, junto a FIFA, envolvendo a Federação Brasileira de Sports (RJ) e a Federação Brasileira de Futebol (SP), cuja resolução levaria à criação da CBD, em 1916. Tais conflitos seriam novamente evidenciados ao longo dos principais torneios disputados pela seleção brasileira, a partir de então, e alimentados nas páginas dos principais jornais de ambos os centros.

Foi o caso da primeira grande conquista brasileira no cenário internacional, o Sul-Americano do Rio de Janeiro de 1919 <sup>106</sup>, em que, apesar do clima agregador e harmônico com o qual a imprensa e os cronistas, de ambas as capitais, procuravam revestir aquela ocasião - de modo a ressaltar que acima do fato de os jogadores serem de São Paulo ou do Rio, eram, antes de tudo, brasileiros, os torcedores, na capital federal, não davam sinais de pensar da mesma forma, como demonstra Pereira: *“Os torcedores que compareciam aos treinos do selecionado não pareciam, porém, tão complacentes com os jogadores paulistas: lançando-lhes intensas ‘manifestações de hostilidade’, eles levaram a diretoria da Confederação a publicar um apelo ao público ‘para que não perturbe a eficiência do exercício de conjunto dos fott-ballers’”*<sup>107</sup>. A construção do sentimento nacional, expresso naquela oportunidade, não anulava outros tipos de antagonismos que estavam em sua base.

Na década seguinte, as tensões, no campo esportivo, iam ao encontro do confronto entre intelectuais, que reivindicavam para Rio ou São Paulo, a posição de vanguarda política e cultural necessária à modernização do país. Baseando-se em perspectiva apresentada por Marly Silva da Motta <sup>108</sup>, Franzini salienta que tal debate foi acirrado pelas comemorações do centenário da

<sup>105</sup> É neste contexto que surge a taça Rio-São Paulo, opondo, anualmente, as seleções dos dois estados a fim de definir *“a qual dos dois grandes centros esportivos cabe ... a supremacia no foot-ball”*. Esta seria uma das primeiras iniciativas voltadas para a popularização do confronto. Ver: PEREIRA, op. cit., p. 160.

<sup>106</sup> Naquela oportunidade, o Brasil venceria a seleção uruguaia, na prorrogação, com um gol do mulato Friedenreich, grande destaque do futebol brasileiro nas primeiras décadas do século XX.

<sup>107</sup> Ibid., p. 162.

<sup>108</sup> MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos**: o centenário da independência no Rio de Janeiro. CPDOC, 1992, 18f. Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arg/1039.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arg/1039.pdf). Acesso em: 25 out. 2010.

independência, em 1922, episódio que levantou questionamentos acerca de que modelo de cidade seria o mais adequado para alavancar o progresso da nação:

“Em meio a tais debates, forjou-se em nosso meio intelectual um movimento de valorização da capital paulista em detrimento da capital federal, que passa a ser questionada enquanto cabeça da nação. São Paulo, terra dos bandeirantes e dos imigrantes, ‘a cidade que não pode parar’, seria o modelo ideal para conduzir o país pelos trilhos do progresso ... Já o Rio de Janeiro, por sua natureza privilegiada que induzia antes à contemplação que ao trabalho e a transformava no lugar do ‘devagar, quase parando’, estaria no extremo oposto, exemplo perfeito da ‘antinação’”<sup>109</sup>.

Tal crise vai culminar na Copa de 1930, em face da já mencionada recusa da CBD em nomear um representante da APEA, para compor a comissão organizadora da seleção, atitude que levou à represália da entidade paulista, através da decisão de não ceder os atletas que atuavam nos clubes que compunham o seu quadro de filiados para a disputa da Copa do Mundo. Como consequência direta desse conflito, a atmosfera bairrista permearia a torcida pelo escrete nacional e um episódio se tornaria bastante representativo do clima vivenciado nas ruas de São Paulo, em meio àquele mundial: durante o jogo Brasil e Iugoslávia – assim que fora noticiada a derrota brasileira - o dirigente esportivo do clube argentino Huracán (que excursionava a essa capital para a disputa de algumas partidas amistosas), fica perplexo ao cruzar com um grupo de torcedores paulistas fazendo festa após o jogo:

“Vivas e mais vivas eram entoados e eu disse: ‘Os brasileiros venceram’. Um rapaz próximo de mim disse então: ‘Não, senhor, os cariocas perderam por 2 a 1’. E com espanto maior vi desfilar um funeral, onde os cânticos fúnebres e morras aos cariocas ecoaram! Fiquei bobo e pensei como nós, argentinos, tínhamos pena de ver os brasileiros, alijados do campeonato, gozarem seus irmãos! Pensei que não era o território brasileiro”<sup>110</sup>.

Contudo, não se pode deixar de lado, para o entendimento da questão, alguns episódios que monopolizaram as atenções no cenário político nacional, naquela conjuntura, e que seriam responsáveis por fomentar ainda mais a questão regionalista, caso da Revolução Constitucionalista de 1932. Sob a liderança do tenente Isidoro Dias Lopes, tal movimento seria motivado pela situação de São Paulo, como grande derrotado da Revolução de 1930. Por conta das medidas centralizadoras de Vargas, os paulistas planejaram uma revolta armada para dar fim à ditadura e recuperar a autonomia do estado. A própria população, insatisfeita, aderiu à revolução, com milhares de pessoas se alistando para a guerra: “*Através da campanha Ouro para o Bem do Brasil chegavam recursos financeiros para a revolução. Fábricas foram adaptadas*

<sup>109</sup> FRANZINI, op. cit., p. 22.

<sup>110</sup> Ibid., p. 29.

para produzir material bélico e a população civil se organizou para prestar serviços médicos e atuar nas áreas de transporte e abastecimento”<sup>111</sup>.

Apesar do apoio de lideranças como Artur Bernardes, em Minas, e Borges Medeiros, no Rio Grande do Sul, tais figuras fracassaram na tentativa de criar focos de resistência armada em seus estados. A revolução Constitucionalista durou três meses e, em 2 de outubro, as tropas paulistas se renderam, encurraladas por tropas federais. Os líderes do movimento foram presos e tiveram seus direitos políticos suspensos por três anos, outros foram excluídos. Apesar da derrota, os paulistas tiveram alguns ganhos, como o compromisso, assumido pelo Governo Provisório, de dar continuidade no processo de reconstitucionalização do país, além da nomeação, a partir de 1933, de um interventor civil e paulista, Armando Sales de Oliveira, como era do interesse dos grupos dominantes de São Paulo<sup>112</sup>.

De todo modo, o torneio que assumiria o protagonismo no processo de construção da nação através do futebol, não estaria livre dos antagonismos regionais. Fazia-se questão, principalmente nas páginas esportivas da *Gazeta*, de se demarcarem as diferenças de postura de dirigentes, torcedores, cronistas e jogadores do Rio e de São Paulo, representando cada um dos lados em concorrência. É nesse sentido que mais uma matéria no periódico paulistano traçava uma comparação entre o comportamento dos clubes cariocas e paulistas em relação ao trato com o selecionado nacional:

“Logo que a CBD e a FBF iniciaram os trabalhos para a participação do Brasil na ‘Taça do Mundo’ os clubes de São Paulo, por intermédio da Liga, se puseram à inteira disposição daquelas entidades. Os clubes do Rio ainda não tiveram a coragem desse gesto espontâneo publicamente. Os clubes de São Paulo mandaram dizer que os jogadores daqui

<sup>111</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O tempo do nacional-estatismo**: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2007.

<sup>112</sup> As tensões seriam novamente afloradas no ano de 1937, uma vez que a questão sucessória dominaria as atenções na cena política com três candidatos lançados à presidência: o governador de São Paulo Armando Sales, apoiado pelo governador gaúcho Flores da Cunha; o paraibano José Américo de Almeida, representante do Norte/Nordeste e do tenentismo, além de apoiado por todos os partidos situacionistas, exceto os de São Paulo e Rio Grande do Sul; e Plínio Salgado, líder integralista. Em julho daquele ano o Congresso rejeitou o pedido do governo de prorrogação do “estado de guerra”, em vigor desde abril de 1936. Contudo, meses depois a Câmara dos Deputados aprovou o retorno ao estado de guerra, suspendendo as garantias constitucionais por 90 dias, devido à divulgação na imprensa, no dia 30 de setembro, do chamado “Plano Cohen”, a suposta preparação de um levante comunista no Brasil. Esta ameaça fictícia serviu bem aos interesses do governo de impedir a realização de eleições presidenciais. O pedido de declaração de “estado de guerra” fora aprovado no Congresso Nacional e diante deste quadro favorável, o deputado mineiro Negrão de Lima (sob orientação de Vargas e de Benedito Valadares) saiu em missão pelos estados do Norte/Nordeste para conseguir apoio político à proposta de mudança do regime. Em São Paulo, o apoio fora dado pelo governador substituto de Armando Sales, Cardoso de Melo Neto, apesar dos protestos das forças políticas ligadas ao candidato à Presidência. O cerco estava montado e a instauração do novo regime assim se encaminharia. Para mais detalhes, ver: PANDOLFI, op. cit., p. 30-35.

aguardam ordens; os clubes do Rio informam que querem saber em primeiro lugar como vai ser a ... indenização .... Os clubes de São Paulo resolvem suspender o campeonato local para melhor auxiliar os trabalhos de nossa participação; os clubes do Rio assumem compromisso para atividades próprias ... O Santos F. C. envia carta a CBD oferecendo serviços grátis de sua parte, o Fluminense ao invés exige o aluguel do seu campo para o treino do selecionado! O Palestra, devendo jogar amanhã uma partida de campeonato, suspendeu seu treino semanal e mandou seus “azes” requisitados para o Rio; o Fluminense recusou-se a fazer treinar seus elementos na seleção porque jogará amanhã, amistosamente, com o São Cristóvão!

Confrontemos, pois, essas atitudes, para vermos quanta diferença existe entre o senso da responsabilidade, a disciplina, a obediência, o espírito patriótico dos clubes paulistas perante o ideal do Brasil na ‘Taça do Mundo’, e os gestos egoístas, puramente clubísticos dos clubes do Rio.

E, no entanto, os Flamengos mandaram estampar nos seus cartazes de propaganda bonitas frases como sejam: ‘Tudo pelo Brasil de amanhã’, ‘Os flamenguistas aprendem a amar acima de tudo a Pátria’ etc. Os Fluminenses têm a pretensão de ser ‘clube genuinamente nacionalista’, ‘foco de brasilidade’, enfim ninguém é mais brasileiro e nacionalista do que os clubes do Rio”<sup>113</sup>.

E quando o tão reclamado gesto público de apoio a CBD, da parte dos principais clubes do Rio, veio à tona, já não era merecedor de outra coisa senão uma breve nota na seção esportiva da *Gazeta*. A informação crua, sem maiores comentários, apontava para o descaso para com a atitude dos paredros cariocas, afinal, que mérito haveria de ser dado a quem estava somente – e “tardiamente” - cumprindo uma obrigação? É dessa forma que os cronistas da folha bandeirante davam mostras de que a afirmação da nacionalidade, naquela Copa do Mundo, deveria estar assentada, antes de qualquer coisa, em uma diferenciação a respeito de quem eram os “verdadeiros” patriotas, polarizando as discussões em torno dos dois grandes centros do país, de modo a defender o papel destacado e exemplar dos paulistas, naquela campanha, em detrimento da postura dos cariocas, na maioria das vezes egoísta, descompromissada e impatriótica.

Contudo, algumas iniciativas seriam promovidas com o propósito de reunir todos os brasileiros em um esforço conjunto de construção da identificação nacional, através do apoio ao nosso selecionado. O que não significa dizer que tais ações fossem suficientes para mascarar as diferenças, as disputas, as tensões e os antagonismos que acompanhavam o esforço de um empreendimento que deveria ser símbolo de unidade nacional.

## 1.2 “Auxiliar o *scratch* é dever de todos os brasileiros!”: a Campanha do Selo

---

<sup>113</sup> *A Gazeta*, 2 de abril de 1938, p. 11.

A fim de promover a mobilização dos diferentes grupos sociais em torno da seleção brasileira a CBD, em parceria com o *Jornal dos Sports* e *O Globo*, viabilizaria mais uma iniciativa que teria amplo alcance no cenário esportivo carioca e paulista: a Campanha do Selo. Esse empreendimento era anunciado nas páginas do periódico carioca como uma oportunidade dada, a cada torcedor, de cumprir com o seu dever patriótico:

“Auxiliar o *scratch* é dever de todos os brasileiros!

Auxiliar a ida do selecionado brasileiro ao Campeonato do Mundo é um dever de todos os brasileiros que desejam ver tremular nos *Stadiums* da França o auriverde pendão, orgulho da nacionalidade”<sup>114</sup>.

Essa iniciativa consistia na emissão de selos numerados pela CBD, que poderiam ser adquiridos pela quantia de 500 réis, por qualquer torcedor que desejasse se engajar na campanha brasileira, não havendo um número-limite de selos por torcedor. A quantia a ser paga era considerada irrisória, diante do significado da contribuição de cada brasileiro:

“Dar meios à delegação brasileira de *football* que vai disputar o Campeonato do Mundo, é trabalhar pelo bom nome do Brasil. A importância de 500 réis nada ou quase nada vale. Não chega, ao menos, para uma passagem de um ônibus. Compre um selo e terá prestado à sua pátria um relevante serviço”<sup>115</sup>.

Como incentivo à aquisição do selo, era oferecido um prêmio muito especial ao felizardo que tivesse o número de seu selo sorteado:

“Para premiar o auxílio que será franco e decidido dos torcedores, a CBD fará numerar todos os selos para sortear um número que dará direito ao portador de fazer parte da embaixada nacional que irá a Paris, com viagem de ida e volta e todas as despesas pagas, inclusive arquibancadas para os *matches* em que o Brasil tomar parte. Procura-se, dessa forma, escolher entre a multidão que adquirir selos para auxiliar o *scratch* brasileiro, um torcedor, um patriota que colaborou para o maior sucesso da representação nacional no campeonato do mundo”<sup>116</sup>.

<sup>114</sup> *Jornal dos Sports*, 26 de março de 1938, p. 4.

<sup>115</sup> *Jornal dos Sports*, 6 de abril de 1938, p. 4. Para que se possa dimensionar o valor do selo, alguns gêneros de primeira necessidade no ano de 1938 apresentavam os seguintes preços: arroz (kg) entre 700 e 1 mil e 700 réis (preço máximo variável entre os tipos agulha e japonês); farinha de mandioca (kg) entre 500 e 800 réis; feijão preto (kg) entre 500 e 700 réis; açúcar refinado (kg) entre 1 mil e 1 mil e 300 réis. Fonte: Diário Oficial da União (Seção II), p. 36, de 26 de novembro de 1938. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2578431/dou-secao-2-26-11-1938-pg-36/pdfView#xml=http://www.jusbrasil.com.br/highlight/2578431/1%20feij%C3%A3o%201938%201.938>. Acesso em: 06 jul. 2010. Quanto ao salário médio mensal de um operário no Distrito Federal, o valor variava em torno de 200 mil réis. Fonte: Diário Oficial da União (Seção I), p. 45, de 05 de junho de 1939. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2338201/dou-secao-1-05-06-1939-pg-45/pdfView#xml=http://www.jusbrasil.com.br/highlight/2338201/sal%C3%A1rio%20m%C3%A9dio%20mensal%20oper%C3%A1rio%201938%201.938>. Acesso em: 06 jul. 2010.

<sup>116</sup> *Jornal dos Sports*, 6 de abril de 1938, p. 4.

Dessa forma, o propósito da Campanha era o de envolver o maior número de torcedores, conferindo-lhes o direito de se sentirem participantes diretos nas vitórias obtidas no campeonato mundial - já que toda a renda arrecadada seria revestida para o custeio das despesas da delegação brasileira na França. Iniciava-se, então, uma verdadeira conclamação aos brasileiros, procurando-se conscientizar os mais diferentes grupos de torcedores de seu importante papel em toda aquela mobilização:

“Uma vitória no Campeonato do Mundo representaria a coroa de louros da obra que se realizou de conagração, de harmonia da família esportiva. Daí a necessidade que se impõe: todos devem colaborar para o sucesso das cores brasileiras na ‘Copa do Mundo’. E quando dizemos todos, incluímos a multidão heterogênea, de todas as categorias, de todas as classes, sem distinção de espécie alguma.

A ‘Campanha do Selo’ deve ser a campanha de cada brasileiro, de cada entusiasmo que floresça em um coração brasileiro. O apoio terá de ser unânime, não conhecendo restrições. Iniciamos uma cruzada maravilhosa, não para estarmos sós e colhermos, sozinhos, o título de glória imperecível. Nenhum brasileiro, nenhum esportista tem o direito de indiferença. Impõe a colaboração total, o trabalho comum, o anseio comum pela vitória do Brasil <sup>117</sup>

O intuito de congrega a todos os brasileiros, de *“todas as categorias”*, *“todas as classes”*, *“sem distinção de espécie alguma”*, na promoção de um empreendimento jamais visto na vida esportiva nacional, se sustentaria nos princípios mais nobres de uma campanha patriótica. Implícita ou explicitamente, nutriam-se os valores tão difundidos e defendidos pelo Estado Novo, em seu projeto de unidade nacional, a saber, a harmonia social, o patriotismo, a solidariedade entre as classes, o esforço conjunto por um “bem maior”, que seria a demonstração em gramados europeus, de uma nação vigorosa, pujante, disciplinada e civilizada. Como bem destaca o historiador Eric Hobsbawn: *“(...) A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação”* <sup>118</sup>.

Nesse propósito, valia até certo tom exortativo àqueles que se considerassem *“verdadeiros”* amantes do futebol, torcedores entusiastas da seleção nacional, e que teriam, através da Campanha do Selo, a oportunidade de provar sua profunda ligação com as *“cores brasileiras”*:

“Não é somente enviando os seus palpites nos jornais sobre a maneira como deve ser formado o scratch brasileiro ou discutindo na mesa do café que o tranco devia ser abolido no campeonato do mundo, que o bom aficionado revela o seu interesse pelas cores brasileiras no grande cortejo de junho em Paris; a Campanha do Selo ... vai dar

<sup>117</sup> *Jornal dos Sports*, 25 de março de 1938, p. 1 e 4.

<sup>118</sup> HOBBSAWN, Eric J., **Nações e Nacionalismo desde 1870**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, p. 171.

oportunidade a que todos os desportistas brasileiros, com uma pequena contribuição, adquiram a certeza de que cumpriram e resgataram uma dívida contraída consigo mesmo”<sup>119</sup>.

Com o intuito de incentivar o torcedor a expressar o seu apoio à seleção, a matéria ressalta que o real interesse dos aficionados não poderia ser demonstrado somente em conversas, nas ruas, sobre a Copa do Mundo ou nos palpites, enviados à redação, sobre a escalação do escrete. Havia a necessidade de uma contribuição mais direta e a Campanha do Selo se colocaria como elo entre o torcedor e a sua seleção.



(Fac-símile do selo que simbolizava a campanha destinada a arrecadar recursos para o custeio das despesas da CBD com a delegação brasileira. *A Gazeta*, 7 de abril de 1938, p. 8.)

Logo, para além de ser propagada como um dever de todo cidadão para com a sua pátria, a iniciativa deveria ser compreendida pelo torcedor como uma chance ímpar de se ver livre do peso da cobrança de uma “dívida” consigo próprio. O objetivo era conscientizá-lo de que “ele era o Brasil” e deveria sentir-se como componente do escrete nacional. Evocava-se, não só o dever cívico, mas uma “dívida pessoal” de cada um com a nação, que poderia ser paga através da compra de um simples selo.

Mais do que isso, as chamadas a esta Campanha procuravam igualar os seus participantes a partir de noções como as de “torcedor”, “brasileiro”, “cidadão”, que, muitas vezes, encobriam

<sup>119</sup> *Jornal dos Sports*, 6 de abril de 1938, p. 1 e 4.

as diferenças socioeconômicas dos agentes aos quais ela se destinava. É interessante observar o tratamento dado a esta questão, pela crônica esportiva, por ocasião da grande movimentação nas ruas da cidade do Rio de Janeiro no primeiro dia de venda dos selos:

“A par do sentimento patriótico dos desportistas brasileiros, havia uma grande dose de curiosidade. Todos queriam conhecer os selos, que por isso mesmo, foram adquiridos em quantidades proporcionais as posses de cada um. Houve aquisições de cinco mil selos feitas por desportistas abastados, como houve, também, quem adquirisse apenas um, por certo com propósitos tão patrióticos quanto os primeiros”<sup>120</sup>.

Nestas breves linhas, demarca-se provavelmente o objetivo real de um dos idealizadores da Campanha, o jornalista Mario Filho, de equivaler os cidadãos, ricos e pobres, a condição de participantes do mesmo sentimento patriótico, como brasileiros, cujo valor deveria ser reconhecido, não pela quantia de sua contribuição, mas por sua iniciativa. Daí o caráter popular pretendido pela Campanha do Selo, caracterizada - muito mais do que por sua dimensão econômica - pelo seu conteúdo simbólico, reforçando a importância do futebol como expressão cultural permeada de múltiplos valores.

Nessa direção interpretativa, importa observar que a conotação popular atribuída à Campanha do Selo se destinava a orientar a participação dos grupos menos abastados naquele empreendimento. O slogan adotado de “*campanha de todos os brasileiros*” emergia como estratégia para incutir, nos torcedores populares, os princípios e valores dos grupos dirigentes, a respeito daquela empreitada. Sendo assim, o futebol poderia e deveria ser reconhecido como importante símbolo de nacionalidade, desde que expressasse o ideal de “nação” que compunha o projeto político do Estado Novo.

Diante disso, a ênfase no caráter popular da venda dos selos era constantemente evocada nas matérias sobre a boa aceitação desta iniciativa por parte da população carioca, podendo ser ainda melhor compreendida neste outro trecho da reportagem do *Jornal dos Sports*:

“Houve uma hora de rara emoção, que bem diz do interesse de todas as classes. Um colegial adquiriu dois selos, e possuía apenas 900 réis. Faltava-lhe um tostão! Um pequeno vendedor de jornais, vendo o embaraço do colegial, num gesto de nobreza pouco comum, completou a importância. Oswaldo Menezes, candidato a ‘embaixador da torcida brasileira’, que se encontravam em nossa redação, vendo o gesto altivo do pequeno vendedor de jornais, adquiriu quatro selos entregando-os como prêmio ao pequeno descalço, que acabara de dar tão alta lição de patriotismo”<sup>121</sup>.

<sup>120</sup> *Jornal dos Sports*, 3 de abril de 1938, p. 1.

<sup>121</sup> *Jornal dos Sports*, 3 de abril de 1938, p. 1 e 6.

Desse modo, a Campanha do Selo se revestia não só de um ideal patriótico, como também, em decorrência disso, promovia e valorizava o sentimento de solidariedade entre os torcedores que, independentemente de sua condição social, deveriam se sentir brasileiros e, por isso mesmo, portadores de profundo vínculo uns com os outros. Para o autor da matéria, não importava o fato de que o gesto do candidato do Flamengo a “Embaixador” da torcida brasileira, Oswaldo Menezes, tivesse sido movido pelo interesse de demonstrar maior simpatia e angariar mais votos para a vitória no concurso de “Embaixador e Embaixatriz da torcida brasileira em Paris”<sup>122</sup>. Mais importante do que a razão que impulsionara Menezes, era a atitude solidária demonstrada pelo candidato, atendendo ao propósito da “Campanha do Selo” de unir os diferentes segmentos sociais no apoio à seleção nacional.

O referido concurso de “Embaixador e Embaixatriz da torcida brasileira” transcorreria concomitantemente à Campanha do Selo e consistia em uma disputa para escolher os representantes da torcida brasileira nos estádios franceses, durante a Copa do Mundo de 1938. O objetivo de Mario Filho, ao promovê-lo, era o de fazer da disputa mais um atestado da mobilização dos torcedores cariocas em torno do “ideal patriótico”. Porém, dessa vez, o intuito de seu idealizador não se realizaria plenamente, ao menos não nos moldes desejados.

Apesar de mobilizar muitos torcedores, a iniciativa teve um caráter muito mais clubístico do que patriótico, já que cabia aos grandes clubes da capital a escolha dos candidatos que concorreriam ao prêmio e, aos seus torcedores, o empenho para eleger o representante de seu clube. Tal fato pode ser observado nessa reportagem, enfatizando o “sacrifício” do torcedor do Flamengo que, mesmo no leito do hospital, fazia questão de entregar seus poucos cupons ao candidato rubro-negro Oswaldo Menezes:

“Do ‘Café Sagres’ rumamos para o Hospital da 3ª Ordem do Carmo, à rua Riachuelo, onde o Sr. Odyr Ribeiro Salgado que se acha internado, a fim de se submeter a uma intervenção cirúrgica em um dos pés, tinha também votos para o candidato rubro-negro. Fomos gentilmente recebidos pelo encarregado daquele modelar estabelecimento hospitalar, que incontinentemente nos levou à ‘Enfermaria Santa Teresinha’, onde se acha no quarto 13 o sr. Odyr Salgado.

- Infelizmente estou aqui internado, e, por conseguinte, impossibilitado de trabalhar com maior entusiasmo pela sua vitória. Todavia, aqui tem o sr. alguns cupons que consegui juntar, o que aliás, nada significam. Em todo o caso eu quero mostrar que é mais forte o

---

<sup>122</sup> Esta foi outra iniciativa do *Jornal dos Sports*, idealizada pelo seu diretor Mario Filho. O concurso “Embaixador e Embaixatriz da Torcida Brasileira em Paris” consistia na oportunidade dada aos grandes clubes do Rio de escolherem, dentre os seus associados, um homem e uma mulher para concorrerem a dois lugares na delegação brasileira que viajaria a França, como um torcedor-símbolo das suas cores.

meu entusiasmo pelo Flamengo, do que a enfermidade que me prende neste leito de hospital”<sup>123</sup>.

O detalhe é que os candidatos recebiam os cupons de seus amigos e colaboradores, em suas próprias residências, para que, só depois, fossem levados à apuração final na sede do *Jornal dos Sports*<sup>124</sup>. O gesto altruísta e nobre do torcedor rubro-negro ilustrava, nas páginas do *Jornal dos Sports*, a importância e a dedicação dos torcedores, a fim de que os candidatos de seus clubes alcançassem a vitória. Nem todo o “sofrimento” poderia impedir o esforço pela vitória do Flamengo, e era esse exatamente o sentido do concurso para os torcedores. Portanto, ainda que se buscasse aumentar ainda mais o contingente de patriotas envolvidos com a campanha da seleção, a vitória no concurso de “Embaixador e Embaixatriz” viria como consagração do clube, afirmando o peso das identidades clubísticas<sup>125</sup> no interior daquela campanha de mobilização nacional.



(Registro do momento em que o “Embaixador da torcida brasileira”, Oswaldo Menezes (de terno branco, ao fundo), e a “Embaixatriz”, Leonor Silva (com as iniciais “LS” na blusa), retiravam os seus passaportes para seguirem viagem rumo à França. *A Gazeta*, 11 de maio de 1938, p. 8)

Ainda assim, o pretendido sucesso daquela iniciativa do *Jornal dos Sports*, em termos de adesão dos torcedores, parece ter sido alcançado. A vitória de Leonor Silva e de Oswaldo

<sup>123</sup> *Jornal dos Sports*, 30 de março de 1938, p. 3.

<sup>124</sup> *Jornal dos Sports*, 15 de abril de 1938, p. 1 e 4. Os vencedores ganhavam não apenas as passagens de ida e volta e custeio de todas as suas despesas durante a estadia na França bem como um prêmio em dinheiro oferecido pela empresa *Cerveja Cascatinha*, no valor de 7 contos de réis.

<sup>125</sup> Para uma reflexão mais apurada sobre o assunto ver: DAMO, op. cit.

Menezes foi conquistada com uma expressiva votação. A candidata do Vasco da Gama recebeu um total de 215.669, enquanto o candidato do Flamengo totalizou 314.872 votos. No discurso de Oswaldo Menezes, fica claro que o seu triunfo representava, acima de tudo, a vitória do Flamengo e de seus torcedores:

“Estou contente. Ninguém ignora que Flamengo é Flamengo. E onde o nosso rubro-negro entra, sai sempre com a palavra vitória. Portanto de mim, nada tenho a dizer. Ao meu clube devo esta vitória.

Apenas faço questão de acentuar, que não medirei esforços no território francês, no sentido de encorajar nossos patrícios para que tenham sempre em mente a imagem augusta desta pátria grandiosa, para quem devemos trazer as glórias imperecíveis das nossas vitórias no estrangeiro”<sup>126</sup>.

Mesmo se sujeitando a ressignificações como esta, os apelos à coesão e ao engajamento dos torcedores em torno do ideal patriótico, acompanhariam todo o período de treinamento e de preparação do selecionado brasileiro, encontrando suporte principalmente na Campanha do Selo. Nesse sentido, alguns episódios eram sublinhados em matérias do *Jornal dos Sports*, tendo em vista a afirmação da unidade e do empenho de todos os brasileiros em benefício do esporte nacional. Uma questão que não teria exigido somente a conscientização, mas o envolvimento sentimental dos aficionados:

“(…) O nosso povo, por temperamento, tem orgulho pelas coisas de sua Pátria. A ‘Campanha do Selo’ ... veio demonstrar mais uma vez o sentimentalismo do brasileiro, seja rico, pobre ou remediado. Temos citado vários fatos que serviriam para atestar de modo eloqüente as nossas afirmações. Agora mesmo a CBD recebeu uma carta do Sr. Luis G. Nascimento, residente à rua Conde de Bonfim, 474, em que esse cavalheiro envia pelo correio a importância de 3\$000 réis para que lhe sejam enviados seis ‘Selos’ pois, segundo ele afirma, está impossibilitado de adquiri-los durante a semana na cidade. Trata-se como é fácil verificar, de um homem do trabalho que, dando um exemplo de patriotismo, não quis deixar de contribuir para a boa figura da representação do seu país no estrangeiro”<sup>127</sup>.

E enquanto casos de alguns torcedores, como o do Sr. Luis G. Nascimento, eram destacados nas páginas do jornal fluminense, diversas doações também chegavam à CBD, como demonstração de apoio, por parte dos donos de empresas, indústrias e comércio. Ainda nem havia terminado o mês de março e a relação de donativos enviados à entidade já apresentava uma extensa lista de contribuintes à campanha brasileira na França:

“Banco do Brasil 20:000 \$ 000; Cia. Souza Cruz 10:000 \$; Banco do Comercio e Industria 10:000 \$; Moinho Inglês 5:000 \$; Cia. Financial 5:000 \$; Moinho Fluminense

<sup>126</sup> *Jornal dos Sports*, 17 de abril de 1938, p. 8. Para que se possa dimensionar a participação dos torcedores, o segundo colocado, Costa Velho, teve 152.478 votos e a segunda mais votada a “Embaixatriz”, Dyla Baptista, somou 197.279 cupons.

<sup>127</sup> *Jornal dos Sports*, 9 de abril de 1938, p. 4.

5:000 \$; Cia. Lotéricas Nacionais 5:000 \$; Cia. Brasileira Cinematográfica 10:000 \$ e doação da Produtos Evans Ltda. De medicamentos ao departamento médico do scratch no valor de 10:000 \$”<sup>128</sup>.

As doações eram normalmente acompanhadas de ofícios dos representantes das empresas, parabenizando os dirigentes da CBD, por seus esforços em angariar fundos, para garantir aos craques brasileiros todo o conforto e a segurança na Copa do Mundo. Suas palavras procuravam expressar que o apoio financeiro nada mais era que um “*compromisso com a nação*” ainda que, por trás dessa benfeitoria, prevalecesse o interesse de usufruir os benefícios propagandísticos da associação a esta grande “empresa” que havia se tornado a campanha brasileira.

Entrementes, nas palavras dos diretores de companhias, indústrias e casas comerciais evocavam-se os mais nobres auspícios patrióticos, motivadores de seu auxílio à embaixada brasileira. Em uma das primeiras doações, levantada pela Cia. Souza Cruz, o ofício enviado à CBD tratava de cumprimentar a entidade e os promotores da iniciativa por todos os esforços despendidos naquela causa nacional:

“A Cia. Souza Cruz aproveita-se da oportunidade ... para aplaudir calorosamente os promotores desta patriótica iniciativa, que demonstra a capacidade, o amor e o esforço da Confederação Brasileira de Desportos para o aperfeiçoamento da nossa raça ... para garantir o êxito de nossa missão na Europa ... para que nossa representação desportiva tenha maiores possibilidades de conforto e para assim esta representação servir a Pátria sem sacrifícios pessoais”<sup>129</sup>.

Outra empresa a vir a público, anunciando seu apoio à CBD, foi a Produto Evans Ltda., que colocava à disposição do chefe da delegação, Castelo Branco, o seu catálogo de medicamentos, como suporte aos serviços clínicos e físicos dos jogadores. O telegrama, enviado à CBD, tinha seu conteúdo assim apresentado no *Jornal dos Sports*:

“Ilmo. Sr. Dr. Luiz Aranha Presidente da Confederação Brasileira de Desportos – Nesta – Amigo e Senhor: ‘A Produtos Evans Ltda.’, com a maior satisfação, vem por este, confirmar o oferecimento feito a esta Confederação, de todos os medicamentos e preparados necessários ao serviço médico da Delegação Brasileira ao Campeonato Mundial de *Football*, escolhido pelo Dr. Castello Branco em nosso catálogo geral. Sentindo-nos lisonjeados com esta preferência, aqui expressamos a nossa satisfação em ter a oportunidade de cumprir um dever de brasilidade, concorrendo para o maior êxito da referida embaixada, que irá defender o renome esportivo do Brasil”<sup>130</sup>.

Como se pode observar, o auxílio à campanha brasileira não vinha exclusivamente em forma de dinheiro, mas também a partir da doação de materiais, como roupas e medicamentos

<sup>128</sup> *Jornal dos Sports*, de 29 de março de 1938, p. 4.

<sup>129</sup> *Jornal dos Sports*, de 19 de março de 1938, p. 4.

<sup>130</sup> *Jornal dos Sports*, de 29 de março de 1938, p. 4.

dedicados a cuidar da saúde e da aparência dos membros da delegação, afinal, a representação de uma “boa imagem” no estrangeiro passava fundamentalmente pela elegância manifesta, não só no comportamento dentro dos gramados, como nos trajes da embaixada fora dele:

“Conforme noticiamos, os componentes da delegação brasileira partirão no dia 30, envergando elegantes uniformes. A roupa constará de um paletó azul e calça de flanela creme. A fábrica de bonés e chapéus de tecido da firma F. Diniz e Cia., do Rio de Janeiro, oferecerá a todos os membros da embaixada da CBD, os bonés ou boinas que completarão o uniforme oficial. Uma fábrica de Petrópolis dará as gravatas. O gesto dessas casas comerciais é expressivo e patenteia a alta dose de patriotismo dos seus dirigentes”<sup>131</sup>.

Contudo, mesmo uma campanha dedicada a irmanar os brasileiros e a congregar grupos sociais antagônicos não seria suficiente para sobrepujar a rivalidade entre a imprensa esportiva carioca e a paulista. Em algumas matérias, os cronistas do *Jornal dos Sports* se propunham a amenizar o clima hostil que vigorava até então, recorrendo a Campanha do Selo como um empreendimento capaz de unir os esforços da imprensa de ambas as capitais, visando ao engrandecimento da nação esportiva. Daí os comentários elogiosos saudando os jornais *A Gazeta* e *A Tribuna* de Santos, em sua adesão à iniciativa patriótica:

“De São Paulo acabam de chegar duas valiosas adesões à patriótica iniciativa. Em Santos, os nossos colegas da ‘Tribuna’ se incumbirão da venda dos selos e em São Paulo a ‘Gazeta’ chamou a si esta incumbência. Não resta a menor dúvida, portanto, que a Campanha do Selo obterá o êxito esperado”<sup>132</sup>....

São Paulo, o grande centro esportivo do país, vai concorrer para a grande campanha com a venda de quarenta mil selos. ‘A Gazeta’, o jornal de maior expressão nos *sports* da Paulicéia, lançará os ‘Selos’ que, como em nossa capital, deverão ter a máxima aceitação por parte do público ...

O popular jornal santista ‘A Tribuna’, mantendo sua antiga feição de propaganda dos *sports* nacionais, vai lançar, na terra de Braz Cubas, a ‘Campanha do Selo’, acompanhando, dessa forma, a iniciativa de JORNAL DOS SPORTS e ‘O Globo’.

Amparada pelos dois órgãos de publicidade do estado de São Paulo, a ‘Campanha do Selo’ tem o seu sucesso garantido na terra das indústrias”<sup>133</sup>.

Apesar dessas reportagens amistosas da parte do periódico carioca, os cronistas da *Gazeta* faziam questão de esclarecer, em sua primeira matéria sobre o assunto, que os méritos da Campanha do Selo pertenciam única e exclusivamente à CBD, sequer mencionando o *Jornal dos Sports* e *O Globo* como promotores do empreendimento:

“(...) Deseja-se dar à nossa delegação o maior apoio moral e material possível, para não só ser digno do nosso valor futebolístico nos campos da França, como fazer, na Europa, uma grande e eficiente propaganda do Brasil.

<sup>131</sup> *A Gazeta*, 26 de abril de 1938, p. 10.

<sup>132</sup> *Jornal dos Sports*, 29 de março de 1938, p. 4.

<sup>133</sup> *Jornal dos Sports*, 5 de abril de 1938, p. 4.

Dado o grande vulto de despesas, para que a nossa seleção representativa tenha todo o conforto indispensável, a CBD houve por bem angariar entre os interventores federais nos Estados, no comércio especial os meios indispensáveis. ...

Concorrerão também o alto comércio e as indústrias de São Paulo, nesse bonito movimento patriótico esportivo? Certo que sim. São Paulo deve contribuir também à sua altura ...

A “Campanha do Selo” poderá resolver a situação, dentro de sua verdadeira finalidade, contribuindo para que se preste aos jogadores o maior contingente de conforto moral e físico ... Trata-se de um empreendimento de vulto, com o único objetivo patriótico de assegurar ao selecionado brasileiro conforto e tranquilidade”<sup>134</sup>.

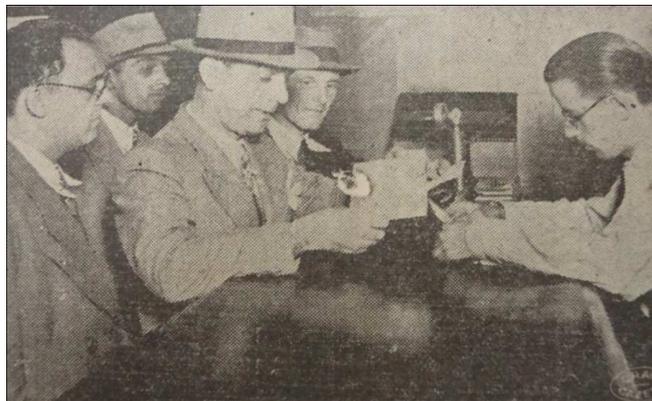
Da parte do periódico paulista, caberia ao diretor da seção esportiva, Thomaz Mazzoni, o papel de maior incentivador da campanha, ressaltando a oportunidade oferecida a um torcedor comum de ir a Paris, pagando apenas 500 réis. No entanto, o ideal patriótico não poderia deixar de ser requisitado:

“Vale à pena arriscar a sorte. Por uma modesta quantia de quinhentos réis adquire-se um selo que o sorteio poderá premiar mandando seu possuidor ao Campeonato do Mundo!

Demorando cerca de dois meses a viagem de ida e volta e estada na França, um lugar na delegação vale mais de 10 contos de réis.

Feliz o ‘torcedor’ que for contemplado pela sorte! ...

Adquirir o selo não é, pois, somente a esperança própria de se ir à Europa assistir o Campeonato Mundial, como também um ato patriótico para melhor servirmos o nosso ideal comum de vermos o Brasil atingir o posto supremo no futebol internacional que seria a conquista da ‘Taça do Mundo’!”<sup>135</sup>.



(Flagrante do início da Campanha do Selo, em São Paulo, com torcedores adquirindo os selos no balcão d’A *Gazeta*. A *Gazeta*, 6 de abril de 1938, p. 9.)

<sup>134</sup> A *Gazeta*, 26 de março de 1938, p. 11.

<sup>135</sup> A *Gazeta*, 6 de abril de 1938, p. 9.



(Destaque para a venda dos selos, por ocasião do jogo-treino entre as equipes titular e reserva da seleção, em São Paulo, no estádio do Parque Antártica, como despedida do *scratch* do torcedor paulista. O caráter patriótico era demarcado pelo uso da bandeira, como um dos símbolos máximos da nação. *A Gazeta*, 14 de abril de 1938, p. 8.)

A Campanha do Selo chegaria ao fim, em grande estilo, acumulando um total de cerca de 83.000 selos vendidos e angariando mais de 40 contos de réis como doação à CBD, para auxiliar no pagamento das despesas com a delegação brasileira <sup>136</sup>. Se tal empreendimento havia sido destinado ao torcedor popular e apresentado a partir de chamadas patrióticas, que ressaltavam a importância do torcedor em cumprir o seu dever enquanto cidadão e brasileiro, outra iniciativa também promovida por Mario Filho e o *Jornal dos Sports*, em parceria com *A Gazeta*, surgiria então como seu contraponto: a “Excursão pelo navio Campana” <sup>137</sup>.

A viagem a Paris, por meio desse cruzeiro, para assistir aos jogos da seleção na Copa do Mundo, duraria cerca de dois meses e meio e era anunciada como uma ótima oportunidade ao torcedor mais afortunado:

“As passagens custarão apenas 8:900\$000 (oito contos e novecentos mil réis) sem outras despesas. Esta importância representa, por assim dizer, o custo de vida normal, numa grande cidade, durante três meses, a qualquer pessoa remediada:

Os oito contos e novecentos mil réis dão direito as seguintes vantagens:

- a) – Passagem de ida e volta em confortável transatlântico;
- b) – Estadia na França durante 47 dias em hotéis de primeira ordem, com pensão completa;

<sup>136</sup> A matéria sobre o sorteio final somente destacava o número do selo premiado, 68. 985, que havia sido vendido na cidade de Caxambu (MG), local onde a seleção esteve concentrada para um período de treinamento durante o mês de abril de 1938. *Jornal dos Sports*, 11 de maio de 1938, p. 1 e 4.

<sup>137</sup> A viagem a Paris a bordo do navio S/S “Campana”, foi mais uma iniciativa patrocinada pelo *Jornal dos Sports*, bem como pela *Gazeta*, sendo organizada pela empresa de viagem e turismo “Oceania” e também financiada pela Empresa Campanha. *A Gazeta*, 19 de abril de 1938, p. 10.

- c) – Viagens pagas de estradas de ferro para os lugares dos jogos do Campeonato de *Football* do Mundo, dos quais participe a equipe brasileira;
- d) – Passagem de estrada de ferro de Paris a Kiel (Alemanha), ponto de embarque para regresso ao Brasil”<sup>138</sup>.

A partir de tais empreendimentos, Mario Filho e o *Jornal dos Sports* dedicavam-se a mobilizar os diferentes segmentos da sociedade carioca, promovendo ainda mais aquele que - já àquela altura - se constituía em carro-chefe dentre os assuntos esportivos do período, a Copa do Mundo de 1938. Mais do que o lucro obtido nessas empreitadas, o jornalista se beneficiava da grande divulgação do acontecimento e seu grande apelo, entre os diferentes grupos sociais, para vender jornal.

Dessa forma, não foi à toa a evidente e necessária distinção no tratamento dado aos torcedores populares - chamados ao comprometimento com a pátria através da Campanha do Selo, a partir do cumprimento de uma “obrigação” - e aos torcedores das camadas mais abastadas da sociedade carioca. Para os últimos, o tom suavizado do discurso apresentava um conteúdo atrativo, em que o futebol e a Copa do Mundo apareciam como oportunidades turísticas. A mensagem do “dever patriótico” era então conciliada, nas páginas do jornal, com o “convite ao lazer”, representado pela Excursão a Paris, reunindo as distantes concepções de futebol (em sua função social e política, de um lado, e em sua instrumentalidade como lazer e distinção, de outro), da mesma forma que se pretendia unir os torcedores pobres e ricos, patrões e empregados, na construção do ideal de nação harmônica e unívoca:

“*Jornal dos Sports* oferece aos desportistas brasileiros a melhor oportunidade para uma viagem à Europa, num ambiente puramente nosso, num transatlântico que será um prolongamento do ambiente da própria pátria ... Quantos de nós, acostumados às alegrias dos cassinos cariocas não desejamos conhecer as loucuras do ‘Moulin Rouge’ de Paris?”<sup>139</sup>

Como um refinado convite aos membros dos grupos aristocráticos da capital federal, a matéria - muito embora procure ressaltar a importância de reproduzir no navio um “*ambiente puramente nosso*”, “*tipicamente*” brasileiro - demarca os traços de um patriotismo das elites, daqueles habituados a freqüentar “*os cassinos cariocas*” e que poderiam desfrutar dos prazeres dos clubes, cassinos e bordéis da “cidade luz”. Era esse o “*pedaço do Brasil*” que seguiria rumo à França, sem dúvida um território bastante restrito:

“(...) O Campana será um pouco de território nacional, onde todos se entenderão e não faltará desde violão melodioso a cuíca ... desde o tremor do cavaquinho ao bater do

<sup>138</sup> *Jornal dos Sports*, 30 de março de 1938, p. 4.

<sup>139</sup> *Jornal dos Sports*, 31 de março de 1938, p. 1 e 4.

pandeiro. Viagem maravilhosa onde uma só família se reunirá nos mesmos objetivos. Diversões sem par; ambiente puramente nosso. É um pedaço do Brasil que se desloca para o exterior, sem perder a forma e os costumes pátrios”<sup>140</sup>.

Na visão expressa nesse “convite” aos leitores, observa-se o “samba” se unindo ao futebol, na mais perfeita caracterização do “Brasil”, que seguiria a bordo do transatlântico com destino à Europa. Nesse sentido, é bastante significativa a observação da transição desse gênero musical - outrora repudiado pelos grupos dominantes e censurado pela polícia (principalmente nas primeiras décadas do século XX) - à condição de símbolo nacional, adquirindo o *status* de ritmo de todos os grupos e de toda a nação, nesse contexto dos anos 1930 e 1940.

Nesse percurso de nacionalização do futebol e do samba, cabe ressaltar o protagonismo de Gilberto Freyre, não só ao vislumbrar, na seleção de 1938, a representação de uma nação mestiça e, por isso mesmo, genuinamente brasileira, em gramados franceses (assunto que será tratado mais profundamente no próximo item), bem como por ter sido um dos grandes incentivadores do samba carioca (ritmo nascido e crescido no centro do Rio, bem como nos morros e subúrbios da cidade) como o gênero musical, por excelência, de uma nação, a seu ver, marcada pela mestiçagem.

De acordo com o antropólogo Hermano Vianna<sup>141</sup>, esse papel de destaque do sociólogo pernambucano começa a ser desempenhado já em sua primeira visita à capital federal, no ano de 1926, a partir de um encontro bastante singular, envolvendo o historiador Sérgio Buarque de Holanda, o promotor e jornalista Prudente de Moraes Neto (conhecido pelos seus dois primeiros nomes, Pedro Dantas), o compositor de música clássica Heitor Villa-Lobos, o pianista clássico Luciano Gallet, o sambista Patrício Teixeira e dois dos grandes ícones da música popular brasileira, Donga e Pixinguinha. Freyre faria menção desse acontecimento, como que correspondendo a uma “noitada de violão”<sup>142</sup>, uma ocasião que muito embora fosse tratada pelos envolvidos como algo corriqueiro, como que aproximando cordialmente representantes de universos distintos, merece uma análise mais cuidadosa, pela representatividade do que seria definido como “tipicamente brasileiro” naquele contexto, segundo o mesmo Vianna:

<sup>140</sup> *Jornal dos Sports*, 23 de abril de 1938, p. 4. Apesar dos valores divulgados nos primeiros anúncios da excursão, os preços das passagens com todas as despesas incluídas foram os seguintes: Classe turística – 6:600\$000 (seis contos e seiscentos mil réis); 2ª Classe – 7:950\$000 (sete contos e novecentos e cinquenta mil réis); 1ª Classe – 11:950\$000 (onze contos e novecentos e cinquenta mil réis).

<sup>141</sup> VIANNA, Hermano. **O Mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: UFRJ, 1995, p. 13.

<sup>142</sup> FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. apud VIANNA, op. cit., p. 19-20.

“O encontro juntava, portanto, dois grupos bastante distintos da sociedade brasileira da época. De um lado representantes da intelectualidade e da arte erudita, todos provenientes de ‘boas famílias brancas’ (incluindo, para Prudente de Moraes Neto, um avô presidente da República). Do outro lado, músicos negros ou mestiços, saídos das camadas mais pobres do Rio de Janeiro. De um lado, dois jovens escritores, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, que iniciavam as pesquisas que resultaram nos livros *Casa-grande e senzala*, em 1933, e *Raízes do Brasil*, em 1936, fundamentais na definição do que seria brasileiro no Brasil. À frente deles, Pixinguinha, Donga e Patrício Teixeira definiam a música que seria, a partir dos anos 30, considerada como o que no Brasil existe de mais brasileiro”<sup>143</sup>.

O interessante na caracterização desse encontro, feita por Vianna, é o que o envolvia e o precedera, isto é, a inclinação e o encantamento de Freyre, em relação à cultura popular carioca, que passaria a não ser exclusividade do escritor pernambucano, conforme argumenta Vianna: “*Não só ele (Freyre): todo o Brasil, principalmente a partir dos anos 30, passa (ou é obrigado) a reconhecer no Rio de Janeiro os emblemas de sua identidade como povo sambista*”<sup>144</sup>.

O mesmo Gilberto Freyre, que criticava as transformações urbanísticas que marcaram a cidade, desde o governo Pereira Passos (1902-1906), saudava o que ele denominara de “movimento de valorização do negro”, que estaria em vigor no Rio de Janeiro, concorrendo com a “civilização” anunciada nos jornais e materializada nos bulevares, nos novos edifícios e na destruição dos morros. Nessa perspectiva, o encontro com músicos como Donga, Patrício e Pixinguinha, demarcaria, para o sociólogo, uma nítida diferenciação entre a imagem forjada do Brasil e o Brasil “*real*”, autêntico, como destaca o mesmo Vianna: “*Existiria então, para Gilberto Freyre, um Brasil ‘oficial e postiço e ridículo’ que ‘tapa’ o outro Brasil, este real, a ser ‘valorizado’ junto com o preto*”<sup>145</sup>.

Entretantes, deve-se ressaltar que, até chegar à condição de símbolo nacional, o samba teve de trilhar um longo percurso, marcado tanto pela repressão quanto pela interação social (através de encontros como o acima mencionado), na invenção de uma tradição identitária brasileira. Tal invenção passaria, segundo Vianna, pela tentativa, por parte desses grupos sociais, de fazer do samba não um ritmo aceito, mas um elemento de expressão do Brasil “*autêntico*”, definindo-o (inclusive oficialmente, via atuação política do Estado) como “*música brasileira por excelência*”<sup>146</sup>.

---

<sup>143</sup> VIANNA, op. cit., p. 20.

<sup>144</sup> Ibid., p. 26.

<sup>145</sup> Ibid., p. 27.

<sup>146</sup> Ibid., p. 34.

Nesse sentido, torna-se fundamental a compreensão da própria relação da obra freyreana com o contexto no qual ela se insere de forma ativa e em consonância com o projeto de construção da brasilidade que se opera via Estado. É por meio de uma política autoritária, empreendida a partir da Revolução de 1930, que o governo varguista responde à necessidade vigente de se opor a quaisquer tendências regionalistas que representassem uma retomada da política oligárquica, que caracterizou a Primeira República.

É nesse momento que o clássico *Casa-Grande & Senzala*<sup>147</sup> desponta, sugerindo não uma “volta às raízes”, mas “a própria criação dessas raízes”, como advoga Hermano Viana, a respeito desse paradigma que se afirmava: “(...) junto a essa segurança do autoritarismo, um novo modelo de autenticidade nacional foi fabricado no Brasil pós-1930. Não foi escolhido um dos modelos antigos regionais para simbolizar a nação, mas desses modelos foram retirados vários elementos (um traje de baiana aqui, uma batida de samba ali) para compor um todo homogeneizador”<sup>148</sup>.

Portanto, para que o samba carioca ganhasse o *status* de legítima e autêntica música nacional, em meio à tamanha diversidade de ritmos, fora determinante o apoio oficial, como bem o assinala Hermano Vianna:

“Mas o fato é que a luta pela preservação do autêntico (samba) ganha mesmo terreno logo depois da formação das primeiras escolas de samba. E a ‘autenticidade’ conquista apoio oficial. O primeiro desfile da Deixa Falar, em 1929, tem seu ‘caminho aberto por uma comissão de frente que montava cavalos cedidos pela polícia militar, e tocava clarins’<sup>149</sup>. Quatro anos depois dessa estréia, o desfile das escolas de samba já ganhara ajuda financeira da Prefeitura do Rio de Janeiro e o patrocínio do jornal *O Globo*, que também ‘formulou um regulamento para o certame, no qual se estabelece a proibição dos instrumentos de sopro e a obrigatoriedade da ala das baianas’<sup>150</sup>. Já em 1935, o desfile passara a constar do programa oficial do carnaval carioca elaborado pela Prefeitura. Seis anos não é um tempo longo para a oficialização de uma prática cultural tão nova. Em 1937, o Estado-Novo determinou que os enredos das escolas de samba tivessem caráter histórico, didático e patriótico... Mais tarde a Exposição Nacional do Estado-Novo, realizada em 1939, teve sua agenda musical organizada por Villa-Lobos (que tinha um cargo oficial no governo desde 1932, como diretor da SEMA – Superintendência de Educação Musical e Artística), incluindo apresentações de Francisco Alves, Carmen Miranda, Patrício Teixeira, Almirante, o regional de Benedito Lacerda e Donga etc., além de um espetáculo folclórico com jongo, catererê, pastoril, ‘terminando com uma

<sup>147</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

<sup>148</sup> VIANNA, op. cit., p. 61.

<sup>149</sup> TINHORÃO, José Ramos. **Música popular**: um tema em debate. Rio de Janeiro: JCM, s/ d., p. 82. apud VIANNA, op. cit., p. 124.

<sup>150</sup> SANTOS, Lígia & Silva, Marília. **Paulo da Portela**. Rio de Janeiro: Funarte, 1980, p. 63. apud VIANNA, op. cit., p. 124.

apresentação das principais escolas de samba cariocas’<sup>151</sup>... Como se vê o interesse oficial pelo samba e pelas ‘coisas brasileiras’ era mais do que explícito. O aparelho governamental da ‘Era Vargas’ esteve muito envolvido com o progresso da nacionalização do samba, desde o morro à Exposição Nacional”<sup>152</sup>.

Da mesma maneira que o apoio do Estado Novo traria a legitimidade necessária à campanha brasileira na Copa do Mundo de 1938, o apoio oficial do regime ao samba seria determinante para sua consagração como expoente nacional. E era nessa condição que ambos caminhariam, lado a lado, na narrativa da epopéia brasileira na III Taça do Mundo, na caracterização de uma aproximação que constituiria – perante os estrangeiros e os próprios brasileiros – a imagem do “Brasil” genuíno, autêntico, “*verdadeiro*”, o país do “futebol-samba”.

Dessa forma, a parte mais “bem aventurada” da nação poderia se fazer presente nos estádios franceses, através da nobre excursão no navio “Campana”, um “*pedaço do Brasil*” que seguiria ao estrangeiro, embalado pelo ritmo da cuíca e do pandeiro. Para os torcedores menos abastados, restaria a incumbência de deixar gravadas, na memória dos craques, as últimas demonstrações de apoio ao escrete, antes de seu embarque rumo a Europa. E como oportuna despedida, uma festividade seria preparada para homenagear os *players* brasileiros e expressar todo o entusiasmo da sociedade carioca com selecionado nacional: o “Churrasco Monstro”.

Essa atividade fora proposta pela direção do São Cristóvão, com o intuito de proporcionar um grande desfecho à mobilização que havia tomado conta da capital federal, durante o período de organização do escrete brasileiro. O “Churrasco Monstro”, a ser realizado na rua Figueira de Melo, no campo do São Cristóvão, era anunciado à imprensa, pelo então diretor do departamento de publicidade do clube carioca, o Sr. Lowe-Lowy, como um evento solene, que reuniria cerca de três mil pessoas, incluindo o presidente Getúlio Vargas. Nas palavras do dirigente, o São Cristóvão se dispunha a organizar a festividade, mas a celebração e as honrarias seriam de “todos”, pois o propósito era o de unir os representantes dos mais diversos segmentos sociais nessa última demonstração de apoio aos jogadores brasileiros:

“Salienta-se que o seu clube poderia ter o egoísmo de reservar para si todas as honras da solenidade, mas, pelo contrário, faz questão de que dela participem pessoas de todas as camadas sociais, única maneira de emprestar a festa o caráter de consagração popular”<sup>153</sup>.

<sup>151</sup> CABRAL, Sérgio. “Getúlio Vargas e a música popular brasileira”. In: **Ensaio de opinião**, vol. 2, p. 40. apud VIANNA, op. cit., p. 126.

<sup>152</sup> VIANNA, op. cit., p. 124-126.

<sup>153</sup> *Jornal dos Sports*, 13 de abril de 1938, p. 4.

Dessa maneira, os organizadores do evento defendiam, acima de tudo, o caráter eminentemente popular que deveria caracterizá-lo. Planejava-se uma grande festa de despedida para a seleção, que contaria com a presença de autoridades políticas e esportivas, além da própria imprensa, mas que permitiria também a participação do mais simples torcedor. Contudo, a arrumação presumivelmente hierarquizada na disposição das mesas e cadeiras pelo campo do S. Cristóvão anunciava que os populares eram “muito bem-vindos” à festa, desde que como plano de fundo:

“Frisa que serão colocadas mesas formando as letras ‘B’ e ‘R’ como uma homenagem ao Brasil, nas quais serão reservados lugares para as representações dos clubes filiados à Liga de *Football*, ornamentadas com os respectivos pavilhões. Ao fundo ficarão as localidades para o grande público. Haverá uma mesa de honra ... onde ficarão localizadas as autoridades do governo, das entidades esportivas e a diretoria do S. Cristóvão. Num plano mais baixo, também na mesa de honra que será presidida pelo chefe da nação, ficarão os vinte e dois *scratchmen* e o técnico Adhemar Pimenta .... Ao fundo, será levantado um grande painel com as bandeiras do Brasil, da CBD e da FBF, nas quais serão colocadas os retratos do presidente G. Vargas, do Sr. Luiz Aranha e do Sr. Castello Branco e principais dirigentes das entidades referidas, respectivamente. As mesas comportarão uma assistência calculada em duas mil e quinhentas pessoas e a solenidade será abrihantada por três bandas militares ... Também comparecerão, tomando assento na tribuna de honra, os ministros de Estado, prefeito e chefe da polícia”<sup>154</sup>

Ainda que não lhes fossem reservadas mesas junto às autoridades, aos populares caberia o consolo de poder participar do evento, muito embora relegados a um espaço bem mais distante do palco montado e previamente destinado a receber os torcedores “não tão ilustres”. Porém, tal participação só seria possível àqueles que conseguissem adquirir os ingressos, que foram colocados à venda para o grande público, em diversos pontos da cidade. O número disponibilizado, provavelmente limitado diante da enorme procura, gerou um receio, por parte da diretoria do S. Cristóvão, de um excesso de lotação, que comprometeria a boa imagem e a ordem da festa.

Para aqueles que ficassem de fora, os discursos das autoridades presentes no “Churrasco Monstro” seriam transmitidos de diversas estações de rádio, inclusive do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural do governo, aproveitando-se da solenidade para tornar ainda mais popular a figura de Vargas e do próprio regime - este cada vez mais interessado em tudo que dissesse respeito ao *scratch* nacional.

---

<sup>154</sup> Ibid.

Para a garantia do sucesso do evento, o Sr. Lowe-Lowy conclamava a imprensa da capital a se encarregar da divulgação de tão patriótica iniciativa, ressaltando que a festividade não corresponderia à celebração de um só clube, mas a uma reunião popular, destinada a homenagear os jogadores brasileiros: “*O sucesso da festa do dia 24 está nas vossas mãos. O São Cristóvão organizou a solenidade e a sua consagração está dependendo da preciosa colaboração dos jornalistas, que também são brasileiros e patriotas*”<sup>155</sup>.

Apesar de todo o cuidado com os preparativos, a direção do S. Cristóvão foi surpreendida com uma notícia nada agradável. A delegação brasileira que seguia de trem, da cidade de São Paulo (onde disputara o jogo-treino no estádio do Palestra Itália) para o Rio de Janeiro - com chegada prevista às 9h30 do dia 24 de abril – teve sua viagem interrompida por um acidente, na altura da cidade de Guaratinguetá, onde um comboio descarrilou e acabou retendo o trem que trazia os jogadores brasileiros. Felizmente, nada de mais grave aconteceu com os componentes da delegação, porém, o desembarque na capital da República só aconteceu por volta das 20h30, impedindo que os homenageados pudessem comparecer ao churrasco<sup>156</sup>.

A frustração para os presentes só não foi total, porque os jogadores Martim, Affonsinho, Roberto e Caxambu (que faziam, até aquele momento, parte do grupo de jogadores durante o período de treinamentos) puderam comparecer à festa, representando os demais *players*, pelo fato de os dois primeiros já estarem no Rio de Janeiro e os demais terem feito a viagem, de São Paulo ao Rio, de automóvel, chegando a tempo de marcar presença na solenidade<sup>157</sup>.

Mesmo diante do imprevisto, a programação foi mantida e o “Churrasco Monstro” seguiu sem a presença de seus grandes homenageados. A festa, que seria uma prévia da despedida definitiva, que aconteceria poucos dias depois no cais do porto do Rio de Janeiro, contou com uma grande participação popular, com mais de dois mil torcedores marcando presença. Entretanto, a imprensa procurou destacar, na ausência de grande parte da delegação, os oradores da festa, cujos discursos teriam sido ouvidos sob muitos aplausos:

“Mesmo sem o concurso da delegação, o churrasco transcorreu animadíssimo. Observou-se a melhor ordem possível, num ambiente de singular entusiasmo, pelo destino do scratch na Europa.

---

<sup>155</sup> Ibid.

<sup>156</sup> *Jornal dos Sports*, 25 de abril de 1938, p. 1 e 4.

<sup>157</sup> Na lista final de convocados para a Copa de 1938, somente os jogadores Martim e Roberto, de Botafogo e S. Cristóvão, respectivamente, figuravam entre os vinte e dois inscritos.

Os discursos foram ouvidos com invulgar interesse, entrecortados com ‘vivas’ e ‘hurrahs’ ao Brasil, ao presidente Getulio Vargas, a CBD, a Federação [FBB] e ao Sr. Luiz Aranha”<sup>158</sup>.

A festa viria a ser descrita por seus organizadores e pelo *Jornal dos Sports* como o “*Churrasco da Solidariedade e da Confiança*”<sup>159</sup>, sendo mais uma celebração transformada, em seu planejamento e seu propósito, em uma verdadeira solenidade pública, cuja pretensão popular se resumiria mesmo ao discurso de seus promotores.

Analisando o rito como lugar social que - em seu tempo suspenso - congrega os mais diferentes agentes e grupos, promovendo, concomitantemente, a conservação da ordem vigente e sua inversão, DaMatta argumenta que um importante componente desses rituais é o fato de, apesar de escaparem à rotina diária da sociedade, se estabelecerem como o “*extraordinário construído pela e para a sociedade*”<sup>160</sup>. Tal concepção ajuda a entender o caráter excepcional, contido já no título dado à solenidade, nas páginas do *Jornal dos Sports*, uma vez que o slogan “Churrasco Monstro” era usado como expressão da grandiosidade e da especificidade daquele acontecimento na vida esportiva carioca.

Entrementes, DaMatta adverte acerca da natureza distinta observada em alguns ritos públicos constituídos pela sociedade brasileira:

“Embora não pretenda classificar os eventos sociais brasileiros, a discussão já permite deduzir alguns princípios reveladores. O primeiro é a separação nítida entre um domínio do cotidiano e outro: o universo dos acontecimentos extra-ordinários. A passagem de um domínio a outro é marcada por modificações no comportamento, e tais mudanças criam as condições para que eles sejam percebidos como especiais. Este é o subuniverso das festas e das solenidades.

O segundo princípio é a constatação de que, no Brasil, o domínio do extraordinário é segmentado. Nele estão contidos eventos previstos e imprevistos pelo sistema social. E na categoria dos eventos previstos e constituídos, explicitamente, pela própria sociedade, uma dicotomização entre os acontecimentos altamente ordenados (as cerimônias, solenidades, congressos, aniversários, funerais, reuniões etc.) dominados pelo planejamento e pelo respeito (expresso na continência verbal e gestual), e os eventos dominados pela brincadeira, diversão e/ou licença, ou seja, situações em que o comportamento é dominado pela liberdade decorrente da suspensão temporária das regras de uma hierarquização repressora”<sup>161</sup>.

Muito embora, na análise de DaMatta acerca do carnaval, do Dia da Pátria e das procissões religiosas – enquanto ritos extraordinários previstos na vida nacional – estabeleça-se a nítida e restrita diferenciação de perfis entre o que corresponderia a um evento *formal* e o que se

<sup>158</sup> *Jornal dos Sports*, 25 de abril de 1938, p. 1 e 4.

<sup>159</sup> *Jornal dos Sports*, 13 de abril de 1938, p. 1.

<sup>160</sup> DAMATTA. op. cit., p. 47.

<sup>161</sup> *Ibid.*, p. 49.

trataria de uma festividade *informal*, observa-se, no discurso dos promotores do “Churrasco Monstro”, uma simbiose entre o “popular” e o “solene”, como se ambos os aspectos se fundissem na constituição de uma festividade “genuinamente” nacional. Por isso, reivindicava-se, para aquela solenidade, a conotação de consagração popular, mesmo que nela imperassem as características formais de um evento fortemente hierarquizado e ordenado, que se destinaria a reproduzir as regras e as normas sociais.

E fora justamente essa a proposta orientadora das principais iniciativas promovidas em torno da campanha brasileira naquela Copa do Mundo. Dentre todas, a Campanha do Selo foi a de maior alcance, em termos de propagação do ideal de “nação”, erguido e nutrido nas páginas da imprensa esportiva carioca e paulista, com base em noções como as de harmonia social, solidariedade, patriotismo, cidadania e responsabilidade, que deveriam nortear o envolvimento dos torcedores com o *scratch* nacional.

Entretanto, a mesma imprensa especializada entenderia a necessidade de se justificar tamanho apelo, em torno do empreendimento que se tornara a III Taça do Mundo. Sendo assim, dada a demanda pela legitimação de todo o investimento econômico e simbólico, em torno da esperança de uma bem sucedida representação nos gramados europeus, caberia à crônica esportiva a tarefa de edificar uma tradição futebolística vitoriosa, a partir da seleção de alguns triunfos do passado, considerados marcantes para a afirmação do valor do futebol nacional.

Mais que isso, a própria Copa de 1938 se tornaria o episódio consagrador e fomentador de uma embrionária “invenção da tradição” de um futebol “genuinamente” brasileiro, que teria em Gilberto Freyre e Mario Filho os seus grandes defensores.

### 1.3 “Ide para o futuro com os olhos voltados para o passado!”: a invenção de uma tradição futebolística brasileira

Diante dos muitos esforços dirigidos à construção de uma verdadeira “embaixada” nacional, que se encarregaria de representar a nação em território francês, nada mais oportuno

que a promoção de um encontro entre os jogadores do escrete e um dos maiores nomes do futebol paulista e brasileiro, nas décadas de 1910 e 1920: Arthur Friedenreich<sup>162</sup>.

*El Tigre*, como era chamado pela imprensa esportiva, visitou a delegação, durante a sua hospedagem no hotel Carlton, em São Paulo, por ocasião da realização do jogo-treino, no estádio do Palestra Itália, como despedida dos torcedores paulistas. Nesse encontro, Fried fez a leitura de uma carta escrita por ele aos jogadores brasileiros, como demonstração de estima e incentivo:

“Camaradas de futebol! ...

Recebi a notícia da vossa chegada à minha terra – que do futebol brasileiro foi sempre um baluarte – com júbilo, com alegria. E, com alegria e júbilo, é que vos venho saudar e abraçar antes de partirdes.

Selecionados e amparados com desvelo pela CBD, ora sob a patriótica direção do esportista dr. Luiz Aranha, assistidos com carinho como tendes sido pelo técnico Pimenta, amparados como o sois pelo governo federal, estais concomitantemente na obrigação precípua de, encorajados pelo patriotismo brasileiro, levantardes no próximo Torneio Mundial de Futebol, bem alto, o pendão da Pátria, como ele o foi levantado nos torneios do passado, desse mesmo esporte, por nós, os veteranos.

Atentai para os exemplos que ficaram dos torneios sul-americanos e de inumeráveis partidas internacionais, onde nós escrevemos com letras de ouro o nome inconfundível do futebol brasileiro.

Disse acima que me vejo na obrigação de vos vir cumprimentar e abraçar. E isso é verdade, porque essa obrigação é um ditame do meu patriotismo e do meu passado de futebolista que, de 25 anos de *soccer*, só guardo com vaidade a lembrança de ter defendido intransigentemente, fosse aqui, fosse fora da nação, o prestígio do futebol do Brasil.

... Camaradas: se o meu tirocínio de 25 anos de futebol me recomenda a vos falar e a vos pedir algo, eu vos peço simplesmente que defendei a nossa Pátria com ardor, com fibra, mas com cavalheirismo, com elegância, com nobreza e com honra.

Vencer é belo; mas saber vencer é nobre ... O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever.

Essa divisa foi, guardai bem, a legenda eterna dos veteranos do nosso futebol, de que sou aqui um pálido representante, mas pelos quais vos venho trazer o estímulo do passado.

Ide para o Futuro com os olhos voltados para o Passado!”<sup>163</sup>.

No inflamado discurso, Fried se dizia estimulado, pela sua obrigação não apenas como patriota, mas pelo compromisso com o seu próprio passado no futebol. Ao mencionar os 25 anos de uma carreira bem sucedida, o artilheiro ressalva que o maior orgulho não residia nos inúmeros gols marcados ou mesmo nos títulos conquistados, e sim no fato de ter “*defendido*

<sup>162</sup> Arthur Friedenreich nasceu em 18 de julho de 1892, em São Paulo, filho do imigrante alemão Oscar Friedenreich com Matilde Friedenreich, uma lavadeira negra que ele havia conhecido ainda na cidade de Blumenau, em Santa Catarina, onde era comerciante. Por conta de uma forte crise que se abateu sobre a região, em fins do XIX, em um contexto pós-abolicionista, eles se mudariam para São Paulo, capital que viria a ser a terra natal do artilheiro. Para mais informações sobre Friedenreich, ver: GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole**. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo (USP), p. 56.

<sup>163</sup> *A Gazeta*, 23 de abril de 1938, p. 11.

*intransigentemente*” o prestígio do futebol brasileiro. Prestígio este que teria sido “*levantado nos torneios do passado*” pelos veteranos que, como ele, haviam escrito “*com letras de ouro*” o renome futebolístico do país.

Além disso, *El Tigre* fez questão de enfatizar a importância de que as mais nobres virtudes viessem a conduzir os jogadores brasileiros na III Copa do Mundo, empenhando-se os *players* na “*defesa de nossa Pátria*” em gramados europeus. O “*ardor*” e a “*fibra*” de nossos craques deveriam ser combinados a “*cavalheirismo*”, “*elegância*”, “*nobreza*” e “*honra*”, como valores que remetiam a um passado não muito distante do futebol nacional. Um passado que tinha, na figura de Friedenreich, um de seus maiores expoentes e que seria trazido à superfície como forma de disciplinarização do presente.

O futebol de fins do século XIX / início do XX, em São Paulo (onde Fried despontaria para o cenário nacional), se caracterizava como mais uma prática esportiva encarregada de demarcar as fronteiras sociais entre a elite paulistana e a população de baixa renda, que afluía - em número cada vez maior de imigrantes, vindos de diversas regiões do país e do exterior - à metrópole em formação.

Impulsionada pela força do café e tendo as indústrias a se instalar nos espaços localizados preferencialmente entre as ferrovias e as várzeas, a capital paulista sedimentava o seu desenvolvimento na hierarquização do espaço urbano, onde os bairros fabris atraíam a população trabalhadora e imigrante em busca da combinação emprego / moradia barata.

Nessa confecção desigual da teia social de uma grande cidade em construção, a metrópole paulistana viria a ser composta, de acordo com o historiador Nicolau Sevcenko, por indivíduos provenientes de diferentes mundos, em busca da construção de novas identidades, através de laços de solidariedade. Nas palavras do autor, por haver uma demanda por novas “*bases emocionais de coesão, que possam substituir as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou, ao emigrar, essas pessoas se vêm atraídas, dragadas pela paixão futebolística, que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores*”<sup>164</sup>. O futebol então despontaria como uma das alternativas a preencher a lacuna no cotidiano das classes trabalhadoras, na metrópole, ao mesmo tempo em que serviria como espaço de distinção para os membros dos grupos sociais mais abastados.

---

<sup>164</sup> SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, n. 22, Jun-Ago/1994, p. 35.

No contexto de uma República excludente, o discurso das elites paulistanas emergia na tentativa de fazer dos esportes e, essencialmente no que concerne a este trabalho, o futebol, mais um campo de reforço dessa lógica distintiva, fazendo das partidas verdadeiros “acontecimentos sociais”<sup>165</sup>, caracterizando o *foot-ball* como mais um símbolo de modernidade.

Um dos aspectos constantemente advogados, em tal construção, fora a noção de civilidade, que deveria ser expressa na “boa educação” a reger o comportamento de torcedores, dirigentes, árbitros e jogadores, na prática do *foot-ball association*. Segundo Gonçalves Júnior:

“Havia um ideal de respeito e ‘conduta exemplar’ esperado dos atletas, da arbitragem e da torcida. Não se via com bons olhos a violência, o jogo brusco, a deslealdade, tampouco a torcida ruidosa e pouco disciplinada. Todas essas práticas eram desqualificadas no sentido de deslegitimar a participação popular no futebol, ao serem estabelecidas como típicas daquela gente pobre, negra e mestiça que buscava fazer parte daquele mundo reservado a poucos”<sup>166</sup>.

Emblemática, nesse sentido, é a matéria veiculada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, em agosto de 1914, em que se criticava a postura vinda das arquibancadas do Velódromo (então campo do C. A. Paulistano), em relação à atuação do árbitro da partida - que reuniu o time da casa e a A. A. Palmeiras -, ninguém menos do que o próprio Friedenreich (que, naquele ano, além de arbitrar alguns jogos, foi o artilheiro do campeonato paulista, atuando pelo modesto Ipiranga):

“(…) Reprovamos sempre o procedimento dos ‘torcedores’ extremados, que se julgam no direito de dirigir ao juiz os mais descabidos gestos, esquecendo, às vezes, os mezinhos princípios de boa educação e posição social dos *foot-ballers* da Associação Paulista e dos frequentadores do Velódromo, pertencentes todos à melhor sociedade paulista”<sup>167</sup>.

Fato é que Friedenreich (outrora “vítima” de uma assistência caracterizada pelo comportamento “nada cavalheiresco” diante de sua arbitragem) viria então a reforçar o apelo da imprensa esportiva, durante a preparação para a Copa de 1938. Na carta já mencionada, o artilheiro legitimava a importância de suas palavras dirigidas aos jogadores do *scratch*, por se considerar um “digno” representante de um passado “glorioso” do futebol brasileiro, o encarregado de transmitir-lhes as esperanças e as responsabilidades depositadas por todos naquele grupo. O “estímulo do passado” vinha sob o ensinamento de que, mais do que a vitória, importava a maneira pela qual se alcançava o triunfo, daí os dizeres de *El Tigre*: “*vencer é belo, mas saber vencer é nobre*”.

<sup>165</sup> GONÇALVES JÚNIOR. op. cit., p. 22.

<sup>166</sup> Ibid.

<sup>167</sup> *O Estado de São Paulo*, 24 de agosto de 1914 apud GONÇALVES JÚNIOR. op. cit., p. 23.

É dessa forma que, no momento que antecede a Copa do Mundo de 1938, os principais cronistas esportivos do Rio e de São Paulo recorrem ao recurso da “*invenção de uma tradição*” para legitimar seus auspícios acerca daquela campanha, objetivando a associação de uma imagem vitoriosa do futebol brasileiro a uma postura cavalheiresca e disciplinada dos jogadores, bem como aos ideais de harmonia social e democracia racial, que deveriam nortear a unidade nacional em torno do escrete na III Taça do Mundo. De acordo com o historiador Eric Hobsbawm, por “*tradição inventada*”:

“(…) entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”<sup>168</sup>.

Tomando como base a consideração do caráter disciplinador e regulador, que pode ser operado pela *invenção* de uma tradição - como sugerido por Hobsbawm, engendra-se um aspecto determinante, que é o de definir ou consolidar determinadas normas e valores como sendo paradigmáticos. O passado construído e - por isso mesmo - selecionado emerge então como elemento orientador das práticas e das ações do presente, a fim de moldá-lo de acordo com os interesses dominantes.

Logo, a linha de continuidade que se pretendia evocar, com a recuperação e a constituição de um passado de conquistas do nosso futebol, fundava-se na seleção e na glorificação de episódios, tomados como representações apropriadas do que haveria de melhor na curta trajetória do *association* em nossos gramados. As campanhas vitoriosas evocadas ensinariam - ao menos na visão dessa imprensa esportiva - o rumo a ser tomado por dirigentes e jogadores, para que a Copa de 1938 corroborasse a “tradição vitoriosa” do futebol brasileiro. Nas páginas d’*A Gazeta* e do *Jornal dos Sports*, matérias e crônicas se repetiam, no intuito de propagar os princípios basilares que possibilitariam um novo êxito.

Dentre os episódios rememorados, a então recente conquista da Copa Rio Branco de 1932 - em pleno Estádio Centenário de Montevideú, contra a favorita seleção uruguaia, era dos mais requisitados nas páginas esportivas. A célebre conquista foi motivo de lembrança dos cronistas esportivos, como ocorreu no *Jornal dos Sports*, em matéria que apostava no apoio de “todos” ao selecionado nacional. Nela, o autor traçava um prognóstico muito mais animador, quanto à

---

<sup>168</sup> HOBBSAWM, Eric J. & RANGER, Terence (org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

participação popular na despedida ao *scratch* da capital federal, antes daquela Copa do Mundo, prevendo-se um cenário bastante diferente do que ocorrera no ano de 1932. Dessa vez a seleção não se sentiria desamparada:

“Aqui só há um desejo: o mesmo que impulsionará vocês na arrancada maravilhosa. Por isso, todos trouxeram um grão de areia para erguer um pedestal. Em outras oportunidades vocês partiram sozinhos. Lembra-nos até uma noite chuvosa, quando uns jogadores cariocas seguiram para enfrentar os campeões do mundo. Entristecia a despedida. Éramos cinco a desejar boa sorte e as palavras sabiam o desânimo. Para a conquista da Copa Rio Branco os jogadores cariocas partiram sozinhos. Para a conquista da Copa do Mundo vocês não estão sós”<sup>169</sup>.

Na mensagem do anônimo cronista, contrapunha-se a falta de apoio popular antes da disputa da Copa Rio Branco de 1932 à projeção de uma grande celebração, que marcaria a partida do selecionado para a disputa da Copa do Mundo de 1938. No primeiro episódio, o momento do embarque dos jogadores cariocas que compunham a seleção teria sido acompanhado por pouquíssimos admiradores, em uma fiel representação da descrença quanto às possibilidades de sucesso em Montevidéu.

A peleja realizada no dia 4 de dezembro de 1932, no estádio Centenário de Montevidéu, marcaria uma das maiores conquistas do futebol brasileiro. Não bastasse o fato de o Uruguai deter os títulos de bicampeão olímpico (1924-28) e primeiro campeão mundial (1930), o selecionado brasileiro não dispunha de seus maiores nomes, casos dos atacantes Nilo e Carvalho Leite, além dos meias Preguinho e Russinho. Desse modo, não se esperava muita coisa do confronto, como conta Mazzoni:

“A situação não se apresentava muito boa para a CBD organizar o quadro. Não contaria com nenhum elemento paulista. A revolução (Constitucionalista de 1932), o campeonato atrasado, os incidentes da partida de 5 de julho, no Rio (primeiro jogo da Copa Rio Branco onde o Brasil venceu os uruguaios por 2 a 0) não deram nenhuma esperança da APEA ceder qualquer seu jogador.

No próprio Rio, a AMEA, que tinha como presidente o Dr. Rivadávia Corrêa Meyer, não pode dispor, no momento um punhado de seus melhores elementos por diversos motivos ...

Isso veio levantar uma onda de pessimismo. A seleção nacional seria organizada a base de gente nova ... Quase todos os que foram incluídos na turma iriam se exibir pela primeira vez no estrangeiro. Leônidas, Domingos, Vitor, Gradim etc. nunca tinham saído do Brasil”<sup>170</sup>.

Entretanto, mesmo com todo o descrédito que recaía sobre os ombros daquela jovem seleção, o Brasil acabaria por impor uma das maiores surpresas vivenciadas pela seleção

<sup>169</sup> *Jornal dos Sports*, 30 de abril de 1938, p. 2.

<sup>170</sup> MAZZONI, op. cit., p. 235, grifo nosso.

uruguaia, em seus domínios. Leônidas da Silva fora o grande destaque da partida, marcando um gol em cada tempo. Apesar dos uruguaiois descontarem o marcador, com um gol do meia Garcia, não foi o suficiente para impedir a derrota, pelo placar final de 2 a 1:

“A vitória em campo estrangeiro, somente era comparável ao triunfo na Copa Roca de 14, em Buenos Aires. Vitor, Martim, Leônidas e Jarbas foram os grandes valores do feito. Entretanto, a façanha não terminou aí. O quadro passou a representar em seguida a AMEA e disputou mais dois jogos amistosos, contra o Nacional e o Peñarol. Derrotou o primeiro por 2 a 1 e o segundo por 1 a 0. Na volta, os rapazes brasileiros tiveram uma festiva e ardorosa recepção no Rio. Estava definitivamente consagrada a geração de Domingos e Leônidas”<sup>171</sup>.

A lembrança da Copa de Rio Branco de 1932 era utilizada para ressaltar a capacidade que o futebol brasileiro teria de superar as circunstâncias mais adversas. Esse foi recurso utilizado pelo cronista do *Jornal dos Sports* na coluna “Críticas e Sugestões”, enfatizando que a conquista “mais preciosa” do futebol brasileiro (até então) fora alcançada por um *scratch* carioca, desacreditado quanto às suas reais chances de vencer os campeões mundiais, na casa dos adversários. Mais uma vez, os conflitos esportivos impediriam que os jogadores dos clubes paulistas integrassem o selecionado, de todo modo, novamente o triunfo sobre a celeste olímpica era trazido à tona:

“Imaginemos, para bem nosso, que os obstáculos são ainda mais difíceis de transpor e que precisamos atingir quase o impossível para transpô-los. Recordemos, então, a ‘Copa Rio Branco’, guardada hoje como relíquia, e que constitui o troféu mais precioso já conquistado pelo *football* brasileiro. Cinco pessoas foram ao cais para desejar boa sorte ao *scratch* carioca, em uma noite chuvosa em 32. A situação transformou-se e todos confiam, agora, no *scratch* brasileiro. É preciso considerar o apoio geral, unânime, irreprimível, como um estímulo e não como uma antecipação do triunfo”<sup>172</sup>.

Algumas semanas depois, na mesma coluna, mais uma vez a narrativa épica do triunfo de 1932 deveria avivar os ânimos e as esperanças dos torcedores e dos jogadores brasileiros, rumo à inédita conquista do campeonato mundial de 1938:

“(…) Um triunfo na disputa da ‘Taça do Mundo’ representará uma confirmação do entusiasmo sem fronteiras. Apesar de afastados milhares de quilômetros da pátria, os jogadores do Brasil sabem disso. Desejávamos apenas que mostrassem a fibra, a vontade de vencer, o ímpeto irresistível exibido na disputa da ‘Copa Rio Branco’. Aquela tarde gloriosa de Montevideú é o exemplo mais eloqüente que poderíamos mostrar aos rapazes que defenderão o renome esportivo do Brasil. E a ‘Copa Rio Branco’ afirma que é possível, também, a conquista da ‘Taça do Mundo’”<sup>173</sup>.

<sup>171</sup> Ibid., p. 236.

<sup>172</sup> *Jornal dos Sports*, 10 de abril de 1938, p. 2.

<sup>173</sup> *Jornal dos Sports*, 4 de junho de 1938, p. 2. O próprio Mario Filho escreveria um livro sobre o triunfo brasileiro contra os uruguaiois em 1932, e que teve o prefácio escrito pelo cronista, romancista e amigo José Lins do Rego, traduzindo o sentimento daquela geração sobre a miscigenação, verificada no escrete brasileiro e proposta, em sua

Entretanto, se, nas páginas do diário esportivo carioca, aquela “*tarde gloriosa de Montevideú*” era “*o exemplo mais eloqüente*” a conduzir o selecionado de 1938, nas crônicas da seção esportiva d’*A Gazeta*, a conquista da Copa Rio Branco não assumia o mesmo relevo, algo diretamente ligado ao fato de a base daquela seleção ter sido formada, principalmente, por jogadores do Rio de Janeiro.

Para preencher a demanda pela rememoração de grandes conquistas do futebol nacional, uma matéria resgatava o “*primeiro grande feito*” do futebol brasileiro, em gramados estrangeiros. Sob o título “*Data Gloriosa*”, lembravam-se os 13 anos da vitória por 7x2 do C. A. Paulistano sobre um selecionado francês, em Paris, fato ocorrido no dia 15 de março de 1925. Pela primeira vez, os brasileiros eram chamados de “*les rois du foot-ball*” (os reis do futebol), título que estamparia a matéria do jornal francês *Le Journal* sobre o surpreendente resultado do prélio:

“A data de hoje é uma das mais gloriosas para o futebol pátrio. No dia 15 de março de 1925 estreava, em Paris, no estádio de Búffalo, o ‘onze’ do C. A. Paulistano, vencendo a seleção da França por 7x2. No dia seguinte aparecia, estampada nos jornais parisienses, a legenda famosa ‘les brasieliens, rois du foot-ball’.

Foi o primeiro feito do futebol nacional no estrangeiro, que empolgou o Brasil de norte a sul.

Vale à pena recordar, este ano, tão grata e saudosa efeméride, em véspera, como estamos, de ver os nossos ‘azes’ atuar nos campos daquele mesmo país. Oxalá que o espírito daquele formidável conjunto, que foi o Paulistano, se apodere do ‘onze’ nacional, que irá se empenhar na ‘Taça do Mundo’”<sup>174</sup>.

A rememoração do episódio se fazia ainda mais conveniente, não apenas por se tratar de uma vitória de um clube brasileiro, no país que abrigaria a próxima Copa do Mundo, mas, principalmente, por corresponder a um triunfo glorioso conquistado por um clube que carregava as suas origens e a “paulistanidade” em seu próprio nome. Por isso mesmo, evocava-se um feito

---

valorização positiva, a partir do pensamento freyreano. Tal prefácio foi intitulado “*A biografia de uma vitória*” e Zélin, como era conhecido, se referia assim à obra de Mario Filho: “*Mário Filho escreveu a biografia de uma vitória. Nela pôs todas as cores do Brasil. Os rapazes que venceram em Montevideú eram um retrato de uma democracia racial, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martins. Tudo feito à boa moda brasileira, na mais simpática improvisação. Lendo este livro sobre foot-ball, eu acredito no Brasil, nas qualidades eugênicas dos nossos mestiços, na energia e na inteligência dos homens que a terra brasileira forjou com sangues diversos, dando-lhes uma originalidade que será um dia o espanto do mundo*” (LINS DO REGO, José. Prefácio. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **Copa Rio Branco 32**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943. apud SOARES, Antônio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: Alabarces, P. (ed.). **Futbologias: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Clacso-Grupo de Trabajo Deporte e Cultura. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003, p. 149-150. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/alabarces/PII-Soares.pdf> Acesso em: 2 fev. 2010).

<sup>174</sup> *A Gazeta*, 15 de março de 1938, p. 9.

não somente brasileiro, mas também paulista, como marco do futebol nacional e com os votos de que o mesmo “espírito” movesse o selecionado brasileiro, na disputa da Copa de 1938.

A marcante campanha empreendida pelo clube paulista, no Velho Continente, teve em seu primeiro desafio, a maior consagração. A partida contra a seleção francesa, no campo de Bufallo, foi acompanhada por numerosa assistência, com direito inclusive à presença de autoridades, como o representante oficial do governo francês, o governador de Paris, além do embaixador brasileiro Souza Dantas e o ex-governador de São Paulo e então candidato à presidência, Washington Luís. Dentro de campo, a goleada de 7 a 2 surpreendeu a todos (com destaque para *El Tigre* que anotou três tentos) e teve grande repercussão na imprensa francesa, bem como nos jornais brasileiros e argentinos, sendo tratado como um feito de relevo para o futebol sul-americano <sup>175</sup>.

O itinerário de sucesso do C. A. Paulistano, em gramados europeus, serviria à imprensa paulista como oportuno episódio para a exaltação do “*mito bandeirante*” <sup>176</sup> resgatado nas crônicas esportivas, em sua importância, para a construção e unificação do território nacional. Da mesma forma, no campo esportivo, a equipe paulista também contribuíra para a construção de uma imagem vencedora do futebol brasileiro no estrangeiro. Mais uma vez, São Paulo emergia como vanguarda nacional e, sob o feito do Paulistano, a construção simbólica da “paulistanidade” surgia, como tentativa de mascarar a diversidade e as desigualdades que caracterizavam a formação da metrópole heterogênea, argumentando-se em favor de sua integração cultural, dos imigrantes de origens diversas, dos negros, dos mulatos e dos brancos, do café e da indústria, de um passado recriado e de uma modernidade incipiente, oferecendo um paradigma de uma identidade mestra, que congregasse os diferentes grupos e funcionasse como fio condutor do

<sup>175</sup> Dando prosseguimento à excursão, o Paulistano venceria o Stade Française, por 3 a 1 (três gols de Fried). Na cidade de Cette, a equipe não teria a mesma sorte e sofreria sua única derrota (1 a 0), para o Cette F. C., resultado atribuído, pela imprensa esportiva paulistana, à má atuação da arbitragem, tornando esse episódio conhecido como *injustiça de Cette*. Em seguida, goleada sobre o Bastidienne (4 a 0), com direito a três gols de Fried. Depois, vitória apertada sobre o Havre, por 2 a 1. O itinerário na França seria interrompido por uma breve passagem pela Suíça, inaugurada com nova vitória (2 a 1) sobre o Strasbourg. Na cidade de Berna, mais um triunfo, dessa vez por 2 a 0, contra o Auto Tour. O grande desfecho das exposições nesse país se deu na cidade de Zurich, com a vitória por 1 a 0, sobre uma equipe equivalente ao selecionado suíço. De volta à França, o Paulistano faria seu último jogo em Rouen, vencendo por 3 a 2 o combinado local. Apesar dos muitos convites recebidos para dar continuidade àquela excursão, a delegação brasileira deixaria Paris no dia 23 de abril, fazendo ainda uma escala em Lisboa, onde se despediria da Europa com mais uma exibição de gala, goleando a seleção de Portugal, por 6 a 0. Ver: GONÇALVES JUNIOR. op. cit., p. 46-48.

<sup>176</sup> De acordo com Melina Pardini, o mito bandeirante edificara-se na proposição de exaltar a importância dos caminhos abertos pelos desbravadores paulistas pelo interior do país, caminhos estes fundamentais não só à comunicação entre as diferentes regiões brasileiras bem como ao processo de unificação territorial. Para mais detalhes, ver: PARDINI, Melina. op. cit., p. 205.

futuro. Uma identidade que teve, no futebol e em Friedenreich, um de seus maiores símbolos e que se erguia numa oposição fundamental, em relação ao “ser carioca”, além de apresentar outros importantes moldes:

“(…) O processo de recriação do passado, empreendido em São Paulo a partir da canonização do mito do bandeirante e da produção de um imaginário laudatório da paulistanidade foram o substrato a partir do qual operaram os fenômenos de adesão, assimilação, resistência e exclusão daquelas populações aos padrões hegemônicos. A chamada ‘ideologia da paulistanidade’ buscava legitimar uma idéia de pujança paulista atrelada por sua vez ao âmbito da modernidade... O moderno traria em seu bojo a emancipação, a autonomia... O estímulo à iniciativa, à ruptura de laços, à ousadia conectava em uma mesma direção um presente caótico e um passado reinventado, e essa direção era a de um futuro que se pretendia grandioso. Os paulistas, inclusive os recém-chegados, deviam ser sempre bandeirantes. A modernidade, conjugada àquela tradição forjada dava sentido à intrincada e aparentemente incongruente realidade presente e lançava as bases seguras de um futuro que só poderia ser promissor. E o futebol – e claro, seus ídolos e repertório simbólico – acabou por servir como uma peça a mais nesse discurso, sobretudo através da maneira pela qual era tomado pela imprensa como mais uma manifestação da grandeza paulista. Cultura física, movimento, dinamismo, velocidade, força, coragem eram valores que confeririam identidade àquela cidade e amalgamavam em um discurso comum a reinterpretção do passado bandeirante, a vida atual que se pretendia moderna e o próprio futebol”<sup>177</sup>.

Vale a consideração de que tal vitoriosa excursão do Paulistano à Europa - tendo em Friedenreich um de seus maiores destaques<sup>178</sup> - ocorreu em um momento em que o futebol sul-americano passava a ser observado com maior admiração por parte dos europeus, principalmente após o triunfo dos uruguaios, nas Olimpíadas de 1924, levando clubes de destaque do continente (como o Nacional (Uruguai) e o Boca Juniors (Argentina)) a serem convidados para a realização de uma série de amistosos no Velho Continente.

Todavia, notícias deste e de outros acontecimentos seriam resgatadas das páginas esportivas d’A *Gazeta*, com o desvelado intuito de glorificar o renome esportivo de São Paulo, pois, pelos esforços e conquistas despendidos pelos futebolistas desta capital, que o futebol brasileiro poderia então reivindicar uma “tradição vitoriosa”, como justificativa às aspirações de conquista do inédito título mundial. Tanto o era que, em mais uma crônica escrita por Mazzoni, intitulada “*A tradição será respeitada!*”, sublinha-se a importância do futebol de São Paulo para a glória futebolística da nação:

<sup>177</sup> GONÇALVES JÚNIOR. op. cit., p. 85-86.

<sup>178</sup> Friedenreich participaria como sargento e tenente das tropas paulistas na Revolução Constitucionalista de 1932, naquela oportunidade, também doou seus troféus para a campanha *Ouro para o Bem de São Paulo*, e entraria definitivamente no *hall* dos heróis paulistas, deixando de ser somente um herói dos gramados. Cf. GONÇALVES JUNIOR. op. cit., p. 49.

“A tradição vai ser mantida. É uma tradição que persiste, orgulhosamente para o futebol de São Paulo e para a glória do brasileiro. Dos 24 ‘azes’ que irão à França defender o Brasil na ‘Taça do Mundo’, 12 são autênticos campeões e ídolos paulistas!

Não importa, não quer dizer nada se a maior parte desses jogadores hoje estão ligados por contratos a clubes do Rio. O fato é que São Paulo foi e continua sendo o principal celeiro de ‘azes’, o maior centro técnico do futebol nacional. Cinquenta por cento, pois, da seleção brasileira, é paulista.

No longínquo 1914, quando pela primeira vez se organizou um quadro Rio - São Paulo, para lidar com os professores ingleses do ‘Exter City’, partiram da Paulicéia os bandeirantes, daquela primeira grande conquista esportiva do Brasil: Rubens, Lagreca, Formiga e Friedenreich foram os artífices da heróica vitória sobre os britânicos! Estes não podiam julgar que aqui encontrariam um futebolista genial como Friedenreich!

O passo inicial estava dado na iniciativa de se congregarem os melhores “azes” nacionais em defesa das cores verde-amarelas. ...

E em 1919, no primeiro título sul-americano que o Brasil conquistou, no ano que muito bem pode figurar na história do Brasil, sem nenhum exagero, como o ano de ‘El Tigre’, já não foram 4 nem 5 os ídolos do ‘association’ de São Paulo, que defenderam as cores pátrias, foram 8! Atingiu o apogeu então o futebol brasileiro da primeira geração.

Blanco, Sergio, Amílcar, Milton, Heitor, Friedenreich, Neco e Arnaldo constituíram a base de ferro da seleção!

Já estava, pois, fixada a tradição”<sup>179</sup>.

Após registrar a contribuição paulista no primeiro jogo disputado por um selecionado brasileiro (contra a equipe inglesa do Exeter City<sup>180</sup>), bem como na conquista do sul-americano de 1919<sup>181</sup>, Mazzoni analisou a equipe de 1938 e deu continuidade aos seus comentários nostálgicos acerca do papel do futebol paulista para o prestígio do futebol pátrio. Dentre as conquistas listadas, propositalmente, não se encontra a Copa Rio Branco de 1932, em que a seleção foi formada, essencialmente, por jogadores que atuavam no Rio de Janeiro. Daí também o paralelo insistentemente traçado, nas páginas do *Jornal dos Sports*, entre essa conquista e a seleção de 1938. A rivalidade entre cariocas e paulistas se manifestava também no terreno da

<sup>179</sup> *A Gazeta*, 27 de abril de 1938, p. 8.

<sup>180</sup> Este primeiro jogo disputado pelo selecionado brasileiro ocorreu no ano de fundação da Federação Brasileira de Sports, em 1914. A partida contra o Exeter City fora disputada no dia 27 de julho, no campo do Fluminense, e terminaria com o triunfo brasileiro, pelo placar de 2 a 0.

<sup>181</sup> No que diz respeito à repercussão do triunfo brasileiro na final do Sul-Americano do Rio de Janeiro, em 1919, contra os uruguaios, com gol de Fried, o choro *Um a Zero*, composto por Pixinguinha e Benedito Lacerda, originalmente sem letra e posteriormente letrado por Nelson Ângelo, é representativo daquele momento de consagração do futebol brasileiro e de *El Tigre*:

***Um a Zero***

...

*Mas, numa jogada genial,*

*Aproveitando o lateral*

*Um cruzamento que veio de trás*

*Foi quando alguém chegou*

*Meteu a bola na gaveta*

*E comemorou* (Pixinguinha, Benedito Lacerda e Nelson Ângelo) Cf. GONÇALVES JUNIOR. op. cit., p. 51.

tradição, cada qual construindo uma narrativa que corroborasse o papel de relevo de um dos lados em disputa para a coroação do futebol brasileiro:

“(…) Na situação atual, é sabido, perdemos cada vez mais os nossos campeões, mas o que importa termos em conta é que esses elementos são legítimos produtos da escola daqui, paulista é o seu temperamento esportivo, paulista é a sua técnica, estilo, disciplina, e a sua classe.

E, como vemos, o tempo passa, mas primamos sempre em quantidade e qualidade. A tradição ao invés de enfraquecer, fixa-se cada vez mais. Doze serão desta vez os titulares e reservas paulistas.

Não importa, é secundário o fato de muitos desses “azes” pertencer, no momento, a clubes que não são do nosso ambiente”<sup>182</sup>.

Para concluir a crônica, Mazzoni procurou justificar seu pensamento, através da ênfase na necessidade de superação dos partidarismos, dos interesses clubísticos e, embora sua prática não se harmonizasse com seu discurso, das rivalidades regionais. Contudo, inúmeras de suas crônicas, naquele ano de 1938, traziam a latente preocupação de celebrar o futebol brasileiro, ainda que não um “Brasil” qualquer, mas o “Brasil” que se constituía cada vez mais nas marcas de São Paulo:

“(…) Não são os clubes, como, aliás, não são os nomes dos Estados que contam em se tratando do ‘XI’ nacional brasileiro.

É um justo orgulho esportivo, todavia, frisarmos que são ‘azes’ ídolos da torcida daqui e que o futebol paulista foi, é e será sempre o maior padrão técnico do país e glória do futebol brasileiro! …”<sup>183</sup>.

E, na medida em que se traçava uma disputa em torno da construção de uma tradição futebolística nacional, a própria Copa do Mundo de 1938 assumiria o papel de maior relevo no panteão das conquistas nacionais. O inédito terceiro lugar, alcançado na França, se constituiria em solo fértil para a construção de um estilo brasileiro de jogar bola, cujas características expressariam o próprio Brasil. Para tanto, o contexto dos anos 1930 e 1940 - que define mais nitidamente essa construção - seria extremamente propício para o surgimento de obras clássicas como *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos* de Gilberto Freyre<sup>184</sup>, *Raízes do Brasil* de Sérgio B. Holanda<sup>185</sup>, e *O Negro no Foot-ball Brasileiro* de Mario Filho<sup>186</sup>, por acompanhar o processo de construção da identidade nacional desenvolvido pelo regime varguista. Tais obras se empenhariam no combate às teorias que apontavam para a inferioridade brasileira, com base

<sup>182</sup> *A Gazeta*, 27 de abril de 1938, p. 8.

<sup>183</sup> *Ibid.*

<sup>184</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933; \_\_\_\_\_. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcalo rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

<sup>185</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>186</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. (4ª edição). Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

em nossa formação social marcada pela mestiçagem, tomada sob o ponto de vista biológico, como uma mistura de espécies que desencadearia a geração de um grupo estéril, um impedimento à civilização. A mestiçagem, a partir de Freyre, torna-se uma virtude brasileira e nosso diferencial, como argumenta André Botelho:

“Ao tentar mapear a sociedade brasileira, através da formação da família patriarcal, Gilberto Freyre revoluciona os estudos das relações raciais no Brasil. Lutando contra os mitos negativos do racismo, e fundando a noção de democracia racial. Antes dele, a discussão sobre as questões raciais girava em torno de graves preconceitos encontrados em várias teorias.

A primeira ... apontava a miscigenação como uma característica irreversível. Principal responsável pelo fracasso do país enquanto nação. A miscigenação vista sob um prisma biológico, ao proporcionar a mistura de diferentes ‘espécies’, levava inevitavelmente a formação de um grupo estéril, sob diversos pontos de vista. De acordo com esta teoria, a sociedade brasileira estava irremediavelmente impedida de civilizar-se.

O segundo ponto de vista está ligado diretamente ao primeiro. Diz respeito às teorias que visavam ‘consertar’ esta situação de inferioridade. Partindo da miscigenação com principal impeditivo da superação dos problemas brasileiros, a única solução encontrada seria a reversão deste problema, através de uma política de branqueamento. A eliminação das heranças deixadas pelos negros daria um impulso decisivo na modernização ao país.

Mediante a um profundo levantamento documental, o conjunto da obra de Freyre, vai criticar severamente essas teorias racistas. E tomando uma direção oposta, seu pensamento pode ser visto como um elogio da mestiçagem.

Colocando a idéia de raça em segundo plano e superdimensionando a cultura, constrói-se uma via que permite uma concreta possibilidade para valorização da contribuição do negro, do europeu e do índio para a formação da identidade nacional”<sup>187</sup>.

Nesse sentido, compreende-se o impacto positivo gerado por *Casa-Grande & Senzala*, no momento de sua publicação, cujo valor reside na própria singularidade da abordagem freyreana, na evocação das virtudes da mestiçagem para a formação sócio-cultural brasileira. Uma leitura feita sob influência da antropologia cultural norte-americana (marcadamente a partir de sua relação com Franz Boaz, em seu período de estudos nos EUA), cuja receptividade pode ser também entendida pelas demandas sociais, bem como políticas, de um período marcado pela mudança do regime oligárquico ao ditatorial varguista, que trazia, como base de sustentação, o projeto de construção da identidade nacional. Um projeto que, em última instância, visava o fortalecimento do poder central, segundo Tiago Maranhão:

“A calorosa acolhida da nova e ‘verdadeira’ identidade coletiva, mestiçamente definida, proposta por Gilberto Freyre, explica-se pelo original traço integrador em sua reinterpretação da história do Brasil. Ao equilibrar os antagonismos sócio-raciais do passado, sem anular a especificidade das diferenças, o escritor pernambucano ia ao encontro da demanda social (e também política) do presente, colocando a velha e problemática questão nacional em novos - e atuais - termos: nossa singularidade enquanto povo vem da mestiçagem e isso seria motivo de orgulho, não de vergonha. Assim, ainda

---

<sup>187</sup> BOTELHO, op. cit., p. 19.

que deixasse transparecer certa nostalgia das oligarquias, Casa-Grande & Senzala pôde ser interpretado como uma afirmação corajosa de crença no Brasil, no mestiço e no negro”<sup>188</sup>.

Tal pensamento servirá como sustentação e legitimação de práticas populares que se difundiam cada vez mais na vida nacional, principalmente, o futebol, que, com a popularização característica das décadas de 1910, 1920, 1930 e a inserção de negros e mulatos nos grandes clubes do país, ganhava já os contornos de expressão cultural do “ser brasileiro”, no que havia de mais genuíno nesse perfil. Todavia, foi durante a Copa de 1938 que Freyre exporia de maneira mais elaborada o que havia insinuado a respeito do futebol brasileiro em *Sobrados e Mucambos*, por meio do célebre artigo “*Foot-ball mulato*”, escrito para os *Diários Associados* e publicado no *Diário de Pernambuco*:

“Um repórter me perguntou anteontem o que eu achava das admiráveis performances brasileiras nos campos de Estrasburgo e Bordeaux.

Respondi ao repórter - que depois inventou ter conversado comigo em plena praça pública, entre solavancos da multidão patriótica na própria tarde da vitória dos brasileiros contra os tchecoslovacos – que uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um *team* fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns é certo; mas grande número pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros.

Porque a escolha de jogadores brasileiros para os encontros internacionais andou por algum tempo obedecendo ao mesmo critério do Barão de Rio Branco quando senhor todopoderoso do Itamaraty; nada de pretos nem de mulatos chapados, só brancos ou então mulatos tão claros que parecessem brancos ou, quando muito caboclos, deviam ser enviados ao estrangeiro...

Morto Rio Branco, desaparecia o critério antibrasileiro do Brasil se fingir de República dos arianos perante os estrangeiros distantes que só nos conhecem através de ministros ruivos ou de secretários de delegação de olhos azuis. E de tal modo desapareceria o falso e injusto critério da seleção de louros que o próprio Barão seria substituído no Itamaraty por mulatos ilustres – um deles o grande brasileiro que foi Nilo Peçanha.

Nilo Peçanha ... Assistindo, também anteontem, à fita que reproduz o jogo dos brasileiros contra os poloneses, foi de quem me lembrei – de Nilo Peçanha. Porque o nosso estilo de *foot-ball* lembra o seu estilo político.

O nosso estilo de jogar *foot-ball* me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política ...”<sup>189</sup>.

O artigo, publicado após a vitória brasileira na segunda partida contra os tchecos, não se tratava de uma voz solitária, a defender a diferenciação do estilo brasileiro, em relação ao estilo europeu de jogar *foot-ball*, haja vista que os próprios jornais do Velho Continente tratavam de reconhecer a distinção. Tampouco se tratou de uma sentença pioneira já que, como bem lembra

<sup>188</sup> MARANHÃO, T. J. F. de Albuquerque. *Apolo versus Dionísio no campo da História: o futebol em Gilberto Freyre*. **efdeportes Revista Digital** - Buenos Aires - Año 10 - N° 73 – jun. de 2004. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd73/freyre.htm>. Acesso em: 09/05/2010.

<sup>189</sup> *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p. 4.

Franzini, na conquista do Sul-Americano de 1919, no Rio de Janeiro, já havia, nos jornais que cobriram o triunfo, apontamentos de que a vitória veio pela aplicação de um sistema de jogo muito mais baseado na individualidade e na técnica, em contraposição à força do jogo coletivo de nossos rivais <sup>190</sup>. Contudo, a originalidade de Freyre reside no fato de apresentar esse estilo brasileiro de jogar futebol em termos culturais, “*tomando-o como manifestação própria daquela singularidade maior que distinguiria o povo brasileiro*” <sup>191</sup>.

No trecho acima citado, Freyre recorre ao terreno da política, a fim de mais bem explicitar que o *foot-ball*, a partir da seleção de 1938, finalmente se constituíra, em sua visão, como a “legítima” expressão da sociedade brasileira. Deixávamos de nos preocupar em forjar uma imagem de “*República dos arianos*” perante os europeus e expúnhamos “*corajosamente*”, naquele grupo de jogadores, a mestiçagem que nos seria característica, proporcionando, afinal, aos torcedores do Velho Continente, o deleite do contraste.

Dessa forma, nos despíamos dos “pudores” que orientavam a política externa do diplomata Rio Branco e assumíamos o “*mulatismo*” de nossos gramados, tal qual o fizera Nilo Peçanha na política, alcançando os cargos mais representativos mesmo nos primeiros anos de uma República excludente <sup>192</sup>. Nas palavras de Freyre, acabava de se definir “*de maneira inconfundível*” o nosso peculiar estilo de jogar *football*, como se é possível deprender de mais um trecho do mesmo artigo:

“Os nossos passes, os nossos pitu’s, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar *foot-ball*, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir ... o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.

<sup>190</sup> De acordo com Franzini, o papel de relevo da conquista daquele Sul-Americano deve ser visto também por trazer os primeiros apontamentos acerca de uma maneira peculiar brasileira de jogar futebol, a partir da análise da imprensa esportiva sobre o feito, alcançado diante dos uruguaios: “*Com o título, o futebol, pouco mais de duas décadas depois de lançar suas raízes entre nós, unia o país e proporcionava uma vívida manifestação popular de orgulho patriótico. Na bela expressão de Nicolau Sevcenko, era a “descoberta de uma vocação” ... coisa que a imprensa da época parece confirmar: matéria do jornal O Estado de S. Paulo publicada dias depois da conquista, em 1º de junho, por exemplo, afirmava que “os jogadores brasileiros evidenciaram possuir as melhores qualidades que se podem desejar em ‘footballers’, qualidades que somente eles, e nenhum outro povo, reúnem todas”. Alguns meses mais tarde, com os ânimos mais serenos, o jornalista Américo R. Netto retomaria essa idéia para anunciar o surgimento de certa “escola brasileira de futebol”, cuja originalidade se basearia no talento individual de nossos atletas*”. Ver: FRANZINI In MELO & DEL PRIORE (orgs.). op. cit., p. 129.

<sup>191</sup> MARANHÃO, op. cit., s/n.

<sup>192</sup> Nilo Peçanha iniciou sua carreira política como um dos fundadores do Clube Republicano na cidade de Campos (RJ), sua terra natal. Formado pela Faculdade de Direito de Recife, construiu sua trajetória no poder público como deputado durante o governo provisório do Marechal Hermes da Fonseca, elegendo-se governador e senador pelo estado do Rio de Janeiro, ainda em 1903. Três anos depois, se tornaria vice-presidente da República do governo Afonso Pena e, com a morte deste em 1909, assumiria a presidência até o fim do mandato, encerrado em 1910.

Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de *foot-ball*; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ... inimigo do formalismo apolíneo, ... e dionisíaco a seu jeito, o grande jeitão mulato ... Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de estandardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal.

No *foot-ball* como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreios que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas, sobretudo, de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improvisado, a diversidade, a espontaneidade individual. ...

Enquanto o *foot-ball* europeu é uma expressão apolínea ... de método científico e de *sport* socialista em que a pessoa humana resulta mecanizada e subordinada ao todo, o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha. O mulato brasileiro deseuropeizou o *foot-ball* dando-lhe curvas arredondadas e graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o cronista europeu que chamou aos jogadores brasileiros de 'bailarinos da bola'. Nós dançamos com a bola... O estilo mulato, afro-brasileiro, de *foot-ball* é uma forma de dança dionisíaca”<sup>193</sup>.

É por isso mesmo que - mais do que uma distinção restrita à prática futebolística - a oposição entre os estilos apolíneo e dionisíaco, evocada por Freyre, diz respeito ao confronto entre um perfil cultural “apolíneo” (racional, equilibrado, ordeiro, formal, de supremacia do coletivo sobre o individual), que seria marcadamente europeu, e outro “dionisíaco” (espontâneo, individual, improvisado, imprevisível, livremente dançante) próprio ao nosso mulatismo. Para Maranhão, o recurso a tais figuras emblemáticas da mitologia grega aprofunda ainda mais o contraste cultural que se deseja expressar:

“É interessante notar que segundo a mitologia grega, Apolo é um deus jovem ‘porque o Sol nunca envelhece’, imberbere. É o deus da luz, deus construtor e colonizador. Representa-se Apolo reinando sobre a Ilha dos Bem-aventurados, paraíso do orfismo (... culto que prega preceitos mais puros de moral e esperança na imortalidade feliz). Já Dinonísio, teve uma história menos perfeita, vamos dizer assim. Foi entregue às Ninfas de Nisa (curiosamente alguns a localizam na Etiópia, África) e transformado em bode, para que Hera não o reconhecesse. Na mitologia é descrito com vários defeitos: foi louco e responsabilizado, através do Oráculo, pelo fracasso da Trácia, devido à sua cólera. Foi também o introdutor das bacanais, suas procissões eram sempre tumultuosas e seu culto era orgiástico, com presença de flauta, siringe (tipo de flauta de pastores), tambores e címbalos”<sup>194</sup>.

O que haveria de “imperfeição” nos traços dionisíacos é justamente o que Freyre observa como virtude de nossa cultura, expressa nos “*floreios dançantes*” de um “futebol mulato, que lembra passos de dança e capoeiragem”; expressão de liberdade, porque rebelde a qualquer “*excesso de ordenação interna e externa*”; amante da arte manifesta no brilho da “*espontaneidade individual*”, na iminente realização do surpreendente. Futebol “impuro” que tem gosto por se opor à “pureza” arianista, em razão de sua índole mulata e mestiça. Futebol

<sup>193</sup> *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p. 4.

<sup>194</sup> MARANHÃO, op. cit., s/n.

como expressão de uma cultura insubordinada, a qualquer totalitária imposição de uma “*perfeição geométrica, uniforme, racional*”, que aprisiona, nos próprios moldes do que é definido como “perfeito”. Assim, delineava-se mais explicitamente uma tradição que se perpetua até os dias de hoje, conforme Maranhão: “*A brasilidade do futebol, portanto, não surge gratuitamente, mas da confluência de uma perspectiva intelectual, teórica, com a verificação ‘empírica’ do modo ‘diferente’ pelo qual nossos jogadores corriam atrás da bola*”<sup>195</sup>.

Ao procurar evidenciar e classificar os “estilos” de práticas futebolísticas a fim de situar, dentre estes, o que mais bem corresponderia ao estilo brasileiro, Freyre demonstra que o individualismo, que nos seria característico, não teria, em sua concepção, nada a ver com uma forma anárquica de se jogar, isto é, um descomprometimento em relação não somente ao coletivo, como também em relação à disciplina:

“Dizem os sociólogos que os jogos – ou os estilos de jogos – podem ser classificados, de maneira geral como ‘individualistas’ (os dos gregos atenienses, por exemplo), ‘cooperativistas’ (os britânicos ou anglo-saxônicos) e ‘militaristas’ (os prussianos, os nazistas, os fascistas). De modo que, se os brasileiros, no seu modo de jogar futebol, tendem a ser antes individualistas que cooperativistas, estão em boa companhia, estão com os gregos.... Com a gente mais civilizada, mais polida, mais estética que jamais existiu. ... Que significa ser um jogo predominantemente individualista no seu estilo? Pura anarquia? Um inteiro sacrifício do grupo aos caprichos dos indivíduos? De certo que não. Significa constante interação entre o esforço coletivo do grupo e as façanhas, as iniciativas, os próprios improvisos de indivíduos que, assim agindo, destacam-se como heróis, exibem-se, como bailarinos-mestres, acrescentam-se à rotina do jogo, não só em benefício próprio como em benefício do grupo. É o que fazem no futebol os Leônidas que assim procedendo, procedem sob o impacto da herança africana de cultura que tende a fazer dos jogos, danças e até bailados; mas sem deixarem de agir dentro de uma tradição desportiva marcada em suas origens pelo paradigma grego-ateniense. Aquele que o indivíduo não se dissolve de todo no grupo, mas conserva certas e essenciais liberdades de expressão heróica e de exibição dramática. Sendo assim, não temos os brasileiros de que se envergonhar, quando se diz do nosso estilo de jogar futebol que dá demasiada expressão às façanhas dos heróis ou bailarinos individuais. Do que precisamos é de conciliar esse individualismo com a disciplina, sem a qual o esforço de um grupo se degrada, afinal, em histeria anárquica”<sup>196</sup>.

Muito embora nesse trecho a teoria freyreana acerca do futebol brasileiro preserve e reafirme o valor de nossa herança cultural africana, ou seja, do mulatismo e da mestiçagem (positividade da integração racial), acrescenta-se um aspecto fundamental neste estilo de jogar bola que é o da dança, dos floreios e bailados, porém, sem a ruptura total com uma tradição

<sup>195</sup> Ibid.

<sup>196</sup> FREYRE, G. Ainda a propósito do futebol brasileiro. O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 25 jun. 1955. In **Pessoas, Coisas e Animais**. Disponível em [http://bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa/ainda\\_futebolbrasileiro.html](http://bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/ainda_futebolbrasileiro.html) Acesso em: 03 ago. 2010.

desportiva que corresponderia, em sua lógica individualista, ao paradigma grego-ateniense. Portanto, os floreios dançantes típicos do nosso *football mulato* não se constituiriam como expressão anárquica, mas como medida de uma liberdade - dentro dos padrões civilizados - de “*expressão heróica e de exibição dramática*” que não se apresenta como oposição ao coletivo, mas como benefício ao grupo. Daí o autor chamar a atenção para a necessidade, no futebol brasileiro, de aliarmos tal liberdade essencial - que permite ao indivíduo o protagonismo heróico em prol do grupo - com a disciplina, que deve reger a coletividade, de modo que os esforços não descambem para a “*histeria anárquica*”.

Mesmo o futebol “abrasileirado”, de acordo com o sociólogo pernambucano, assumiria a função do auto-controle social e do polimento das condutas advindas da herança cultural brasileira, logo, a dança, a capoeiragem, o samba e o cangaço encontrariam, no futebol, o espaço socialmente aceito para sua expressão. Não se trata de uma expressão pura desses componentes culturais, mas uma expressão moral e socialmente aprovada, o que passa pelo refinamento dessas condutas culturais, adequando-as a uma tradição esportiva mais civilizada, como a que constitui o paradigma grego-ateniense, do qual o futebol brasileiro se assemelharia e se aproximaria.

Entretanto, é através do pensamento freyreano que emerge no Brasil um novo referencial sociológico, pautado na perspectiva de formação e caracterização da brasilidade, e que teria no esporte mais popular do país - a partir de figuras de destaque, como Domingos e Leônidas, no contexto dos anos 1930 e 1940 - a sua reafirmação, em termos de construção de uma identidade nacional sedimentada na miscigenação. Não à toa nota-se a forte influência sobre a figura que, nas páginas esportivas, se encarregaria de levar adiante as idéias do sociólogo pernambucano: Mario Filho. Como ressalta André Botelho:

“Mário Filho é um desses intelectuais que embarcam nessa tradição interpretativa. Considerado um dos grandes expoentes da crônica esportiva e dono de jornal especializado em esportes, Mário exercia atividades que lhes garantiam uma excelente rede de relacionamentos. Permitiam a ele circular entre políticos e intelectuais renomados e influentes, que se encontravam para debater suas idéias nos cafés do Rio de Janeiro e com certa freqüência, na livraria José Olympio.

Terceira maior editora da época, a José Olympio foi responsável pela edição de título com Casa Grande e Senzala e Raízes do Brasil. Certamente a intelectualidade brasileira, tinha nesta livraria um dos seus principais pontos de encontro. Ali se dava o debate sobre as possibilidades da formação nacional, suas especificidades culturais, formação, suas características e seu sentido.

Neste clima, inspirado nas interpretações de Gilberto Freyre, que Mario Filho

produz sua principal obra. Não por acaso, a primeira edição de NFB tem Freyre como prefaciador. Considerado grande mestre e cultuado por diversos cronistas, este prefácio confirma a admiração de Mário Filho e a grande influência exercida sobre sua obra”<sup>197</sup>.

Como explicitado por Botelho, a proximidade entre os autores pode ser também verificada no próprio incentivo dado pelo sociólogo pernambucano para que Rodrigues Filho se empenhasse na escrita de uma obra fôlego, a respeito da história do futebol brasileiro, se comprometendo a prefaciá-la, como o fez. Fato lembrado por Freyre, décadas depois da publicação da 1ª edição do clássico *O Negro do Foot-ball Brasileiro*, em entrevista concedida ao então editor de esportes do *Jornal do Comércio*, Lenivaldo Aragão, no ano de 1983:

“É eu quis muito que ele (Mario Filho) escrevesse essa história. Eu lhe disse, eu escrevo o prefácio – como realmente escrevi -, vai ser um livro, eu estou certo disso, um livro-bomba mesmo. Mas precisava ser bem escrito, literariamente bem escrito, com fatos que não fossem contestados, porque na história de qualquer esporte há sempre dúvida sobre quem foi o maior nesse ou naquele jogo. Tem que ser apurada e não movida pelo entusiasmo de qualquer um por um herói. É um livro que deve fazer parte de uma grande história do futebol brasileiro”<sup>198</sup>.

O que não se pode deixar de sublinhar, acerca dessa relação, é que o Rio de Janeiro daquele contexto - enquanto capital da República - reunia importantes espaços de sociabilidade, que favoreciam o convívio e o debate de idéias entre importantes nomes da literatura, da política, das artes, da imprensa, enfim, espaços promotores de uma maior aproximação entre figuras de relevo, naquele período de grande produção. No caso de Mario Filho, além de esparsas visitas à Confeitaria Colombo e ao Café Rio Branco - quase sempre o fazendo para almoços que correspondiam a encontros e contatos de trabalho – o jornalista era muito mais regularmente encontrado no Café Nice, lugar de convívio, não só da intelectualidade, como também de figuras proeminentes do meio esportivo, e onde o autor de *O Negro no Futebol Brasileiro* costumava convidar dirigentes esportivos, atletas (dentre os quais, jogadores de futebol), outros cronistas, além de sambistas<sup>199</sup> para um habitual café no meio da tarde.

<sup>197</sup> BOTELHO, op. cit., p. 19-20.

<sup>198</sup> FREYRE, 1983. *Jornal do Comércio*. Caderno de Esportes. Recife, 10 mai. 2000, grifo nosso. Disponível em <http://www2.uol.com.br/JC/2000/1004/es1004x.htm>. Acesso em: 03 ago. 2010.

<sup>199</sup> Sempre movido por interesses comerciais, Mario Filho também se aventuraria na organização do Desfile das Escolas de Samba no Rio de Janeiro, como observa Ruy Castro: “Após a morte de seu pai Mario Rodrigues, em 1930, e o fim de *Crítica* (enquanto um dos jornais de oposição à Revolução de 1930 que levava Getúlio Vargas ao poder), Mario Filho recorreu ao seu amigo Mario Martins e, com o decisivo apoio de Roberto Marinho, fundara o *Mundo Esportivo*, que funcionaria utilizando a própria gráfica de *O Globo*. Nesta folha esportiva, Mario Filho instituiria oficialmente o Concurso das escolas de samba do Rio de Janeiro, por meio de um júri oficial encarregado de avaliar quesitos como bateria, comissão de frente, harmonia, carros alegóricos etc. Tal empreitada surgira como alternativa do jornal ao fato de seu lançamento ter se dado no dia seguinte ao término do campeonato carioca de futebol, necessitando de um evento que sustentasse sua veiculação. O desfile das escolas de samba pela Praça Onze

Contudo, para além dos cafés e bares havia também a casa editorial José Olympio, ambiente destacado e comum a grandes nomes do período e onde Gilberto Freyre - em suas passagens pela capital federal - e os irmãos Rodrigues se encontravam, como afirma Capraro:

“Era nesta editora que se concentrava a intelectualidade literária brasileira da metade do século XX. Embora alguns literatos freqüentassem outras editoras – como José Lins do Rego que regularmente passava pela Civilização Brasileira para levar uma prosa com o amigo Antônio Bertrand – era mesmo na José Olympio que os grandes nomes da literatura brasileira se encontravam: Eram vários escritores dos gêneros mais ecléticos: além, do trio de cronistas esportivos José Lins do Rego, Mario e Nelson Rodrigues, eram presenças constantes na casa editorial Otto Maria Carpeaux, Álvaro Lins, João Conde, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Aurélio e Sérgio Buarque de Holanda, sem contar o “mentor” Gilberto Freyre que, sempre que passava pela cidade, logo se dirigia à editora para conversar com os amigos”<sup>200</sup>.

No convívio desenvolvido nesses locais, bem como nas redações e mesmo nas amizades em comum (como foi o caso do cronista e romancista paraibano José Lins do Rego), que se viabilizou uma maior aproximação entre os autores. A relevância de tal fato reside na própria narrativa hegemônica, que se firmaria a partir do clássico *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, operando a sustentação de um estilo brasileiro de jogar futebol, que teria na mestiçagem e na integração racial triunfante na sociedade brasileira, as suas razões explicativas. Ou seja, uma análise sedimentada no pensamento freyreano e que se perpetuaria inclusive no meio acadêmico brasileiro, nas mais diversas análises do futebol - empreendidas quer o fossem por antropólogos, sociólogos ou historiadores<sup>201</sup>. Uma reprodução apontada e criticada por Antonio Jorge Soares:

“A visão de Mário Filho (como a de outros intelectuais, artistas e escritores de sua época) está condicionada pela crença em um Brasil que, em poucos anos, teria

---

*nos domingos de carnaval, no Rio de Janeiro, já acontecia desde o ano anterior e era submetido a votações populares para a escolha da agremiação vencedora. Aproveitando-se disso, Mario Filho sistematizaria o Concurso que se mostraria bastante concorrido, tendo como primeira vencedora a Mangueira, com um samba de Cartola”.* Para mais detalhes, ver: CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 117-118.

<sup>200</sup> CAPRARO, op. cit., p. 324.

<sup>201</sup> Enquadram-se nesse perfil obras como: DAMATTA, Roberto. “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, in DAMATTA, Roberto (org.) **Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.; SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.; e MURAD, Maurício. **Corpo, magia e alienação - o negro no futebol brasileiro** : por uma interpretação sociológica do corpo como representação social. Rio de Janeiro: Departamento Cultural, UERJ Pesquisa de Campo N° 0. 1994; etc. Importa considerar sobre esse assunto, que uma discussão entre Murad e Soares se travou, nas páginas da Revista Estudos Históricos, colocando em pauta a obra clássica de Mario Filho. A partir do artigo “*Considerações Possíveis de uma Resposta Necessária*”, Maurício Murad rebateria as críticas a ele dirigidas por Antônio Jorge Soares e reafirmaria a relevância da obra de Mario Filho e de sua contribuição aos estudos do futebol e da sociedade brasileira, o que, em sua concepção, teria sido ignorado por Soares, em seu exagero e radicalismo, como se no *Negro no Foot-ball Brasileiro* não houvesse mérito algum. Ver: MURAD, Maurício. “Considerações Possíveis de uma Resposta Necessária”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n 24, 1999, p. 431-446.

Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2094/1233> Acesso em: 25 out. 2010.; e SOARES, Antônio Jorge. “História e invenção das tradições no campo de futebol”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n 23, 1999, p. 121-122, grifo nosso. Disponível em:

<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2087/1226>. Acesso em: 11 jun. 2010.

passado da escravidão para a integração racial, via mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação. A mensagem que se poderia extrair dessa visão é a de que não só o nosso racismo seria diferente, como estaríamos superando o racismo, embora os Estados Unidos, com todo o seu desenvolvimento, não o tenham feito. Por essa razão seríamos originais, especiais, e teríamos nossa própria história, identidade e futuro. Mário Filho não escreveu história em sentido clássico, mas se utilizou da memória dos amigos, de fatos e de sua criatividade de prosador para escrever crônicas romaneadas do futebol. Construiu um romance que é um épico do negro no futebol brasileiro, onde os fatos são lidos, remontados e reescritos como tramas raciais. Tanto é assim que sua narrativa opera com uma espécie de deslocamento de foco: qualquer "causo" ou fato serve para colocar em destaque a separação entre brancos e negros (ricos e pobres), a resistência dos últimos aos primeiros e a singular integração nacional a partir do futebol. O racismo no NFB pode ser pensado como o 'inimigo interno' que impedia a realização da nação, mas que acaba derrotado, no plano da narrativa, enquanto a nação se realiza em função da integração do negro e da afirmação do futebol brasileiro ... De fato, o NFB pode ser pensado como um texto que se ajustou à construção do sentimento de nacionalidade em sua época"<sup>202</sup>.

Como apontada por Soares, a narrativa épica encontrada nas páginas do *Negro no Futebol Brasileiro* se dedica à construção do sentimento nacional, através do argumento central da superação do racismo, nos gramados, pela vitória do negro (principalmente em sua 1ª edição, datada de 1947), o que teria se constituído no grande acabamento do edifício nacional. Aparadas as arestas que restavam, o futebol era então apresentado como espaço promotor dessa dramática vitória do negro, da nação e do que é "genuinamente" brasileiro. Um triunfo que teria sua comprovação definitiva na consagração popular do "Diamante Negro", Leônidas da Silva, durante e após a Copa do Mundo de 1938 (assunto que será abordado com maior profundidade no terceiro capítulo desta Dissertação), mas que encobria as tensões e as disputas que não foram superadas (como nos faz crer o clássico de Mario Filho) no interior desse processo. Conflitos que denunciavam a necessidade de se problematizar essa tradição inventada, acerca da relação entre nação e futebol, e que ganhara nítidos contornos nas páginas esportivas, durante a cobertura da Copa de 1938.

Todavia, a grande maioria dos autores que se inserem nessa tradição inaugurada por Freyre, de interpretação do Brasil com base na idéia de democracia racial, deveria ser analisada como adeptos e promotores do que Antônio Jorge Soares<sup>203</sup> identifica como "freyrismo popular", isto é, a idéia de que, na sociedade brasileira, não existiria racismo, pensamento que pode ser extraído muito mais dos artigos jornalísticos escritos pelo intelectual pernambucano, do que

<sup>202</sup> SOARES, Antônio Jorge. (1999), op. cit., p. 121-122, grifo nosso.

<sup>203</sup> SOARES, Antônio Jorge. (2003), op. cit., p. 147-148.

propriamente de seus estudos sociológicos sobre a formação da cultura brasileira, ou mesmo de sua militância política.

A trajetória de luta de Gilberto Freyre contra o racismo - que pode ser observada na atuação política em episódios como a aprovação da Lei Afonso Arinos (1951)<sup>204</sup> - seria um significativo indício do reconhecimento, por parte do sociólogo, da existência dos conflitos raciais no seio de nossa sociedade e da necessidade de sua superação, o que Freyre considerava possível, dadas as circunstâncias peculiares que marcariam a trajetória do racismo em nosso país. Neste ponto, pode-se discernir a proposta contida na idéia de democracia racial, que influenciaria toda uma geração de autores (que, direta ou indiretamente, se dedicaram a abordar a cultura e / ou a identidade nacional brasileira), como uma ideologia, não de negação, mas de superação do racismo na construção do “Brasil” (em sua formação sócio-cultural) e do próprio “brasileiro”.

Entrementes, o que nos vale, a este respeito, é ressaltar o papel da Copa do Mundo de 1938 para a propagação dessa tradição futebolística brasileira. De acordo com Antônio Jorge Soares, buscava-se, no fomento dessa tradição, a construção de uma identidade nacional cuja singularidade “(...) não está no futebol malandro ou no ‘traço sócio-cultural da malandragem’, mas, sobretudo, nos discursos, acadêmicos e jornalísticos, que naturalizam tais características como uma quinta-essência dos brasileiros”<sup>205</sup>.

É esse casamento entre construção intelectual e observação empírica, que está na base do discurso freyreano, responsável por explicar e apresentar uma idéia de “brasileiro”, que se perpetua até os dias de hoje, principalmente, a respeito da caracterização de um futebol com “cara de Brasil”. Tal concepção está tão fortemente presente no imaginário social, que assume uma perspectiva naturalizante quanto a sua origem. É como se “sempre fosse desse jeito”. Um jeito “brasileiro” relativamente intrínseco à nossa formação sócio-cultural, que é demonstrado pela ginga, a manemolência, o drible, o “futebol-samba” e a malandragem dentro dos gramados. “Jogamos dessa forma” porque “somos dessa forma”, e a proposta do futebol como um dos

---

<sup>204</sup> Lei nº 1390 proposta por Afonso Arinos de Melo Franco, sancionada pelo presidente da República Getúlio Vargas, a 3 de junho de 1951, e aprovada a 3 de julho do respectivo ano, definindo a proibição de atos de discriminação racial, sob pena de multa e prisão do infrator. Medida que seria revogada pelo Decreto-lei Nº 7.437, do presidente José Sarney, de 20 de dezembro de 1985, trazendo reformulações a lei Afonso Arinos e estendendo a punição também sobre práticas de preconceito de sexo e estado civil, além de atos discriminatórios de raça e de cor. Para mais informações ver: [http://www.cedine.rj.gov.br/legisla/federais/LEI\\_AFONSO\\_ARINOS.pdf](http://www.cedine.rj.gov.br/legisla/federais/LEI_AFONSO_ARINOS.pdf) e [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L7437.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7437.htm) Acesso em: 2 fev. 2010.

<sup>205</sup> SOARES (2003), op. cit., p. 150.

paradigmas do Brasil tem em Freyre um de seus grandes expoentes e, em Mario Filho, um de seus grandes propagadores.

A narrativa da campanha nas páginas da imprensa esportiva rumo à Copa do Mundo de 1938 passaria então pela drástica mudança de um conteúdo disciplinador, durante a fase de preparação do selecionado, a um discurso de exaltação das características peculiares do estilo de jogo brasileiro, apresentado em gramados franceses, discurso esse assumido durante e após o campeonato mundial e que será analisado no capítulo seguinte.

## **2. E VAI ROLAR A BOLA NOS GRAMADOS FRANCESES...**

A elaboração do teor disciplinador que se operaria nas páginas da imprensa esportiva, durante toda a preparação da seleção brasileira, teria como base de apoio a convergência de discursos em relação aos dirigentes responsáveis pela organização do escrete. Tal fato pode ser mais bem observado em situações de pronunciamento da alta cúpula esportiva brasileira na imprensa, anunciando as medidas a serem adotadas no período de treinamento para a preservação da ordem e da disciplina no interior da delegação.

Nesse propósito, o presidente da FBF, Castello Branco, viria a público para apresentar o regulamento interno da seleção, composto de algumas normas que deveriam reger o comportamento dos jogadores durante o período em que estivessem servindo ao escrete nacional. A matéria publicada no *Jornal dos Sports*<sup>206</sup> destacava a rigidez das regras, que compreendiam desde o respeito aos horários estabelecidos para dormir, acordar e para as refeições, até questões relacionadas à total submissão dos atletas às determinações dos dirigentes e do treinador da equipe. Nele ficava claro que não seriam toleradas quaisquer manifestações de insatisfação e contrariedade, por parte dos jogadores, em relação à organização e à escalação do selecionado. Também havia recomendações para que fossem evitadas discussões entre os atletas, dentro e fora de campo, para que se construísse um ambiente ordeiro e harmônico na concentração, proibindo-se também as bebidas alcoólicas e os jogos de cartas, que se constituíam em um dos passatempos mais apreciados pelos jogadores.

Tal espécie de cartilha, imposta aos *players* trazia como medida punitiva, em caso de descumprimento das regras, a aplicação de multas, cujo valor correspondia à gravidade do ocorrido. Se a falha fosse considerada muito grave, admitia-se até mesmo o desligamento imediato do jogador da delegação e, caso esta já estivesse em terras francesas para a disputa do campeonato mundial, o jogador poderia ter seu regresso ao Brasil imediatamente requisitado junto à Embaixada brasileira na França.

Assim, revestia-se de uma seriedade ainda maior a preparação do escrete nacional. Tanto é que cada atleta teve de assinar um “compromisso de honra” antes do embarque da delegação rumo à França, que trazia os seguintes dizeres:

“Compromisso de honra que nesta data assumo perante a CBD e a FBF como elemento do selecionado ... hipoteco a minha palavra de honra, como homem, como esportista e como brasileiro, que tudo farei para elevar com dignidade o nome da Pátria, observando rigorosamente os preceitos indicados pela chefia da delegação e que são os seguintes:

- a) concordar com as determinações da CBD relativamente aos ordenados, ajuda de custo, gratificações nos jogos e diárias;
- b) acatar e cumprir rigorosamente todas as determinações emanadas do capitão do selecionado quando em jogo, do treinador em treinamento, dos dirigentes da delegação em todos os demais casos;
- c) colaborar intensamente na harmonia dos membros da delegação, e, principalmente, do selecionado;
- d) respeitar o contrato com o clube a que pertenço não admitindo enquanto permaneço na delegação quaisquer propostas que visem a sua rescisão;
- e) acatar e cumprir rigorosamente o regulamento elaborado pela Chefia da Delegação”

<sup>207</sup>

<sup>206</sup> *Jornal dos Sports*, 6 de abril de 1938, p. 1 e 4.

<sup>207</sup> *Ibid.*

A mesma matéria do *Jornal dos Sports* trazia como contrapartida as obrigações assumidas pela CBD em relação aos jogadores convocados:

- “a) – seguro de acidente de vida – 50:000 \$ 000 (cinquenta contos de réis);
- b) – ordenado mensal de um conto de réis desde a convocação definitiva até oito dias após o regresso
- c) – ajuda de custo na importância de 500 \$ 000 (quinhentos mil réis), três dias antes do embarque;
- d) – diárias de 20 francos quando no local em que se realizarem os jogos;
- e) – gratificações de 500 francos por jogo ganho e 300 francos por jogo empatado”<sup>208</sup>.

Expressões extraídas do contrato a ser assinado pelos jogadores tais como “*minha palavra de honra*”; “*como homem*”; “*como brasileiro*”; “*elevar com dignidade o nome da Pátria*”; “*acatar e cumprir rigorosamente todas as determinações*”; revelam o caráter disciplinador que se pretendia impor através da evocação de valores morais e cívicos fundados em noções de honra, respeito e, principalmente, a partir da defesa do ideal patriótico que se pretendia construir pelo discurso oficial. O Brasil deveria estar em primeiro plano, mas não um Brasil que se apresentasse “de qualquer jeito” e sim o país ordeiro, harmônico e civilizado que seria representado pelos jogadores na Copa do Mundo, pelo menos assim pretendiam os dirigentes da delegação.

Todavia, a publicação do “regulamento interno” e do “compromisso de honra”, impostos aos jogadores da seleção, não indicava somente o enquadramento da alta cúpula esportiva no projeto estado-novista. Também a imprensa da época, especializada ou não, era grande difusora dos ideais do regime. Ainda que se tratasse de uma questão de sobrevivência para os diretores dos grandes jornais – dentre os quais Mário Filho e o *Jornal dos Sports*, a mais expressiva folha esportiva do país na época -, era com grande destaque e sob muitos elogios que eram divulgadas medidas como essas, em relação à preparação do selecionado nacional. Uma tentativa desvelada de direcionamento da campanha que, como se verá, não foi suficiente para mascarar a superfície rugosa da epopéia brasileira.

Neste capítulo, será analisado o período de treinamentos do selecionado e a participação brasileira na Copa do Mundo de 1938, com ênfase nas diversas polêmicas registradas e nutridas nas páginas esportivas d’*A Gazeta* e do *Jornal dos Sports*. O item *Servindo a pátria sem criar embaraços: preparação e polêmicas* trará uma reflexão sobre a trajetória do selecionado brasileiro, nas páginas da imprensa esportiva carioca e paulista, enfocando os incidentes que

---

<sup>208</sup> Ibid.

permearam a preparação brasileira, na III Taça do Mundo, como forma de problematizar a figura, desempenhada por tais periódicos, para a construção do sentimento nacional. Por mais que se buscasse a convergência dos discursos na sustentação de uma campanha vitoriosa, que marcaria o conagraçamento e a unidade nacional, a partir da superação dos conflitos e desavenças, vê-se que alguns dos episódios mais marcantes daquela empreitada acabariam por mostrar a fragilidade de tal construção.

Por fim, o item “*Anulado o jogo! Viva o Brasil!*” abordará o grande envolvimento dos torcedores com o selecionado nacional, já verificado, na imprensa esportiva, desde o embarque na capital federal, bem como nas passagens da delegação por Salvador e Recife, o que se estenderia e cresceria em proporção, à medida que o torneio se iniciara. A enorme repercussão das partidas brasileiras, nas principais capitais do país, se estabelecia como efeito direto do incremento das transmissões radiofônicas, e no subitem *Vibrou a alma popular!* verifica-se essa maior aproximação do torcedor com o selecionado nacional, nas ondas do rádio. Contudo, toda a atmosfera festiva, sustentada pelos triunfos em gramados franceses, ganharia novos contornos por conta do “boato” que se espalhou nas bandas de cá, após a derrota na semifinal contra os italianos. A esperança de anulação da partida levou incontáveis torcedores ao delírio, muito embora toda aquela expectativa não se confirmasse, ante a manutenção do resultado do jogo. A partir deste acontecimento, tratar-se-á do peso da atmosfera ritualística do futebol, que, em sua dramatização, produzia sentidos diferentes acerca de um mesmo episódio.

## 2.1 Servindo a pátria sem criar embaraços: preparação e polêmicas

Se fora das quatro linhas, idéias como “ordem”, “civilidade”, “solidariedade”, “patriotismo” e “disciplina” eram expressas nas campanhas em prol do selecionado nacional, quando se volta para dentro de campo, vê-se que nem tudo transcorria como o desejado.

Para os “representantes da Pátria”, um grande planejamento foi traçado. A mobilização de diferentes setores da sociedade civil, os apoios do Governo e da imprensa especializada ofereceriam condições nunca antes experimentadas por um escrete nacional, para a disputa do Campeonato Mundial: exames médicos e um programa de treinamento físico, elaborado pela

Escola de Educação Física do Exército; um período de concentração dos atletas na Estação de Águas da cidade mineira de Caxambu, tendo a sua disposição 50% dos quartos oferecidos pelo hotel e um campo com dimensões internacionais para a realização dos treinos individuais e coletivos; jogos-treino e amistosos realizados no Rio, São Paulo, Salvador e Recife; ordenados fixos, gratificações e ajudas de custo a todos os atletas convocados, ações que justificariam a cobrança pela realização de um bom papel na Copa do Mundo.

Para os dirigentes do escrete, aquela empresa se apresentava nos termos de um “compromisso mútuo” em que os esforços por eles despendidos fora de campo deveriam ser correspondidos pelos atletas com seriedade, dedicação e bom comportamento, dentro e fora das quatro linhas. Porém, vê-se que os jogadores não cumpriram à risca a parte que lhes caberia no acordo.

Sob o pressuposto da disciplina e do bom comportamento, a lista de jogadores pré-convocados para cumprir os exames médicos e seguir para o período de treinamentos era divulgada com os seguintes nomes:

Affonso Guimarães da Silva (Affonsinho) – Algisto Lourenzato (Batataes) – Álvaro Gonçalves da Rocha – Álvaro Lopes Cançado (Nariz) – Arthur Machado – Euclides Barbosa (Jahú) – Domingos da Guia – Elba de Pádua Lima (Tim) – Fausto dos Santos – Hercules de Miranda – José Perácio – José Procópio (Zezé) – Leônidas da Silva – Leonizio Fantoni (Niginho) – Martim Mércio Silveira – Plácido de Assis Monsorez – Roberto Emilio da Cunha – Rodolpho Patesko – Romeu Pelliciani – Thadeu Boguszewski Júnior – Waldemar de Britto – Walter de Souza Goulart <sup>209</sup>.

Essa espécie de pré-lista anunciava o nome dos 22 jogadores que iniciariam os trabalhos, com o aval do treinador do selecionado, Adhemar Pimenta <sup>210</sup>, nomeado pela FBF e pela CBD para conduzir o *scratch* à conquista do inédito título mundial. O nome de Pimenta teve boa aceitação na imprensa esportiva, principalmente devido ao bom desempenho do selecionado, sob

---

<sup>209</sup> Ibid. Dos nomes acima reproduzidos não integrariam a lista definitiva do grupo para a disputa da Copa de 1938 os jogadores Álvaro da Rocha, Plácido, Thadeu, Waldemar de Britto e um dos grandes craques do futebol brasileiro e destaque na Copa de 1930, o centro médio Fausto, o “Maravilha Negra”, à época companheiro de Leônidas e Domingos no Flamengo. A lista definitiva com os 22 jogadores trazia os seguintes nomes: Batataes (goleiro do Fluminense); Walter (goleiro do Flamengo); Domingos da Guia (zagueiro do Flamengo); Jahú (zagueiro do Vasco); Machado (zagueiro do Fluminense); Nariz (zagueiro do Botafogo); Britto (meia de marcação do América); Zezé Procópio (*half-back* direito do Botafogo); Martim (meia de marcação do Botafogo); Brandão (meia de marcação do Corinthians); Affonsinho (*half-back* esquerdo do S. Cristóvão); Argemiro (*half-back* esquerdo da Portuguesa de Santos); Lopes (ponta-direita do Corinthians); Roberto (ponta-direita do S. Cristóvão); Luizinho (meia-direita do Palestra Itália); Romeu (meia-direita do Fluminense); Leônidas da Silva (centroavante do Flamengo); Niginho (centroavante do Vasco); Tim (meia-esquerda do Fluminense); Perácio (meia-esquerda do Botafogo); Hércules (ponta-esquerda do Fluminense) e Patesko (ponta-esquerda do Botafogo). Ver: *Diário de Pernambuco*, 4 de maio de 1938, p. 12.

<sup>210</sup> Adhemar Pimenta teve o seu nome sugerido pelos dirigentes da Federação Brasileira de *Football* e retornava ao comando da seleção, após a conquista do vice-campeonato no Sul-Americano de 1937, disputado na Argentina.

seu comando, no vice-campeonato conquistado no sul-americano de 1936-7, na Argentina. Naquela ocasião, o Brasil, ainda sob vigência da cisão esportiva (que só seria temporariamente sanada com o já mencionado acordo entre FBF e CBD, antes do mundial de 1938) não poderia contar com craques como Domingos e Leônidas e mesmo assim conseguiu chegar à decisão, vendendo caro a derrota para os donos da casa pelo, placar de 2 a 0, contagem alcançada somente nos últimos dez minutos da prorrogação.

Dessa forma, a indicação de Pimenta era tida como a mais correta, pelos principais jornalistas esportivos, levando-se em conta que, para o mundial de 1938, o treinador teria a sua disposição, todos os craques que atuavam nos clubes do Rio e de São Paulo. Assim foi que Thomaz Mazzoni saudou a opção da FBF pela manutenção de Pimenta, lembrando-se do bom papel desempenhado pela seleção no sul-americano disputado em Buenos Aires.

Como era marcante, em boa parte de suas matérias sobre a III Taça do Mundo, o diretor da seção esportiva d'*A Gazeta*, aproveitava a oportunidade para rememorar a importância dos jogadores de São Paulo, na conquista do vice-campeonato sul-americano, resgatando as impressões do próprio Adhemar Pimenta e de Castello Branco sobre a participação dos *players* bandeirantes naquele certame, comentários que deveriam ser levados em conta na escolha dos jogadores que defenderiam o Brasil na Copa do Mundo da França:

“Não cansavam ambos (Pimenta e Castello) de elogiar em tudo e por tudo os paulistas: obedientes, valorosos e dotados de forte amor próprio patriótico.

Nenhuma dor de cabeça tiveram os dirigentes com os nossos ‘azes’, nenhuma complicação os mesmos causaram, e no campo punham, em sua quase totalidade, o corpo e a alma a serviço da vitória. Não saiam do hotel, não reclamavam, e em campo eram os melhores tecnicamente e não mediam sacrifícios para vencer.

Pimenta não esqueceu, não poderia esquecer essas grandes qualidades dos jogadores paulistas e o seu ideal é levar jogadores dessa têmpera à França.

Não importa se esses ‘azes’ estão militando agora no clube A ou B, em São Paulo, no Rio de Janeiro ou onde quer que seja. Importa que vá a França o ‘XI’ que saiba lutar e vencer com valor e fibra pela honra e glória do futebol brasileiro”<sup>211</sup>.

Muito embora os esforços devessem convergir para a glorificação do futebol brasileiro na Copa do Mundo seguinte, as possibilidades brasileiras- na perspectiva de *Olimpicus* - aumentariam consideravelmente, mediante a inclusão dos jogadores de São Paulo. O discurso nacionalista de Mazzoni acabaria por se fundamentar naquilo que ele próprio mais repudiava, o sentimento “bairrista”.

---

<sup>211</sup> *A Gazeta*, 11 de março de 1938, p. 11, grifo nosso.

Na continuação de sua coluna na seção “Todos os Esportes”, o cronista recorreu ao depoimento de Pimenta sobre o desempenho dos jogadores paulistas em Buenos Aires, enfatizando a postura disciplinar do zagueiro Jahú, apresentado como exemplo de valentia e patriotismo de um *player* paulista a serviço da nação:

“Jahú é um exemplo de dedicação. Lembro-me bem do último jogo do campeonato sul-americano ... que foi ele o elemento mais empolgante, pois jogou durante uma hora com o braço paralisado. Não se sabia se o seu braço estava fraturado ou não. Jahú, com o braço ensangüentado e sem movimentos, retorcendo-se de dores, guardou o último reduto brasileiro que só cedeu diante do ambiente pesado que reinava no local. Os demais jogadores paulistas são disciplinados e a disciplina é o fator preponderante do êxito esportivo”<sup>212</sup>.

Ao recorrer ao exemplo de sacrifício e de abnegação do zagueiro paulista Jahú, na finalíssima do sul-americano, Mazzoni tratava de salientar que nem só de aparência e estilo poderia sobreviver o selecionado brasileiro no campeonato mundial. Para tanto, lembrava que a Copa de 1938 seria disputada no formato eliminatório – como ocorrera na Copa de 1934 – e, nesse tipo de disputa, em que a derrota significava o retorno imediato, seria fundamental que os jogadores convocados se caracterizassem também por um perfil aguerrido e combativo:

“(...) Um prélio que toma tal feição não é o caso de se cuidar de estilo, de estética ... ganha-se com astúcia, resistência e combatividade ... Para o tipo de competição que é a “Taça do Mundo”, para lidarmos com jogadores alemães, franceses, italianos etc., em campos europeus, precisamos de ‘azes’ de grande fôlego, acrobáticos, combativos e de muita mobilidade. Desse tipo ideal para o certame mundial, temos a Brandão, Jahú, Affonso, Niginho, Carnera, Hércules etc. ... A Taça do Mundo, com o sistema em vigor da sua disputa e sendo realizada em campos europeus, não é para jogadores estilistas, mais frágeis, não se pode vencer com jogo acadêmico sem mobilidade e muito ardor combativo”<sup>213</sup>.

O interessante na ressalva de *Olimpicus* é a desconfiança em relação a uma seleção por demais dionisíaca, o que ajuda a sublinhar o fato de que, no início da preparação, a caracterização do selecionado nacional, nas páginas esportivas, estava longe de se sustentar nos floreios dançantes que Freyre depois alardearia, propiciamente, após a vitória contra os tchecos. A disciplina só deixaria de imperar na narrativa daquela campanha – passando a sua coroa para a consagração do futebol-samba brasileiro – no momento em que os resultados dentro de campo prepararam o terreno para tal construção.

A opinião de Mazzoni sobre o perfil dos jogadores do escrete, em escancarada defesa da disciplina e da paulistanidade, seria novamente exposta, dias depois, na seção “Todos os

<sup>212</sup> Ibid.

<sup>213</sup> *A Gazeta*, 5 de março de 1938, p. 9.

Esportes”, em que o cronista chamaria a atenção do leitor, mais uma vez, para o fato de que contar somente com jogadores performáticos e habilidosos na equipe não era garantia de uma campanha vitoriosa. Para fundamentar sua visão, o diretor da seção esportiva da *Gazeta* recorria à surpreendente derrota do Flamengo para o modesto Ipiranga (BA), durante a excursão do rubro-negro carioca pela capital baiana:

“(…) Os flamenguistas não souberam combater e foram por isso os adversários, com menos classe, mas com mais agressividade, que venceram. A arte dos Waldemar, dos Domingos, dos Fausto, ficou por baixo da alma dos baianos. É inegável que Domingos é um inconfundível estilista, que Leônidas é um excepcional malabarista, mas tudo isso somente pode ter duradoura eficiência se o quadro tiver outros dotes: energia, resistência, agressividade. ... Esse comentário tem por fim abrir os olhos a tempo, dos responsáveis pela nossa seleção que irá a França. Não se fiem muitos em jogadores acadêmicos!... Logo mais, o “XI” do Brasil poderá ‘banciar’ o Flamengo e a Polônia poderá fazer o que fez o Ipiranga baiano...

Devemos então ‘rifar’ todos os jogadores frios e acadêmicos, os estilistas, enfim? Não. São também preciosos estes valores, mas, cuidado! Não tornem o quadro brasileiro, excessivamente clássico, malabarístico, ... fleumático, porque senão poderemos receber muitos elogios, mas em troca seremos logo eliminados”<sup>214</sup>.

Nas palavras do diretor da seção esportiva da *Gazeta*, observa-se a advertência aos dirigentes do escrete de que a base do grupo de jogadores convocados deveria ter o cuidado de mesclar o jogo acadêmico e habilidoso com o jogo aguerrido, de empenho, força e objetividade, esse último representado, em sua maioria, por jogadores paulistas. Nem só do jogo performático de Leônidas ou artístico de Domingos (ambos os jogadores do Rio) poderia sobreviver a seleção na Europa. Por isso mesmo, os organizadores do escrete precisavam compreender que o objetivo a ser conquistado não era o agrado dos comentários elogiosos e dos aplausos dos europeus, e sim o avanço no grande certame internacional.

Entretanto, não era apenas por seu estilo de jogo que Domingos e Leônidas davam o que falar na imprensa esportiva. Antes de se integrarem ao grupo da seleção, para o início dos treinamentos, os craques do rubro-negro carioca envolviam-se em um polêmico episódio, durante a excursão de seu clube à Bahia. Os dois jogadores, juntamente com Fausto, teriam protagonizado uma grande confusão no Cassino Tabaris, em Salvador.

Segundo matéria veiculada pelo *Jornal dos Sports* o zagueiro Domingos da Guia teria agredido Leônidas e Fausto, além de ter desacatado as autoridades policiais, que procuravam

---

<sup>214</sup> *A Gazeta*, 1 de abril de 1938, p. 9.

acalmar os ânimos: “*Em conseqüência, Domingos foi recolhido à Delegacia de Costumes sendo posto em liberdade hoje pela manhã*”<sup>215</sup>.

Como se pode observar pelo registro acima, o critério disciplinar, como prerrogativa para a escolha dos jogadores, não impediria a convocação de craques como Domingos e Leônidas, mesmo diante de infortúnios como os de Salvador. Tal incidente era tratado de maneira ainda mais veemente pela *Gazeta*, em matéria que trazia sua crítica já no título: “*Boa amostra. Os futuros defensores do Brasil em Paris promoveram desordens nos ‘cabarés’ da Bahia – É o que eles querem...*”. Na reportagem, o cronista alertava que a atitude de Leônidas, Domingos e Fausto, na Bahia, não seria outra coisa senão um indício do que estaria por vir nas ruas de Paris:

“A notícia chegada da Bahia não nos surpreende. Vários jogadores do Flamengo, entre eles Domingos, Fausto e Leônidas, como bons ídolos futebolísticos da maravilhosa Guanabara, após o jogo de estréia do Flamengo na Bahia, deixaram o hotel e foram gozar sua popularidade na cidade indo, depois, para o “cabaré”. Durante a alegre noitada os rapazes acabaram por se insultar e por se agredir mutuamente. Bonita cena!

Domingos surrou os seus grandes amigos Fausto e Leônidas, interveio a polícia que foi desrespeitada e todos foram para a delegacia, sendo que Domingos foi recolhido ao xadrez!

Fausto estava em trajes menores!!!

Exemplar amostra de disciplina!...

Domingos, Fausto e Leônidas são nomes apontados para a seleção nacional que irá a ‘Taça do Mundo’! Com esse espírito disciplinar de ‘cabaré’, com essa mentalidade de ‘touriste’, com essa ‘excelente’ demonstração de camaradagem, imaginem o que os Fausto, Domingos, Leônidas não irão fazer em Paris!”<sup>216</sup>.

Os “*bons ídolos futebolísticos da maravilhosa Guanabara*” não poderiam ter escolhido momento mais oportuno para apresentar seu cartão de visitas. Para o autor da matéria, o episódio era uma clara amostra do que se poderia esperar dos grandes craques guanabarininos e seu “*espírito disciplinar de cabaré*”. Uma desaprovação em forma de provocação e crítica ao comportamento dos *players* do Rio de Janeiro, em detrimento do comportamento dos jogadores de São Paulo.

Na edição seguinte de sua seção esportiva, a *Gazeta* continuava a repercutir o episódio ocorrido na Bahia e um de seus cronistas, não identificado, apresentava algumas queixas contra a imprensa carioca que, a seu ver, não teria noticiado o fato para preservar a imagem dos craques do Flamengo (muito embora não tenha sido esse o caso do *Jornal dos Sports*). A exceção entre os jornais do Rio, de acordo com o autor da matéria, foi o *Diário de Notícias*, cujos comentários sobre o ocorrido eram transcritos da seguinte maneira:

<sup>215</sup> *Jornal dos Sports*, 22 de março de 1938, p. 1.

<sup>216</sup> *A Gazeta*, 23 de março de 1938, p. 11.

“(Diário de Notícias) – A notícia deve servir de aviso aos diretores da Federação Brasileira de *Football*. Há, aliás, uma declaração dos responsáveis pela representação nacional ao campeonato do mundo, de que só seriam aproveitados elementos disciplinados. É necessário que desde já se observe a conduta disciplinada dos ‘cracks’ requisitados, afastando os que só nos poderão prejudicar no estrangeiro. Leônidas, Fausto e Domingos são de fato elementos tecnicamente superiores. Não se deve aproveitá-los, porém, se não se corrigirem. Já chega de fiascos no estrangeiro”<sup>217</sup>.

Logo após a reprodução do trecho acima, o cronista da *Gazeta* teceu alguns comentários elogiosos à postura crítica e imparcial do *Diário de Notícias*, em relação aos jogadores convocáveis do Flamengo, ressaltando, contudo, não acreditar na mudança e correção do comportamento indisciplinado dos craques a tempo de disputarem a Copa do Mundo:

“Bem andou o *Diário de Notícias* chamando a atenção dos responsáveis da seleção nacional sobre o fato. Acharmos, porém, que é tempo perdido, impossível de todo pretender se corrigir, disciplinarmente, certos jogadores, de março a abril ... por isso a Paris deveríamos mandar ‘azes’ da índole e da têmpera dos Jahú, Nariz, Brandão que, infelizmente, não são muitos”<sup>218</sup>.

Os referenciais de postura e caráter, mais uma vez, eram fornecidos pelos jogadores paulistas e, quando muito, por um jogador que atuava no Rio de Janeiro - como o caso do zagueiro do Botafogo Nariz, ainda que o *back* fosse mineiro de nascimento. A rivalidade pulsava em boa parte das matérias sobre a seleção brasileira, apresentando-se, por vezes, de maneira desvelada, como na abordagem dada à confusão na Bahia.

O inconformismo explicitado em tais oportunidades destinava-se à ardorosa defesa de uma convocação assentada na perspectiva de disciplinarização e de controle dos “representantes da pátria” nos estádios franceses. No entanto, este fora somente o primeiro de outros episódios que polemizariam a campanha brasileira, na Copa de 1938, colocando em atrito os nobres e elevados ideais que mobilizavam dirigentes, imprensa esportiva e Estado-Novo, e a compreensão, por parte dos jogadores e dos torcedores, do sentido daquele empreendimento.

Basta lembrar da já citada matéria sobre o Regulamento Interno da delegação brasileira, saudada nas páginas do *Jornal dos Sports* a partir do título “*Normas rígidas de condutas para os cracks*”. As obrigações atribuídas a cada jogador, nas palavras do dirigente José Maria Castello Branco, deveriam proporcionar um ambiente ordeiro e marcado pela rigidez na observância das regras estabelecidas:

“a) – acordar e deitar à hora determinada no boletim diário;

<sup>217</sup> *A Gazeta*, 24 de março de 1938, p. 9.

<sup>218</sup> *Ibid.*

- b) – respeitar o horário de alimentação;
  - c) – não se ausentar do ponto de concentração sem a devida permissão por escrito da chefia;
  - d) – evitar discussões que possam trazer desarmonia aos membros da delegação;
  - e) – não fazer convites a pessoas estranhas para visitarem a delegação, salvo com autorização da chefia;
  - f) – aceitar a censura da chefia à correspondência que lhe seja enviada;
  - g) – abolir as bebidas alcoólicas e os jogos de cartas;
  - h) – não havendo jogadores reservas na delegação, respeitar as resoluções e acatar as determinações do treinador, não podendo manifestar-se contra a organização do selecionado;
- Nota – O não cumprimento de qualquer artigo deste regulamento importa na aplicação de multas que variam de 50\$ a 500\$000.
- O não cumprimento do voto de honra e as demais falhas consideradas de natureza grave serão punidos com o imediato regresso do jogador que será entregue à Embaixada Brasileira no Estrangeiro para dar-lhe o destino que merecer”<sup>219</sup>.

Para o jornalista Thomaz Mazzoni, tal cartilha representava “*Os Dez Mandamentos do jogador do selecionado brasileiro*”<sup>220</sup>, cujas demandas pela obediência seriam proporcionais à grandeza da missão que os esperava na Europa. Mesmo debaixo de tais exigências e acuados pelo intenso direcionamento da campanha na imprensa esportiva, os jogadores não acataram passivamente as ordens vindas de cima. Ao tomar ciência das normas de conduta que orientariam a concentração desde o período de treinamentos, na Estação de Águas da cidade mineira de Caxambu, os jogadores encaminharam um documento a Castello Branco com algumas “sugestões”, tendo em vista a sua participação na Copa do Mundo. A divulgação do conteúdo foi feita pelo enviado especial dos Diários Associados e publicada no *Diário de Pernambuco*:

“É o seguinte o teor do referido documento:

‘Ilmo. sr. presidente da Federação Brasileira de *Foot-ball*:

Sejam as nossas primeiras palavras de sincero agradecimento pela visita honrosa que v. excia. dignou fazer-nos na concentração de Caxambu, trazendo, conforto moral, tão necessário para a árdua missão que vindes de nos confiar, qual o de arcar com a honrosa tarefa de levar bem alto, no maior certame *footballístico* do mundo, o *soccer* brasileiro.

Tão significativa missão, no entanto, para ser desempenhada sem desdouro por todos nós jogadores do Brasil, exige que a possamos cumprir com dignidade e sobriedade.

Por isso, vimos até v. excia., sem que esse gesto represente de nossa parte qualquer exigência, expor e pedir o seguinte:

- a) – a maioria dos jogadores requisitados é arrimo de família e como tal, partindo para a França, não ficará isento da obrigação de manter os seus aqui;
- b) – A vida em qualquer parte da Europa é caríssima, levando em consideração a desvalorização dos nossos mil réis, o que tornará difícil uma apresentação condigna de cada um dos signatários nos lugares por onde passar se não forem atendidos no pedido que ora vos fazem e que se concretiza ao seguinte:

1º - Diárias de 25\$000 réis desde o dia do embarque até o do regresso;

2º - Ajuda de custo de 1:500\$000;

3º - Ordenado mensal de 1:500\$000;

4º - Gratificações de 500\$ por jogo ganho, 250\$ por jogo empatado;

5º - Abolir a cláusula “f” do regulamento interno.

<sup>219</sup> *Jornal dos Sports*, 6 de abril de 1938, p. 1 e 4.

<sup>220</sup> *A Gazeta*, 7 de abril de 1938, p. 8.

Aguardando nesta concentração a resposta de v. excia., certos de serem atendidos, subscrevem-se atenciosamente (seguem-se as assinaturas)”<sup>221</sup>.

Recorrendo aos mesmos princípios defendidos pelos dirigentes da FBF e da CBD, os jogadores do selecionado operam uma ressignificação do discurso dominante, adequando-o aos seus propósitos e àquilo que entendiam como seus direitos. Afinal, “*tão significativa missão*”, que deveria ser cumprida por eles “*com dignidade e sobranceira*”, mereceria um maior aporte financeiro, um investimento vislumbrado a partir do reajuste do valor dos ordenados, diárias, ajudas de custo e gratificações.

Além disso, chama a atenção no documento o “pedido” para que a cláusula “f” do regulamento interno fosse abolida, justamente porque impedia qualquer tipo de questionamento, por parte dos atletas, acerca das ordens e da censura da chefia da delegação. Por mais que se desejasse pintar um quadro harmônico e coeso da delegação nacional, episódios como esses ajudam a verificar as rugas presentes na superfície daquele empreendimento.

Ao receber o abaixo-assinado, Castello Branco chamou os *players* Martim e Nariz - enquanto representantes dos jogadores - e, após uma reunião de cerca de três horas, devolveu o documento, alegando que a questão deveria ser tratada diretamente com o presidente da CBD, para demonstrar sua insatisfação, por não julgar justa a reivindicação dos atletas.

Entretanto, preocupados com a repercussão negativa que o caso ganhava nos jornais os jogadores trataram de emitir um telegrama ao presidente da CBD, esclarecendo sua posição e acatando os valores previamente estabelecidos pela entidade:

“Sr. presidente da CBD:

Os jogadores brasileiros concentrados em Caxambu protestam revoltados contra a infâmia que se lhes foi assacada por indivíduos irresponsáveis qual a de fazer exigências para a disputa do campeonato mundial. A verdade é bem outra: fez-se apenas um pedido ao presidente da Federação Brasileira de *Football*. Entre pedir e exigir vai uma longa distância. Asseguramos-vos que, mesmo não sendo atendidos, nenhum de nós se furtará a honra de servir à Confederação Brasileira de Desportos do Brasil”<sup>222</sup>.

O documento fora assinado por 23 jogadores<sup>223</sup> e, mais uma vez, assumia uma função crítica em relação a algumas figuras da imprensa especializada - encarregadas da cobertura da seleção - que estariam “distorcendo os fatos”, tratando o episódio como um ato de “rebeldia” dos jogadores. A disciplina importava tanto que, na mesma edição do *Jornal dos Sports*, na coluna

<sup>221</sup> *Diário de Pernambuco*, 17 de abril de 1938, p. 8, grifo nosso.

<sup>222</sup> *Jornal dos Sports*, 17 de abril de 1938, p. 8.

<sup>223</sup> Além dos vinte e dois jogadores convocados para os treinamentos, o atacante Caxambu, do São Cristóvão também foi integrado ao grupo após seu bom desempenho no primeiro jogo-treino do selecionado contra o seu clube, do qual trataremos mais adiante. *Jornal dos Sports*, 25 de março de 1938, p. 4.

“Críticas e Sugestões”, justificava-se a polêmica, através da reafirmação da conotação negativa do ocorrido para a preparação do selecionado:

“Trata-se, não resta dúvida, de uma exigência e de uma exigência descabida. Já se acentuou que os jogadores não podem, por força dos contratos que os prendiam aos clubes, estabelecer condições. Acontece que o *crack*, afastado temporariamente do clube, adquire uma sensação de liberdade, perigosa para a disciplina ...

Se alguém se detém, serenamente, no exame dos fatos, há de verificar que houve uma inversão de papéis. É natural que o jogador sem cultura, com rudimentar educação esportiva no alto sentido, se julgue no direito de exigir ordenados e gratificações maiores do que os estabelecidos ...

A disciplina obriga a obediência. É preciso, porém, salientar que qualquer exigência fora do estabelecido no contrato do jogador com o clube, constitui um ato de indisciplina. Verifica-se que os elementos concentrados em Caxambu ainda não compreenderam, em toda sua significação profunda, a missão que vão cumprir no campeonato do mundo”<sup>224</sup>.

Em mais essa oportunidade, o jogador de futebol era concebido como um elemento que necessitava ser educado, de modo a não se constituir um mau exemplo, aos torcedores, de subversão das normas e hierarquias que regiam a sociedade, em face de um regime ditatorial. Por conta disso, grande parte das manifestações de insatisfação dos atletas, quanto às condições a eles impostas pelos dirigentes, naquele momento de preparação para a Copa do Mundo, eram taxadas como atos de indisciplina, merecedoras de severa punição.

Todavia, em contraposição ao ambiente de tensão e discórdia apresentado nas páginas do diário carioca sobre o período de concentração em Caxambu, nas páginas d’*A Gazeta*, narrava-se a estadia dos jogadores, na cidade mineira, a partir da observação de um clima alegre e harmônico, que predominaria entre os membros da delegação. A seleção se mostraria como uma “verdadeira família”:

“(…) E na tranqüila cidade das termas fomos encontrar coesa e unida, compenetrada de sua responsabilidade, uma autêntica ‘família’, alegre e feliz, em que os chefes mandam e são obedecidos religiosamente nas horas de trabalho e se tornam camaradas nos momentos de ‘recreio’, merecendo, como chefes ou amigos, o mesmo respeito por parte dos inferiores. Os jogadores, tanto se mostram obedientes e atenciosos no cumprimento da ‘ordem do dia’, sempre dispostos e prazerosos em atender ao toque de levantar e recolher, ir ao banho ou às refeições, à ginástica ou aos múltiplos exercícios individuais, como em participar de passeios ou palestras na mais cordial intimidade com superiores. Mas não é só. Não há dissensões entre Pedro ou Paulo, o coleguismo entre os ‘azes’ predomina de maneira a fortalecer e valorizar um trabalho de organização como jamais o Brasil registrou em vésperas de sua participação nos cotejos internacionais...

Nada, porém, tem conseguido perturbar a harmonia reinante em Caxambu... A vontade de produzir é uma só, todos os esforços se congregam em torno do mesmo ideal e se desta vez não alcançarmos na ‘Taça do Mundo’ os resultados de que nos julgamos capazes de obter, não será, como em ocasiões outras, por falta de boa vontade, disciplina e organização”<sup>225</sup>.

<sup>224</sup> *Jornal dos Sports*, 17 de abril de 1938, p. 2.

<sup>225</sup> *A Gazeta*, 19 de abril de 1938, p. 10.

O bom convívio da delegação, nas palavras do autor da matéria, estava baseado na obediência e no respeito à hierarquia, bem como na relação “amistosa” entre chefes e subordinados, uma “bela” demonstração do quadro de harmonia que seria expresso em estádios franceses durante a Copa do Mundo. Muito embora a realidade dos atritos verificados na concentração em Caxambu, se distanciasse bastante desse cenário idílico que desejava ser pintado pelo cronista da *Gazeta*, tal descrição era bastante significativa, por demonstrar o esforço de alguns dos homens de jornal para preservar e propagandear uma imagem forjada da nação representada naquele grupo de jogadores.

Nesse sentido, outro episódio de maior relevo sobrepujar-se-ia, nas páginas esportivas, a tudo o que fora noticiado da passagem da seleção por Minas Gerais: o encontro da delegação com o presidente Getúlio Vargas. Por ocasião da presença do chefe da nação na também cidade mineira de São Lourenço, um almoço seria oferecido pelo governador do estado, Benedicto Valadares, no Hotel Brasil, onde Vargas estava hospedado. De acordo com o correspondente do *Jornal dos Sports*, o encontro transcorreu da seguinte forma:

“Às 11 horas e 30 minutos, chegou o presidente Getúlio Vargas em companhia do governador Benedicto Valadares, já se encontrando em seus lugares os ‘scratchmen’ brasileiros. Enquanto eram feitas as apresentações protocolares, no ‘hall’ do hotel era prestada mais uma homenagem à delegação brasileira pela Associação de Hoteleiros, sendo servidos café e charutos ...

O Sr. Getúlio Vargas não deixou de esboçar seu característico sorriso de acolhedora simpatia ao penetrar no refeitório, mantendo-se após em amistosa conversação com alguns *players*, e formulando expressões de conforto aos ‘scratchmen’”<sup>226</sup>.

Na reportagem acima, Vargas é descrito em toda a sua “simpatia”, preocupado em deixar os jogadores à vontade e criar uma atmosfera amistosa àquela ocasião solene, que teria a sua descrição centrada no tratamento afetuoso e cordial, dado pela autoridade máxima da nação, aos jogadores brasileiros. De igual modo, a ocasião era caracterizada, pelo enviado especial dos Diários Associados à Caxambu, em matéria publicada no *Diário de Pernambuco*:

“O primeiro magistrado da Nação teve para cada jogador palavras de incentivo e de encorajamento, tendo na ocasião da visita, pronunciado as seguintes palavras: Rapazes – As lutas esportivas lamentáveis que tanto tem enfraquecido o *sport* nacional, dificultaram muito a formação de um selecionado que representasse a força máxima do *foot-ball* brasileiro.

Este é o melhor selecionado que vai à Europa disputar o Campeonato Mundial. É muito difícil obter o título de campeão do mundo, mas não é difícil obter para o Brasil um lugar honroso. É isto que desejo e são os votos que faço”<sup>227</sup>.

<sup>226</sup> *Jornal dos Sports*, 10 de abril de 1938, p. 6.

O cumprimento atencioso do presidente a cada um dos *players* que compunham o escrete nacional emergia, das reportagens, como investidura de poder simbólico e legitimidade, através de um simples gesto que - no contexto de uma ocasião solene – conferia representatividade e autoridade aos craques brasileiros<sup>228</sup>. Por mais protocolar que se apresentasse, o aperto de mão entre o chefe da nação e os jogadores carregava uma simbologia de representação do edifício nacional, que se ergueria sobre aquela campanha. Nessas circunstâncias, mesmo um ínfimo e corriqueiro gesto de cumprimento pode ser ritualizado e assim agigantar-se em seu significado, como era pretendido não somente pelo estadista brasileiro, como também pelos organizadores da seleção - interessados diretos no respaldo do governo estado-novista e nos dividendos gerados por esse apoio.

Vale também ressaltar que, muito embora o discurso do presidente, naquela ocasião, se destinasse a realçar a qualidade daquele grupo de jogadores, como a força máxima do futebol brasileiro, admitia-se a dificuldade em conquistar a Taça do Mundo. Se o inédito título era tarefa por demais complicada, nas palavras de Vargas vinha a ressalva de que o sucesso daquela empreitada se concretizaria a partir da obtenção de um “lugar honroso” no Campeonato Mundial.

Aproveitando-se da presença do primeiro magistrado da nação em São Lourenço, Castello Branco conseguiria agendar ainda um novo encontro com o presidente, no Hotel Brasil, oportunidade na qual convidaria o estadista a prestigiar um treino do selecionado em Caxambu, além de oficializar o convite a Alzira Vargas, para que se tornasse a “Madrinha do Selecionado Brasileiro”<sup>229</sup>. Em resposta à proposta que lhe fora feita, a filha do presidente se mostrava satisfeita em aceitar o posto, estreitando ainda mais a proximidade do regime com o escrete:

---

<sup>227</sup> *Diário de Pernambuco*, 13 de abril de 1938, p. 8.

<sup>228</sup> De acordo com DaMatta: “*Uma ação que no mundo diário é banal e trivial pode adquirir um alto significado (e assim “virar” rito) quando destacada num certo ambiente por meio de uma seqüência. Não é preciso repetir para que se crie o extraordinário. Basta que se coloque um ato numa posição especial. Um aperto de mão, ato corriqueiro entre nós, torna-se o símbolo da fraternidade universal quando é o ponto final e o ato abrangente, englobador de todo um ciclo de ações altamente consciente, como ocorre – por exemplo – no encontro de dois chefes de Estado quando um deles visita o outro. ... Pois, nesse contexto, o aperto de mão nada mais tem de funcional, de ato que reconhece alguém na lógica dos encontros cotidianos, mas passa a ser alusivo da amizade entre os povos, da franqueza que deve nortear a relação entre países, da esperança de viver num mundo de paz e concórdia*”. DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 36-37.

<sup>229</sup> *Jornal dos Sports*, 14 de abril de 1938, p. 1 e 2. Muito embora, nessa oportunidade, Vargas tenha sinalizado com a possibilidade de ir a Caxambu para assistir ao treino do escrete, o objetivo de vincular ainda mais sua imagem ao selecionado nacional, através de um encontro oficial, já havia sido cumprido. Vale dizer que, ao presidente, não seria tarefa das mais prazerosas acompanhar um ensaio da equipe, visto que o futebol não era dos seus esportes favoritos. Tal Posto era ocupado pelo *golf*, dentre as preferências do estadista.

*“Recebi com satisfação e alegria o gentil convite do selecionado brasileiro e desejo, como madrinha e como patriota, que a felicidade e o sucesso os acompanhem na jornada”*<sup>230</sup>.

A aproximação com o regime não poderia assumir uma feição mais intimista, na medida em que, mais que o investimento financeiro na campanha (com o pagamento das passagens à França para trinta membros da delegação) e o incentivo direto do primeiro magistrado da nação, a campanha brasileira, na Copa do Mundo de 1938, contaria também com o reforço da família presidencial, na figura da filha e então chefe de gabinete de Getúlio, Alzira Vargas.

A estratégia adotada pela chefia da delegação, em relação aos mandatários do regime, casava perfeitamente com os interesses do presidente e das figuras mais proeminentes do Estado, em sua relação com a seleção, erigindo uma imagem de harmonia de propósitos, reafirmada em oportunidades como o encontro em Minas Gerais. A impressão que - intencional e cuidadosamente - se procurava deixar aos torcedores é a de que os seus “heróis” estariam inteiramente comprometidos com os valores tão propagados pelo governo autoritário varguista, tendo como alvo final a coroação da pátria.

E era definitivamente a imprensa esportiva quem cuidaria de, a todo tempo, relacionar o escrete à imagem da nação construída pelo regime. Dessa forma, justificava-se a política repressora e propagandística, adotada de maneira ainda mais intensa pelo governo varguista após a implantação do Estado-Novo. Com a preocupação de assegurar sua legitimidade perante a sociedade, o regime concentrar-se-ia na difusão de seu projeto político de unidade nacional, que seria também marcado por uma prática de perseguição e de repressão aos grupos opositores.

Tal estratégia teria intensa repercussão, principalmente sobre os meios de comunicação, que enfrentariam um controle direto de órgãos ligados ao Estado Novo, como salienta a historiadora Maria Helena Capelato:

“Os meios de comunicação, cerceados na liberdade de expressão, ficaram impedidos pela censura de externar suas opiniões, bem como de expressar as opiniões alheias contrárias ao regime. Os órgãos opositores foram silenciados e os adeptos do regime tiveram como missão enaltecer os atos do governo e divulgar a ideologia que o norteava. Nesse período, muitos veículos de comunicação acabaram aderindo ao poder para continuar usufruindo de suas benesses; os que não se dobraram a ele ficaram à mercê do controle da censura. Aos meios de comunicação cabia a tarefa de exaltar a figura de Vargas, não só como conciliador entre as classes e protetor dos oprimidos, mas também como realizador do progresso material, o que significava vencer o atraso”<sup>231</sup>.

<sup>230</sup> Ibid.

<sup>231</sup> CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O tempo do nacional-estatismo**: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2007, p. 118.

A censura vinha como prática estratégica para o estabelecimento de uma imagem positiva do regime varguista e, para muitos meios de comunicação do período, se adequar ao projeto propagandista do Estado Novo era uma questão de sobrevivência. No entanto, para o caso do *Jornal dos Sports* e d'*A Gazeta*, é necessária uma análise mais cuidadosa da relação, visto que tal adequação não se estabelece como uma simples condição de sujeição às imposições e aos limites definidos pela ação do regime, mas como uma via de mão dupla, em que não se devem desconsiderar os interesses que moviam a atuação de figuras como seus importantes diretores, Mario Filho e Thomaz Mazzoni.

De todo modo, a censura representaria a feição mais dura de um Estado concebido como responsável pela conservação da ordem e da harmonia entre as classes, com base em uma política promotora de maior controle social, viabilizada por uma série de ações, dentre as quais a criação do Departamento de Imprensa e Difusão Cultural (DPDC), no ano de 1934. Esse órgão pavimentaria o percurso repressor, na relação com os meios de comunicação, até o ano de 1939, quando já sob a alçada do Estado-Novo, surgiria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ocupando-se das funções outrora exercidas pelo DPDC e pelo departamento policial do regime <sup>232</sup>.

Na Divisão de Imprensa do DIP, estabelecer-se-ia o funcionamento do Conselho Nacional de Imprensa (CSI), encarregado do julgamento das ações de jornalistas que fossem consideradas contrárias à sua própria categoria ou entendidas como ofensivas aos leitores ou a nação <sup>233</sup>. Com o progressivo aumento da vigilância e da punição que incidia sobre tais agentes, o jornalismo esportivo não passaria ileso, como aponta Melina Pardini à luz de Silvana Guimarães:

“Nessa prática autoritária, as notícias polêmicas eram proibidas pelo SCI. Silvana Guimarães <sup>234</sup> exemplificou esse tipo de censura com um episódio ocorrido em dezembro de 1944, quando os cronistas esportivos foram advertidos para não publicarem coisa alguma sobre o último Campeonato Brasileiro de Futebol, com a finalidade de não acirrar

<sup>232</sup> A ação do DIP é assim sintetizada por Marialva Barbosa: “além das prerrogativas da censura, (o DIP) controla o registro de jornais, das emissoras de rádio e serviços de alto-falantes, das revistas; distribui a propaganda do regime; ordena a prisão de jornalistas; fecha jornais e rádios, dita o que pode ou não ser publicado”. BARBOSA, Marialva. op. cit., p. 117-118 e 120.

<sup>233</sup> PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. op. cit., p. 113. Havia também no interior desse Departamento a divisão de competências entre a Agência Nacional (que se ocupava da produção das notícias sobre o regime) e o Serviço de Controle à Imprensa (que cuidava da fiscalização e censura nos jornais, bem como das agências telegráficas e até mesmo das gráficas), e a partir dessa organização o DIP tentava definir os limites aceitáveis de liberdade de ação e expressão, nas rádios e nos jornais.

<sup>234</sup> Cf. GUIMARÃES, Silvana Goulart. **Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. Dissertação de Mestrado – FFLCH/USP. São Paulo, 1984, p. 206.

os ânimos e provocar mais desentendimentos entre as entidades paulistas e cariocas de futebol. A partir dessa data, os comentários esportivos ficaram sujeitos a censura prévia”<sup>235</sup>.

Nessa direção analítica, é fundamental observar-se que o período inaugurado a partir da Revolução de 1930 aponta também para uma nova funcionalidade do jornalismo na capital federal, atuando “*nas cercanias do poder*”, conforme expressão de Marialva Barbosa<sup>236</sup>. De acordo com a historiadora, ainda que a relação que envolvia imprensa e governo desembocasse na imposição arbitrária de limites e na perseguição dos veículos opositores, esse jogo político seria muito mais marcado por conchavos do que por atritos entre as partes.

Assim, a política se tornou o assunto por excelência dos jornais, quer fosse o posicionamento dos periódicos de alinhamento político ou de oposição ao governo. O Estado ganhava, cada vez mais, espaço nas publicações, tendo em vista a difusão de seus ideais. Essa postura intervencionista do regime em setores estratégicos da sociedade civil, apesar de contestada por alguns era reclamada por outros, caso do correspondente d’*A Gazeta* na campanha de 1938 e diretor da seção esportiva do jornal de Cásper Líbero, Thomaz Mazzoni. Para o jornalista, a intervenção estatal nos esportes, mais do que necessária, se fazia urgente naquele contexto.

De acordo com Plínio José Labriola de Negreiros<sup>237</sup>, a convergência de discursos entre Vargas e Mazzoni se estabelece a partir da crítica aos entraves da unidade nacional e esportiva. Enquanto o chefe da nação combatia o regionalismo (tido por ele como obstáculo à valorização dos interesses nacionais), Mazzoni repudiava o clubismo, como principal impedimento ao desenvolvimento do futebol nacional. Na política e no futebol, a unidade deveria ser o mote. Por isso mesmo, na perspectiva de Mazzoni, era de ordem e de disciplina que o futebol brasileiro precisaria para combater a mentalidade “egoísta” dos clubes, enquadrando-se assim ao projeto de nação vindo de cima.

<sup>235</sup> PARDINI. op. cit., p. 113-116.

<sup>236</sup> BARBOSA, Marialva. op. cit., p. 103. A autora chama a atenção para o fato de que esse controle sobre a imprensa se daria também através dos subsídios financeiros (à importação de papel e equipamentos gráficos) concedidos aos veículos que se alinhavam com o regime, enquanto que muitos dos que preferiram resistir, ao invés de engrossar as fileiras do Estado-Novo, pagariam caro por isso: “*Os anos de chumbo do Estado Novo significam também o controle rigoroso dos meios de comunicação, o que leva ao fechamento de inúmeros deles. Estima-se que no período deixam de circular 61 publicações. No Rio de Janeiro, todo o grupo pertencente a Geraldo Rocha na década de 1920 – incluindo o vespertino A Noite, o matutino A Manhã e as Rádios Nacional e Mayrink Veiga, apenas para citar as mais importantes empresas das 17 que compõem o grupo – é incorporado ao Estado ...*”. Cf. BARBOSA, op. cit., p. 121-122.

<sup>237</sup> Ibid., p. 4-5.

E se Mazzoni se aproximava do primeiro magistrado da nação, nos princípios basilares de seu pensamento acerca dos esportes e do futebol brasileiro, no caso do diretor do *Jornal dos Sports*, essa aproximação extrapolava o plano discursivo. É necessário lembrar que Mario Filho foi um dos principais incentivadores e idealizadores de iniciativas de cunho popular, como a “Campanha do Selo” e o concurso para “Embaixador e Embaixatriz da torcida brasileira em Paris”, no ano de 1938; uma figura cuja atuação extrapolava o universo das redações e que, para ser entendida, segundo Ruy Castro, deveria ser observada não só como “homem de jornal”, mas como homem dos estádios, das editoras, das ruas e dos cafés do Rio de Janeiro, e não menos no que concerne à política: “*Tornara-se o ministro, sem pasta, do futebol brasileiro, a quem os jogadores, os clubes e a CBD iam pedir conselhos, quando tinham de decidir alguma coisa*”<sup>238</sup>.

Tal vínculo com o governo deve ser visto a partir de sua relação, até certo ponto estreita, com o próprio Vargas, o que tornaria não tão raras as visitas ao gabinete presidencial. De acordo com o mesmo Ruy Castro, Gregório Fortunato - o “anjo negro” de Getúlio -, era um que, ao vê-lo entrar no Catete, dizia: “*Ainda bem que o senhor veio, doutor Mario. O homem hoje está num mau-humor de amargar*”<sup>239</sup>.

De todo modo, sua relevância no jornalismo esportivo e nos empreendimentos de vulto idealizados e realizados, ao longo de sua trajetória, o levariam a estabelecer uma ampla rede de relacionamentos, que inevitavelmente continha as mais proeminentes figuras públicas, fossem escritores de renome como Gilberto Freyre e José Lins do Rego, empresários influentes de seu ramo como Roberto Marinho, ou mesmo autoridades políticas como Getúlio, entre outros. O que parece pouco discutível é a representatividade de sua figura para a crônica esportiva brasileira e mesmo para qualquer estudo que se proponha a entender a relação entre futebol e sociedade no Brasil. Não era à toa a grande admiração nutrida por seu irmão não menos famoso, o escritor Nelson Rodrigues, que definia Mario Filho, no futebol brasileiro, como um “criador de multidões”<sup>240</sup>.

Além disso, Mario Filho é um referencial importante (assim como Thomaz Mazzoni e outros) do momento em que se firma na imprensa, a figura do cronista esportivo, reflexo direto de um novo período demarcado pela emergência do profissionalismo no esporte mais popular do

---

<sup>238</sup> CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 222.

<sup>239</sup> Ibid.

<sup>240</sup> RODRIGUES, Nelson. O homem fluvial. IN: FILHO, Mario Rodrigues. O sapo de ararubinha. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 8 apud SOUZA. op. cit., p. 188.

país. O futebol se via, cada vez mais, caracterizado pela lógica da competitividade e do consumo. Na perspectiva de André Mendes Capraro, é a fim de atender à crescente demanda de um público adepto dos esportes, ávido por informações, que o cronista esportivo desponta. Na imprensa, a crônica mais geral que, dentre outros temas, compreendia o futebol, passava então à categoria especializada de “crônica esportiva”, em que figuras de vanguarda como Mario Filho, ou expoentes como Zé Lins (inserido no meio jornalístico esportivo pelo próprio Mario), Nelson Rodrigues, dentre outros, foram influenciados pelo pensamento freyreano, a respeito da formação sócio-cultural brasileira <sup>241</sup>.

Portanto, o irmão mais velho de Nelson Rodrigues seria figura destacada no universo esportivo e de grande importância nos bastidores da campanha para a Copa do Mundo de 1938. Além dos já mencionados empreendimentos apoiados por Mario Filho, naquela ocasião, vêm-se, mais à frente, outras ações que ajudaram a promover ainda mais a participação brasileira naquele mundial e, obviamente, o próprio jornal dirigido por ele.

Por ora, é necessário pontuar que o posicionamento pedagógico da imprensa especializada, acerca dos jogadores e torcedores, seguiria ditando o curso do período de treinamentos do escrete, quase sempre convergindo intencional e estrategicamente para a imagem da campanha pretendida pelo regime estado-novista.

No primeiro jogo-treino da seleção, antes do embarque para Caxambu, o escrete brasileiro teria pela frente a equipe do São Cristóvão, no estádio do Fluminense, porém, à imprensa caberia lamentar os desfalques do selecionado - que não contaria, a princípio, com os jogadores de Flamengo (Walter, Domingos, Fausto, Leônidas e Waldemar) e do América (Britto, Thadeu e Plácido), equipes que excursionavam pelo Nordeste para a realização de alguns amistosos, sem contar com outros desfalques de última hora <sup>242</sup>.

Mesmo diante das muitas ausências e do início de trabalho, chamava a atenção o fato de não ter sido liberada a presença de público no treino, permitindo-se somente o acesso a alguns jornalistas esportivos, além de sócios do tricolor carioca. Aos demais torcedores, restaria apenas aguardar do lado de fora, como registrado nas páginas do *Jornal dos Sports*: “Grande número de

---

<sup>241</sup> CAPRARO, op. cit., p. 228.

<sup>242</sup> *Jornal dos Sports*, 25 de março de 1938, p. 1 e 4. O teste acabou não valendo tanto diante dos muitos desfalques. Além dos jogadores de América e Flamengo, os jogadores requisitados do Fluminense também não integraram o exercício por diferentes motivos: o goleiro Batataes (alegando intoxicação alimentar), o meia-direita Romeu (visita à irmã enferma em São Paulo), o *back* Machado e o meia-esquerda Tim (por haverem participado do treino do Fluminense no dia anterior).

*aficionados, entretanto, permaneceu nas imediações do (estádio) tricolor, à espera de uma oportunidade que não chegou”* <sup>243</sup>.

Diante do ocorrido, indagava-se, na imprensa especializada, se caberia, ou não, a presença de público nos demais jogos-treino, durante a preparação; questão levantada pelo presidente da CBD, Luiz Aranha, após a constatação do grande interesse popular pelos exercícios do selecionado. O dirigente enxergava no fato uma boa oportunidade de angariar mais fundos para a campanha brasileira, através da cobrança de ingresso:

“Esboça-se um movimento no sentido de permitir à torcida a assistir os próximos treinos do *scratch* brasileiro. O público está interessado nas marchas dos preparativos para a organização do selecionado nacional como ficou patenteado no segundo exercício efetuado anteontem. Esse aspecto não passou despercebido ao Sr. Luiz Aranha, presidente da CBD, pois o prestigioso paredro vê até vantagens de ordem financeira na medida em que se tornarem públicos os futuros treinos do *scratch* ... Mediante uma contribuição ‘módica’ os *fans* teriam ingresso” <sup>244</sup>.

Enquanto nas páginas do jornal fluminense apoiava-se a sugestão do dirigente, na seção esportiva d’*A Gazeta* a notícia da permissão de público para os jogos-treino seguintes da seleção, no Rio de Janeiro, era mal vista, na medida em que se acreditava que os torcedores, que acompanhariam os ensaios, levariam às arquibancadas, cadeiras e gerais o sentimento clubístico, que se manifestaria no ato de torcer pelos jogadores que pertenciam ao “time do coração”, em detrimento do incentivo unívoco ao escrete nacional:

“(…) A seleção treinará novamente hoje, no Rio. O treino será público. Os outros foram secretos, mas, mesmo assim, a ‘torcida’ encontrou meios de entrar no campo. Quer dizer que hoje, sendo pago o ingresso, a ‘torcida’ será mais numerosa e exigente. Trata-se de um público partidário, inconveniente ... Sabemos muito bem o que acontece, seja o treino da seleção nacional, paulista, carioca etc. Impera o espírito clubístico, a crítica apaixonada. Cada ‘torcedor’ quer ver o maior número possível de ‘azes’ do seu clube no conjunto. Grita contra o técnico, aborrece os jogadores, e assim, num ambiente apaixonado, o treino tornar-se pouco útil. Hoje, inevitavelmente, acontecerá a mesma coisa... Ainda bem que é o último, no Rio” <sup>245</sup>.

O treino ao qual se refere acima o autor da matéria é o quarto ensaio da seleção, que seria realizado novamente na capital federal, para o total desgosto do cronista. A presença dos torcedores era tida como prejudicial, na medida em que, em tais ocasiões, as identidades expressas eram, fundamentalmente, clubísticas. A diluição do sentimento nacionalista era inevitável, ante as manifestações de aprovação aos jogadores de seu clube e a não aceitação aos

<sup>243</sup> *Jornal dos Sports*, 25 de março de 1938, p. 4, grifo nosso. O destaque do treino acabou sendo o atacante Caxambu, do São Cristóvão. Na vitória, por 4 a 2, da seleção, o avante marcou 3 gols, sendo 1 no primeiro tempo, por sua equipe, e os demais na etapa final, quando substituiu o contundido Niginho (atacante do Vasco), na seleção.

<sup>244</sup> *Jornal dos Sports*, 29 de março de 1938, p. 1 e 4.

<sup>245</sup> *A Gazeta*, 6 de abril de 1938, p. 9.

jogadores de agremiações rivais. Vale destacar, nessas circunstâncias, que “inevitável” passou a ser um adjetivo bastante oportuno às considerações do cronista, visto que nem mesmo nos treinos “secretos” o público “inconveniente” deixou de criar meios de entrar no estádio.

Aproveitando-se do ocorrido, Mazzoni classificaria o Rio de Janeiro como “*ambiente pernicioso*”, que estaria contaminando a preparação da seleção, por conta da postura crítica descabida e demasiadamente clubística dos jornalistas da imprensa esportiva carioca e, principalmente, dos dirigentes dos grandes clubes. Para o jornalista, tal fato poderia ser comprovado em atitudes como a dos dirigentes do Fluminense:

“(…) Perdurar no Rio de Janeiro o preparo da seleção e a observação dos elementos é contraproducente, porque o ambiente é simplesmente pernicioso. Todo mundo quer mandar e criticar... Com o resultado do exercício de anteontem, o pobre do Pimenta deve estar tonto com a grita dos ‘críticos’...

Imaginem! O Fluminense ‘venceu’ a seleção! A estas horas o técnico quantas ‘cacetadas’ já não levou!... A estas horas muita gente deve estar gritando que em lugar da seleção é melhor que viaje à Europa o ‘XI’ do Fluminense...

Pena que os jogadores ainda estão no Rio de Janeiro...

É preciso isolar logo a seleção caso contrário tudo será inútil. O preparo físico, técnico e espiritual não pode ser prejudicado por pequeninos interesses e caprichos de quem quer que seja. O que aconteceu anteontem é absurdo. Para se fazer a comodidade do Fluminense, o quadro deixou de se exercitar completo.

Era boa a ocasião para se reunir todos os ‘azes’, dada à presença dos jogadores de São Paulo. Mas, no entanto, que aconteceu? O Fluminense fez questão de treinar o seu quadro. Sim, senhores. Foi a seleção que serviu o ‘XI’ tricolor e não este que serviu a seleção! Tudo porque o Fluminense tem que jogar com o São Cristóvão... É o cúmulo!”<sup>246</sup>.

A crítica de Mazzoni se refere ao terceiro jogo-treino realizado na capital federal e no qual a seleção sofreu uma derrota nada agradável para o Fluminense, pelo placar de 4 a 1. Sua insatisfação se voltava para a atitude dos dirigentes do tricolor das Laranjeiras, que não permitiram que os seus principais jogadores (convocados para a seleção) atuassem pelo escrete brasileiro. A postura nada razoável era tida como inadmissível, uma clara demonstração, não só da falta de bom senso dos paredros cariocas, mas do quanto o ambiente do Rio de Janeiro nada tinha de salutar à seleção.

Entrementes, diferentemente do que imaginava Mazzoni, quanto a uma eventual postura ferrenha dos “críticos” diante daquela acachapante derrota, nas páginas do *Jornal dos Sports*, a cobertura do ocorrido caminharia também no sentido de minimizar a importância do resultado e justificar o valor de cada um dos exercícios para o maior entrosamento dos jogadores. Dessa forma, mesmo diante da desagradável goleada e da intransigente postura dos dirigentes do Fluminense, a mobilização do *Jornal dos Sports*, em torno da Campanha do Selo (no propósito

<sup>246</sup> *A Gazeta*, 2 de abril de 1938, p. 11.

de engrandecer a importância da participação brasileira na Copa do Mundo) acabou por amenizar qualquer repercussão negativa do resultado do prélio.

A matéria que trazia as informações sobre o malsucedido ensaio procurava ressaltar que fora mais uma oportunidade para se observar os jogadores do escrete e dar-lhes ritmo, apontando-se o fato de jogadores como o goleiro Batataes, o zagueiro Machado, os meias Romeu e Tim, e o ponta-esquerda Hércules terem atuado pelo então bicampeão carioca e não pela seleção, como determinante para o que se vira em campo. Portanto, o entrosamento do Fluminense e a falta de um conjunto definido por parte da equipe brasileira seriam os motivos da goleada, justificando-se ao leitor: “*Por estas e outras razões de profunda observação, é que não se deve cogitar da significação de vitórias num momento em que apenas a observação é objeto...*”<sup>247</sup>.

Por outro lado, nas páginas da *Gazeta*, Mazzoni novamente mostrava sua indignação contra os jornais cariocas, dessa vez referindo-se àqueles que – nas palavras do jornalista – realizaram um “*juízo sumário*”, desqualificando a atuação dos jogadores paulistas em seu primeiro jogo-treino pela seleção:

“Juízo sumário, eis como se pode taxar as ‘apreciações’ da maioria dos nossos bravos colegas do Rio sobre os jogadores dos clubes de S. Paulo, após o treino de anteontem. Para os repórteres, tudo se resumiu em duas linhas de comentário. Brandão, Luizinho, Argemiro, Del Nero e Carnera? Nada valem, simples valores secundários.

Juízo sumário. Brandão não merece atenção alguma, como se já há dez anos não mais se exibia no Rio. Luizinho, idem, como se fosse um modesto recruta; Carnera, também, como se fosse um ilustre desconhecido, Argemiro, Del Nero, medíocres, como se fossem uns ‘varzeanos’!...

Eis como se manifestaram os críticos. Não levaram em consideração nada. Não se lembraram que os elementos daqui chegaram às pressas ao Rio e foram treinar horas depois; que foram excluídos num quadro, cuja organização não tinha nem pé nem cabeça; que treinaram pela primeira vez sem outra preocupação, senão provar ligeiramente para conhecer os companheiros ... Nada lembraram os ‘super-críticos’ do Rio, nenhuma atenuante para os nossos elementos, nenhuma consideração para um Brandão, o jogador brasileiro de maior rendimento técnico no último campeonato sul-americano; para Luizinho o artilheiro nº 1 da seleção naquele torneio, para Carnera, que há cinco anos é o zagueiro da seleção paulista e brasileira; para Argemiro e Del Nero, ‘azes’, em dois dos nossos principais ‘esquadrões’! Que crítica é essa? É assim que se apreciam nos treinos os valores de uma seleção nacional?...

Se é dessa maneira que os nossos colegas do Rio querem cumprir sua missão ao julgar os ‘azes’ paulistas, nós temos o direito de não lhes reconhecer competência, autoridade e imparcialidade.

Ridículo! Injustiça!”<sup>248</sup>.

A observação de uma suposta parcialidade bairrista dos repórteres e dos jornalistas dos periódicos cariocas era motivo para que *Olimpicus* restabelecesse a “justiça” com os jogadores de

<sup>247</sup> *Jornal dos Sports*, 1 de abril de 1938, p. 4.

<sup>248</sup> *A Gazeta*, 2 de abril de 1938, p. 11.

S. Paulo convocados à seleção para o período de treinamentos, não aceitando o “desprezo” que os “azes” vinham recebendo da imprensa guanabarina. As afrontas necessitavam de resposta, e Mazzoni seguia alimentando a rivalidade, por ele tão repudiada, entre cariocas e paulistas.

Nesse sentido, a possibilidade de um último ensaio envolvendo as equipes azul e branca, a ser disputado em São Paulo, entusiasmava a imprensa esportiva bandeirante, fato que levaria Thomaz Mazzoni a defender a importância da realização do encontro entre o selecionado e os torcedores paulistas:

“(…) Fazemos votos, porém, para que a visita seja levada a efeito a fim de que os “azes” sejam saudados pelos ‘torcedores’ paulistas. Não esqueçamos que a maioria dos mesmos são legítimos ídolos do futebol bandeirante: Brandão, Tim, Hércules, Luizinho, enfim, a representação paulista é grande. Nesse dia a nossa ‘torcida’ se despediria em campo dos jogadores nacionais exteriorizando-lhes toda a sua fé e o seu entusiasmo pela missão que os espera nos campos franceses”<sup>249</sup>.

Diante da confirmação do exercício e em face do já afirmado papel educativo reivindicado pela imprensa de ambas as praças, quando o assunto era o comportamento de jogadores e de torcedores, o diretor da seção esportiva d’A *Gazeta* dirige um apelo à assistência paulista, que comparecesse ao jogo-treino:

“(…) Precisamos preparar à seleção um ambiente agradável, estimulante, na noite de hoje. Uma só ‘torcida’, um só nome interessa: o Brasil! É inútil ir a campo pensando no nome deste ou daquele jogador, deste ou daquele clube... Não se justifica, é antipático, é mentalidade inferior. Fora com esses maus ‘torcedores’!”<sup>250</sup>.

Na edição do dia seguinte ao encontro no Palestra Itália<sup>251</sup>, uma descrição exagerada e exultante saudava o sucesso do *match*, que marcou o “até breve” do torcedor paulista à seleção. O êxito era fundamentalmente relacionado ao “bom e generoso” comportamento do público, que prestigiou os craques brasileiros, uma torcida “exemplar” que muito bem exprimiria o sentimento patriótico de todos os paulistas aficionados da seleção. Um patriotismo com os devidos traços de civilidade:

“(…) tudo teve a ganhar a seleção, vindo treinar perante o público paulista. Bom e generoso público, este de São Paulo. Tudo se consegue dele, docilmente. Existe o senso esportivo, compreendem-se os bons objetivos, adere-se às boas iniciativas, sabe-se como se conduzir perante 22 jogadores destinados a constituir a seleção do país. O que houve ontem à noite por parte dos 15 mil afeiçoados, durante os noventa minutos da exibição, não foi algo mais do que uma ‘torcida’ dessas que conhecemos com os seus defeitos,

<sup>249</sup> *A Gazeta*, 14 de abril de 1938, p. 8.

<sup>250</sup> *A Gazeta*, 22 de abril de 1938, p. 11.

<sup>251</sup> O ensaio da seleção em São Paulo, disputado no estádio do Palestra Itália, marcou a despedida dos torcedores paulistas, premiados de acordo com o *Jornal dos Sports* com um jogo-treino bastante movimentado, que terminou com o empate por 4 a 4 entre as equipes azul e branca. *Jornal dos Sports*, 23 de abril de 1938, p. 1 e 4.

quando atacada de paixão partidária. Foi, isso sim, uma... serenata do nosso público futebolístico aos jogadores que vestirão a camiseta auri-verde.

Imaginem se o futebol fosse sempre assim!... Aquela assistência parecia composta de 15 mil seminaristas reunidos em congresso ao ar livre... Nem uma nota destoante. Nenhum apuro aos jogadores, nada de público se inclinar por um ou outro quadro, por exteriorizar preferência pessoal. O árbitro, igualmente, parecia que não estava em campo... Em suma, uma 'torcida' romântica, 'torcida' singular, que na única entrada acidentada do treino (Carnera em Niginho), não aprova o lance, apesar de ser de autoria de um ídolo local, a dano de um 'az' estranho ao nosso meio"<sup>252</sup>.

A narrativa do evento estabelecia os contornos altamente ordenados de uma “digna” homenagem dos torcedores de São Paulo aos membros do escrete, uma “serenata” em sua faceta romantizada de uma expressão de amor contida e respeitosa à “pátria de chuteiras”, cuja idealização deveria espelhar a própria sociedade em sua versão mais solene. Tal construção se propunha também a fixar a concepção do futebol como lugar de reprodução das normas sociais vigentes, ou seja, mais um espaço no qual a formalização e a conscientização poderiam criar as condições para a confecção de um ambiente modelar, em conformidade e adequação com a vivência de um regime controlador e orientador do comportamento social.

A fim de respaldar os comentários elogiosos aos “*15 mil seminaristas reunidos em congresso ao ar livre*”, a mesma seção “Todos os Esportes” trazia em destaque a repercussão positiva do jogo-treino, em jornais cariocas como o *Imparcial*, que saudou o espírito esportivo do público paulista. O recurso a um discurso conciliador, em relação a determinados veículos da imprensa guanabarina, tinha por finalidade a exaltação de São Paulo, ressaltando a admiração demonstrada em tais folhas, ante o verdadeiro “exemplo” de civilidade esportiva, dado pela cidade a todo o Brasil, por intermédio de seus torcedores:

“Nossos prezados colegas do ‘Imparcial’, do Rio, o jornal de Maciel Filho, assim comentaram o êxito da exibição da seleção em São Paulo. Fazemos questão de ser lido pelo nosso público esportivo o que escreveu aquele prestigioso matutino carioca:

MAGNÍFICO EXEMPLO DADO POR SÃO PAULO – Quem teve a idéia de realizar, em S. Paulo, o exercício do selecionado... deve estar muito justamente satisfeito. O êxito do jogo ultrapassou a mais otimista expectativa.

Tecnicamente, registram as crônicas, correspondeu plenamente ao objetivo visado. Sob os demais aspectos, a iniciativa resultou numa demonstração magnífica de esportividade nacional.

Permita-nos a preliminar: não nos causou surpresa, habituados que estamos de admirar de há muito o espírito esportivo, que anima aos nossos irmãos de São Paulo...

Como quer que seja, porém, o registro agradável do modo por que o povo paulista, emprestando entusiasticamente o seu prestigioso apoio à CBD, nessa emergência, ocorrendo em massa ao campo do exercício para animar os jogadores da forma porque a valiosa e culta imprensa da adiantada capital bandeirante noticiou o jogo, tudo isso vale muitíssimo mais do que tudo que se pudesse esperar da feliz lembrança, que tão auspiciosamente se concretizou nesse fato esportivo memorável, que nos enche da mais

<sup>252</sup> *A Gazeta*, 23 de abril de 1938, p. 11.

ampla satisfação. Exemplos, como esse admirável, que São Paulo nos acaba de oferecer, merecem ser guardados carinhosamente.

E nós o conservaremos, por certo, porque além do mais, ele vale pela afirmação de uma etapa valiosa na nossa civilização esportiva”<sup>253</sup>.

O interessante quando se examina o próprio trecho supracitado é a consideração de que as impressões apresentadas no *Imparcial* estão fundadas não em uma descrição do ensaio fornecida por um de seus correspondentes na capital paulista, e sim na própria cobertura da imprensa bandeirante. Ou seja, o jornal se baseou, de forma admitida, nas próprias crônicas da imprensa paulista para trazer as suas considerações sobre o *match*-despedida do escrete brasileiro em sua passagem por São Paulo, retirando daí também as suas entusiásticas conclusões. Uma prática corriqueira e perfeitamente concebível que, no entanto, não é mencionada pelo cronista da *Gazeta*, pois o que importava mesmo, para realçar o sucesso daquele empreendimento (com as marcas da paulistanidade) era o reconhecimento vindo de um jornal do Rio de Janeiro.

Todavia, o ensaio em São Paulo fora tão somente o primeiro de outros eventos que se fariam carregados de objetivos, não somente financeiros, mas também simbólicos da parte dos organizadores da delegação, na tentativa de propagação dos tão aclamados ideais de sustentação do sentimento nacional. Iniciativas como o “Churrasco Monstro”, o “Concurso para Embaixador e Embaixatriz da Torcida Brasileira em Paris” e a Campanha do Selo, permeariam, como já se disse, todo o período de preparação da seleção, que ainda comportaria partidas-despedida na capital federal<sup>254</sup>, e nas passagens por Salvador e Recife, antes do “Arlanza” deixar a costa brasileira rumo ao Velho Continente.

Dessa forma, é bastante sugestiva a manchete que compunha a capa do *Jornal dos Sports* na edição do dia 30 de abril de 1938, marcando a data de embarque da delegação brasileira na capital federal. A mensagem estampada na primeira página não deixava dúvida quanto aos interesses e às expectativas da imprensa esportiva em torno do *scratch* nacional:

“Boa viagem, brasileiros! Sejam felizes! Os *cracks* do Brasil, nesse momento de vibração cívica, quando os desportistas de todo o país põem de lado predileções, clubismos e sentimentos de facção, precisam atentar para as responsabilidades que pesarão sobre os seus ombros na Europa”<sup>255</sup>.

<sup>253</sup> *A Gazeta*, 26 de abril de 1938, p. 10.

<sup>254</sup> A despedida da capital federal ocorreu no estádio de São Januário, contando com numerosa assistência (mesmo diante do acréscimo no preço dos ingressos do valor referente à venda de um selo (quinhentos réis) em suas diferentes modalidades: arquibancadas e gerais 6\$000 (seis mil réis), cadeiras na curva 15\$000 (quinze mil réis) e cadeiras especiais 25\$000 (vinte e cinco mil réis)), em mais um jogo-treino vencido pelo escrete azul pelo placar de 9 a 2, com grande atuação de Leônidas. *Jornal dos Sports*, 27 de abril de 1938, p. 4.

<sup>255</sup> *Jornal dos Sports*, 30 de abril de 1938, p. 1.

Naquele célebre momento de conagração dos desportistas de todo o país, em torno dos representantes da pátria, pesaria sobre seus ombros – não era demais lembrar - a responsabilidade de zelar pela imagem nacional na Europa, um compromisso expresso na advertência de que todos os esforços haviam sido feitos em torno daquela empreitada. Esforços esses que teriam possibilitado a “harmonização” e a “unidade” esportiva – na superação das “*predileções, clubismos e sentimentos de facção*” – e que agora deveriam ser preservados e reafirmados pelos “*cracks do Brasil*”, muito embora essa construção tenha se sustentado (como se poderá observar) muito mais no plano discursivo do que na prática organizacional daquela campanha.

O caminho estava traçado, mas isso não significa que os membros da delegação seguiriam sem desvios nas veredas de uma histórica Copa do Mundo que estava por se iniciar.

## 2.2 “Anulado o jogo! Viva o Brasil!”: o início do torneio e os delírios de um boato

A III Taça do Mundo consagraria a primeira grande campanha brasileira em mundiais. Diferentemente das edições anteriores, aquela oportunidade reservaria ao selecionado brasileiro um papel de relevo entre as grandes equipes do torneio. Todavia, o inédito terceiro lugar, alcançado em canchas francesas, ficaria em segundo plano, ante o episódio da polêmica derrota da semifinal para a Itália.

Nas ruas da capital da República, a tristeza pelo resultado final do jogo fora transpassada por um raio de esperança, diante do boato que se espalhava de que a partida estaria na iminência de ser anulada, por diferentes razões, dentre as quais, os erros de arbitragem que, na narrativa da derrota da imprensa especializada brasileira, teriam sido determinantes para o resultado do prélio:

“Em delírio, representantes de todas as classes sociais procuravam os pontos centrais em busca de novos detalhes da desassomburada atitude dos delegados brasileiros enquanto isto uma verdadeira fuzilaria de bombas juninas se fazia ouvir desde a Avenida Rio Branco até os mais longínquos subúrbios. Era o incontido entusiasmo popular que espocava, numa demonstração pública e vibrante de desagravo aos nossos ‘*cracks*’ que tiveram a sua magnífica escalada para a Copa do Mundo cortada pela parcialidade de um proposto da renegada organização que explora o *football* internacional”<sup>256</sup>.

---

<sup>256</sup> *Jornal dos Sports*, 17 de junho de 1938, p. 1 e 5.

E passando por milhares de bocas e ouvidos, o boato ia ganhando cada vez mais o *status* de verdade e fato já consumado. Para os torcedores nas ruas do Rio de Janeiro, o jogo estava anulado e a vibração era como se o Brasil tivesse conquistado a Taça do Mundo:

“O delírio dos primeiros momentos quando se apresentava como positiva a notícia da anulação foi indescritível. Vimos no Clube Naval, todos os passageiros dos ônibus que largavam erguerem-se como movidos num único impulso e vivarem os ‘cracks’ bradando:

- Anulado o jogo! Viva o Brasil!

Nos cafés formavam-se grupos onde se lembrava que Leônidas poderia tomar parte num novo jogo, enquanto os cavalheiros mais bem informados eram crivados de perguntas.

Em frente à redação do Jornal Sports enorme multidão permaneceu muito tempo à espera de notícias, que infelizmente, porém, não corresponderam a expectativa da maioria que ansiava pela anulação imediata do *match*”<sup>257</sup>.

Entretanto, até se chegar a esse momento de grande impacto na vida nacional, um difícil e tortuoso caminho ainda necessitava ser percorrido pelo selecionado brasileiro, uma estrada que não se poderia imaginar constituída de tantos percalços, como viria a se mostrar desde as primeiras medidas do programa *scratch*, traçado pelos dirigentes da CBD e FBF.

Apesar das primeiras divergências, no seio da delegação, envolvendo jogadores e os organizadores da campanha, até o momento da despedida na capital federal, a imagem da empreitada brasileira se sustentava firmemente nas páginas esportivas, mesmo que houvesse ressalvas quanto ao que se poderia esperar na Europa.

O embarque no Rio de Janeiro fora acompanhado por um grande contingente de torcedores e, Thomaz Mazzoni, como um dos correspondentes da imprensa esportiva brasileira a acompanhar a delegação a bordo do vapor “Arlanza”, assim registrou as suas “agradáveis impressões” do último incentivo dos torcedores cariocas no cais Mauá:

“São 14 horas e 30 minutos quando o ‘Arlanza’ faz o primeiro movimento de saída. Nesse momento a ‘torcida’ que está aglomerada no cais atinge ao auge do entusiasmo. É o último momento da despedida. Os jogadores correspondem de bordo. Lenços que se agitam, gritos de esperanças, de promessas: ‘Hércules, faça dois ‘goals’ para mim!; ‘Batataes, traga a taça!...’ O vapor faz-se cada vez mais ao largo. A ‘torcida’, debaixo de chuva, dissolve-se e cada vez mais a vemos menor e mais distante; daí a pouco nada mais vemos. A única nota triste da despedida foi o tempo. Choveu desde quase meio-dia. Assim mesmo foi das mais concorridas e festivas”<sup>258</sup>.

A agitação do momento, expressa na descrição de *Olimpicus*, ajuda a perceber o apoio dos torcedores e suas grandes esperanças, quanto ao êxito na Copa de 1938. Dentre os muitos gritos de incentivo aos jogadores, o cronista da *Gazeta* destaca os pedidos feitos ao goleiro paulista e

<sup>257</sup> Ibid.

<sup>258</sup> *A Gazeta*, 6 de maio de 1938, p. 10.

titular da seleção e do Fluminense, Batataes, e ao mineiro e ponta-esquerda também do tricolor das Laranjeiras, Hércules. Neles, acentua-se o que mais importava aos torcedores naquela ocasião: o gol e a taça. Cada tento marcado pelos nossos jogadores representaria a alegria de cada torcedor que por aqui ficava. Gols feitos por e para cada aficionado, tendo em vista a conquista do título mundial.



(Torcedores rodeando os jogadores brasileiros, antes do embarque no “Arlanza”, no cais Mauá, no Rio de Janeiro. À frente (de cabeça baixa e sorrindo), o meia-esquerda do Fluminense e da seleção, Tim, seguido do também meia do Fluminense, Romeu Pelliciani (de cabeça erguida e de boina). *A Gazeta*, 3 de maio de 1938, p. 8)

Do embarque no Rio de Janeiro, o vapor “Arlanza” teria ainda duas escalas previstas em seu itinerário, antes de seguir em direção à Europa. A primeira delas em Salvador, onde há registros de impressionante recepção dos torcedores à delegação, sendo tais manifestações quase sempre descritas sob o prisma de um sentimentalismo que pouco teria a ver com um comportamento racional e equilibrado:

“Apesar do violento temporal aqui desencadeado, era grande a massa popular que se comprimia nas imediações do armazém reservado ao desembarque da luzida comitiva *footballística* ...

É inacreditável que mau grado a inclemência do tempo houvesse tanta gente aguardando a descida dos *cracks* patricios.

Evidentemente, o entusiasmo do povo destas plagas é difícil de descrever. Seu estoicismo toca as raízes da loucura”<sup>259</sup>.

Nem mesmo o mau tempo teria conseguido atrapalhar a entusiástica recepção. O cortejo até o hotel, onde ficaria hospedada a delegação, foi acompanhado por torcedores e torcedoras desejosos de um contato mais próximo com seus ídolos. Houve até mesmo a necessidade de

<sup>259</sup> *Jornal dos Sports*, 4 de maio de 1938, p. 1 e 4.

intervenção policial, para tentar conter alguns admiradores mais exaltados, muito embora não tenha sido suficiente para conter o ímpeto e a arremetida dos aficionados sobre alguns jogadores:

“O tempo continuava castigante. Entretanto a multidão desassombrada, não se satisfaz em presenciar o desembarque. Foi além: acompanhou em cortejo até o hotel os nossos participantes na Copa do Mundo ...

A polícia interveio. Luizinho queria passar com a senhora. Madame Cançado foi mais corajosa. Braços nos braços de seu dedicadíssimo esposo marchou firme contra a multidão.

Domingos tentou saltar para o automóvel. Tudo em vão ...Um *fan* mais resolutivo saltou-lhe nos ombros arrancando-lhe o distintivo rubro-negro.

Tim mediu o alcance da situação procurando driblar a massa ... mas qual ...

E lá se foi uma gravata quase nova.

... Batataes também foi procurado com insistência.

Descobriram-no antes da fuga. E lá se foi o grande *keeper* tricolor carregado pelo povo”

<sup>260</sup>

O bom humor presente no relato do correspondente do *Jornal dos Sports* sobre o assédio dos torcedores ao meia-direita do Palestra Itália, Luizinho, ao zagueiro do Flamengo, Domingos da Guia, ao meia-esquerda do Fluminense, Tim, e ao goleiro do Flamengo Batataes, durante a breve passagem na capital baiana, não seria a tônica da cobertura ao escrete nas páginas esportivas.

No único jogo-treino realizado em Salvador, o quadro de harmonia, tão defendido pela imprensa, sofreria novos abalos. O mesmo Tim teria desobedecido a uma ordem de Pimenta, desacatando o treinador, durante a atividade técnica do selecionado. O pior viria em seguida, quando o mesmo jogador atrasou o embarque da delegação, por conta de suas andanças junto de outros jogadores pelos bares da cidade. Entrementes, tudo foi minimizado pelo chefe da delegação, Castello Branco, ao mesmo tempo em que, o “az” do Fluminense teria sido aconselhado, pelos demais jogadores, a se retratar com o técnico.

Dessa forma, parecia que a paz reinaria novamente no grupo, em um desfecho valorizado no *Jornal dos Sports*, como prova de que o princípio da disciplina continuava a reger o ambiente da delegação: “*O caso Tim está definitivamente encerrado. Ele próprio caiu em si, reconhecendo que de fato havia sido algo precipitado. Desta forma, o princípio da disciplina continua como dantes, a ser intangível*” <sup>261</sup>.

Apesar de ter sido dado por encerrado, o “caso Tim” levou o presidente da CBD, Luiz Aranha, a reiterar a importância da disciplina, em carta ao chefe da delegação, Castello Branco. O

<sup>260</sup> Ibid.

<sup>261</sup> *Jornal dos Sports*, 8 de maio de 1938, p. 6. No capítulo seguinte, vê-se que esse caso foi o primeiro-ato de um verdadeiro “drama” que marcaria a relação do meia com o treinador do selecionado, um conflito que não terminaria bem, nem mesmo após o retorno triunfante da delegação brasileira ao país.

dirigente da entidade representante do futebol brasileiro junto à FIFA exigia que o regulamento interno fosse colocado em prática, no caso de futuros episódios de desacato às autoridades do escrete, por parte dos jogadores. Sobre o fato, o cronista do *Jornal dos Sports* insistia na importância de um comportamento disciplinar de todos os jogadores, sem distinção, e lamentava a postura do chefe da delegação, ante o ocorrido:

“O caso Tim comporta uma série de observações. Se Pimenta está investido da função de técnico, deve ser respeitado como técnico. Não cabe ao jogador escolhido para uma missão que implica principalmente em obediência, discutir as determinações do treinador ... Por outro lado não se pode, em hipótese alguma, admitir a rebeldia. E o primeiro ato de indisciplina, partisse de um Tim ou de um Leônidas, teria de ser sufocado severamente, com intransigência, para servir de exemplo. Se o castigo a que incorrer o faltoso era uma multa, porque se desprezou a multa por uma advertência? A advertência não resolve nada. Constitui apenas uma ameaça vaga de quem não se sentiu com coragem para punir. Admitamos ainda que a advertência exerça um papel preponderante na conduta de Tim. Se outro jogador – qualquer que seja – deixar-se empolgar pelo mau humor e desprestigiar o técnico, que força moral terá os chefes da delegação para usar de uma severidade tardia? ... A reconciliação do ‘crack’ e do treinador teve algo de dramático, porém as posições estavam alteradas. Não era uma vitória da indisciplina – valha-nos Deus! – era, sim, um conchavo disciplinar. O quadro transfigura-se. Exibe-se outra vez o compromisso que se jurou cumprir. Basta? Parece-nos que não. O exemplo deve vir de cima para baixo. Se há um compromisso, exija-se o cumprimento de todas as cláusulas sem uma hesitação. Para o Brasil ser campeão do mundo torna-se necessário banir a indulgência”<sup>262</sup>.

A indignação, manifesta nas palavras do cronista, se justificava pela mudança de decisão de Castello Branco quanto ao “caso Tim”. Apesar de, *a priori*, o chefe da delegação ter sinalizado com a possibilidade de multar o jogador (no valor de 200 mil réis) como previsto no regulamento, a atitude tomada foi a de aplicar somente uma advertência ao craque, sintomática - para o autor da coluna - da “falta de coragem” do dirigente. Para o cronista, o ato de indisciplina deveria ser punido com rigor, servindo como exemplo aos demais atletas de que não seriam admitidos quaisquer deslizamentos de comportamento, viessem de quem viessem, de um Leônidas ou de um Tim. Porém, como se poderá observar adiante, o único local em que o recurso à disciplina teimava em vigorar era mesmo no plano do discurso desses homens de jornal, pois, na dinâmica das relações no interior da delegação, esse princípio jamais havia reinado.

Avesso aos problemas registrados na capital baiana, os torcedores de Recife proporcionaram mais uma calorosa recepção ao selecionado brasileiro. A alegria dos pernambucanos surpreendeu os membros da delegação e a própria imprensa, haja vista que o desembarque acontecera por volta das cinco horas da manhã e ainda assim, um bom número de torcedores compareceu ao cais para a recepção:

---

<sup>262</sup> Ibid., p. 2.

“Apesar da inoportunidade da hora, o porto se achava inteiramente tomado por um público numerosíssimo.

Nasceram aí os primeiros gestos de assombro da comitiva futebolística.

Em verdade, avisado de véspera, o povo para ali acorreu ansioso para dar as boas vindas aos soldados do Brasil no certame de Colombes.

À aproximação da guapa rapaziada a multidão automaticamente abriu ala, por onde os nossos players passaram sob vibrantes aclamações. Bandeiras multicores enchiam o espaço de muita alegria”<sup>263</sup>.

A também curta estada na capital pernambucana se mostraria mais tranqüila que a estadia em Salvador e, após a realização do último jogo-treino em terras brasileiras<sup>264</sup>, a delegação brasileira finalmente partiria a bordo do “Arlanza” rumo à Europa, em uma longa e desgastante viagem, que duraria cerca de duas semanas, até o desembarque em solo francês.

Antes de atingir o destino final, o “Arlanza” realizou ainda uma breve passagem por Lisboa, cogitando, inclusive, a realização de mais um jogo-treino, entre os quadros azul e branco, ocasião que serviria à curiosidade dos torcedores portugueses em conhecer de perto a seleção brasileira. O treino atenderia também à necessidade de aprimorar o condicionamento físico dos jogadores brasileiros que, com exceção dos leves exercícios diários de alongamento, no convés do navio, se viam em quase completa inatividade, durante toda a longa viagem. Contudo, devido ao atraso na chegada à capital portuguesa, o exercício acabou por não se realizar, frustrando a expectativa da imprensa lusa, que aguardava o ensaio.

Apenas cerca de três horas após o desembarque, o “Arlanza” deixava Portugal com destino a Cherbourg, na França. Entretanto, esse curto tempo foi suficiente para que fosse veiculado mais um suposto incidente envolvendo os jogadores brasileiros. Os craques nacionais teriam provocado tumulto nas ruas lisboetas, em uma confusão que - de acordo com a agência *United Press* - teria se passado em um dos bares da cidade e terminado com uma vidraça quebrada e prisão dos envolvidos. Ao tomar ciência do infortúnio, o cronista do *Jornal dos Sports* protestava:

“A missão que levou os esportistas à Europa, não admite desvios de indisciplina, onde a falta de responsabilidade aparece em tão alto grau. Não é quebrando vidraças em países irmãos que se constroem amizades, fazendo-se ainda uma péssima propaganda do Brasil”<sup>265</sup>.

Apesar da condenação do cronista do jornal de Mario Filho, a informação sobre o incidente não havia sido confirmada, pelos correspondentes da imprensa brasileira, junto da

<sup>263</sup> *Jornal dos Sports*, 5 de maio de 1938, p. 4.

<sup>264</sup> *Ibid.* O exercício foi vencido pela equipe azul, pelo elástico placar de 6 a 3.

<sup>265</sup> *Jornal dos Sports*, 15 de maio de 1938, p. 1 e 6.

delegação. Todavia, somente a veiculação, pela *United Press*, foi suficiente para a apreensão aos possíveis envolvidos. Diferentemente do trato dado nas páginas do jornal fluminense, a seção “Todos os Esportes” d’A *Gazeta* optou pela cautela, ao noticiar o episódio, a espera de um comunicado oficial vindo de Lisboa:

“Como é de conhecimento geral, uma agência telegráfica divulgou a desagradável notícia de um incidente provocado em Lisboa por alguns jogadores patricios que teriam promovido desordens num ‘bar’. Os motivos e as proporções do acontecimento não estão devidamente esclarecidos, razão porque, embora seja de causar desgostos qualquer atitude menos elegante assumida no estrangeiro por quem foi com a missão de honrar o nosso valor esportivo, nós, que aqui sentimos e censuramos o sucedido, não nos devemos precipitar no julgamento dos fatos, pois nenhuma comunicação oficial até agora chegou a respeito. A própria CBD, de nada foi informada, por isso nada mais justo do que aguardar-se um esclarecimento dos fatos, que deverá ser enviado pela chefia da delegação e que merecerá, certamente, da entidade máxima, as providências que o caso requer”<sup>266</sup>.

Já na edição seguinte, da mesma seção, “Todos os Esportes”, o cronista da *Gazeta*, que assinava seus textos com o pseudônimo de *Eme-Eme*, saiu em defesa dos jogadores brasileiros ante as “falsas acusações” a eles imputadas, em alusão às informações trazidas pela *United Press* e desmentidas pela agência *Havas*, ao menos no que diz respeito à gravidade do ocorrido nas ruas lisboetas:

“Não passou de alarme falso o propalado incidente, ou melhor, os ‘escândalos’ provocados pelos nossos jogadores em Lisboa. Fomos dos poucos que não nos convencemos da veracidade de tal notícia espalhada por uma agência telegráfica, por isso que nos abstinemos de explorar tão desagradável assunto. Impossível que os nossos jogadores perdessem a tal ponto a noção de responsabilidade e da educação para se apresentarem numa Capital estrangeira fazendo arruaças, chegando a tamanho desrespeito não só ao país que representam como à hospitalidade de um povo amigo de uma nação amiga. Devia forçosamente haver um equívoco telegráfico e se incidente houve – pois que incidentes acontecem em toda parte – não poderia ter assumido as proporções lamentáveis com que foi divulgado levemente pelo Brasil todo... Se algo anormal sucedera, deveria ser apurado e esclarecido em todos os seus detalhes, a verdade não tardaria a aparecer e foi o que esperamos. E ela chegou, colocando o caso nos seus devidos termos”<sup>267</sup>.

Tendo como prática a especialização na coleta e distribuição de informações as agências internacionais de notícias - em sua incursão no jornalismo brasileiro, de maneira mais substancial e quantitativa na década de 1920 -, acabaram por influenciar o próprio conteúdo informativo de grandes jornais, como argumenta Marialva Barbosa:

“A chegada de novas agências internacionais de notícias – que vão se juntar a *Havas*, que aqui estava desde o século XIX – contribui para o novo formato dos jornais, que passam a destacar notícias provenientes da Europa e agora também dos Estados Unidos. A *United Press*, que desde 1918 presta serviços ao *Estado de S. Paulo*, passa a fornecer noticiário

<sup>266</sup> *A Gazeta*, 18 de maio de 1938, p. 10.

<sup>267</sup> *A Gazeta*, 19 de maio de 1938, p. 9.

também ao *Jornal do Brasil*, a partir de 1922 e a partir do final da década ao *O Jornal*. No mesmo período a *Associated Press* inaugura seu escritório no Rio de Janeiro, passando a atender inicialmente apenas ao *Correio da Manhã*<sup>268</sup>.

No contexto de iminência da Segunda Guerra Mundial, as notícias de conteúdo político sobre a movimentação expansionista do governo nazista alemão, de Adolf Hitler, bem como a reação de insatisfação de potências como a França (sede da Copa do Mundo de 1938), povoariam os jornais de grande circulação no Rio e São Paulo. Para tanto, a atuação das agências de notícia se mostrava fundamental, na prestação de serviços a diversos jornais da capital paulista e federal. A precursora no país, a agência de notícias *Havas*, fora uma das fontes de noticiário utilizadas pela *Gazeta* e pelo *Jornal dos Sports*, acerca do episódio de Lisboa. A partir das novas informações trazidas pela *Havas*, o *Jornal dos Sports* detalhava uma nova versão do que teria se passado na capital portuguesa:

“Eis como se passaram atentamente os fatos: ... No momento em que um grupo de *players* patricios passeava em uma das ruas – aliás, muito estreita – da capital lusa, acotovelados por uma multidão de admiradores, um dos jogadores empurrou ligeiramente um companheiro. Este, por sua vez, defendendo-se contra o entusiasmo dos portugueses, bateu com o cotovelo contra a vitrine de uma confeitaria diante da qual passavam nesse momento, quebrando uma vidraça de cerca de 20 cm. Imediatamente o nosso jogador prontificou-se a indenizar o dano involuntariamente causado, ficando, assim, encerrado o incidente, que nem ocorreu em um bar, nem determinou intervenção da polícia, nem acarretou a apresentação dos jogadores à delegacia de polícia, nem originou a imposição de uma multa aos brasileiros”<sup>269</sup>.

Mesmo diante das diferentes versões trazidas pelas agências de notícias e acrescidas, em seus relatos, por comentários de jornalistas nas diferentes folhas esportivas, a maioria considerava o caso como simples acidente. O enviado do *Jornal dos Sports* junto da delegação, Everardo Lopes, foi um dos que fez coro quanto à insignificância do ocorrido:

“Não se reveste da menor gravidade o incidente imputado aos jogadores brasileiros, pois se deve classificar como tal o fato de ter sido quebrada uma vidraça num esbarro de todo casual. Vários *scratchmen* empreendiam ligeiro passeio pela cidade quando, numa via muito estreita, um dos componentes do grupo falseou o pé e se projetou sobre a vitrine de um ‘*bombonière*’, partindo-o. Cavalheirescamente, no mesmo instante, foi indenizado o proprietário do estabelecimento, tendo este até manifestado sua admiração pela correção com que se houve o culpado involuntário do incidente”<sup>270</sup>.

As informações que se seguiam, serviam para desmentir as primeiras notícias veiculadas e, ante a mudança de panorama, o cronista do “cor-de-rosa”<sup>271</sup>, na coluna “Críticas e Sugestões”,

<sup>268</sup> BARBOSA, Marialva. op. cit., p. 85.

<sup>269</sup> *Jornal dos Sports*, 19 de maio de 1938, p. 4.

<sup>270</sup> *Ibid.*

<sup>271</sup> Nome pelo qual ficara conhecido o *Jornal dos Sports* nas ruas da capital federal, em alusão à cor de suas páginas.

propunha-se agora a preservar a imagem dos jogadores brasileiros, dirigindo toda a sua insatisfação contra a agência *United Press*, responsável pela divulgação do episódio:

“Esperava-se que a *United Press* fornecesse uma explicação franca a respeito do suposto conflito em que estiveram envolvidos jogadores brasileiros. Ao invés disso, a agência responsável pela divulgação do falso incidente, distribuiu uma nova nota – com o pedido de não publicação – exagerando ainda mais as acusações de indisciplina contra elementos que vão defender o nome esportivo do Brasil no Campeonato do Mundo.

Não se cita um nome, nem mesmo de dois que teriam sido presos e soltos após o pagamento de uma multa, mas se afirma que foram sete jogadores, um terço dos que seguiram. Era um pobre proprietário de botequim agredido, com mesas e copos quebrados, a recorrer aos “serenos” para livrar-se da fúria inconsciente de bêbados. Aí está o quadro revoltante pintado por uma imaginação tão fértil quanto o daquele correspondente de Lisboa que recordara a data de 13 de maio para reviver preconceitos de raça, embora com a declaração de que a frase ‘preto não pode entrar’ era inteiramente destituída de malícia. Já os jogadores brasileiros não estavam arrombando a porta de um botequim, e sim, travando luta com o porteiro obsequioso de um cabaré de luzes brilhantes, com um rumor de fado vindo de dentro. Estaríamos assim diante de dois conflitos e se no primeiro tinham intervido sete elementos do *scratch*, nada mais razoável do que aceitar o mesmo número para o segundo ... E tudo isso se verificara em um espaço de uma hora – único tempo de que puderam dispor os brasileiros para visitar a cidade de Lisboa e bater chapas, e conceder entrevistas, e receber saudações – sem que um jornal noticiasse o fato, sem que todas as agências telegráficas, com exceção de uma, soubessem de nada, sem que os únicos enviados da imprensa carioca, que, por coincidência pertencem a *JORNAL DOS SPORTS*, se inteirassem de um detalhe e – coisa mais estranha e surpreendente – com a ignorância completa da chefia da embaixada brasileira, do técnico e dos jogadores ... É difícil conter a imaginação solta em busca de sensacionalismo”<sup>272</sup>.

A revolta do cronista tinha como alvo o correspondente português da *United Press*, pela fome sensacionalista da qual os brasileiros, incluindo a imprensa do país, teriam sido “vítimas”, ao menos em suas palavras. O curioso é a rápida mudança no conteúdo do discurso, operada assim que as notícias foram desmentidas pelos correspondentes da imprensa brasileira, que viajavam junto da delegação, como também diante da reação de surpresa e indignação com que dirigentes e jogadores brasileiros receberam o boato e a repercussão do assunto nas páginas dos jornais brasileiros.

Além disso, muito embora não seja possível atribuir a autoria do texto a Mario Filho (lembrando o fato de que era bastante comum ao diretor do jornal se ocupar do espaço da coluna “Críticas e Sugestões”, para comentar os principais assuntos esportivos do dia), não pode ser visto como despropositado o fato do incidente em Lisboa ser abordado sob o viés da discriminação racial, vitimizando os jogadores negros do selecionado, para os quais teriam se direcionado os relatos da *United Press* em suas duas versões: a primeira, de que alguns jogadores brasileiros teriam se embriagado e agredido o dono de um botequim lisboeta, levando a sua

---

<sup>272</sup> *Jornal dos Sports*, 19 de maio de 1938, p. 2.

prisão e soltura somente após a intervenção dos dirigentes da delegação; e a segunda, dando conta de que os mesmos atletas teriam sido impedidos de entrar num cabaré da capital portuguesa e por isso chegado “às vias de fato” com o porteiro do estabelecimento.

Ainda que a veracidade de ambas as notícias fosse completamente rechaçada pela imprensa brasileira, a acusação de indisciplina dos jogadores, nas ruas de Lisboa, não poderia passar sem um oportuno desfecho. Tal fato levaria à crítica veemente do cronista do *Jornal dos Sports*, como que se tratando de um “nobre gesto” daquela folha, ao encarregar-se da defesa dos representantes da Pátria, dos “indefesos” e “injustiçados” *players coloreds*. Para promover o sensacionalismo, repudiava-se o sensacionalismo da *United Press*, alimentando-se a questão racial e o preconceito, sob o argumento de que teria havido uma “perseguição” aos jogadores negros e mulatos do selecionado nacional, estes que, por sua vez, precisavam ser defendidos.

O *Jornal dos Sports* tratou então de “fazer justiça”, ao menos era essa a impressão que deveria ser passada ao leitor. Nesse propósito, a questão fora tratada na coluna “Críticas e Sugestões”:

“Durante quarenta e oito horas se duvidou da disciplina dos ‘*cracks*’ que defenderão o renome esportivo do Brasil e se buscou os culpados para uma punição severa. Verifica-se agora que não houve incidente, que não houve escândalo, que não houve prisão de jogadores brasileiros. É indifarável, portanto, a responsabilidade da agência que divulgou a notícia escandalosa. Há uma acusação no ar, desfeita por uma investigação sumária, e torna-se necessário um esclarecimento definitivo. A *United Press* tem o dever de fornecer uma explicação ampla, sem evasivas, mantendo, com provas insofismáveis, a denúncia grave, ou retificando com o mesmo alarde o engano lamentável. Da mesma forma porque se condenou, veementemente, a indisciplina que os *scratchmen* teriam cometido, se tem de condenar com veemência, ainda maior, a mentira, a acusação sem fatos que a sustentem”<sup>273</sup>.

A oportunidade de redenção para aqueles que estabeleceram juízo precipitado sobre o “escândalo” de Lisboa se manifestaria então na exigência de esclarecimentos junto a *United Press*. A vilania do ocorrido era, dessa forma, reputada exclusivamente à empresa estrangeira, como se o próprio *Jornal dos Sports* não contribuísse com a divulgação do incidente e não usufruísse dela, como evidenciado, mais uma vez, na coluna “Críticas e Sugestões”, em que o cronista anônimo relembra toda a mobilização em apoio à campanha brasileira e cobra mais uma vez por disciplina:

“(…) Por outro lado a representação do Brasil no Campeonato do Mundo deixou de ser apenas uma questão esportiva, transformando-se em uma questão nacional. Daí o movimento maravilhoso de incentivo, de solidariedade, que raiou ao sacrifício. Os clubes cedem os melhores ‘*cracks*’, nada exigindo em troca; a indústria, o comércio, o povo, o

<sup>273</sup> *Jornal dos Sports*, 18 de maio de 1938, p. 2.

governo, todos se unem para que o *scratch* brasileiro esteja apto a desempenhar uma missão esportiva no sentido de lealdade e de cavalheirismo.

Por isso, vamos perguntar, sem ingenuidade, para que serve o compromisso de honra, senão para ser cumprido, o programa de disciplina, senão para uma execução inflexível. Não há lugar para indisciplinados no Campeonato Mundial, mas também não há lugar para indulgentes. A disciplina não admite hesitações ou recuos”<sup>274</sup>.

Indagado pela agência *Havas* acerca ainda do episódio nas ruas de Lisboa o secretário da delegação, Célio de Barros, qualificou de pura “invençioneira” as notícias divulgadas no Rio de Janeiro. De acordo com o *Jornal dos Sports*: “Foi, aliás, com uma franca gargalhada que Célio de Barros e Adhemar Pimenta, treinador da equipe, ouviram a versão fantasiosa divulgada no Rio”<sup>275</sup>.

No entanto, se era motivo de boas “gargalhadas” para a chefia da delegação, para os jogadores que tiveram seus nomes envolvidos, as notícias não foram recebidas com tamanho “bom humor”. Os zagueiros Jahú e Domingos da Guia lamentavam o fato e procuravam se defender das acusações:

“Interpelado por nós, sobre tão momentoso assunto, Jahú não escondeu sua grande tristeza em servir de personagem para o drama que se quer criar em torno de seu nome. Há uma expressão mais sincera do *crack* vascaíno para o repórter:

- Tenho fé em Deus, que a verdade surgirá e que a razão estará do meu lado.

Domingos, outro acusado, não esconde sua revolta ante as notícias:

- Felizmente – diz-nos – eu tenho recebido os mais gratos protestos de solidariedade de toda a delegação”<sup>276</sup>.

Ainda assim, as polêmicas envolvendo os *players* brasileiros se arrastaram até o início da Copa do Mundo. A delegação brasileira desembarcou no porto de Cherbourg, na França, quando ainda faltavam cerca de três semanas para o jogo contra a Polônia, sendo uma das primeiras a chegar para a disputa da Copa do Mundo e cumprindo o planejamento, que passava por um período de adaptação e treinamentos em campos franceses.

O interessante é que as condições climáticas não foram das mais agradáveis, durante o torneio e muitos jogos se desenrolaram sob forte chuva. Quando finalmente o tempo deu trégua e o Brasil pôde realizar seu primeiro treino, em canchas francesas, na cidade de Saint-Ouen (a poucos quilômetros de Paris, próxima ao local onde a delegação estava hospedada desde a sua chegada<sup>277</sup>), o técnico Adhemar Pimenta surpreendeu a todos.

<sup>274</sup> *Jornal dos Sports*, 17 de maio de 1938, p. 2.

<sup>275</sup> *Jornal dos Sports*, 19 de maio de 1938, p. 4.

<sup>276</sup> *Jornal dos Sports*, 22 de maio de 1938, p. 6.

<sup>277</sup> *Jornal dos Sports*, 16 de maio de 1938, p. 1. A delegação se alojaria em Saint Germain (subúrbio de Paris), que estava localizada a cerca de 19 Km do centro da capital francesa, situada em uma colina, à margem esquerda do

Diante da presença de grande parte da imprensa internacional (curiosa por ver de perto os grandes valores da nossa seleção), o *coach* brasileiro decidiu por escalar as equipes, azul (titular) e branca (reserva), com os atletas fora de suas posições habituais. Por exemplo, os mais desinformados poderiam pensar que o grande *back*, Domingos da Guia, era um “pouco efetivo” meia-atacante e o também zagueiro, Machado, um “desengonçado” centroavante. Nem mesmo o “Diamante Negro” escapou, sendo prontamente deslocado para o setor de marcação do meio de campo. Para os atletas, tudo foi encarado como uma grande brincadeira. Para Pimenta não, era a oportunidade de pôr em prática uma de suas estratégias: o “despistamento”.

O propósito era de ludibriar os muitos jornalistas internacionais e os possíveis observadores de outras seleções, quanto às reais condições táticas e técnicas do nosso escrete. Para tanto, a ordem do treinador, aos jogadores, era para que não treinassem seriamente, realizando uma simulação mais descontraída de um jogo. Tal fato teve a contestação direta de um torcedor brasileiro que acompanhava o exercício e que indagou ao técnico da seleção as razões da simulação. Irritado com os “pitacos”, Pimenta teria respondido: “- *Podem dizer o que quiserem. O importante é ganhar e para isso não pouparemos esforços*”<sup>278</sup>.

Entretanto, a tática<sup>279</sup> de Pimenta suscitou inúmeras críticas ao técnico da seleção, pelas folhas esportivas do país. As notícias que chegavam às redações dos jornais davam conta até mesmo de certo “deboche” dos jogadores diante daquela ocasião, além de suas muitas brincadeiras e gargalhadas durante todo o treino. Quanto aos cronistas europeus, os relatos descreviam suas expressões de espanto diante do que viam. Para os cronistas do *Jornal dos Sports*, a seleção “brincava” enquanto seus adversários encaravam desafios de peso, realizando amistosos contra outras fortes equipes da Europa.

Quanto à reação da imprensa francesa que cobria esse primeiro exercício dos *players* brasileiros, Mazzoni registrou a impressão do cronista do *Paris Soir*, que lamentava, com certo sarcasmo, a tática adotada pelo treinador brasileiro:

“(…) o cronista esportivo do ‘*Paris Soir*’, com uma pontinha de humorismo que mal disfarça tal ou qual decepção, observou: ‘Os jogadores brasileiros, aliás todos moços,

---

Sena, tendo à época cerca de 22 mil habitantes. O hotel, onde estava hospedada a delegação, era o “Pavillon Henri IV”.

<sup>278</sup> *Jornal dos Sports*, 19 de maio de 1938, p. 4.

<sup>279</sup> Esta atividade é semelhante a que acontece, de forma recorrente, no dia-a-dia dos clubes de futebol da atualidade, sendo popularmente conhecida como “rachão” e tendo o propósito de descontrair os atletas, dando-lhes liberdade para escalarem os times e atuarem na posição que escolherem, desprezando qualquer rigidez tática. É uma oportunidade de fazê-los relaxar diante de um duro período, em que se alternam treinos e jogos. É normalmente aplicado, pelos treinadores, na véspera de partidas decisivas.

alegres e brincalhões, nos prepararam uma verdadeira farsa... Dir-se-ia que estavam com medo dos espíões'. O mesmo cronista, entretanto, reconhece: 'No correr desse treino de fantasia, pudemos, contudo e apesar de tudo, verificar que os brasileiros sabem manejar a pelota com extraordinária destreza. Os ataques simulados e a agilidade de Leônidas, especialmente, causaram sensação. Quando os brasileiros se resolverem a jogar seriamente e a compreenderem que em França os jornalistas não pertencem à polícia secreta, aí então poderemos apreciá-los ainda melhor''<sup>280</sup>.

Para a imprensa brasileira tudo não passara de uma “desnecessária” brincadeira, que poderia custar caro e em nada combinava com a seriedade que vinha dando o tom, durante toda a preparação: “*Os observadores franceses não compreenderam o propósito da tática dos brasileiros, que agiam como crianças, chutando desorientadamente a bola, empenhando-se em duelos vãos, rolando no chão lamacento*”<sup>281</sup>.

Na perspectiva de alguns dos dirigentes e cronistas, no Brasil, aquela situação era motivo de vergonha e em nada contribuía para a missão de transmitir a “boa imagem da Pátria”, pelo contrário, era comprometedora, enquanto expressão infantil e desordeira de representantes de um país que se pretendia mostrar sério e civilizado.

Nesse sentido, a imprensa esportiva tratava de destacar - em oposição ao “despistamento” de Pimenta, o que vinha sendo feito na preparação de outras grandes seleções que disputariam a Copa de 1938. Enquanto o Brasil se ocupava de “vãs brincadeiras”, para disfarçar seu real potencial e surpreender os adversários, as seleções europeias optavam pela realização de amistosos entre si, medindo suas forças a fim de dimensionar suas possibilidades concretas na Copa do Mundo. A seleção polonesa, por exemplo, que viria a ser o nosso primeiro adversário no certame internacional, apresentava expressivos resultados, conquistados contra outras fortes seleções europeias, caso dos empates contra Suíça (3 a 3), Hungria (2 a 2), além da goleada aplicada sobre os iugoslavos (4 a 0)<sup>282</sup>.

Outro caso que foi merecedor de menção é o que dizia respeito à seleção alemã. Sempre marcada por sua disciplina tática e pela forte marcação, a Alemanha se reforçaria para o Mundial, com alguns dos principais jogadores austríacos, por conta do “Anschluss” (a invasão e incorporação da Áustria pelas tropas de Hitler). A anexação da Áustria ao domínio alemão faria com que a seleção austríaca de futebol se dissolvesse e não pudesse disputar a Copa do Mundo de

<sup>280</sup> *A Gazeta*, 20 de maio de 1938, p. 10.

<sup>281</sup> *Jornal dos Sports*, 20 de maio de 1938, p. 4.

<sup>282</sup> *Diário de Pernambuco*, 8 de maio de 1938, p. 8.

1938<sup>283</sup>, tendo os seus maiores valores de integrar a seleção alemã, por ordem das autoridades do governo nazista<sup>284</sup>.

Tal fato foi destacado na seção esportiva da *Gazeta*, por ocasião de matéria sobre o jogo “fraternal” entre as seleções da Áustria e da Alemanha, disputado em Viena e vencido pelos donos da casa, pelo placar de 2 a 0. O confronto fora realizado com o intuito de celebrar a união das nações sob o regime nazista:

“Em virtude da anexação da Áustria à Alemanha, acaba de desaparecer o selecionado austríaco. A federação do país já foi liquidada e, portanto, não mais pertence à FIFA. Anteontem, o ‘onze’ austríaco fez sua despedida, em jogo fraternal, contra o ‘onze’ alemão. Este foi batido. Proeza somente digna dos austríacos, mestres do futebol. Por certo, se a Taça do Mundo perdeu uma grande concorrente, a Alemanha, por outro lado, se tornará muito mais forte, porque a sua seleção será reforçada pelos mais célebres “azes” austríacos que agora são alemães”<sup>285</sup>.

Incorporados politicamente e ocupados militarmente, os austríacos pareciam não ter grandes alternativas diante do poderio nazista. Nove de seus jogadores integrariam a seleção alemã, na Copa do Mundo, mas o amistoso “fraternal” teria recebido outra conotação, para os austríacos, conforme o historiador Hilário Franco Júnior:

“Futebol e política seguiram estreitamente ligados ao longo do período. Para comemorar o *Anchluss* ocorrido um mês antes, as autoridades nazistas promoveram em abril de 1938 uma partida entre as seleções da Alemanha e da Áustria. O público de 60 mil austríacos transformou a ocasião em protesto contra o ato de força germânico, e a vitória de sua seleção por 2 a 0 teve sabor de revanche nacional”<sup>286</sup>.

Em nova matéria da seção “Todos os Esportes”, sob o sugestivo título “*O selecionado cinquenta por cento*”, abordavam-se os problemas ocasionados pela incorporação dos jogadores austríacos ao escrete alemão, assunto retomado por conta do jogo-desempate entre alemães e suíços na Copa de 1938:

“A turma alemã que enfrentará, pela segunda vez, a Suíça, pode ser classificada de quadro ‘Anschluss’, pois compreende jogadores do antigo Reich e de elementos da ex-Áustria.

<sup>283</sup> Tal fato acabou por favorecer diretamente a seleção da Suécia, que se classificou automaticamente para a 2ª fase do torneio, equivalente às quartas-de-final, já que, pelo sorteio dos confrontos (realizado na sede da Federação Francesa de Futebol, em Paris), os suecos enfrentariam os austríacos na 1ª rodada, o que acabou não ocorrendo.

<sup>284</sup> COSTA IN: SILVA & SANTOS (orgs.). op. cit., p. 113.

<sup>285</sup> *A Gazeta*, 5 de abril de 1938, p. 10.

<sup>286</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 52-53. De acordo com Franco Júnior, a situação se agravaria ainda mais após a morte suspeita do atacante austríaco Mathias Sindelar: “*Pouco depois o futebol serviu a outro ato de repúdio ao Terceiro Reich. O melhor jogador austríaco, Mathias Sindelar, recuou-se a defender a seleção alemã na Copa da França e meses depois morreu em circunstâncias mal explicadas. Seu enterro, acompanhado por 20 mil pessoas, transformou-se em demonstração de repulsa ao nazismo*”. Ibid.

Para chegar a esta formação, foi preciso o afastamento do Dr. Nerz, comissário técnico do futebol alemão, que se mostrava contrário a inclusão de representantes austríacos.

Foi substituído pelo Sr. Herberger, que desenvolveu uma política mais realista que a de seu predecessor. Disse o Sr. Herberger: ‘se os austríacos, considerados hoje cidadãos alemães, são considerados magníficos futebolistas, porque recusar o seu precioso concurso? Por pudor? Por sentimentalismo? Isso não é mais de nosso tempo...’.

Aí está porque entre os 22 jogadores designados pelo Reich há nove austríacos. E esses nove elementos não foram incorporados de súbito na turma teuta. No dia seguinte ao encontro Áustria – Alemanha (2 a 0), em Viena, a 3 de abril, a pressão em favor da inclusão dos austríacos tornou-se cada vez mais forte. Um mês depois, isto é, a 3 de maio, iniciou-se em Duisburg um ensaio de 15 dias, como preparativo a ‘Taça do Mundo’. Foram convocados 38 jogadores e desses, 13 eram austríacos. E quem eram eles? Nada menos do que a turma que venceu a Alemanha”<sup>287</sup>.

Com a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945)<sup>288</sup> às portas, ao mesmo tempo em que os conflitos e alianças iam se definindo, em face da escalada militar imperialista do governo nazista de Adolf Hitler, a seleção alemã de futebol era apontada, pela imprensa européia, como uma das candidatas ao título da Copa do Mundo, sob influência direta dos acontecimentos políticos.

No entanto, o acúmulo de resultados negativos, nos jogos amistosos, acabaria se configurando como prenúncio de que, mesmo reforçada para o torneio pelos craques austríacos, a Alemanha não assumiria o protagonismo naquele campeonato mundial. Empates com as seleções de Portugal e Suíça (que depois viria a eliminar os alemães, já na primeira rodada de confrontos da Copa do Mundo) e derrota para os próprios austríacos, por 2 a 0, não seriam nada, se comparados à humilhação sofrida em pleno Estádio Olímpico de Berlim. Em amistoso emocionante, os ingleses imporiam uma goleada de 6 a 3 à seleção da casa, diante de quase duzentos mil alemães e da presença do Führer.

Com a realização dos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, o governo de Hitler pôde dimensionar muito claramente a importância dos esportes para sua auto-afirmação perante o povo alemão. Como o governo de Mussolini fizera em 1934 (através da seleção italiana, campeã mundial de futebol em seus domínios), o governo alemão faria do esporte um poderoso instrumento propagandístico do regime nazista, tarefa viabilizada pela organização de um evento

<sup>287</sup> *A Gazeta*, 7 de junho de 1938, p. 11. Dos nove jogadores incorporados, cinco comporiam a equipe titular da Alemanha, na Copa de 1938: o goleiro Raftl, o zagueiro Schmaus, o meia Moch, e os atacantes Hahnemann e Pesser. Todavia, como já o dissemos, o maior craque daquela geração, o avante Sindelar, se recusou a integrar o escrete alemão, como destacado por Hilário Franco Júnior, em trecho acima mencionado.

<sup>288</sup> Quanto a esse conflito é significativo destacar, por exemplo, que durante todo o mês de março de 1938, *A Gazeta* dedicou um amplo espaço, em suas edições, para a invasão das tropas alemãs e a tomada de Viena, isto é, a anexação da Áustria pela Alemanha nazista, ao passo que reproduziam-se declarações de autoridades políticas francesas preocupadas com a possível eclosão de uma nova guerra, diante dos propósitos e medidas expansionistas do governo Hitler. Para uma reflexão mais apurada sobre a dinâmica do conflito, ver: HOBSEAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 144-178.

de grande porte, que teve uma maciça cobertura da imprensa internacional; transmissão, via rádio, para inúmeros países; estádios sempre lotados para acompanhar as diferentes modalidades; fatores que tornavam a figura séria e fechada do Führer cada vez mais admirada pelos alemães e reconhecida pelas outras nações <sup>289</sup>.

Contudo, no *match* de futebol contra a Inglaterra, como preparação para a Copa de 1938, não houve muito do que se orgulhar. Nem o próprio governante, nem o mais pessimista dos alemães acreditava no que se viu. Foi um verdadeiro “passeio” da seleção inglesa que, mais uma vez, não daria o “ar de sua graça” em uma Copa do Mundo <sup>290</sup>. Um duelo dentro das quatro linhas, que depois se repetiria nas trincheiras e campos de batalha, durante a Segunda Guerra.

O interessante daquele amistoso foi que, enquanto as duas seleções se perfilavam e era executado o hino nacional alemão, não só os jogadores germânicos, como também os ingleses tiveram de fazer o gesto característico da saudação nazista, com um dos braços esticados para frente, à altura um pouco mais elevada de suas cabeças. Os *players* da Inglaterra repetiram o gesto com notório constrangimento, segundo orientação de sua comissão técnica. Um dos jogadores declarou após o jogo: “*Sei que se meu pai me visse fazendo este gesto, ele não ficaria muito contente*” <sup>291</sup>.

Entrementes, do binômio futebol / política importa registrar que os amistosos, realizados em diversos pontos do continente europeu, demonstravam um pouco do que se veria não somente em canchas francesas, bem como no conflito de grandes proporções que se anunciava. Para a Copa do Mundo de 1938, com exceção de países de menos tradição como Cuba e Índias Holandesas, o selecionado brasileiro era a grande incógnita do campeonato mundial.

A competição seria disputada no formato eliminatório e contava com quinze seleções, sendo doze delas de países europeus (Itália, Hungria, Alemanha, Suíça, Polônia, Bélgica,

---

<sup>289</sup> ALCHORNE DE SOUZA. op. cit., p. 30.

<sup>290</sup> A Inglaterra não participara da fundação da FIFA e a relação desta entidade com a federação inglesa de *football* fora marcada por aproximações e rupturas. Sua ausência na Copa de 1938, bem como nos dois primeiros mundiais, explica-se por diferentes motivos, que levaram a federação inglesa – que havia entrado na FIFA pouco tempo após a sua fundação – a sair do quadro da máxima entidade, em 1920 (insatisfeita com a participação de federações representativas de países derrotados na Primeira Guerra Mundial), retornando em 1924, e deixando novamente o quadro, em 1928, fato que inviabilizou a presença da seleção de seu país nas Copas de 1930, 1934 e 1938. A solução para o conflito político veio somente após a Segunda Guerra, tendo como desfecho, o retorno definitivo dos ingleses à FIFA. Para mais detalhes de tais disputas políticas, ver: FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 48.

<sup>291</sup> *Jornal dos Sports*, 27 de maio de 1938, p. 3.

Holanda, Suécia, França, Noruega, Romênia e Tchecoslováquia), aos quais se somavam os esportes do Brasil, de Cuba e das Índias Holandesas <sup>292</sup>.

Como únicos representantes do futebol sul-americano <sup>293</sup>, os brasileiros teriam um grande desafio a enfrentar, na tentativa de honrar o *status* adquirido pela América do Sul no cenário futebolístico internacional. Em virtude de resultados expressivos, nos certames internacionais, como o bicampeonato olímpico (1924-1928) e o título mundial conquistado pelo Uruguai (1930), em final contra os argentinos, o futebol sul-americano adquirira papel de destaque perante as demais federações e a FIFA. O histórico recente dos vizinhos contribuiu para que a imprensa francesa estivesse atenta ao esporte brasileiro, desde os primeiros momentos de sua chegada ao país, na expectativa de que mais uma vez os sul-americanos realizassem um bom papel no campeonato mundial.

Porém, a atenção dispensada pelos jornalistas do país-sede em nada se poderia comparar a toda a mobilização da imprensa brasileira e dos nossos torcedores, quanto à participação na III Taça do Mundo, uma questão que se tornaria de ordem e dimensão nacionais, principalmente por conta de um elemento decisivo: o rádio.

### 2.2.1 Vibrou a alma popular! É a vez do Rádio

Assim como ocorrera no sul-americano disputado em Buenos Aires (1936-7), a Rádio *Club* do Brasil - em parceria com o *Jornal dos Sports*, *O Globo*, e com o importante patrocínio do Cassino da Urca -, adquiriu os direitos de transmissão dos jogos do Brasil na Copa do Mundo da França, iniciativa que possibilitou, pela primeira vez, a transmissão do Campeonato Mundial, em tempo real, para os principais estados do país. Por conta disso, os torcedores que tivessem um

---

<sup>292</sup> A participação deste selecionado ocorreu por conta da desistência dos EUA. Seu *scratch* era formado somente por jogadores amadores e de diversas nacionalidades: chineses, malaios, japoneses e holandeses. Sem muitas expectativas, as Índias Holandesas foram logo eliminadas pelos poderosos húngaros. *Diário de Pernambuco*, 11 de maio de 1938, p. 5.

<sup>293</sup> Para um melhor entendimento da ausência de uruguaios e argentinos em 1938 é necessário também se observar a decisão da FIFA - em sorteio realizado em Berlim no ano de 1936 - para a definição do país-sede do campeonato mundial de 1938. A escolha da França gerou grande insatisfação dos sul-americanos que defendiam o rodízio entre Europa e América do Sul. Apesar das federações uruguia e argentina de futebol alegarem dificuldades financeiras para a não participação na Copa de 1938, não podemos desprezar tais questões políticas. Outros países como os Estados Unidos também desistiram de participar do torneio levando o continente americano a se fazer representar somente por Brasil e Cuba.

rádio ou alto-falante por perto, durante os jogos da seleção, acompanhariam todos os lances, em transmissão direta e na voz inconfundível do *speaker* Gagliano Netto, popularmente conhecido como “metralha”.

O impacto de tal iniciativa se revestiu de uma importância ainda maior, se for considerado que, pela primeira vez, uma rádio brasileira faria uma transmissão diretamente da Europa:

“A irradiação, diretamente da França para o Brasil, será retransmitida para todos os Estados da Federação Brasileira por intermédio da Rede Nacional através da “Hora do Brasil”, podendo assim, todos os brasileiros, de norte a sul, ouvir as reportagens que Gagliano Netto, o conhecido *speaker* da Rádio Club, fará diretamente das canchas francesas”<sup>294</sup>.

A escolha de Gagliano Netto para comandar a transmissão das partidas brasileiras na Copa do Mundo, ia ao encontro dos anseios de muitos dos ouvintes-torcedores. Na coluna “O que os leitores nos Escrevem”, da seção esportiva d’A *Gazeta*, destacava-se uma iniciativa promovida por aficionados, que enviaram um abaixo-assinado ao jornal de Cásper Líbero (no intuito de que a folha o encaminhasse à CBD), para que Gagliano Netto integrasse a delegação brasileira na França, a fim de se encarregar da transmissão das partidas em que o Brasil tomasse parte:

“Encabeçado por Hugo José Maurano, Nelson Mello e Fernando José Meira, contendo ainda mais de cinquenta assinaturas, recebemos o seguinte abaixo assinado apelando para a CBD se interessar pela ida de Gagliano Netto como nosso ‘speaker’ na ‘Taça do Mundo’:

‘Exmo. Sr. redator da Gazeta. Os abaixo assinados resolveram, de comum acordo, levantar um apelo por meio de assinaturas, tendo como iniciador esse grande vespertino, no sentido de que, para a satisfação de todo o Brasil, seja convidado pela CBD o grande ‘speaker’ esportivo Gagliano Netto para acompanhar a delegação brasileira no Campeonato do Mundo, a realizar-se em Paris, a fim de transmitir os jogos. Sr. redator, temos a plena certeza de que esse nosso grande desejo será bem acolhido, mesmo sendo necessário abrir uma subscrição popular, da qual esse jornal será o depositário’”<sup>295</sup>.

O prestígio de Gagliano Netto, perante os torcedores, pode ser também atribuído ao seu elogiado desempenho na transmissão do sul-americano da Argentina, em 1936-7. Atuação reconhecida na imprensa especializada de Rio e São Paulo, que o considerava como um dos principais locutores do país. Para que se possa qualificar a importância do *speaker* e o despreparo de alguns dos que exerciam essa função em algumas das emissoras nacionais, a Coluna “Bilhetes do Rio”, escrita diariamente pelo Departamento da *Gazeta* na capital federal, se debruçava sobre

<sup>294</sup> *Jornal dos Sports*, 13 de abril de 1938, p. 4.

<sup>295</sup> *A Gazeta*, 18 de março de 1938, p. 10.

o assunto, sob influência das transmissões de tamanho vulto da Copa do Mundo de 1938 que estavam por se realizar:

“Rio, 19 (Pelo telefone) – O Rádio criou uma nova profissão, a profissão de ‘speaker’... o homem que fala ao microfone, o homem que transmite aos rádio-ouvintes a matéria do dia... O ‘speaker’ tem qualquer coisa de ator e declamador. Apenas um ator e declamador invisíveis. Exige-se de quem se disponha a falar no microfone, antes de qualquer coisa, uma voz agradável. Assim como há fisionomias fotogênicas, há vozes radiofônicas... Certos timbres de voz se coadunam, mais do que outros, ao mecanismo da rádio-transmissão.

Tudo isso, o leitor já percebeu há muito tempo, e se nós estamos repisando idéias sabidas é porque de tempos a esta parte chovem as reclamações contra as sílabas dos homens do Rádio. Nem todo ‘speaker’ que dispõe de voz agradável... conhece bem os segredos da língua portuguesa. A todo o momento, o ‘speaker’ empaca diante de uma palavra cuja pronúncia desconhece. Os rádio-ouvintes percebem essa hesitação. O pior, porém, é quando o ‘speaker’ entende de mudar o acento de tais palavras ... Vejamos o que os rádio-ouvintes ouviram, há pouco tempo. Um ‘speaker’, em meio de inflamada falação, diz ‘míster’ em vez de ‘mistér’, diz ‘périto’ em vez de ‘perito’, e nas palavras compostas, então, é uma lástima. Ignora, por exemplo, que o ‘h’ de certas palavras é mudo. E aí temos o ‘speaker’ declamando aos quatro cantos do mundo ‘anelo’ em vez de ‘anel’, ‘inerente’ em vez de ‘inerente’... Não basta que um homem tenha voz microfônica; é preciso mais alguma coisa: instrução primária ... (Departamento da *Gazeta*)”<sup>296</sup>.

Elencando alguns dos atributos fundamentais para a profissão, o autor do artigo ressalva que não bastava apenas uma voz agradável, “radiofônica”, para que se definisse um bom *speaker*. Como um “*ator e declamador*” de matérias jornalísticas, sua leitura era associada a uma encenação aos ouvintes, que exigia um mínimo de formação quanto ao domínio da linguagem, qualificação basilar que não corresponderia à realidade de parte daqueles profissionais, quando o assunto era a língua portuguesa. Dessa maneira, a matéria chamava a atenção para o caráter educativo do rádio, como veículo de comunicação e instrumento pedagógico capaz de colocar seus profissionais em contato “com milhões de criaturas em vários continentes”, o que demandaria as emissoras uma maior exigência quanto à escolha do “homem que fala ao microfone”.

---

<sup>296</sup> *A Gazeta*, 19 de maio de 1938, p. 1.



(Gagliano Netto (ao centro), falando ao microfone, por ocasião da transmissão da final do Campeonato Sul-Americano da Argentina, em Buenos Aires. *A Gazeta*, 16 de abril de 1938, p. 9)

Cabe aqui o esclarecimento de que, no contexto dos anos 1930 e 1940, as rádios do Rio de Janeiro e dos demais estados encontravam-se representadas na Confederação Brasileira de Rádio, enquanto as rádios paulistas eram reguladas pela Associação das Emissoras de São Paulo, presidida por Roquette Pinto. Nessa configuração, a cadeia de emissoras Byington (que compraria a exclusividade do direito de transmissão das partidas do Brasil na Copa de 1938, por uma quantia de cerca de cem contos de réis por jogo) exercia posição de destaque, por deter em seu grupo as rádios Cosmos e Cruzeiro do Sul, de São Paulo, e as rádios *Club* do Brasil e Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro <sup>297</sup>.

Neste universo da radiofonia brasileira, a figura acima mencionada do médico, antropólogo e empresário, Edgard Roquette Pinto, havia se destacado como um dos maiores responsáveis pela fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, ainda em 1922, liderando o

---

<sup>297</sup> Quanto ao pertencimento de emissoras de rádio importantes a grupos ou conglomerados de empresas, que controlavam mais de um veículo de comunicação, a historiadora Lia Calabre de Azevedo traz exemplos importantes do período que aqui trabalhado, como os *Diários e Emissoras Associadas* de Chateaubriand: “*O maior dos conglomerados de empresas de comunicação foi o dos Diários e Emissoras Associadas, cadeia de jornais, emissoras de rádio e de TV de propriedade de Assis Chateaubriand. A Rádio Tupi do Rio de Janeiro, fundada em 1935, como a primeira emissora de rádio dos Diários Associados, foi seguida pela Tupi de São Paulo. ... No final da década de 1940 a rede dos Diários e Emissoras Associados contava com 20 jornais, 5 revistas, com as rádios Tupi do Rio de Janeiro e de São Paulo e com a Difusora de São Paulo; a Mineira e a Guarani, de Belo Horizonte; a Sociedade da Bahia, em Salvador; a Educadora do Brasil, no Rio de Janeiro, e a Farroupilha, em Porto Alegre. Havia grupos menores, tais como o da Rádio Gazeta, de São Paulo, ligada as empresas do jornal A Gazeta, de Cásper Líbero; ... e as emissoras da Cadeia Verde-Amarela, de propriedade da Organização Byington e formada pelas rádios Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro e Cruzeiro do Sul de São Paulo; Cosmos de São Paulo e Club do Brasil do Rio de Janeiro*”. Cf. AZEVEDO, Lia Calabre de. 2002. **No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil – 1923-1960**. Tese (Doutorado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2002, p. 143-144.

grupo da Academia Brasileira de Ciências, naquela até então inédita empreitada de fins educacionais pelas ondas hertzianas. Os desdobramentos dessa iniciativa possibilitariam o surgimento de outras estações no país, mantidas naquele momento fundador pela contribuição mensal de seus sócios.

O caráter restrito dessa fase pioneira das rádio-clubes inviabilizaria, por exemplo, a sobrevivência da própria Rádio Sociedade do Rio de Janeiro como grupo privado, levando seus fundadores a entregar seu prefixo (que de PRA passaria a PRA-2), sua concessão e bens para o governo federal. Tal fato permitiria, no ano de 1936, a fundação da Rádio Ministério da Educação e Saúde, iniciativa que conferiria à PRA-2 uma nova missão pedagógica, cultural e propagandista, como instrumento político do regime varguista. Para viabilizar este projeto, o governo instituiria o Serviço de Radiodifusão Educativa, fazendo desse meio de comunicação um setor estratégico na difusão de seus ideais <sup>298</sup>.

O primeiro momento de certo amadorismo do rádio no país foi marcado pela fundação de outras estações como a Rádio *Club* do Brasil (PRA-3) <sup>299</sup> e a Educadora do Brasil (ambas na capital da República), enquanto que - na metrópole paulistana - esse período seria caracterizado pela fundação, dentre outras, da Sociedade Rádio Educadora Paulista e da Rádio *Club* de São Paulo <sup>300</sup>. É essa a fase em que as emissoras se organizavam como sociedades ou clubes, sendo sustentadas economicamente pelas assinaturas de seus associados (diante da proibição da propaganda publicitária), o que denota também o caráter elitista desse veículo.

Tal quadro, aos poucos, se veria em transformação, em uma mudança gradativa, que se tornaria perceptível, por conta da crescente diversificação no conteúdo das emissoras. É diante dessas circunstâncias que o futebol daria os primeiros passos na programação da rádio paulistana, ainda que, inicialmente, as transmissões se caracterizassem muito pela preocupação informativa,

---

<sup>298</sup>SAROLDI, Luis Carlos e MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 20. Vale destacar que desde sua primeira aparição no Brasil, durante a Exposição Nacional comemorativa do centenário da independência, em 1922, as transmissões irradiadas para as cidades de São Paulo, Petrópolis e Niterói se pautavam no propósito de firmar a imagem de uma nação desenvolvida e moderna, propósito para o qual a presença do rádio se mostrava bastante adequada. Ver: AZEVEDO, op. cit., p. 43.

<sup>299</sup> De acordo com Saroldi & Moreira, a Rádio *Club* do Brasil foi a segunda estação a iniciar suas irradiações na capital federal, no ano de 1924, ainda sob administração do engenheiro Elba Dias. SAROLDI & MOREIRA, op. cit., p. 21.

<sup>300</sup> Para acompanhar as irradiações, o paulistano ou se filiava a sociedades como essa ou comprava um aparelho receptor que, à época, custava cerca de 1:200\$000 réis, preço ainda alto como bem observa Tota: “*Considerando-se que uma família de trabalhadores composta de cinco pessoas, moradora no bairro de Pinheiros, recebia 500\$000 réis por mês, pode-se deduzir que poucos tinham acesso a esse novo bem de consumo durável*”. TOTA, Antonio Pedro. **A Locomotiva no ar: rádio e modernidade em São Paulo, 1924-1934**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990, p. 28.

primando pela objetividade na irradiação de curtos boletins, que traziam o resultado dos principais jogos da rodada, conforme Tota:

“Pela primeira vez, numa tarde de domingo de abril de 1925, a Rádio Educadora transmitiu os resultados de jogos de futebol da capital, interior e estrangeiro. Note-se que não se tratava de transmissão direta dos jogos, mas sim de telegramas que eram lidos com os respectivos resultados dos jogos mais importantes. Na década seguinte, o rádio paulista imprimiu um padrão neste tipo de programação, quando o locutor Nicolau Tuma, chamado de ‘speaker metralhadora’, criou a transmissão ‘lance por lance’, numa descrição fotográfica da partida de futebol”<sup>301</sup>.

A incursão da transmissão “lance a lance” das partidas de futebol na rádio paulistana já era indício da crescente popularização desse meio de comunicação, cujo alcance também determinaria a sua utilização como instrumento de luta política nessa capital. Foi essa a estratégia adotada pelo movimento Constitucionalista de 1932, recorrendo às ondas hertzianas para conclamar a população a lutar contra o governo anticonstituinte de Getúlio, e fazendo desse veículo a grande arma da oligarquia cafeeira, em sua tentativa de retomar o protagonismo na vida política nacional<sup>302</sup>.

Tal conotação política do rádio coexistiria, naquele momento, com sua força cada vez mais empresarial, já que a obtenção de recursos para o funcionamento das rádios advinha da divulgação de produtos e da confecção de seus programas e atrações, de forma cada vez mais atrelada aos nomes de empresas patrocinadoras. Desse modo, o crescimento da rádio-empresa na vida nacional levou o governo a promover a legalização da atividade de radiodifusão, através de dois decretos de Getúlio Vargas, destinados a demarcar o controle do Estado sobre esse veículo de comunicação, bem como autorizar a veiculação de publicidade como prática fundamental do caráter comercial do rádio, conforme Saroldi & Moreira: “*O primeiro (decreto), de 1931,*

---

<sup>301</sup> Ibid., p. 44. O crescimento do rádio e sua afirmação nas principais capitais do país se dão ainda em fins da década de 1920, influenciando a própria modificação da programação de algumas emissoras, que passavam a incorporar, de maneira incipiente, as transmissões esportivas. Uma das primeiras irradiações de partidas de futebol foi a que envolveu cariocas e paulistas, no ano de 1927, coberta pela Rádio Educadora Paulista. Sobre esse episódio, de grande repercussão nas ruas da capital paulistana, Lia Azevedo registra: “*Apesar de ainda manter uma programação mais ao gosto das elites, as emissoras de rádio tentavam se tornar mais populares. Em 1927, por exemplo, a Rádio Educadora Paulista, conhecedora dos interesses de seus ouvintes pelas partidas de futebol, transmitiu do Rio de Janeiro para São Paulo uma partida do campeonato brasileiro entre paulistas e cariocas. Para permitir que um número grande de ouvintes pudesse acompanhar a façanha, foram instalados alto-falantes na Sorveteria Meia-Noite, na Leiteria Brilhante e em frente à sede do Jornal A Gazeta. No dia seguinte, os jornais publicavam fotos e comentários das multidões que se uniam para ouvir a transmissão. Em 1929, os aparelhos de rádio em São Paulo já passavam de 60 mil unidades. O hábito de ouvir rádio se consolidava*”. Cf. AZEVEDO, op. cit., p. 55.

<sup>302</sup> Ibid., p. 15.

*regulamentava o funcionamento técnico das emissoras concedidas; o segundo, de 1932, liberava a veiculação de publicidade pelas ondas hertzianas e instituía o rádio comercial”* <sup>303</sup>.

As ações do regime se desdobrariam, nos anos seguintes, levando em consideração o papel de relevo que o rádio assumira como instrumento propagandista do governo Vargas. Foi assim que, no ano de 1936, o então diretor do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), Lourival Fontes, concedeu entrevista à revista *Voz do Rádio* (dedicada a acompanhar o movimento radiofônico na capital da República), destacando o poder pedagógico e difusor desse meio de comunicação para a construção da “unidade nacional”. O futuro diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) aproveitava a ocasião para defender a instituição do programa “Hora do Brasil” <sup>304</sup>, que iniciara suas transmissões em julho de 1935:

“Dos países de grande extensão territorial, o Brasil é o único que não tem uma estação de rádio “oficial”. Todos os demais têm estações que cobrem todo o seu território. Essas estações atuam como elemento de unidade nacional. Uma estação de grande potência torna o receptor barato e, portanto, o generaliza ...

Não podemos desestimar a obra de propaganda e de cultura realizada pelo rádio e, principalmente, a sua ação extra-escolar; basta dizer que o rádio chega até onde não chegam a escola e a imprensa, isto é, aos pontos mais longínquos do país e, até, à compreensão do analfabeto” <sup>305</sup>.

O investimento do regime varguista no propósito de ampliar sua esfera de influência sobre a sociedade civil, através do rádio, demandaria um processo de adequação da programação da “Hora do Brasil”, o que possibilitaria, por exemplo, a inclusão do noticiário esportivo em sua grade. A medida fora mais uma vez anunciada pelo diretor do DPDC, Lourival Fontes, e saudada em matéria do *Jornal dos Sports*:

“Com a fundação da ‘Agência Nacional’ que, como se sabe é uma seção de imprensa do Departamento de Propaganda, passamos a receber, diariamente, um abundante serviço telegráfico com variado noticiário esportivo dos Estados, cujos principais acontecimentos

<sup>303</sup> SAROLDI & MOREIRA, op. cit., p. 22-23, grifo nosso. A legislação sobre o serviço de rádio-difusão no país, se instituiu a partir do Decreto 3.296, de 10 de julho de 1917, que reservava ao Estado – por intermédio do Ministério da Viação e Obras Públicas – a exclusividade sobre a operação do serviço de radiotelegrafia, como era conhecida a rádio-difusão. A medida foi sucedida pelo Decreto 16.657, de 5 de novembro de 1924, que, de acordo com o empresário e considerado “pai da radiodifusão no Brasil”, Roquette Pinto “estabeleceu normas para a prática do TSF (telefonia sem fio) por sociedades civis, sem fins lucrativos, sendo proibida a veiculação de publicidade”. Assim, segundo Tota, “a radiodifusão ficava limitada ao campo das experiências lúdico-científicas, usufruto de pequena parcela da elite da sociedade”. Ver: TOTA, op. cit., p. 35.

<sup>304</sup> De acordo com o historiador Antonio Pedro Tota, é também nas ondas do rádio que se trava um embate político-ideológico, ainda no ano de 1934, entre os empresários da radiodifusão paulistana e a proposta varguista de integração, prevista na chamada “Hora Nacional”, que deveria abranger todas as rádios brasileiras. O movimento de 1932 tinha sua extensão agora na luta dessa elite radiodifusora paulistana, que reivindicava o reembolso do prejuízo causado “pela apropriação do tempo utilizado pela Hora nacional”. Ver: TOTA, Antonio Pedro. **A Locomotiva no ar: rádio e modernidade em São Paulo, 1924-1934**. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990, p. 16.

<sup>305</sup> Lourival Fontes, *Voz do Rádio*, 20 de fevereiro de 1936 apud SAROLDI & MOREIRA. op. cit., p. 27.

passam a ser do conhecimento do nosso grande público, todas manhãs. E agora, tornando ainda mais relevantes os serviços do governo Getúlio Vargas aos esportes nacionais, o Sr. Lourival Fontes, diretor daquela repartição, resolveu incluir na “Hora do Brasil” um noticiário esportivo que se está recomendando pela orientação criteriosa com que vem sendo traçado. Assim não pode deixar de receber aplausos uma iniciativa como essa, que tem o mérito de levar a todas as populações do território brasileiro notícias diárias dos principais acontecimentos esportivos da capital da República e do mundo”<sup>306</sup>.

A mesma cadeia da rede nacional, através do programa “Hora do Brasil” serviria, no ano de 1938, para levar a irradiação dos jogos do Brasil na Copa do Mundo. A cobertura da Rádio *Club* do Brasil, do Rio de Janeiro, seria retransmitida para todos os estados da federação, através de quarenta e cinco emissoras. Em São Paulo, a parceria d’*A Gazeta* com as Rádios Cruzeiro do Sul e Cosmos viabilizaria a transmissão e a instalação de alto-falantes em pontos estratégicos da capital:

“A exemplo do último campeonato sul-americano, a RÁDIO CRUZEIRO DO SUL e A GAZETA em combinação com a Rádio *Club* do Brasil instalarão nos melhores pontos da cidade alto-falantes para os nossos afeiçoados acompanharem o desenrolar dos jogos”<sup>307</sup>.

A magnitude da realização era enfatizada em nova matéria do jornal de Cásper Líbero, trazendo a entrevista com o diretor da Rádio *Club* do Brasil, Edgard Baptista, festejando a união de esforços para permitir que a sociedade paulistana usufruísse de todos os detalhes da participação brasileira no máximo certame mundial:

“Os *fans* paulistas e todo o público brasileiro estão de parabéns com a iniciativa que vem de ser conseguida pela Rádio *Club* do Brasil, em combinação com as Rádios Cruzeiro do Sul e Cosmos, com a GAZETA e os jornais cariocas ‘O Globo’ e ‘Jornal dos Sports’. Ouvimos ontem o Sr. Edgard Baptista Pereira, diretor da Rádio *Club* do Brasil e um dos grandes e esforçados empreendedores dessa iniciativa: ‘Sentimo-nos felizes em associar o nome da GAZETA e do ‘Globo’ ao da Rádio *Club* do Brasil... A colaboração dos mesmos nessa nossa iniciativa é, para nós, motivo de grande júbilo, uma vez que recalcam com o seu prestígio os esforços que tivemos de despender para obter a exclusividade da transmissão direta da Europa dos jogos para a disputa do campeonato mundial de futebol ... (Assim) o rádio e a imprensa em lugar de se excluírem e de se chocarem, se completam e se harmonizam, embora atuando em campos diversos... Resolvemos não medir sacrifícios, deixando de encarar as grandes despesas exigidas para a realização desse mesmo objetivo em prol do público brasileiro”<sup>308</sup>.

O diretor da emissora carioca tratava de salientar a importância da convergência de propósitos e de esforços entre rádio e imprensa, bem como pela parceria entre grandes empresas e grupos, para a realização de tamanho empreendimento, tudo feito para benefício do público brasileiro. Da parte dos torcedores o entusiasmo não seria menor, diante da notícia da transmissão das partidas do selecionado brasileiro diretamente da França:

<sup>306</sup> *Jornal dos Sports*, 23 de março de 1938, p. 2.

<sup>307</sup> *A Gazeta*, 13 de abril de 1938, p. 9.

<sup>308</sup> *A Gazeta*, 16 de abril de 1938, p. 9.

“De todos os pontos do país, a Rádio *Club* do Brasil, a *GAZETA*, o ‘*Jornal dos Sports*’ e ‘*O Globo*’ estão recebendo de milhares de pessoas as suas felicitações pela realização do notável empreendimento que será a irradiação, diretamente da França, do Campeonato Mundial de Futebol... O ‘soccer’ empolga, realmente, o nosso povo... Daí justificar-se plenamente o êxito que está assegurado às transmissões que Gagliano Netto fará das canchas francesas, fornecendo-nos todos os lances das partidas de que participarem os brasileiros e proporcionando aos nossos patrícios de norte a sul a oportunidade de acompanhar como se estivessem presentes aos *matches*, o desenrolar das grandes pelepas do Campeonato Mundial de Futebol. O entusiasmo dos ‘fans’, assim, alcançará o auge porque terá sempre presente a palavra descritiva do simpático ‘speaker’ da PRA-3, o que não seria possível se se limitassem a esperar pelos resultados que seriam transmitidos pelas agências telegráficas e pelos correspondentes dos jornais, através do cabo submarino.

Em todo o Brasil, portanto, todos os que possuem receptores... possantes ou não, poderão ouvir as irradiações que realizará a popular emissora carioca. Já informamos aos nossos leitores que as transmissões serão feitas por ondas curtas e ondas médias e que serão retransmitidas por 45 emissoras que compõem a Rádio Nacional. A estação da Rádio *Club* servirá como ‘chave’ da retransmissão, porquanto o som virá diretamente dos campos da França para a estação da PRA-3 e dali será distribuída pelas rádios difusoras dos Estados”<sup>309</sup>

As expectativas não poderiam ser maiores ante a mobilização dos diferentes setores da sociedade brasileira. Todo investimento econômico, político e simbólico, tendo em vista o engrandecimento da empreitada brasileira, na Copa do Mundo de 1938, seria posto a prova, e a intensa agitação, nas ruas da capital federal, no dia anterior à estréia contra a Polônia, demonstrava o otimismo dos aficionados quanto à força do escrete brasileiro: “*Os cafés e bares desta cidade estão regurgitando. Toda a conversação converge em torno do match de amanhã. Os jornais registram que as apostas populares estão dando dois a três gols em favor dos brasileiros*”<sup>310</sup>.

As esperanças dos torcedores no Rio de Janeiro, a respeito da qualidade dos futebolistas que compunham o escrete nacional, eram corroboradas nas páginas da imprensa esportiva, desde o momento em que a lista definitiva com os nomes dos *players* foi divulgada, na certeza de que – muito embora as discordâncias, quanto a esse ou aquele atleta existissem - excelentes valores dos clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo haviam sido selecionados pela CBD, conforme se buscava comprovar, em matéria dos *Diários Associados*, trazendo um breve perfil dos integrantes da delegação:

“- Algisto Lorenzato (Batataes) – paulista, arqueiro titular do Fluminense bicampeão carioca (1936-7);  
- Walter de Souza Goulart – carioca, arqueiro do Flamengo;

<sup>309</sup> *A Gazeta*, 26 de abril de 1938, p. 11.

<sup>310</sup> *Diário de Pernambuco*, 5 de junho de 1938, p. 3.

- Domingos Antonio da Guia – carioca, zagueiro direito do Flamengo e de fama internacional por ter sido campeão em torneios nacionais no Brasil, Uruguai e Argentina;
- Euclides Barbosa (Jahú) – paulista, zagueiro direito do Vasco. Campeão paulista e brasileiro 3 vezes. Vice-campeão sul-americano;
- Arthur Machado – paulista, *back* esquerdo do Fluminense, bicampeão carioca (1936-7) e campeão brasileiro por São Paulo;
- Álvaro Lopes Cansado (Nariz) – mineiro, *back* esquerdo do Botafogo. Campeão Brasileiro em 1935 e vice sul-americano em 1936. Por ser médico, acumulava as funções de jogador e médico da delegação;
- Hermínio de Britto – paulista, *half-back* direito do América;
- José Procópio (Zezé) – mineiro, *half-back* direito do Botafogo;
- Martim Mércio da Silveira – gaúcho, *center-half* do Botafogo. Jogador rodado internacionalmente e que já havia atuado no Boca Juniors da Argentina, também em equipes no México, EUA e Uruguai. Jogou a Copa Rio Branco de 1932 e a Copa do Mundo de 1934;
- José Augusto Brandão – paulista, *center-half* do Corinthians. Também vice sul-americano;
- Affonso Guimarães – carioca, *half-back* esquerdo do São Cristóvão. Também vice sul-americano. Além de jogador de futebol era excelente sambista;
- Argemiro Pinheiro da Silva – paulista, *half-back* esquerdo da Portuguesa de Santos;
- José Lopes – paulista, ponta-direita do Corinthians. Sem nenhum título de campeão por ter uma carreira recém-iniciada;
- Roberto – carioca, ponta-direita do São Cristóvão. Também vice sul-americano. “Nas horas vagas ótimo sambista”;
- Luiz Mesquita de Oliveira (Luizinho) – carioca, meia-direita do Palestra Itália de S. Paulo. Também vice sul-americano e participou da Copa de 1934;
- Romeu Pelicciari – paulista, meia-direita do Fluminense. Tricampeão paulista (1932/33/34). Campeão Rio-São Paulo e bicampeão brasileiro e carioca (1936-7);
- Leônidas da Silva – carioca, *center-foward* do Flamengo. Jogou no Peñarol do Uruguai. É campeão carioca e brasileiro. Fez parte da equipe que disputou a Copa Rio Branco de 1932 e a Copa de 1934;
- Dionísio Fantoni (Niginho) – mineiro, *center-foward* do Vasco. Jogou vários anos na Itália, onde foi campeão por 2 anos seguidos. Vice sul-americano;
- Elba de Pádua Lima (Tim) – paulista, meia-esquerda do Fluminense. Campeão paulista e brasileiro. É vice- campeão sul-americano.
- José Perácio – mineiro, meia-esquerda do Botafogo. Tricampeão mineiro. Carreira ainda curta;
- Hércules de Miranda – mineiro, extrema-esquerda do Fluminense. É bicampeã carioca (1936-7) e campeão brasileiro por São Paulo;
- Rodolpho Patesko – paranaense, extrema-esquerda do Botafogo. Bicampeão carioca, campeão brasileiro e vice sul-americano. Considerado um dos melhores pontas canhotos do país. Jogou pelo Nacional do Uruguai”<sup>311</sup>.

Chama a atenção, nesse perfil das trajetórias de cada um dos componentes da delegação, publicado no *Diário de Pernambuco*, o fato de a carreira dos jogadores ter sido avalizada não somente pelos títulos nos clubes, mas também pelos bons resultados alcançados na seleção, como, por exemplo, a participação na campanha do vice-campeonato, no sul-americano da Argentina, em 1936-7. Além disso, assumia destaque, na matéria, as passagens dos atletas pelo

---

<sup>311</sup> *Diário de Pernambuco*, 4 de maio de 1938, p. 12.

exterior, bem como seu estado de origem, o que permite observar a centralização que caracterizava a formação do escrete nacional.

A confiança no potencial daquele grupo de jogadores viria não somente da imprensa e dos torcedores, mas também do poder público, muito embora a preocupação não se resumisse às vitórias, e sim à maneira pela qual seriam alcançadas, isto é, o zelo pelo “bom nome esportivo do Brasil”. Da parte da família presidencial, a filha do chefe da nação, Alzira Vargas, tratava de fazer *jus* ao posto de “Madrinha da Seleção” incentivando os jogadores, através de telegrama enviado à delegação e divulgado pelos *Diários Associados*: “*Nas vésperas do vosso primeiro embate nos campos europeus, desejo levar-vos, como madrinha e como brasileira, a reafirmação de minha confiança em vossos esforços. Estou certa de que o bom nome esportivo do Brasil está garantido em vossas mãos*”<sup>312</sup>.

Envolta por toda a expectativa nutrida nas páginas esportivas, a seleção debutaria na Copa do Mundo de 1938, na difícil partida contra a Polônia<sup>313</sup>. De acordo com matéria do *Jornal dos Sports*, o *match* de estréia do Brasil, na competição, fora disputado sob forte chuva e o escrete nacional entrou em campo com os mesmos jogadores que, durante os últimos jogos-treino do período preparatório, integravam o time azul (titulares), escalados por Pimenta na seguinte formação: Batataes; Domingos da Guia e Machado; Martim (capitão), Zezé Procópio e Affonsinho; Romeu Pelicciari, Perácio e Leônidas da Silva; Lopes e Hércules.

A partida começou como desejavam os torcedores brasileiros, com amplo domínio da seleção. Logo aos dezoito minutos do primeiro tempo, Leônidas abriu o placar. Porém, a Polônia não tardou a reagir e, através dos pés de seu melhor jogador, o meia-esquerda Willimowski, chegou ao empate, em cobrança de pênalti, cometido por Domingos da Guia, que entrou em campo em estado febril, acometido por uma forte gripe. Após o empate, o Brasil retomou as ações do jogo e marcou mais duas vezes, antes do intervalo, com gols de Romeu e Perácio.

---

<sup>312</sup> Ibid.

<sup>313</sup> Seguem abaixo os dados objetivos da partida válida pelas oitavas-de-final da Copa do Mundo de 1938:

Resultado final: Brasil 6 x Polônia 5

Data: 5 de junho de 1938

Local: *Stade de la Meinau* (Estrasburgo)

Árbitro: Ivan Eklind (Suécia)

Gols: Leônidas 18, Willimowski (pen.) 22, Romeu 25, Perácio 44 do 1º tempo; Piontek 5, Willimowski 14, Perácio 27, Willimowski 43 do 2º tempo; Leônidas 3 e 12, Willimowski 14 do 1º tempo da prorrogação.

BRASIL: Batatais; Domingos, Machado; Zezé Procópio, Martim, Afonsinho; Lopes, Romeu, Leônidas, Perácio, Hércules. POLÔNIA: Madejski; Szcepaniak, Galecki; Gora, Nycz, Dytko; Piec I, Piontek, Szerfke, Willimowski, Wodarz. Cf. *Jornal dos Sports*, 6 de junho de 1938, p. 1, 3 e 4.

A vantagem no placar parecia anunciar uma goleada para a segunda etapa, porém, com mais um gol de Willimowski e outro do ponta-esquerda Wodaro, a Polônia conseguiu o inesperado empate. Entrementes, um dos destaques do Brasil no jogo, o meia-esquerda Perácio – em forte chute de fora da área – colocaria o Brasil novamente na frente. A certeza da vitória ruiu, já nos acréscimos do jogo, com o gol de empate polonês. O nervosismo tomava conta da torcida nas ruas da capital e também no Palácio Guanabara, onde o presidente Vargas assistia ao jogo com esposa e filha:

“O Sr. Getúlio Vargas a Sra. Alzira Vargas e a esposa do presidente (Darcy Vargas) ouviram emocionadas a irradiação.

O Chefe Nacional, fumando um charuto, passeava de um lado para outro da sala.

A Sra. Vargas ouvia atentamente a descrição da pugna. A Sta. Alzira Vargas, entusiasmada, soltava gritos, torcendo sem nenhuma cerimônia, como se estivesse no campo.

Quando faltavam alguns minutos para terminar e os poloneses conseguiram empatar, a Sra. Darcy levantou-se, nervosa, e exclamou – ‘É o cúmulo! Que falta de sorte! Justamente no último minuto!’

Então o Presidente que se achava na varanda, certo da vitória, voltou-se e perguntou: ‘os brasileiros venceram?’

A Sta. Alzira respondeu dizendo que o jogo tinha sido empatado e ia haver prorrogação.

Daí por diante o Chefe Nacional tirava baforadas sobre baforadas do charuto”<sup>314</sup>.

No entanto, o alívio veio logo no início da prorrogação, quando, após cobrança de falta de Hércules, a bola sobrou para Romeu Pelicciari, e o meia-direita da seleção serviu a Leônidas, que marcou o 5º tento do Brasil, ato derradeiro da primeira etapa, de quinze minutos. No segundo tempo, o jogo caminhou com a mesma dramaticidade, com os poloneses sufocando o escrete brasileiro. Contudo, após uma das primeiras ações ofensivas da seleção, o *goalkeeper* polonês, Madjeski, falhou na reposição do tiro de meta e entregou a pelota nos pés de Leônidas, que – segundo descrição da imprensa brasileira - estava abaixado, próximo à meia-lua da grande área, amarrando as chuteiras. Mesmo descalço, o “Diamante Negro” chutou para marcar o 6º gol brasileiro, o gol da classificação.

Para aqueles que imaginavam que os poloneses se renderiam, mais uma vez, o jovem craque de apenas 21 anos, Willimowski, descontou o marcador, anotando o 5º gol dos europeus. Ainda assim, a pugna terminou com vitória do Brasil por 6 a 5, marcando nossa passagem às quartas-de-final, para delírio dos torcedores que, ao receberem a confirmação do apito final, explodiram de alegria, nas casas e ruas das principais cidades do país, conforme trecho já citado de matéria do *Jornal dos Sports*:

<sup>314</sup> *Diário de Pernambuco*, 7 de junho de 1938, p. 5.

“João Pessoa – A irradiação do jogo Brasil x Polônia foi ouvida nesta capital com o maior entusiasmo e interesse. O governo e as sociedades recreativas mandaram instalar nos principais logradouros públicos, poderosos alto-falantes. Assim o povo paraibano, vibrando de entusiasmo acompanhou a sensacional luta de *football*. A vitória dos brasileiros motivou grandes demonstrações de alegria, por parte da população.

Recife – Grande quantidade de povo aglomerou-se nas portas dos cafés e nas praças públicas, ouvindo ontem, a irradiação do jogo, Brasil x Polônia.

A vitória final dos brasileiros foi recebida com delirantes manifestações de regozijo.

Vitória – A partida de futebol entre o Brasil e a Polônia, ontem realizada, em disputa do Campeonato Mundial foi acompanhada pelo rádio com grande entusiasmo patriótico por toda a população desta capital.

Além das pessoas que ouviram a irradiação em suas residências particulares, mais de mil pessoas se reuniram na praça Independência, onde foram instalados alto-falantes ....

Porto Alegre – Incalculável massa popular afluíu, ontem, a vários pontos da cidade, ouvindo a irradiação do jogo Brasil x Polônia.

São Paulo – Nunca se viu aqui fato igual motivado por uma competição esportiva. A multidão aclamou em delírio a vitória do Brasil

Belo Horizonte – O povo vibrou intensamente sendo empolgado do maior entusiasmo quando foi anunciada a vitória brasileira. Cada lance do jogo era acompanhado de aplausos, em um verdadeiro delírio popular”<sup>315</sup>.

O interessante desses relatos é perceber que não só as famílias mais abastadas ou aquelas que possuíam um aparelho de rádio em suas residências tiveram o privilégio de acompanhar a transmissão da partida. Diversos alto-falantes foram instalados em vários pontos das principais praças esportivas do país, permitindo aos torcedores, até mesmo aos mais humildes, que acompanhassem cada lance do prélio contra os poloneses. O aficionado apoiava e aplaudia, como se estivesse em canchas francesas. É o que relata o *Diário de Pernambuco*, acerca das manifestações em Olinda (PE):

“O público, apesar das chuvas, acompanhava com interesse o desenrolar da peleja aclamando delirantemente o quadro brasileiro, quando o ‘speaker’ anunciava um ponto.

Ao ser anunciado o resultado do prélio, foguetes espocavam e os automóveis das praças buzonavam demoradamente.

Casas particulares, em que havia rádio, viram-se invadidas por amigos e conhecidos das famílias. No Amaro Branco, Salgadinho e Farol, onde a população pobre é mais numerosa, o entusiasmo foi indescritível, tendo esta população se acumulado em frente aos poucos receptores existentes naquelas zonas”<sup>316</sup>.

O entusiasmo das ruas também seria registrado pelo presidente Vargas, nas anotações feitas em seu diário, acerca do transcorrer daquele dia esportivo:

“(Dia 5 de junho) Pela manhã, fui ao golf no Itanhangá. Regressei antes do almoço ao Guanabara e depois, à tarde, fui ao Jockey, onde se corria o Grande Prêmio. Mas o fato culminante do dia foi o jogo de *football* entre brasileiros e poloneses, em Estrasburgo, na disputa do Campeonato Mundial. A população da capital foi empolgada pela descrição da partida, ouvida através do rádio, até que esta se decidisse pela vitória dos brasileiros”<sup>317</sup>.

<sup>315</sup> *Jornal dos Sports*, 7 de junho de 1938, p. 6.

<sup>316</sup> *Diário de Pernambuco*, 6 de junho de 1938, p. 1.

<sup>317</sup> VARGAS, Getúlio. *Diário*. Vol. II. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 138, grifo nosso.

A descrição objetiva contrasta com as reportagens sobre a torcida da família presidencial, durante a irradiação da estréia brasileira. Acompanhado de sua esposa, Darcy Vargas, e sua filha Alzira Vargas, o primeiro magistrado da nação teria acompanhado atentamente e vivenciado toda a tensão que marcou o desenrolar da prorrogação:

“(…) Daí por diante o Chefe Nacional tirava baforadas sobre baforadas do charuto e quando foi anunciado o gol de desempate dos brasileiros, Alzira gritou e o presidente, sorrindo, voltou-se para o repórter:  
- ‘A vitória será nossa’  
Assinalado o sexto gol, Alzira abraça os seus pais. Quando o *speaker* anunciou que faltavam dez minutos para terminar, o Sr. Getúlio Vargas perguntou – ‘Esse jogo não termina mais?’  
A Sta. Alzira Vargas intervém e diz: ‘Calma, papai. Estamos vencendo por seis a quatro. Não podemos perder’.  
Anunciado o 5º gol dos poloneses, o Presidente exclamou: ‘Parece impossível! Não acaba nunca esse jogo?’  
Um minuto depois findava a partida. O Sr. Getúlio Vargas, sorridente, abraçou a esposa dizendo:  
- ‘Até que enfim. *Finis Poloniae*’”<sup>318</sup>.

A dramaticidade do jogo, somente decidido na prorrogação, desencadeou emoções das mais variadas nos torcedores-ouvintes que acompanhavam a peleja no Brasil. No Rio de Janeiro, noticiava-se a morte de um funcionário postal, durante a irradiação da peleja, vítima do “entusiasmo”:

“- Emocionou o público carioca a notícia do falecimento súbito de um funcionário postal, quando, entusiasmado, acompanhava o desenvolver da peleja em Estrasburgo. Dario Balesdent é o nome da vítima. Era chefe da estação postal telegráfica de Campos, onde desfrutava de grande estima. O velho funcionário acompanhava a descrição do jogo. Vibrava e aclamava, sem pensar em que seu coração já não podia suportar tão grandes emoções. De quando em vez empalidecia. Descansava e continuava a vibrar no seu entusiasmo. Quando teve notícia da prorrogação da peleja, em consequência do empate, sentiu como que um relaxamento dos músculos. Mas não emprestou importância a este sintoma. Reagiu e ainda acompanhou o reinício do jogo. Trêmulo, ouvia os detalhes. Anuncia-se o 5º ‘goal’ dos brasileiros. Dario, já muito cansado, volta a aclamar, esquecendo-se do mal que o atacava. Ao 6º ‘goal’, a emoção do funcionário foi superior a sua resistência e Dario faleceu”<sup>319</sup>.

A narrativa minuciosa do ocorrido apresentava a tensão e toda a carga emocional desencadeada por uma partida eliminatória, decidida somente na prorrogação. Contudo, tal relação do torcedor com o esporte nacional - em sua dimensão e intensidade – somente se tornara possível pela vibração das ondas do rádio.

<sup>318</sup> *Diário de Pernambuco*, 7 de junho de 1938, p. 5.

<sup>319</sup> *A Gazeta*, 7 de junho de 1938, p. 12.

E assim seria, durante todos os jogos do Brasil, na Copa de 1938. Após a vitória sobre os poloneses, o escrete brasileiro teria um adversário ainda mais difícil pela frente: a Tchecoslováquia, a então vice-campeã mundial <sup>320</sup>, em jogo disputado na cidade de Bordeaux. A qualidade e o histórico recente de sucesso dos adversários não diminuiram a confiança dos torcedores e da imprensa brasileira na nova vitória.

Na descrição da partida, nas páginas do “cor de rosa” <sup>321</sup>, sublinhava-se o fator emocional, como grande complicador do desempenho das seleções em campo, com os ânimos entre os *players* das duas equipes bastante exaltados. Em jogo de muitas faltas, o *half-back* direito brasileiro, Zezé Procópio, revidou uma forte entrada do jogador tcheco Nejedly, agredindo-o com um pontapé e sendo expulso pelo árbitro da partida, o húngaro Hertza.

Mesmo com um jogador a menos, o Brasil passou a atacar com mais perigo, exigindo boas defesas do goleiro Planicka. Aos trinta minutos da primeira etapa, depois de uma falta cobrada por Hércules, que bateu na barreira tcheca, a bola sobrou para Perácio, que assistiu a Leônidas, e o centroavante brasileiro finalizou para abrir o placar, Brasil 1 a 0. Ainda antes do término da primeira etapa, mais dois jogadores foram expulsos pelo árbitro, o *back* Machado e o ponta-direita Rika, em um lance em que – segundo o *Jornal dos Sports* – o tcheco teria agredido o brasileiro, após o zagueiro do Fluminense desarmar o adversário de forma violenta. Mesmo com nove jogadores em campo, o Brasil ainda ameaçava a meta do adversário e teve um gol, marcado pelo mesmo meia-esquerda Perácio, anulado.

Nem bem o segundo tempo havia começado e mais uma jogada polêmica aconteceu e, dessa vez, de implicação direta para o resultado do jogo. O árbitro húngaro marcou pênalti, cometido por Domingos da Guia e, na cobrança, o jogador Baucek marcou o gol de empate dos europeus. Apesar da luta dos brasileiros e da pressão imposta pelos tchecos, o jogo terminou com o placar inalterado e mais uma partida desempate seria realizada, apenas dois dias depois.

---

<sup>320</sup> Na final, disputada em Roma, sob os olhos de Mussolini, os tchecos só foram derrotados na prorrogação, pelo placar de 2 a 1 (a partida terminara 1 a 1 no tempo normal).

<sup>321</sup> *Jornal dos Sports*, 12 de junho de 1938, p. 1 e 4. Dados objetivos do primeiro duelo válido pelas quartas-de-final: Resultado final: Brasil 1 x Tchecoslováquia 1

Data: 12 de junho de 1938

Local: *Parc de Lescure* (Bordeaux)

Árbitro: Paul van Hertzka (Hungria)

Gols: Leônidas 30 do 1º tempo; Nejedly (pen.) 19 do 2º.

BRASIL: Walter; Domingos, Machado; Zezé Procópio, Martim, Afonsinho; Lopes, Romeu, Leônidas, Perácio, Hércules. TCHECOSLOVÁQUIA: Planicka; Burger, Daucik; Kostalek, Boucek, Kopecky; Riha, Simunek, Ludl, Nejedly, Puc. Expulsões: Zezé Procópio, Machado e Rika.

A respeito do desempenho brasileiro nessa partida, Mazzoni trazia suas impressões centradas nas “injustiças” cometidas contra os nossos jogadores. Para o cronista, o empate em circunstâncias tão adversas deveria ser visto como uma vitória:

“A segunda partida dos brasileiros contra os tchecos, vice-campeões do mundo, foi de indescritível dramaticidade, e o empate, nas circunstâncias em que foi alcançado, representa mais que uma lúdima e expressiva vitória! O público esportivo brasileiro pode orgulhar-se dos seus elementos que aqui estão honrando o pavilhão nacional. Jamais vimos jogadores tão briosos! Foram verdadeiros heróis de uma contenda defendida com esforço estóico e sublime espírito de sacrifício! Momentos houve em que o quadro brasileiro ficou reduzido a sete homens e assim mesmo sustentou o combate, sem inferioridade, na mais admirável demonstração de técnica e pujança do futebol brasileiro! É extraordinário! Com dois homens apenas no ataque, o quadro Brasil tinha a iniciativa das melhores manobras no campo e atacava! Às vezes, somente Lopes, na frente, dava combate aos tchecos! ...

Com o quadro completo, a vitória dos brasileiros teria sido fácil. Os tchecos impressionaram apenas nos dez primeiros minutos... enquanto que, no conjunto brasileiro, a expulsão de Zezé e Machado, dois homens da defesa, revolucionou completamente a articulação da turma. Affonso e Romeu retrocederam. Affonso foi ter à zaga e operou verdadeiros milagres. Romeu, como médio, fantástico. Leônidas esforçou-se tanto, que perdeu o sentido! Por aí vemos o espírito de luta dos nossos homens que, além disso, souberam ser corretos e disciplinados, enquanto que os tchecos por duas vezes faltaram ao respeito ao juiz”<sup>322</sup>.

Na descrição do prélio feita por *Olimpicus*, a valentia dos jogadores brasileiros (mesmo diante da desvantagem numérica ocasionada pelas expulsões de Zezé e Machado) havia sido determinante para evitar a derrota, no primeiro confronto com os tchecos. No entanto, chama ainda mais atenção a observação derradeira, acerca do comportamento disciplinar dos nossos *players*, que até nesse quesito se mostraram superiores aos adversários. Os brasileiros, segundo Mazzoni, mesmo diante das injustiças sofridas em campo, souberam se portar com extrema correção, diferentemente dos rivais que teriam desrespeitado o árbitro em duas oportunidades. Ou seja, empatamos na bola, porém, “vencíamos” na postura disciplinada e respeitosa dos nossos representantes, o que, se não garantira a passagem à semifinal, ao menos tornava nossos craques dignos dos maiores elogios.

O mesmo fato fora novamente ressaltado pelo próprio *Olimpicus*, em matéria publicada após o término do mundial. Para o cronista, o que se havia presenciado nos gramados de Bordeaux, naquela tarde, era uma espécie de “sinal” de que nem tudo estava perdido, quando o assunto era a mentalidade dos nossos jogadores:

“Tudo é possível. Que belo, que grande exemplo de fibra, de espírito de sacrifício e de amor próprio tivemos naquela épica tarde do primeiro jogo com os tchecos... Aquela

---

<sup>322</sup> *A Gazeta*, 13 de junho de 1938, p. 12.

façanha dos nossos, que reputo a página mais heróica escrita por um quadro brasileiro, foi toda espontânea, nasceu das circunstâncias da partida...

Nessa tarde – acreditem – convencemo-nos de vez que o esportista brasileiro pode ser tão disciplinado e compenetrado de suas responsabilidades, lutando com fibra e com ardor patriótico, como poucos. Resta guiá-lo no bom caminho, educá-lo em bom ambiente. Naquela tarde de Bordeaux... alcançamos uma grande vitória técnica e moral, mesmo sem vencer numericamente, lutando com denodo, primeiro com 9 elementos, devido às duas infelizes expulsões e depois até com 7, devido a acidentes. Se, pois, os nossos futebolistas são capazes de uma tão grande força de vontade, por que não seriam capazes de ter vontade para transformar sua mentalidade, mediante bons esforços nesse sentido, tornando-se, assim, obedientes, corretos, compenetrados de suas responsabilidades dentro e fora de campo? Tudo está na vontade dos homens que tem em suas mãos as rédeas dos clubes, das entidades; dos homens que tem a si a missão de escrever nos jornais, de falar pelo rádio para servir ao esporte!”<sup>323</sup>.

Mesmo diante da “grande vitória técnica e moral” da tarde de Bordeaux (ao menos era essa a visão defendida por alguns cronistas da imprensa esportiva brasileira), nada mudaria o fato de que a seleção teria pouco tempo para recuperar a equipe, para o segundo e decisivo confronto contra a Tchecoslováquia. Coube então ao treinador da seleção colocar à prova sua estratégia, recorrendo à equipe reserva, o que se adequava à proposta adotada durante os treinamentos (na qual se dividiu o grupo em dois escretes, azul (titular) e branco (reserva), ou - segundo definição do próprio Pimenta - a equipe “leve” (azul) e a “pesada” (branca)).

Para o comandante do selecionado, o fundamental a se considerar era o desenvolvimento de dois *teams*, que poderiam ser escalados de acordo com as características do jogo e do oponente. Daí a insistência no entrosamento de ambas as equipes, a partir da manutenção dos mesmos jogadores na composição dos escretes azul e branco, sem alterações, quaisquer que fossem os resultados dos jogos-treino realizados.

Mesmo em face da arriscada aposta de Pimenta, no escrete branco, os torcedores seguiam entusiasmados com a possibilidade de finalmente a seleção alcançar uma semifinal de mundial. Em Recife (PE), um ato do interventor federal, em combinação com o prefeito da cidade, definia ponto facultativo, nas repartições estaduais e municipais, para que todos pudessem acompanhar a irradiação do segundo *match* Brasil x Tchecoslováquia. Também a Associação Comercial enviou pedido ao comércio para que encerrasse o expediente ao meio-dia.

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, vários departamentos tiveram a autorização do Ministro do Trabalho de funcionar somente pela parte da manhã<sup>324</sup>. Em outras cidades do país, também

---

<sup>323</sup> Ibid., p. 10.

<sup>324</sup> *Diário de Pernambuco*, 14 de junho de 1938, p. 7.

acabou por vigorar o trabalho de meio expediente, liberando-se os trabalhadores para acompanharem a irradiação da partida:

“Rio, 14 (H) – Em Barra do Piraí as casas comerciais fecharão as suas portas às 13 horas, de maneira a permitir que todos que nelas trabalham possam acompanhar, pelo rádio, o sensacional desempate entre os ‘esquadrões’ do Brasil e da Tchecoslováquia <sup>325</sup>. ...

Curitiba, 14 (H) – A fim de permitir que os seus empregados pudessem ouvir a irradiação da partida de futebol entre os brasileiros e os tchecos, os bancos, escritórios e várias casas comerciais encerraram o expediente pouco antes de ser iniciada aquela irradiação <sup>326</sup>. ...

(São Paulo) Em virtude da realização do grande jogo Brasil x Tchecoslováquia, os operários da fábrica de meias Harteistein, na Lapa, não trabalharam à tarde, sendo dispensados pelos chefes a fim de que pudessem acompanhar, através do rádio, as peripécias da sensacional pugna. Depois da vitória retumbante do ‘onze’ nacional, os operários organizaram uma passeata pelas ruas do bairro, dando vivas ao Brasil e aos ‘azes’ da seleção” <sup>327</sup>.

Todavia, a dispensa do trabalho no turno, ou ao menos na hora da partida, foi um benefício que muitos trabalhadores não obtiveram. Por isso mesmo, para alguns dos torcedores da capital paulista, que não seriam dispensados de suas ocupações, por conta do jogo, a estratégia para acompanhar o placar foi a de recorrer às sereias da *Gazeta* que, a pedido dos próprios torcedores, tocariam a cada gol ocorrido no prélio:

“Atendendo a pedidos de ‘milhares’ de torcedores entregues ao trabalho e que, por isso, não podem acompanhar as fases da irradiação do jogo de hoje, a *GAZETA* anunciará, pelas suas sereias, os ‘goals’ feitos.

Para que não haja confusão, a sereia comum, que toca habitualmente ao meio-dia, anunciará os ‘goals’ dos tchecos, e a sereia mais aguda (dos grandes dias e dos grandes feitos), proclamará os ‘goals’ brasileiros. Atenção, pois, ‘torcedores!’” <sup>328</sup>.

À espera de que mais um “grande feito” fosse anunciado na sereia da *Gazeta*, os torcedores da capital paulista acompanhavam as informações trazidas da França, confirmando que os seguintes jogadores haviam sido escalados por Pimenta para o *match*-desempate <sup>329</sup>: Walter; Jahú e Nariz; Britto, Brandão e Argemiro; Roberto, Luizinho e Leônidas; Tim e Patesko.

<sup>325</sup> *A Gazeta*, 14 de junho de 1938, p. 10.

<sup>326</sup> *A Gazeta*, 15 de junho de 1938, p. 9.

<sup>327</sup> *A Gazeta*, 15 de junho de 1938, p. 9, grifo nosso.

<sup>328</sup> *A Gazeta*, 15 de junho de 1938, p. 12.

<sup>329</sup> *Jornal dos Sports*, 15 de junho de 1938, p. 1 e 4. Dados da partida-desempate:

Resultado final: Brasil 2 x Tchecoslováquia 1

Data: 14 de junho de 1938

Local: *Parc de Lescure* (Bordeaux)

Árbitro: Georges Capdeville (França)

Gols: Kopecky 30 do 1º tempo; Leônidas 11, Roberto 18 do 2º.

BRASIL: Walter; Jahu, Nariz; Brito, Brandão, Argemiro; Roberto, Luisinho, Leônidas, Tim, Patesko.

TCHecoslovÁQUIA: Burkert; Burger, Daucik; Kostalek, Boucek, Ludl; Horak, Senecky, Kreutz, Kopecky, Rulc.

Mesmo com uma equipe descansada e reforçada pelo “Diamante Negro”, o Brasil saiu atrás do marcador, logo aos vinte e quatro minutos do primeiro tempo, ante o chute cruzado do meia Kopecki, completando cruzamento e abrindo o placar para os tchecos. Jogando em bom ritmo de toque de bola, os europeus pressionavam e exigiam boas intervenções do goleiro Walter.

O jogo, que caminhava desfavoravelmente para o escrete nacional, viu sua história se modificar drasticamente na segunda etapa. De acordo com o *Jornal dos Sports*, a seleção voltou pressionando, desde o início, o quadro europeu, até que o ponta-esquerda Patesko encontrou Leônidas, no meio da zaga, e o centroavante - com forte arremate - marcou o gol de empate. Daí em diante, o jogo seguiu como se fosse um treino de ataque contra defesa e, depois de muitas tentativas, o Brasil chegou à almejada virada, com gol do ponta-direita Roberto, anotado após passe de Leônidas. Com o apertado placar de 2 a 1 o Brasil avançava a uma inédita semifinal <sup>330</sup>.

A vitória contra os então vice-campeões mundiais foi qualificada como um verdadeiro “baile” da seleção por Thomaz Mazzoni. Para o jornalista, que acompanhou de perto o triunfo brasileiro, o futebol de “cinturas duras” dos tchecos sucumbiu ante o nosso “futebol-samba”:

“(…) No segundo tempo, exceto três ou quatro ocasiões mais sérias em nossa área, dominamos a luta por completo, sendo irresistível o jogo de passes curtos e ligeiros cultivado pelo nosso ataque. Nesse período, até os zagueiros brasileiros foram atirar à meta, dando aos nossos um autêntico ‘baile’ nos tchecos, que ficaram conhecendo o futebol-samba brasileiro e terminaram a partida humilhados, acabando por se conformarem com a derrota. Como no jogo anterior, os tchecos usaram a marcação de corpo, tática inútil ante a habilidade dos nossos avantes ... O público francês admirou e aplaudiu entusiasticamente as piruetas de Tim e as admiráveis diabururas de Leônidas” <sup>331</sup>.

Na mesma edição da seção “Todos os Esportes”, uma matéria destacava o fundamental apoio dos torcedores brasileiros ao selecionado, através do número crescente de telegramas enviados à França:

“Todas as classes sociais enviam telegramas de incitamento aos brasileiros Os brasileiros estão dando a mais comovente prova de carinho, confiança e fé aos ‘azes’ patrióticos que vem orgulhando o nosso país na ‘Taça do Mundo’, todas as classes sociais lhes rendem as suas homenagens ... Centenas de telegramas são enviados diariamente à delegação, em França, e de São Paulo tem partido os maiores gritos de entusiasmo pelos feitos da seleção nacional” <sup>332</sup>.

Além das mensagens enviadas por figuras importantes, como políticos do regime ou mesmo ex-jogadores da seleção, como Friedenreich, o maior espaço da publicação era ocupado

<sup>330</sup> Ibid.

<sup>331</sup> *A Gazeta*, 16 de junho de 1938, p. 9.

<sup>332</sup> *A Gazeta*, 16 de junho de 1938, p. 9-10.

por telegramas em nome de trabalhadores de casas comerciais, indústria, bancos e funcionários públicos:

- “- Felicitamos valentes compatriotas inquebrantável demonstração esportiva tem dado ao mundo. Aguardamos confiantes novas vitórias. Saudações. Funcionários Alfândega Santos.
- Auxiliares Mappin Stores saúdam valentes patrícios brilhante vitória, mantenham mesma fibra conquista triunfo final.
- Felicitamos nossos patrícios brilhantes vitórias certos triunfo amanhã futuros campeões – Auxiliares da firma Theodor Wille e Cia. Ltda.
- Alunos Politécnica São Paulo confiam vitória valorosos patrícios frente italianos.
- Auxiliares Casa Pratt S. Paulo felicitam calorosamente heróicos componentes equipe brasileira absolutamente convencidos manterão invicto excelso glorioso pavilhão nosso querido Brasil.
- Funcionários Companhia Ford S. Paulo felicitam ardentemente esplêndida vitória, esperando heróicos patrícios mantenham bem elevado nome estremecido Brasil, até triunfo final.
- Funcionários bancários Conde Cia. São Paulo saúdam patrícios brilhantes feitos certos vitória final.
- Casa Paiva e Auxiliares São Paulo saúdam valentes jogadores brasileiros, desejando vitória jogo amanhã. Salve! delegação brasileira.
- Parabéns. Escola Nacional Padre Anchieta.
- Funcionários Caixa Econômica Federal de São Paulo felicitam patrícios brilhante jornada, confiantes continuação vitórias. Brasil precisa continuar impondo-se ao mundo.
- Por intermédio desta folha, enviam sua saudação aos jogadores nacionais: auxiliares da firma José Antônio, de Porto Feliz, Ferroviários da Companhia Paulista Estação de Barreto, Emygdio Martins, pelos esportistas de Limeira, E. C. São Bento de Sorocaba, e A. A. Guaraúna, da Capital.
- Os “torcedores” de Taquaritinga telegrafaram também aos futebolistas brasileiros, desejando-lhes toda a sorte de felicidades na disputa do campeonato do mundo. ... Delegação Brasileira de Futebol – Felicitações Brilhante Atuação. Sinceros votos vitória final. Confederação dos Pescadores”<sup>333</sup>.

Os diferentes votos de incentivo e felicitações ao grupo brasileiro sustentavam-se na gratidão dos torcedores, pelo resultado alcançado nos gramados franceses. Em boa parte das mensagens enviadas, o apoio à delegação aliava-se à confiança no inédito título mundial, um sentimento justificável, de elevada expectativa, pelo triunfo cada vez mais possível, ante a escalada às semifinais. Os torcedores faziam questão de cumprimentar os seus “heróis”, mas sem deixar de lembrá-los que o que todos desejavam era a conquista da “Taça do Mundo”.

Para que a possibilidade de levantar o tão desejado caneco se mantivesse viva, uma grande preocupação passava a assolar os torcedores nas repartições, nas redações e nas ruas do país afora e não se tratava da difícil tarefa de enfrentar os atuais campeões mundiais. O problema revelado pelos membros da delegação era outro:

“Rio, 15 (H) – O ‘Globo’ voltou hoje à tarde a ouvir pelo telefone os membros da delegação brasileira em Marselha.

<sup>333</sup> *A Gazeta*, 16 de junho de 1938, p. 10.

O primeiro a falar foi Pimenta, que sobre o jogo de amanhã disse:

- Não se trata de duvidar da vitória. Os brasileiros, porém, tiveram todas as desvantagens possíveis. Disputamos três jogos e o terceiro, embora com a utilização do selecionado 'branco', reforçado por Leônidas e Walter, adiou o embarque para Marselha. Os italianos possuem uma turma formidável e estão descansados, sem lamentar uma confusão. Já com os brasileiros aconteceu o que de pior podia acontecer. Leônidas com um músculo distendido, quase impossibilitado de jogar.

- Mas está afastada a hipótese de Leônidas comandar o ataque brasileiro?

- Estamos fazendo o possível, e o impossível. Até a hora do jogo Leônidas ficará em absoluto repouso. Aplicações de diatermia e massagens, injeções de óleo canforado, tudo o que é possível se fará. Ainda não perdi as esperanças só desanimarei de colocar Leônidas em campo se na hora do jogo o exame médico for proibitivo.

- Conto com a boa vontade de Leônidas, já demonstrada no desempate contra a Tchecoslováquia. Leônidas realizará também um esforço notável para poder entrar em campo. Submete-se ao tratamento e está em absoluto repouso. ...

A Leônidas pergunta-se se jogará amanhã, ao que o 'Diamante Negro' retruca:

- Eu acho que será quase impossível entrar em campo. Tive uma distensão muscular. Se não entrar em campo será somente por isso e não por cansaço. Naturalmente estou exausto, mas o cansaço é o de menos. Durante o jogo-desempate contra os tchecos esqueci-me completamente de que tinha jogado 48 horas antes e, coisa curiosa, trabalhei mais no segundo tempo, quando todo o quadro brasileiro atuou no campo adversário. Eu só não entrarei em campo se for impossível, humanamente impossível. Eu só poderei dizer se jogo na hora do encontro. Estou tomando injeções, massagens, aplicações de diatermia, vou ficar todo o dia de hoje em repouso, numa tentativa desesperada de jogar.

Eu peço ao 'Globo' que comunique à minha senhora que não tenho nada demais: apenas uma distensão muscular. Envie lembranças e diga também que eu mandei pedir que ela reze para que eu possa jogar amanhã. Dormirei hoje na esperança de um milagre"<sup>334</sup>.

A contusão muscular do grande destaque brasileiro, no torneio, era motivo de preocupação para os torcedores e membros da delegação, haja vista que o tempo para a recuperação era extremamente curto e os recursos inadequados, cabendo ao zagueiro esquerdo do Botafogo, Álvaro Lopes Cansado (Nariz), acumular as funções de jogador e médico<sup>335</sup> da seleção durante a Copa de 1938. O "diabo dos gramados" (como Leônidas fora denominado pela imprensa francesa) esperava agora por um "milagre" dos céus para entrar em campo na semifinal. As palavras de Leônidas deixavam claro que suas possibilidades eram mínimas e, ao torcedor brasileiro, só restava acreditar no improvável. Hora de começar a rezar.

Pelas bandas de cá, a mobilização dos torcedores, verificada durante as outras partidas do escrete nacional, levou o governo da capital federal a declarar ponto facultativo em suas repartições no dia da partida entre Brasil x Itália:

"Rio, 16 (Pelo Telefone) – O governo considerou hoje ponto facultativo nas repartições públicas. Os jornais aplaudem a medida oficial, acentuando que os dirigentes tiveram

<sup>334</sup> *A Gazeta*, 16 de junho de 1938, p. 10.

<sup>335</sup> Por sua formação em medicina, Nariz era chamado pelos companheiros de seleção como Dr. Lopes Cansado e, diante da ausência de uma organização adequada, exerceria a função de médico naquele mundial, enquanto que dentro dos gramados, atuou apenas na decisiva partida de desempate contra os tchecos, pelas quartas-de-final.

ocasião de verificar anteontem o nenhum rendimento do trabalho nas oficinas e nas repartições sob sua guarda, de vez que estavam todos os funcionários atentos ao desenrolar do jogo em Bordeaux. Não houve um só burocrata, um único operário, que deixasse de se contagiar com os magistrais lances dos nossos patrícios no estádio francês”<sup>336</sup>.

De modo semelhante, no Rio Grande do Sul, o interventor federal emitiu ordens de permissão para que todos os funcionários públicos pudessem ouvir a irradiação da partida semifinal. No entanto, a matéria da *Gazeta* chamava a atenção para a falta de sensibilidade do diretor de uma fábrica, em Porto Alegre:

“Porto Alegre, 15 (H) – O interventor federal, coronel Cordeiro de Faria, autorizou aos diretores das repartições públicas a permitirem que os funcionários possam ouvir amanhã a irradiação da partida de futebol entre brasileiros e italianos que será feita em diversos pontos da cidade.

Em algumas repartições os chefes permitiram que fossem instalados aparelhos de rádio. Numa fábrica dirigida por um estrangeiro os operários pediram permissão para suspender os trabalhos às 2 horas e reencetá-los depois de terminada a pugna. O patrão não aceitou a proposta e os operários resolveram não comparecer ao serviço”<sup>337</sup>.

A comparação entre as atitudes do interventor do estado gaúcho e o diretor da fábrica reafirmava o interesse popular - àquela altura mais latente do que nunca - no selecionado nacional. Se a matéria acima poderia sugerir que a negativa do diretor se justificasse pelo fato de, como estrangeiro, não compartilhar do sentimento patriótico que efervescia o país, outras reportagens tratavam de demonstrar que a estima pela equipe brasileira, verificada durante a Copa do Mundo, não era exclusividade dos torcedores aqui nascidos. Ainda por ocasião da estréia, o colunista *Eme-Eme* enfatizava a vibração dos torcedores, na capital paulista e, principalmente, o entusiasmo dos imigrantes estrangeiros na torcida pelo selecionado nacional:

“Mil, dez mil, duzentos mil ou número maior de pessoas, talvez a população inteira de São Paulo manifestou domingo a sua grande alegria pelo triunfo dos brasileiros na primeira partida da ‘Taça do Mundo’.

Não houve quem se não rejubilasse e ao mesmo tempo se amargurasse quando após estarmos vencendo por 3 a 1, chegamos àqueles terríveis 3 a 3.

Nesse momento, fizemos idéia do que se passou em todo o Brasil pelo sentimento de pesar que se apossou de todos os que, aqui, na GAZETA, acompanhavam a irradiação do prélio de Estrasburgo.

De frente ao jornal, onde estacionava verdadeira multidão, a expressão de tristeza não era menor, o pesar se estampava nitidamente em todas as fisionomias.

... Impossível que não vencêssemos tal jogo, daí o desespero indisfarçável que se apoderou de todos, a atmosfera pesada que envolveu São Paulo como teria envolvido o país inteiro. Milhões de brasileiros sofreram, mas com eles sofreram também milhares de estrangeiros. Italianos, portugueses, húngaros, espanhóis, e filhos de outros países se associaram aos nossos sentimentos patrióticos e nisso residiu o nosso maior conforto.

<sup>336</sup> *A Gazeta*, 16 de junho de 1938, p. 10.

<sup>337</sup> *Ibid.*

Não apenas os brasileiros almejavam a vitória do Brasil sobre a Polônia, mas também os estrangeiros radicados no Brasil e que trabalham e colaboram pela nossa grandeza e nosso progresso.

Domingo, em São Paulo, todos foram brasileiros, e bons brasileiros, e uma prova temo-la nos 'botecos' de portugueses, nas 'cantinas' de italianos, nas residências de húngaros e em outros lugares habitados por estrangeiros, onde enormes cartazes foram colocados às portas, com o resultado do encontro, e foguetes espocaram em regozijo pelo triunfo.

Os sofrimentos e as alegrias foram gerais, São Paulo, a 'terra estrangeira', desmentindo o que se diz desta cidade grandiosa e trabalhadora e fazendo pensar o quanto seria venturoso o mundo se os filhos de todas as nações se estimassem como irmãos, empenhando-se pelo bem-estar comum, sem esquecer o seu país de origem, lá muito ao longe e que talvez nunca mais voltarão a ver, mas aprendendo a amar a terra que lhes dá hospitalidade e onde vivem como se nela houvessem nascido”<sup>338</sup>.

Os muitos imigrantes que ajudavam a construir uma imagem de progresso e diversidade da metrópole paulistana, também serviriam, ao cronista da *Gazeta*, de modo a corroborar o ideal de conagração dos torcedores em torno do esporte nacional, uma unidade capaz de “superar” as barreiras de nacionalidade e promover a aproximação de trabalhadores estrangeiros, “filhos de todas as nações”, com os aficionados brasileiros. As cenas presenciadas nas ruas da cidade comprovariam, aos olhos do cronista, não somente o sentimento de italianos, espanhóis, portugueses etc., em relação à terra que os “acolheu”, bem como revelaria o poder do futebol de irmanar – em uma mesma torcida - indivíduos de origens tão distintas. O sentimento nacional rompia fronteiras das mais inesperadas, ao menos era essa a mensagem que a imprensa desejava sustentar.

É nessa direção agregadora, que o jornal de Cásper Líbero procurava amenizar qualquer clima de rivalidade entre brasileiros e italianos residentes no país, incitando uma atmosfera amistosa para o confronto da semifinal. Para sustentar o propósito unificador, o jornal trazia uma entrevista com o embaixador italiano no Brasil, Vincenzo Lojacono:

---

<sup>338</sup> *A Gazeta*, 7 de junho de 1938, p. 10. Na prática, é a partir do momento em que o país declara guerra ao Eixo em 1942 - assumindo-se ao lado dos Aliados na Segunda Guerra - que a fiscalização e o controle sobre as associações esportivas, ligadas a colônias de imigrantes, se intensificaram, principalmente com a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), em 14 de abril de 1941, através do Decreto-Lei nº 3.199. No caso de São Paulo, clubes ligados a imigrantes estrangeiros, como o Palestra Itália, o E.C. Germânia e o Corinthians ficariam obrigados a alijar de seus quadros administrativos qualquer um que não fosse brasileiro de origem, além de terem de comunicar, regularmente, sobre suas assembleias a órgãos como o DOPS (Delegacia de Ordem Social e Política) e a Diretoria de Esportes, responsáveis pelo controle que se intensificava naquela conjuntura. Como reflexo direto da própria radicalização do nacionalismo construído no país entre os anos 1930 e 1940, os clubes ligados a colônias estrangeiras se tornaram cada vez mais uma preocupação para o CND. A atuação desse órgão, ligado ao Ministério da Educação e Saúde, durante a Segunda Guerra, determinou, via legislação, como obrigatória a mudança de denominação de todas as instituições esportivas que tivessem nomes estrangeiros. Alguns clubes, como o Palestra Itália (SP), o E. C. Germânia (SP) e a Sociedade Esportiva Palestra Itália (MG), entre outros, mudariam seus nomes, ainda no ano de 1942, para Sociedade Esportiva Palmeiras, Esporte Clube Pinheiros e Cruzeiro Esporte Clube, respectivamente. Cf. NEGREIROS, op. cit., p. 228-229.

“(...) O embaixador Lojacono... a certa altura, relata-nos o que acontecera em sua residência, quando era irradiado o jogo do Brasil com a Tchecoslováquia. O seu filhinho de dois anos de idade escutava atento o desenrolar da pugna. Ouvido colado ao aparelho de rádio, a inocente criança ‘torcia’ pelos brasileiros. O embaixador contemplava o filhinho e, em dado momento, indagou à criança:

- A quem você quer que caiba a vitória?

- Ao Brasil – respondeu imediatamente a criança.

- Bem – continuou o embaixador – mas quinta-feira, no encontro com os italianos, quem você deseja que alcance a vitória?

A criancinha pensou um pouco e olhando fixamente para o pai, respondeu:

- Todos os dois...

- O embaixador sorriu e quis pôr ainda em prova os sentimentos do filho, dirigindo-lhe esta última pergunta:

- Mas por quem você torcerá?

- E a criança, já sem vacilar, respondeu:

- Pelos dois”<sup>339</sup>.

A fim de trazer contornos ainda mais puros ao “*sentimento ítalo-brasileiro*” o embaixador recorreu ao episódio acima, que teria se passado em sua casa durante a irradiação do jogo entre Brasil e Tchecoslováquia. Todavia, a questão racial acabaria por permear a observação do confronto nas páginas da imprensa italiana. A branquitude de seus jogadores seria tão logo propalada pela imprensa do país de Mussolini, como superior à mestiçagem brasileira, qualificando o resultado do confronto, pela semifinal do mundial, como triunfo da superioridade da raça italiana sobre “os negros do Brasil”<sup>340</sup>.

Entretanto, para aqueles que imaginavam um confronto desigual no *Stade Vélodrome*, o desempenho da equipe brasileira seria motivo de surpresa ante os então campeões mundiais e os grandes favoritos do torneio. Não bastasse o histórico recente, a seleção italiana reforçara ainda mais suas credenciais para a conquista do bicampeonato, ao eliminar os donos da casa (França), nas quartas-de-final, pelo placar de 3 a 1. Em condições normais, já seria uma tarefa bem complicada vencer essa forte seleção, mas a tão esperada semifinal apresentaria dois grandes empecilhos ao triunfo brasileiro, de acordo com a nossa imprensa esportiva: a ausência de

<sup>339</sup> *A Gazeta*, 16 de junho de 1938, p. 3.

<sup>340</sup> O racismo, um dos pilares da ideologia fascista, ficaria mais uma vez em evidência no futebol, quando os jornais fascistas exaltaram o triunfo da *squadra azzurra* sobre o selecionado brasileiro, como prova da superioridade da raça sobre o time de “negros”, conforme Franco Júnior: “*As leis racistas que seriam promulgadas em novembro por Mussolini tiveram uma amostra em junho, após a vitória sobre o Brasil na semifinal, saudada pela imprensa fascista como ‘triunfo da inteligência itálica contra a força bruta dos negros’*”. FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 51. Como citado por esse mesmo historiador, o jornal *La Gazzetta Dello Sport* comemorou a conquista do bicampeonato mundial em 1938 com base no mesmo discurso de teor racista: “... algo mais que vitória esportiva conquistada à custa de músculos e de inteligência em um torneio muito cansativo e insidioso. Para além da vitória atlética, resplandece a vitória da raça”. *La Gazzetta Dello Sport*, 20 de junho de 1938. apud FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 51-52.

Leônidas, por conta da já mencionada distensão muscular adquirida no confronto contra os tchecos; e a atuação polêmica do árbitro suíço Hans Wuthrich.

A reportagem da partida, no jornal de Mario Filho <sup>341</sup>, descreveu como bastante movimentado o *match* e com o quarteto ofensivo adversário – formado por Piola, Meazza, Ferrari e Colassi – dando muito trabalho à defesa brasileira. O Brasil contou, em seu ataque, com os bons lances individuais de Romeu e os chutes de média distância de Perácio que, ao lado de Patesko, completou a linha de frente do *scratch*.



(Registro de um dos momentos de ofensiva italiana, com o goleiro Walter afastando o perigo da área brasileira, enquanto Domingos tenta marcar o avante Piola, que subia para cabecear a bola. *A Gazeta*, 24 de junho de 1938, p. 8).

Enquanto nossa ofensiva não incomodava muito o goleiro Olivieri, o mesmo não acontecia quanto ao arqueiro Walter que, por mais de uma vez, fez boas defesas em tentativas de Giuseppe Meazza <sup>342</sup>. A maior oportunidade brasileira, na primeira etapa, aconteceu após boa triangulação entre Lopes, Perácio e Patesko, terminando com forte chute desferido pelo extrema-

<sup>341</sup> *Jornal dos Sports*, 17 de junho de 1938, p. 1 e 4. Informações do jogo semifinal da Copa de 1938:

<sup>342</sup> Giuseppe Meazza foi um dos maiores nomes da história do futebol italiano e, em sua homenagem, o Estádio da Internazionale de Milão – um dos grandes clubes do país, pelo qual o centroavante bicampeão mundial atuara – receberia o seu nome, ao menos durante os jogos mandados pela Inter. O fato curioso quanto a esse patrimônio é que o Estádio - fundado em 1926, é dividido pelos dois grandes rivais da cidade e, quando utilizado pelo Milan, é chamado de San Siro, em alusão a uma das igrejas mais famosas de Milão, que fica localizada nas proximidades do Estádio. Apesar de Meazza também ter atuado pelo rubro negro de Milão (Milan), a identificação com a Internazionale foi muito maior em toda a sua carreira. Ver: FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 44-45.

esquerda do Botafogo, que acertou a trave do gol da Itália. O primeiro tempo terminou com o placar inalterado.



(Flagrante da tentativa de drible do atacante italiano Colaussi sobre a dupla de zaga brasileira, Machado (à esquerda) e Domingos da Guia. O primeiro tempo da partida foi marcado por amplo domínio italiano. *A Gazeta*, 24 de junho de 1938, p. 8).

Os atuais campeões mundiais voltaram com tudo para a segunda etapa, mas o Brasil contava com uma segura atuação de seu grande *back*, Domingos da Guia, não dando grandes oportunidades para o avante italiano Piola, o chamado “Perigo Italiano”. Após se posicionar melhor em campo, o escrete nacional conseguia equilibrar as ações e ainda chegar com perigo ao gol de Olivieri, em mais uma tentativa de Romeu, que teria finalizado mal após realizar grande jogada, driblando dois marcadores adversários.

Logo em seguida à pressão brasileira, a máxima futebolística do “quem não faz, leva!” se aplicou ao nosso escrete. Após receber cruzamento de Bivatti, o avante italiano Colassi abriu o placar em Marselha. O gol animou ainda mais os europeus, que continuaram investindo perigosamente contra o gol de Walter. Em uma dessas tentativas, aconteceu o lance mais polêmico do Mundial: após um arremate para fora, do atacante Ferrari, o seu companheiro Piola teria dado um ponta-pé em Domingos da Guia, ainda com a bola fora de campo. Antes que o goleiro brasileiro fizesse a reposição, Domingos revidou a agressão sofrida e o árbitro suíço não hesitou em marcar o pênalti contra o Brasil. Os jogadores brasileiros ficaram pasmos diante da marcação, mas não se estenderam em reclamações. Já os torcedores franceses, no estádio, que

torciam contra a *squadra azzurra*, vaiaram bastante a decisão do juiz. O centroavante Meazza bateu a penalidade e fez Itália 2 a 0.



(Registro da cobrança de pênalti de Giuseppe Meazza. Apesar da tentativa de defesa do goleiro Walter, a bola acabou fora de seu alcance. *A Gazeta*, 24 de junho de 1938, p. 8).

A equipe brasileira sentiu o golpe e passou a ser facilmente dominada pelos adversários. O desânimo tomou conta dos nossos jogadores e os italianos seguiram pressionando em busca do terceiro gol. Ainda assim, as grandes defesas do arqueiro rubro-negro Walter e a raça de Domingos levaram o Brasil a esboçar uma reação. Foi então que, após cobrança de escanteio de Lopes, a bola sobrou para Romeu Pelicciari – o grande destaque brasileiro na partida – e o meia do Fluminense descontou para o Brasil. O problema é que o gol saiu por volta dos 40 minutos do segundo tempo, não havendo muito tempo restante para o Brasil chegar ao empate. Para completar, o árbitro suíço teria ainda terminado a partida um minuto antes do fim do tempo regulamentar, assinalando o triunfo e a passagem da Itália para a sua segunda final de Copa do Mundo seguida. Era o fim do sonho brasileiro de erguer o caneco em canchas francesas.

Os lances polêmicos que se desdobraram na derrota brasileira levariam o chefe da delegação, Castello Branco, a encaminhar um documento em forma de protesto, aos representantes da FIFA, contra a atuação do árbitro da partida Brasil x Itália. A iniciativa, entretanto, não despertava grandes esperanças para os próprios membros da delegação:

“MARSELHA, 16 (A. P.) – Caso a FIFA venha a aprovar o protesto que acaba de ser feito pelo Brasil, o *match* de hoje será considerado como empate, sendo realizado outro jogo Brasil x Itália. Entretanto, os próprios jogadores brasileiros são os primeiros a esperar que seu protesto não seja levado em consideração pela entidade internacional de *football*.

O protesto oficial do Brasil foi feito por intermédio de uma mensagem assinada pelos Srs. Célio de Barros (secretário da delegação) e Castello Branco, e endereçada ao Sr. Anton Johansen, delegado da FIFA para assistir o *match* Brasil x Itália...”<sup>343</sup>.

Diferentemente da reação dos jogadores, em face da mensagem de protesto endereçada ao delegado da FIFA, pela chefia da delegação brasileira, os torcedores que acompanhavam com tristeza o fim da peleja, nas principais praças esportivas do país, se apegaram à esperança de que a partida poderia ser anulada, pela entidade máxima do futebol mundial. O desencontro de informações vindas da França, através do rádio e das agências de notícias internacionais, promoveu as mais curiosas manifestações no país:

“(Rio de Janeiro) O delírio dos primeiros momentos quando se apresentava como positiva a notícia da anulação foi indescritível. Vimos no Club Naval, todos os passageiros dos ônibus que largavam, erguerem-se como movidos num único impulso e vivarem os ‘cracks’ bradando:

- Anulado o jogo! Viva o Brasil!

Nos cafés formavam-se grupos onde se lembrava que Leônidas poderia tomar parte num novo jogo, enquanto os cavalheiros mais bem informados eram crivados de perguntas.

Em frente à redação do *Jornal Sports* enorme multidão permaneceu muito tempo à espera de notícias, que infelizmente, porém, não corresponderam a expectativa da maioria que ansiava pela anulação imediata do *match*<sup>344</sup>.

...

Pelas 19 horas de ontem, a cidade viveu momentos de emoção. É que se espalhou a notícia de que o jogo havia sido anulado em virtude de jogadores não italianos haverem tomado parte na disputa defendendo o *scratch* fascista ...

Em frente a esta folha estacionou, até pela meia-noite, grande número de pessoas de todas as classes sociais ...

Mais tarde, o Rádio desmentia a notícia em parte. O técnico Pimenta protestara contra o pênalti e não contra a escalação de possíveis jogadores estrangeiros no quadro italiano.

No entanto, o entusiasmo popular continuava ...<sup>345</sup>.

...

Porto Alegre, 17 (H) – A população desta capital acompanhou emocionada o jogo travado entre as representações do Brasil e da Itália. Sabedora de que Leônidas não jogaria, as esperanças dos porto-alegrenses diminuíram sensivelmente, daí o resultado da peleja não ter causado grande surpresa à torcida local.

O boato da anulação da partida veio trazer uma nova animação, esperando-se ansiosamente a sua confirmação.

S. Luís do Maranhão, 17 (H) – Foi indescritível o contentamento popular causado pela notícia de que o jogo entre os selecionados do Brasil e da Itália seria anulado. Durante o dia de hoje a ansiedade popular em torno da decisão final da FIFA era grande”<sup>346</sup>.

<sup>343</sup> *Jornal dos Sports*, 17 de junho de 1938, p. 3, grifo nosso.

<sup>344</sup> *Ibid.*

<sup>345</sup> *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p. 12, grifo nosso.

<sup>346</sup> *A Gazeta*, 18 de junho de 1938, p. 10.



(Grande número de torcedores, em frente à redação do *Jornal dos Sports*, na Avenida Rio Branco, à espera de notícias sobre a possível anulação da partida entre Brasil e Itália. *Jornal dos Sports*, 17 de junho de 1938, p. 1)

A fim de dimensionar a repercussão do episódio, na capital paulista, vale a análise do longo registro feito pelo cronista Maurício de Medeiros, em sua coluna de primeira página do jornal *A Gazeta*, destacando o boato que tomou conta das ruas da cidade após a partida semifinal:

“A última quinta-feira foi um dia totalmente transtornado pela expectativa de jogo de futebol com os italianos. A hora da minha consulta, a partida estava empatada. Mas, assim que o rádio transmitiu o segundo ‘goal’ manifestou-se o desinteresse pelo jogo e os ‘torcedores’ de rua foram debandando. Estava eu em pleno trabalho quando, subitamente, surgiu um berreiro intenso pela Avenida e começaram a pipocar as bombas como se tivéssemos tido a vitória. O barulho era de tal ordem, que eu não conseguia conversar com o cliente. Chamo o empregado e mando-o em sindicância. Em poucos instantes, ele volta com a explicação: ‘o jogo fora anulado porque o juiz era italiano!’ Meu cliente esqueceu o seu nervosismo e pediu para telefonar para casa, anunciando a novidade. Fê-lo radiante! Ora, muito bem. Daí por diante, era quase impossível trabalhar. A cidade estava transformada: mais barulhenta que em pleno carnaval!

Alguns minutos depois, meu empregado me traz a nova versão: ‘o jogo fora anulado porque o penal não fora aplicado de acordo com as regras do jogo!’

Enquanto isso, continuam, lá fora, as bombas e os vivares. Em certo momento, ouvi-se pelos alto-falantes o hino nacional. O povo, reunido em multidão na rua, canta-o com entusiasmo! Primeira vez que vejo o povo brasileiro espontaneamente cantar o hino da sua terra para demonstrar uma alegria desinteressada!... Nova sindicância – nova informação: ‘O Brasil ia oficialmente reclamar contra o jogo’...

Comecei a achar uma pilheria de mau gosto. Um país não se mete oficialmente nessas coisas esportivas senão para aproximar e não armar barulho! Mas, como eu só estava na fase de inquérito psicológico do boato, esses aspectos não me interessavam.

Termino a consulta e saio para a rua. Bandos de crianças andavam ainda de bandeiras nas mãos a dar vivas. Aumento a minha sindicância e consigo saber: ‘O jogo foi filmado em câmera lenta e pode-se ver que o penal fora injusto’.

Continuo e tenho outra versão: ‘o nosso quadro protestara, porque entre os do quadro italiano havia um uruguaio’... Se eu ficasse na rua mais tempo acabaria tendo uma dúzia de versões. As últimas já não falavam mais com aquele ar de fato consumado, que fizera

explodir as bombas e o entusiasmo: já não se dizia que o jogo fora anulado. Falava-se apenas no pedido de anulação.

Às 9 horas da noite, a Hora do Brasil anuncia uma entrevista com Pimenta. ‘Pobre Pimenta, penso eu. A estas horas já ele deveria estar metido entre as cobertas. Em Marselha deve ser uma hora da manhã e o pobre homem deve ter tido um dia de fadigas excepcionais’. Mas, como aqui todo mundo está acordado e em plena efervescência de exame daquela derrota, com a qual ninguém quer se conformar, tira-se o homem da cama para responder o que fora exatamente que ele fizera. E ele explica: ‘um simples protesto contra a marcação do penal, que motivara o segundo ‘goal’ dos italianos’. Mas disse isso com um ar desalentado, de quem não espera grandes resultados do protesto. O homem estava com sono. Nada mais justo! Mas, logo a seguir, transmitindo aquela mesma entrevista que todo o mundo ouvira, já o ‘speaker’ falava na possibilidade de novo jogo com os italianos...

Ora, de tudo isso eu conclui como é fértil a nossa imaginação na criação de motivos que justifiquem qualquer coisa que desejamos. Tanto quanto eu posso entender dessas coisas, o jogo com os italianos foi limpo, equilibrado, demonstrando maestria de parte a parte. Se houve um penal, recordo-me muito bem de ter ouvido o ‘speaker’ que assistia ao jogo (e que não se pode dizer que seja um homem frio), cobrir de censuras o nosso jogador, que o motivara, antes mesmo que o juiz o marcasse e mandasse cobrar.

Nossa vaidade nacional deve estar suficientemente paga com as vitórias registradas até quinta-feira e que foram duríssimas. Perdeu-se por um ponto. Acabou-se. É preciso saber perder, alternativamente, sem pôr nisso uma questão de honra. Só as crianças choram quando perdem. Mas, por isso mesmo, são crianças... E quando se permite que crianças façam competições esportivas, o que se tem em mira é habituá-las a ganhar sem ostentação e perder sem revolta. É o que não me parece que o nosso povo tenha ainda aprendido. Por isso, acredito que a função da imprensa deveria ser a contrária da que se tem registrado. Em vez de manter motivos de descontentamento, o que cumpriria era mostrar que a vitória dos brasileiros foi enorme, tão grande que só mesmo os campeões do último encontro poderiam tê-los derrotado e, mesmo assim, com uma diferença que não existiria se não fora a infelicidade do desatino do nosso jogador motivando um penal que as regras do jogo devem considerar justo, até demonstração do contrário. Evidentemente, teria sido melhor derrotar os campeões italianos. Mas ser derrotado por eles não é nenhuma desonra: eles são os campeões!’<sup>347</sup>

A percepção do potencial do imaginário social, ante a tristeza e a insatisfação da derrota, transformadas depois em esperança e frenesi, pela propagação das mais variadas versões do protesto, traz a peculiar descrição de um colunista que confessava abertamente não ser um dos simpatizantes e adeptos do esporte bretão.

Na contramão do conteúdo passional das crônicas esportivas e matérias até aqui trabalhadas, o relato de Maurício de Medeiros sugere o próprio impacto daquele episódio, não apenas para os torcedores mais inflamados, mas também para alguém que não fazia muita questão de se envolver em toda aquela atmosfera ritualística. A dramatização do ocorrido, como é possível observar no registro de Medeiros, exprime e fomenta a própria criatividade dos indivíduos, em meio à produção de sentidos, negociações e conflitos que caracterizaram a

<sup>347</sup> *A Gazeta*, 18 de junho de 1938, p. 1.

vivência daquela semifinal. O extraordinário se constituía através do drama, produzindo a atmosfera ritualística de uma partida que, em sua repercussão, já havia fugido à normalidade. É o efeito do rito, como assinalado por DaMatta:

“(O rito é) O momento extraordinário que permite ... pôr em foco um aspecto da realidade, e por meio disso, mudar seu significado cotidiano ou mesmo dar-lhe um novo significado. Tudo o que é ‘elevado’ e colocado em foco pela dramatização é deslocado, e assim pode adquirir um significado surpreendente, capaz de alimentar a reflexão e a criatividade”<sup>348</sup>.

Tomando o futebol em seu potencial ritualístico e de dramatização social, expressos em situações excepcionais como o “boato”, pode-se observar o torcedor como um oficiante do ritual futebolístico, cujas identidades estabelecidas com o selecionado nacional o tornavam produtor de significados na vivência daquele episódio.

Muito embora mais interessado no fato jornalístico do que no resultado ou nos desdobramentos do ocorrido para a participação brasileira na Copa do Mundo de 1938, Maurício de Medeiros é mais um dos que tiveram a sua rotina transpassada pela atmosfera ritualística, criada pela irradiação da partida do selecionado brasileiro. Mesmo que em sua postura equilibrada - decorrente do distanciamento em relação às paixões futebolísticas – o colunista não compreendesse tamanho alarde a mover a nossa “*vaidade nacional*”, ele próprio trata de reconhecer a grandeza da campanha empreendida em um torneio no qual o Brasil somente caiu diante dos atuais campeões mundiais.

Para Medeiros tais resultados eram o bastante. Todos deveriam aceitar o fato e se sentirem orgulhosos de seu escrete, ao invés de agirem como vinha fazendo a imprensa esportiva, ao “*manter motivos de descontentamento*” e ao estimular a insatisfação e a revolta dos aficionados. Era hora de “*saber perder*” e a crítica do cronista sobre seus pares era de que à imprensa caberia assumir seu papel pedagógico, na realização da educação social, e não mergulhar nos sentimentalismos característicos da massa torcedora.

Todavia, todo o percurso disciplinador, pavimentado pela imprensa esportiva, no período de preparação do mundial, experimentaria uma guinada, em sua narrativa, uma vez que os resultados dentro dos gramados e as manifestações nas casas, praças e ruas do país anunciavam e demandavam algo diferente do que se vinha delineando pelos grupos dominantes.

Se outrora, quaisquer atitudes que, de alguma maneira, contrariassem, mesmo que minimamente, os princípios tão advogados pela imprensa especializada, eram rapidamente

---

<sup>348</sup> DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 35-36, grifo nosso.

condenadas pelos “homens de jornal”, após a polêmica semifinal, o quadro mudaria de figura. A atuação da arbitragem durante todo o torneio (em especial, no jogo decisivo contra os italianos) e a postura tida como “parcial” e “negligente” da FIFA, quanto às reclamações dos brasileiros, promoveriam, nas páginas esportivas, a relativização dos moldes de participação sugeridos aos membros da delegação e aos torcedores:

“ ‘Que voltem os reis do *foot-ball!* Depois do esbulho de Marselha só uma providência se admite: o regresso imediato’

MARSELHA (DO ENVIADO ESPECIAL DO *JORNAL DOS SPORTS*, EVERARDO LOPES) – Impossível descrever a revolta dos nossos jogadores em face do monstruoso esbulho de que foram vítimas. O juiz Wulthrich conseguiu o que o célebre Hertzka (árbitro do primeiro confronto com os tchecos) tentara baldadamente: arrancar do Brasil o campeonato do mundo! É preciso que todos os brasileiros saibam que só perdemos, frente a Itália, em virtude de uma marcação inqualificável que, sem dúvida alguma, não tem outra idêntica na história do *football*. Quando o árbitro assinalou a falta, os nossos jogadores ficaram estarecidos! Nunca podíamos supor que a má fé de Wulthrich chegasse a extremos tão estupefacentes, culminando numa decisão tão indigna! A torcida brasileira pode ficar certa: o juiz que deu um pênalti de presente aos nossos adversários é pior, bem pior, do que o inesquecível Hertzka. Este apenas obstou uma vitória nossa. E Wulthrich fez mais, muito mais: trouxe-nos a derrota, quebrando o nosso formidável ímpeto para a conquista do triunfo final. É preciso que se saiba no Brasil: fomos mártires dos juizes. E só por isso não retornaremos à pátria como campeões do mundo! Por isso só e nada mais!...

Os círculos sul-americanos são unânimes em desejar e aconselhar o nosso imediato regresso, bem como o rompimento do Brasil com a FIFA, entidade que não está à altura da missão que se traçou. Diz-se, clama-se: ‘É preciso que todos os países da América do Sul se reúnam, num bloco indestrutível, e manifestem a mais formal, a mais intransigente e a mais definitiva repulsa contra a FIFA!’

Os nossos jogadores sofrem as maiores torturas morais. Superiores a todos os conjuntos do presente campeonato – viram sacrificados os seus esforços, quebrada a jornada empolgante que estavam realizando e a que não faltava cara de epopéia. Meus companheiros do *Jornal dos Sports* fiquem certos, o esbulho que sofremos ontem, aos olhos de uma multidão incalculável, foi o espetáculo mais degradante a que assisti ou de que tive notícias em toda a minha carreira de jornalista esportivo”<sup>349</sup>.

A revolta do correspondente do *Jornal dos Sports* junto da delegação brasileira, Everardo Lopes, era motivada pela situação “degradante” a qual o árbitro Hans Wulthrich e a FIFA haviam submetido os brasileiros. Uma “injustiça” sem proporções equivalentes, na história do *association*, e a qual não se poderia aceitar. A realização do edifício nacional, através da disciplina, deveria agora se erguer, a partir da revolta contra o “esbulho de Marselha”. A harmonia nacional, pautada pelas normas da desportividade perante os adversários, deveria, naquele momento, dar lugar à unidade, não só dos brasileiros, como dos sul-americanos, em “repulsa” à inimiga comum: a FIFA.

<sup>349</sup> *Jornal dos Sports*, 17 de junho de 1938, p. 1 e 4, grifo nosso.

Diferentemente da maneira como a mesma imprensa havia tratado os pedidos dos jogadores brasileiros, durante o período de preparação (quando os craques reivindicavam maiores ordenados, reclamavam das sanções da chefia da delegação, ou mesmo reagiam às determinações do treinador), a partir de então, as atitudes de contestação à FIFA eram não somente aceitas como incentivadas. Os membros do escrete teriam “razão” em se sentirem espoliados e reagirem com dureza e intransigência à entidade de Mr. Rimet.

Àquela altura dos acontecimentos, nas mesmas páginas em que haviam encontrado reprovação e controle, os torcedores brasileiros achariam agora entendimento e concordância. Entretanto, a proposta de orientação do envolvimento dos aficionados com a campanha prosseguiria, mesmo que com nova feição.

A vitória na disputa do terceiro posto da Copa do Mundo de 1938, obtida pelo contundente placar de 4 a 2, contra a Suécia, somente serviria para legitimar os argumentos da narrativa da derrota nas redações: éramos, senão de fato, ao menos por “direito”, os “verdadeiros” campeões mundiais. E como a coroação oficial, por parte da FIFA, não viria em nossa honra, a alternativa para se afirmar tal condição triunfante se sustentaria a partir de outra plataforma: as ruas.

### 3. “A APOTEOSE DAS RUAS: UM VIVA AOS “VERDADEIROS” CAMPEÕES!”

Após a última exibição em gramados franceses, o escrete nacional voltava para o país a bordo do “Almanzora” com o honroso terceiro lugar na bagagem. A Copa de 1938<sup>350</sup> terminava

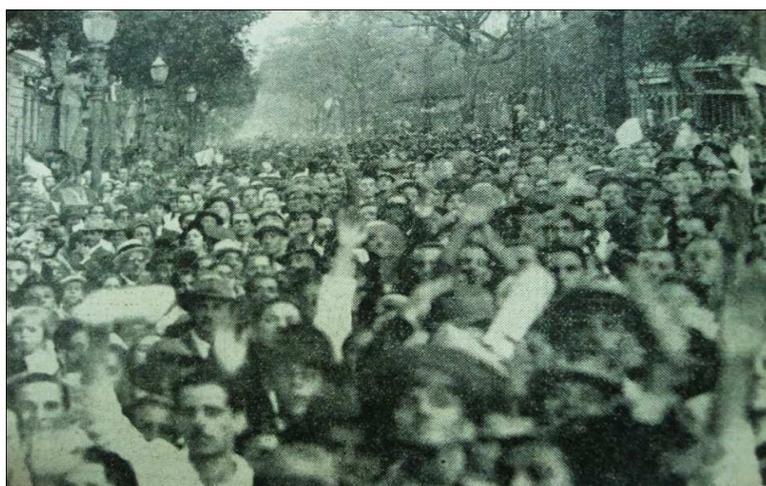
---

<sup>350</sup> Dados objetivos da Copa do Mundo de 1938:

com a conquista da Itália, que se tornava bicampeã mundial, após bater a Hungria na finalíssima. Entrementes, nas bandas de cá, todas as atenções se voltavam para a recepção aos craques brasileiros. Uma recepção que se constituiria em apoteótica, em todos os sentidos, com destaque para o destino final do trajeto de volta: a capital federal.

O entusiasmo que tomou conta das ruas da cidade ecoava nas páginas do *Jornal dos Sports*:

“Absolutamente inédita a manifestação popular de ontem. Toda a cidade delirou. Os nossos ‘cracks’ foram recebidos com a glória de autênticos campeões do mundo. Não importa o título oficial. Ou por outra: o título oficial não honraria tanto os nossos ‘cracks’, e não lhes daria uma emoção tão grata e tão profunda, como lhes deu a consagração de ontem. Mais vale ao nosso ‘scratch’ ser campeão do mundo para a cidade do que para a FIFA. E não se poderia desejar ou esperar mais do entusiasmo, da vibração e da gratidão da cidade ... Não nos espantou o espetáculo de ontem. Sabíamos que a cidade não limita, não represa a sua emoção e o seu entusiasmo”<sup>351</sup>.



(Numerosos torcedores, aglomerados na Avenida Rio Branco, para vivarem os jogadores do escrete nacional, durante o desfile da delegação pelos principais pontos do Rio de Janeiro. *A Gazeta*, 12 de julho de 1938, p. 12)

---

Resultados dos confrontos válidos pela primeira fase: **França** 3 x 1 Bélgica; **Itália** 2 x 1 Noruega; Holanda 0 x 3 **Tchecoslováquia**; **Brasil** 6 x 5 Polônia; Alemanha 1 x 1 **Suíça** (Alemanha 2 x 4 Suíça no jogo-desempate); **Cuba** 1 x 1 Romênia (Cuba 2 x 1 Romênia no jogo-desempate); **Suécia** x Áustria (Classificação direta do selecionado sueco ante o já abordado episódio de incorporação da Áustria à Alemanha); e **Hungria** 6 x 0 Índias Holandesas.

Resultados dos jogos válidos pelas quartas-de-final: França 1 x 3 **Itália**; **Brasil** 1 x 1 Tchecoslováquia (Brasil 2 x 1 Tchecoslováquia no jogo-desempate); Cuba 0 x 8 **Suécia**; e **Hungria** 2 x 0 Suíça.

Resultados das partidas válidas pelas semifinais: Brasil 1 x 2 **Itália**; e **Hungria** 5 x 1 Suécia.

Disputa do terceiro lugar: **Brasil** 4 x 2 Suécia.

Final: Hungria 2 x 4 **Itália**.

<sup>351</sup> *Jornal dos Sports*, 12 de julho de 1938, p. 1.

A recepção no Rio de Janeiro era vista pela imprensa como uma resposta, em grande estilo, dada pelos torcedores, às injustiças sofridas pelo escrete nacional, em canchas francesas. Nada mais glorioso para os nossos craques do que a celebração das ruas, um verdadeiro carnaval, fora de época, que, nas palavras do cronista, valeria muito mais do que o título oficial. Se o escrete não era o campeão mundial para a FIFA, o era para quem mais importava: os torcedores brasileiros.

A empolgação registrada na capital federal não era tida como algo inesperado, uma vez que, desde o início da participação brasileira na Copa do Mundo, as manifestações populares se alardeavam país afora. Ainda por ocasião da estréia contra a Polônia, a coluna “Bilhetes do Rio”, da *Gazeta*, descrevia o delírio da capital da República, acompanhando o desenrolar da peleja em Estrasburgo:

“Rio, 8 (Pelo telefone) – O jogo dos brasileiros com os poloneses revestiu-se, aqui no Rio, de uma comovedora significação... Toda a cidade acompanhou, domingo, vibrando de entusiasmo, o torneio de Estrasburgo. As famílias que possuem aparelhos de rádio reuniram as pessoas de suas relações para acompanhar o jogo. Cada ‘goal’ marcado pelos brasileiros era motivo de regozijo e foguetório. ...

Nunca o Rio assistiu a uma tão exaltada demonstração de simpatia, e nunca os brasileiros em geral tiveram ensejo de aquilatar da enorme vantagem do futebol, como elemento de propaganda no estrangeiro. O que a nossa diplomacia mal pode realizar, o que as nossas missões de expansão no resto do mundo mal conseguem fazer, o futebol levou a cabo num abrir e fechar de olhos. A equipe dos nossos patrícios tornou o nome do Brasil bastante conhecido entre os milhões de europeus que acompanharam, lá, o jogo, com o mesmo interesse com que o acompanhamos aqui. Registre-se também o modo perfeito, impecável, mesmo, com que o Rádio Clube do Brasil realizou a irradiação, tornando possível a milhões de brasileiros acompanhar todos os lances do jogo. Pode-se dizer que nada faltou para que a cidade inteira estivesse suspensa como esteve da grande disputa de Estrasburgo. Vivemos minutos de emoção contida. ... Na Avenida e adjacências viam-se grupos apinhados em torno de alto-falantes e de automóveis portadores de rádio. Cada ‘goal’ dos brasileiros era anunciado pelas buzinas dos autos e pelo vozerio da assistência. Desde os grandes estabelecimentos do centro até o mais humilde botequim do Mangue, onde quer que houvesse um aparelho receptor, os “torcedores” se apinhavam ouvido à escuta, eletrizados pela formidável competição a milhares de quilômetros de distância.

Ao fim dessa ‘torcida’, conhecidos os resultados, cabendo a vitória aos brasileiros, ... toda a cidade explodiu de alegria. Houve, como não podia deixar de haver, grandes despesas nos bares e botequins. Todo o mundo queria ‘molhar a palavra’ em homenagem aos jogadores. Discursório! Vivório! Certamente, alguns ‘torcedores’ foram dormir no xadrez, mais isso vai por conta do excesso de entusiasmo”<sup>352</sup>.

Àquela altura dos acontecimentos o impacto das transmissões radiofônicas, diretamente da Europa, na vida nacional, surpreenderia e envolveria até mesmo alguns dos críticos do investimento realizado, naquela empreitada pelo Velho Continente. Nas páginas da *Gazeta*, o

<sup>352</sup> *A Gazeta*, 8 de junho de 1938, p. 1.

colunista semanal Maurício de Medeiros registrava sua profunda emoção, naquele dia de domingo, ainda que – como já se registrou, anteriormente - admitindo não ser um adepto do jogo de bola. Para o escritor, a situação vivenciada a partir da irradiação da partida, permitiria a constatação de um avassalador sentimento patriótico:

“(…) me lembrei eu, domingo, ao sentir-me tão profundamente emocionado quando, acompanhando ao rádio a disputa internacional de futebol, ouvi o “speaker” anunciar rouco de alegria o primeiro ‘goal’ do *team* brasileiro! Nada entendo de futebol... Achei mesmo, quando essa delegação partiu, que poderíamos ter colocado melhor os recursos do erário público do que mandando dar pontapés em nome do Brasil! Mas, não pude evitar de seguir com interesse crescente o desenvolver da partida. E torci, como qualquer adolescente conhecedor, pela vitória dos ‘nossos’, com tamanha emoção que me senti perturbado com o primeiro ‘goal’ e fiquei, de começo ao fim da partida, acompanhando passo a passo todos os lances emocionantes da disputa.

No dia seguinte, lendo os jornais, soube que um radiotelegrafista, mais emocionado ainda do que eu, não pôde resistir à tensão de nervos quando a partida desemparou em nosso favor: morreu de emoção!

Ora, tudo isso fala mais do que todas as teorias filosóficas existentes ou a serem criadas! Pátria não é uma noção. É mais do que um sentimento! Ninguém a perde jamais, sejam quais forem as circunstâncias de sua vida. Basta que o nome do nosso país esteja em causa, para que o velho sentimento venha à flor da pele e nos domine e nos empolgue totalmente. Meu domingo não foi propriamente um dia esportivo. Foi um dia de intensa emoção de Pátria! E já agora eu bendigo essa resolução do Governo, auxiliando a viagem dos futebolistas à Europa. Ele proporcionou a todos os brasileiros ensejo de reacenderem dentro de si, durante duas horas e meia, um sentimento de comunhão geral, sem divisões, nem partidos, em torno desse verdadeiro instinto de Pátria! Foi um ótimo motivo para nos encontrarmos todos num mesmo sentimento de união! Estávamos precisando dele!”<sup>353</sup>.

Para Medeiros, mais do que um acontecimento esportivo, o que se vivenciava nas ruas do país, a partir do futebol, era um verdadeiro acontecimento patriótico. O sentimento que andava esquecido, havia sido despertado e avivado, nas ondas do rádio, a partir das emoções de uma tarde de futebol. Mostrava-se que o amor pela pátria não havia se perdido e bastou uma ocasião em que o nome do país estivesse em causa para o adormecido sentimento entrar em cena e fazer, do mais indiferente brasileiro, um fervoroso torcedor do escrete.

O colunista procurava deixar bem claro que a razão e a representação de tão avassalador conagraçamento não era o futebol, mas a Pátria. É nessa mesma linha argumentativa que o departamento da *Gazeta* registrava as manifestações, no Rio, após a vitória contra os tchecos, destacando o potencial mobilizador e agregador da irradiação, que aproximava até os indivíduos outrora mais indiferentes ao futebol e ao selecionado nacional:

“Rio, 16 (Pelo telefone) – Desde as primeiras horas da manhã notava-se por toda a cidade uma atmosfera de ansiosa expectativa. E as palestras então não fugiam ao assunto que, de alguns dias pra cá vem empolgando o carioca de uma forma nunca vista: o futebol. Já

<sup>353</sup> *A Gazeta*, 11 de junho de 1938, p. 1.

criou até a expressão: ‘Fulano está por conta do futebol’. Isso quer dizer que ninguém se preocupa com coisa alguma e deixa até de resolver os negócios mais sérios num momento em que o futebol absorve todas as atenções e sacode todos os ânimos. A cidade acordou pensando no embate que ia travar-se em Bordeaux, aguardando com indizível emoção as horas que faltavam para o início da transmissão radiofônica. Ninguém se conservava indiferente à expectativa. Mesmo se quisesse não o poderia. Seria entrar em conflito com o meio, seria passar por uma criatura anormal, desnaturada, mentirosa talvez. Senhoras graves, senhores circunspetos, pessoas que nunca entenderam de futebol tomaram parte nas discussões e falavam nos nomes de Leônidas e outros ‘cracks’, como nos de pessoas que lhes fossem muito familiares. Homens e crianças se nivelavam na ‘torcida’ e nos comentários, mesmo porque em matéria de futebol muito senhor respeitável tem que acatar a opinião de um colegial.

Ao aproximar-se a hora da irradiação, a cidade se revestiu de um aspecto todo particular. Dir-se-ia um feriado. As empresas fechavam os seus escritórios. Os colégios dispensavam os alunos, inúmeras casas comerciais cerravam suas portas e as imediações dos alto-falantes se enchiam de uma multidão nervosa, que já nem tinha ânimo para gesticular, tal a tensão emotiva que a trazia presa às palavras do ‘speaker’...

Era a cidade inteira que vibrava. ... Justamente nesse momento, começa a cair uma chuva torrencial. Ninguém deu por isso. A Avenida continuou cheia, intransitável e os outros tentos marcados brilhantemente pelos brasileiros levaram o delírio ao auge. Foi uma confraternização comovente no regozijo da vitória. A cidade interrompeu o ritmo do seu viver urbano. Não se via uma pessoa sequer aplicada no seu serviço àquela hora. ... Vencera o Brasil! O acontecimento perdera o seu caráter futebolístico, para ganhar uma tonalidade essencialmente patriótica. Era o Brasil erguendo no estrangeiro a flâmula de uma vitória. Na Rua Gonçalves Dias, logo que conquistamos o primeiro tento, uma casa comercial teve a idéia de defraudar a bandeira brasileira. Daí a pouco todos os outros estabelecimentos faziam o mesmo e a rua inteira se embandeirava, de um momento para o outro, com as cores de nossa Pátria. Uma casa de flores, da mesma rua, começou a atirar pétalas de rosa pelo ar; e foi uma verdadeira chuva de flores que cobriu a vida urbana, num espetáculo magnífico, que dava bem a medida do entusiasmo reinante e da extensão do regozijo. Cordões saíram pela cidade, carregando a bandeira brasileira. Casas comerciais ostentavam letreiros assim: - ‘Fechado devido ao jogo Brasil – Tchecoslováquia’. As mais diversas classes sociais se irmanavam nas explosões de júbilo. ... Bem haja a iniciativa tão providencial, como a da Rádio Clube do Brasil, que nos proporcionou os momentos de emoção de ontem. Pela tarde e pela noite adentro, as vibrações continuaram a repercutir nos mais longínquos pontos da cidade. (Dep. GAZETA)”<sup>354</sup>.

A descrição do comportamento dos torcedores procurava ressaltar a harmonia das ruas, na promoção da aproximação dos mais diferentes grupos sociais, o que contribuía para a exaltação do caráter patriótico daquele momento esportivo. Porém, a torcida, para o escrete nacional, não se resumiria ao entusiasmo e à vibração dos aficionados:

“- Rio de Janeiro, 14 – Grupos numerosos cruzam as ruas, apesar das chuvas, vivendo os nossos cracks. Verdadeira multidão parou em frente ao ‘O Jornal’ e ao ‘Diário da Noite’, pedindo que enviassem chapas à delegação, a fim de que os jogadores vissem a exultação do povo pela vitória”<sup>355</sup>.

<sup>354</sup> *A Gazeta*, 16 de junho de 1938, p. 3.

<sup>355</sup> *Diário de Pernambuco*, 15 de junho de 1938, p. 1.

Aos torcedores que celebravam a dramática vitória, na prorrogação, contra os poloneses, não bastava somente a alegria do triunfo brasileiro, o desejo era de que os jogadores da seleção pudessem vê-los, em todo o regozijo, em delírio pelo sucesso de nossa representação no mundial. Os festejos não exprimiriam tudo, era preciso visibilidade, daí os pedidos nas redações d’*O Jornal* e do *Diário da Noite*, para que fotografias dos torcedores fossem tiradas e enviadas à delegação na França, de modo que os seus heróis pudessem dimensionar a alegria e a gratidão da cidade pela vitória em Estrasburgo.

Contudo, toda celebração, diante do primeiro triunfo, seria logo acrescida de um sentimento de injustiça e revolta, após o empate em 1 a 1 contra os tchecos. A atuação do árbitro húngaro Hertza – que expulsou Machado e Zezé Procópio, anulou um gol de Perácio e ainda marcou o pênalti que garantiu o empate aos europeus –, despertou a ira de muitos torcedores brasileiros, o que ficava bem claro na matéria do *Jornal dos Sports* sobre o sentimento que envolveu a torcida durante e após a partida:

“42 milhões e tanto de inimigos pessoais!  
Eis o que o juiz húngaro arranjou no Brasil.  
Interessantíssimo seria fazer uma crônica sobre a emoção da cidade, durante a partida entre os brasileiros e os tchecos. Foi uma emoção enorme, a que ninguém se mostrou insensível, e que teve todas as manifestações, das mais ingênuas às mais desesperadas ... A serenidade era impossível. Cavalheiros importantes, ‘granfinos’ caracterizados, gente espiritual, pessoas profundas, criança de pé descalço, senhoritas, senhoras – todo mundo fez torcida franca, aberta, ostensiva, ruidosa. Fulanos que se supunham incapazes de matar uma mosca ou nutrir uma simples e trivial simpatia – tiveram pelo juiz uma dessas raivas implacáveis que vão ao crime”<sup>356</sup>.



(A Revista *Careta* ilustraria a situação de revolta dos brasileiros, contra o árbitro do jogo, a partir de uma sátira na qual se contava o sonho de um fuzileiro. Nesse sonho os torcedores “unidos” (não ordeira e civilizadamente, como queriam os organizadores da

<sup>356</sup> *Jornal dos Sports*, 13 de junho de 1938, p. 1.

campanha brasileira) através da revolta e da violência, conseguiriam trazer o que mais se desejava da Europa: a “Taça” e a “cabeça do juiz”:

“Depois de uma feijoada ‘braba’, daquelas que não cabem num prato fundo, o fuzileiro, de barriga para o ar, adormeceu profundamente. E sonhou: Lá, na linha do horizonte, o ‘Minas Gerais’, de fogos acesos; todo o regimento naval mobilizado; um esquadrão de cavalaria da Polícia Militar a galope; Gente da Pavuna, Caxias, Cordovil! Uma tropa de choque da Polícia Especial! Sirenes Nervosas! Multidão desgovernada! Tudo a caminho da Europa! E, depois, a volta! Delírio! A ‘Taça’! A ‘Taça’! E na ponta de um pau, a cabeça do juiz!. *Careta*, 9 de julho de 1938, p. 22-23)

Mesmo enquanto a partida ainda se desenrolava, inúmeros leitores do *Jornal dos Sports* telefonaram para a redação do diário esportivo, reclamando contra a atuação do árbitro do jogo e exigindo que alguém do jornal, quer os redatores ou mesmo o diretor Mario Filho, tomassem alguma providência, quanto ao verdadeiro “assalto” que acontecia em Bordeaux: “*De vez em quando, era uma moça que telefonava, nervosa, com lágrimas na voz: - Eu vou até o presidente da República! – disse uma delas – Isso não pode ficar assim!... O Senhor já viu que juiz ladrão*”<sup>357</sup>.

Alguns dos leitores daquela folha esportiva só recorriam a Mario Filho, porque sabiam das muitas horas de ligações internacionais feitas por ele, para falar com os jogadores e o técnico da seleção. É o que Ruy Castro assinala ao falar do trabalho do irmão de Nelson Rodrigues, durante aquele mundial:

“Durante a Copa do Mundo de 1938, na França, (Mario Filho) fez O Globo gastar quarenta contos de réis de telefone. Na véspera de jogo do Brasil, Mario Filho ia para o escritório da Radiobrás, na avenida Rio Branco, e falava pelo telefone internacional com o treinador Adhemar Pimenta e com todos os jogadores. Voltava para a redação e escrevia sessenta laudas a lápis. Com isso, O Globo<sup>358</sup>, tinha material diferente para sete edições no dia da partida”<sup>359</sup>.

O torcedor queria que algo fosse feito, pelo diretor do *Jornal dos Sports* ou por quem fosse, e alguns, no desespero, pediam na redação do cor-de-rosa que entrassem em contato com Adhemar Pimenta, orientando-o a retirar a equipe de campo, como protesto à péssima atuação do árbitro húngaro. Os torcedores mais revoltados não queriam saber se a comunicação não poderia ser feita de forma imediata com o treinador do escrete e, por conta da relação de certa proximidade mantida pelo *Jornal dos Sports* com a delegação, mesmo à milhas de distância, os

<sup>357</sup> Ibid.

<sup>358</sup> Naquela época, Mario Filho era também encarregado de dirigir a seção esportiva de *O Globo* e fora com o apoio de Roberto Marinho que ele comprara, no ano de 1936, o *Jornal dos Sports*.

<sup>359</sup> CASTRO. op. cit., p. 222.

aficionados viam na folha um possível porta-voz. Tãmanha era a revolta, que alguns torcedores desejavam que não houvesse toda aquela distância os separando do local da partida, para que lhes fosse possível descontar, no juiz, toda a sua raiva e insatisfação:

“Os telefones não tinham descanso. Invariavelmente os comentários a cerca da parcialidade do juiz eram os mais agressivos. Inúmeras pessoas lamentavam, amargamente, a distância que as separava de Bordeaux, o que impossibilitava o consolo da agressão física:

- Por que senão eu ia ensinar aquele juiz! ...

Uma senhorita telefonou:

- Se eu estivesse em Bordeaux, perguntaria ao juiz:

‘O senhor acredita em transmissão de pensamento?’

Suponhamos que ele dissesse: ‘Acredito’. E eu:

‘Então considere-se fuzilado’<sup>360</sup>.

Em tais circunstâncias, para a grande maioria dos torcedores brasileiros, não tinha a menor importância os tão apregoados valores morais que deveriam reger o comportamento de nossos jogadores em gramados internacionais. Ainda que o presidente Vargas fizesse questão de elogiar a postura dos atletas, ao não se rebelarem mesmo diante dos graves erros do árbitro daquele jogo, o que os torcedores gostariam de ter visto era uma atitude diferente de nossos *players* e dos chefes da delegação, ante aquele episódio.

Se durante toda a preparação da seleção, qualquer ato que insinuasse insatisfação da parte dos jogadores era logo condenado não só por dirigentes e cronistas, mas também por muitos torcedores, após o primeiro jogo contra os tchecos, reclamava-se justamente da passividade e do “bom comportamento” dos atletas e dirigentes da delegação, em relação ao juiz húngaro. O desejo de boa parte dos torcedores que acompanhavam a peleja, na capital federal, era o de que a revolta das ruas ecoasse em canchas francesas, a partir de uma postura mais enérgica e veemente de indignação e protesto dos “representantes da Pátria”. O sentimento nacional inflamava-se pelo país, não a partir dos ideais de ordem e disciplina tão difundidos pelo discurso estado-novista, mas pela revolta dos aficionados que se sentiam injustiçados tal qual o escrete nacional naquela partida.

Para acalmar os ânimos da torcida brasileira, a vitória no segundo confronto com a Tchecoslováquia provocou as mais curiosas manifestações em nossas plagas. Dentre as destacadas nas páginas esportivas encontra-se, por exemplo, o enorme júbilo verificado entre os funcionários da Polícia Civil do Rio de Janeiro. Na entusiástica descrição do cronista da *Gazeta*,

---

<sup>360</sup> *Jornal dos Sports*, 13 de junho de 1938, p. 2.

acentua-se que o delírio pela vitória teria contagiado até mesmo os presos do local, alterando, ao menos momentaneamente, a normalidade do quadro da delegacia:

“- Logo que se divulgou pela cidade o resultado da pugna em que se empenharam os brasileiros no jogo de desempate, contra os tchecos, os funcionários da Polícia Civil, na sua totalidade e por assim dizer, afluíram aos corredores do edifício vibrando de entusiasmo. Dominado pela emoção do sensacional empate, que terminou com a nossa vitória, o Sr. Dulcídio Gonçalves, 3º Delegado, empunhando a bandeira brasileira defraudou-a na varanda inteira fronteira à sua delegacia. Nesse momento a multidão de funcionários vibrou.

Calorosas salvas de palmas se reproduziram e *hurrahs* foram erguidos. Em meio a esse delírio ouviu-se o hino nacional. Eram presos que se associavam ao entusiasmo, entoando-o. Essas manifestações se prolongaram por cerca de uns 15 minutos, voltando então todos os seus postos”<sup>361</sup>.

O júbilo era acompanhado pela gratidão que, das ruas, tomava conta das redações. Na coluna “Críticas e Sugestões”, o *Jornal dos Sports* saudava os jogadores do *scratch* branco, após vencerem o jogo-desempate contra os tchecos, em matéria de primeira página, sob o sugestivo título “Obrigado, brasileiros!”:

“Obrigado, Brasileiros! Nós trazemos a vocês toda a nossa gratidão comovida. Obrigado, mil vezes obrigado, pela emoção que vocês nos deram ... Vocês não viram nada. Não testemunharam o nosso entusiasmo, não tiveram a visão da nossa alegria transbordando pelas ruas, e da nossa exaltação que culminou num paroxismo inédito na vida da cidade. Vocês não puderam ver o marulhar das multidões, e o fluxo e refluxo das vagas humanas, como num espetáculo oceânico. Mas se vissem a cidade, no seu delírio e nos arrebatamentos do seu júbilo – teriam, ante esse cenário de apoteose, o prêmio do esforço feito, a recompensa da jornada de epopéia”<sup>362</sup>.

Segundo reportagem veiculada na *Gazeta*, a vitória que levava o escrete à semifinal teria sido ainda mais comemorada pelos torcedores cariocas, por conta dos gols marcados por seus conterrâneos, Leônidas e Roberto. Para esse último, a decisiva participação teria lhe rendido até mesmo uma promoção:

“Rio, 15 (AB.) – O resultado do jogo dos brasileiros com os tchecos teve um significado excepcional para o Estado do Rio.

Foram exatamente os dois fluminenses do selecionado que conseguiram vazar as redes adversárias por duas vezes, determinando assim a vitória das cores nacionais. ... Esse fato deu lugar a entusiásticas manifestações de júbilo, sobretudo em Niterói, onde os manifestantes saíram em massa para as ruas e praças, pelas quais o Departamento de Propaganda do Estado havia espalhado os seus alto-falantes, a fim de ouvirem as irradiações e vivarem, num verdadeiro delírio coletivo os conterrâneos. Diante do resultado final da peleja e conhecida a atuação dos artilheiros fluminenses, imediatamente o interventor federal, comandante Amaral Peixoto, determinou a promoção de Roberto, autor do ‘goal’ da vitória, a sub-chefe da Polícia Especial de Niterói, corporação a qual

<sup>361</sup> *A Gazeta*, 15 de junho de 1938, p. 8.

<sup>362</sup> *Jornal dos Sports*, 15 de junho de 1938, p. 1.

pertence desde a sua fundação e, quanto a Leônidas, oportunamente será premiado como merece, pelos seus conterrâneos ...”<sup>363</sup>.

Além dos dividendos já gerados pela campanha, aos jogadores, a mesma vitória contra os tchecos também foi motivo de piada na seção “Todos os Esportes”. Mais uma vez, os jogadores *coloreds* do selecionado estavam em destaque, desta vez surpreendendo os tchecos, todavia, não tanto pelo futebol praticado:

“- Foi pura tapeação do Pimenta a substituição do nosso quadro no jogo de ontem.  
 - Tapeação por quê?  
 - Porque anunciou que poria em campo o quadro branco.  
 - E não foi o branco?  
 - Foi, mas quando os tchecos viram o Brandão, o Jahú, o Argemiro, o Roberto, além do Leônidas – perderam a cor”<sup>364</sup>.

A piada representava o diálogo de dois torcedores brasileiros e satirizava o fato do escrete branco, escalado para o jogo, ser composto por diversos jogadores negros e mulatos, fato que teria deixado empalidecidos os adversários, amedrontados e surpresos antes mesmo de rolar a pelota. A noção de democracia racial, tão valorizada por Mario Filho, anos depois, na 1ª edição do *Negro no Foot-ball Brasileiro* (1947), tendo como base o sucesso de negros como Friedenreich, Fausto, Domingos e Leônidas, bem como do escrete brasileiro e seus negros, mulatos e brancos na Copa de 1938, caminhava lado a lado, naquele mundial, com o preconceito e a discriminação nas páginas esportivas.



<sup>363</sup> *A Gazeta*, 15 de junho de 1938, p. 8.

<sup>364</sup> *A Gazeta*, 15 de junho de 1938, p. 9.

(Em edição especial sobre a Copa de 1938, a revista *Careta* simulava um encontro entre o zagueiro Domingos da Guia e o ditador alemão Adolf Hitler, após a vitória brasileira na estréia. A questão racial pulsava na imprensa:

“(O Brasil venceu a Polônia por 6 x 5)

DOMINGOS – Ora veja seu Hitler! Eu não acreditava nessa história de superioridade de raças!”. *Careta*, 2 de julho de 1938, p. 26)

De todo modo, vale-nos destacar que as duas partidas contra os tchecos, levadas a cabo em um intervalo de quarenta e oito horas, monopolizaram as atenções da vida nacional. Na edição do dia 15 de junho da *Gazeta*, a coluna “Bilhetes do Rio”, mais uma vez, se dedicava longamente ao futebol, afinal, segundo o cronista, não seria possível tratar de outro assunto, após a vitória brasileira na segunda partida contra os tchecos:

“Rio, 15 (Pelo telefone) – Como querem os leitores que o cronista se ocupe hoje de outro assunto que não seja o futebol?

Há quarenta e oito horas que o Rio de Janeiro dorme, almoça e janta futebol. A cidade inteira ainda freme de entusiasmo diante da vitória estupenda dos ‘cracks’ brasileiros. Enfim, a vitória é nossa! Um punhado de rapazes levou aos países da Velha Europa o nome de um país que até aqui tem estado à margem do mundo civilizado... O futebol realizou o milagre que outras iniciativas não puderam realizar. Mas, falemos da cidade.

O Rio, desde ontem, como uma só alma e um só coração, palpita de um júbilo jamais ultrapassado. Dias intensos conheceu de certo a velha Sebastianópolis. A recepção de Sarah Bernhardt, muita gente ainda se lembra, foi um delírio, a cidade viveu horas inesquecíveis quando aqui chegou Santos Dumont, o vitorioso pai da aviação; as homenagens prestadas a Ruy Barbosa, depois de seu triunfo em Haya, também foram assinaláveis.

Mas, tudo isso somado não chega para dar uma idéia do que tem sido a ‘torcida’ destes últimos dias. O povo brasileiro é extremamente vibrátil... e nada mais natural que a sua expansiva alacridade ande sempre a procura de pretexto para manifestar-se. Desta vez, o pretexto se ofereceu para unir no mesmo frêmito, desde o mais simples operário ao Chefe da Nação. Para louvar a Ruy Barbosa, era preciso conhecer-lhe a rutilante celebração e poucos a podiam alcançar; para bater palmas a Sara Bernhardt, era preciso conhecer os segredos da arte cerâmica; para vitoriar o grande Santos Dumont era preciso estar ao corrente dos seus triunfos em Paris. Só os que lêem os jornais e se interessam por assuntos fora da alçada comum é que podiam participar desses refinados contentamentos. Para vibrar pela vitória do Brasil nos ‘stadiuns’ da Europa não é preciso saber outra coisa senão que havia lá duas equipes, uma brasileira, outra estrangeira, disputando uma pelota para fazer um ‘goal’, e que os brasileiros conseguiram marcar maior número de ‘goals’ do que os estrangeiros. Eis tudo. Por isto, a manifestação de todas as camadas populares tem sido frenética, de um desbordamento maluco. Pessoas que jamais se interessaram pelas coisas do futebol, ou qualquer outro esporte, indivíduos de vida sedentária, voltados para o mundo das idéias, que repele o mundo da ação física, acabaram contagiados pela ‘torcida’ geral. Não sabem essas pessoas o que vem a ser o futebol, ignoram-lhe as regras. Não importa. Estava em causa o nome do Brasil”<sup>365</sup>.

<sup>365</sup> *A Gazeta*, 15 de junho de 1938, p. 1.

Na perspectiva do cronista da *Gazeta*, as transmissões das partidas brasileiras na Copa do Mundo de 1938, tornavam o futebol o “pretexto da vez” para a realização da unidade nacional. Contudo, quando comparado a outras ocasiões solenes e marcantes na vida da cidade, como as recepções à atriz, escultora e pintora francesa Sarah Bernhardt, ao inventor Santos Dumont e ao político Ruy Barbosa, o futebol sobrepunha-se a todas, por ser capaz de igualar, em entusiasmo e na mesma torcida, o mais humilde empregado ao chefe da nação. A explicação para tamanho alcance, dada pelo autor, residiria no fato do esporte bretão não exigir muito para a sua compreensão, portanto, o feito brasileiro em gramados franceses não oferecia quaisquer “mistérios” ao torcedor.

Para se envolver naquela atmosfera festiva, não eram necessários grandes conhecimentos sobre o assunto. O futebol simplificava e incluía, ao passo que os outros grandes acontecimentos do passado da cidade restringiam quando a questão era a participação dos mais diferentes grupos sociais. Mesmo para os intelectuais menos familiarizados com o jogo de bola, para se associar à torcida e ao sentimento patriótico desencadeado pelas vitórias brasileiras, bastava saber o básico, isto é, que em um jogo definido pelo número de gols, os brasileiros haviam marcado mais tentos do que os adversários. O interessante nessa análise é a constatação da força daquele acontecimento, gerador de tamanho entusiasmo nacional e sua capacidade de expandir as fronteiras de entusiastas, muito embora para o autor o que importava mesmo não era o futebol, mas a construção do edifício nacional. Tal construção culminaria no retorno da delegação ao país, ainda sob efeito das efusivas demonstrações do sentimento nacional.

Portanto, neste último capítulo, será enfocada a última etapa da participação brasileira na Copa do Mundo de 1938, que diz respeito ao retorno da delegação brasileira após a conquista do terceiro lugar no mundial. Destacam-se as muitas manifestações que acompanharam a recepção dos torcedores em Recife e Salvador, concentrando a reflexão no desembarque definitivo no Rio de Janeiro, evidenciando o apoio popular que aclamava aquela seleção como “campeã” do mundo, como também a tentativa da imprensa esportiva de adequar tamanha mobilização aos princípios de harmonia social, disciplina, ordem, hierarquia etc. tão caros ao regime.

É nessa direção que a iniciativa empreendida pelo *Jornal dos Sports* e idealizada mais uma vez por Mario Filho, o “*Desfile Monstro!*”, traduzia a tentativa de controle das manifestações festivas que marcariam o reencontro da seleção com os torcedores nas ruas da

capital da República, no propósito de fazer, do rito, um lugar social de preservação da ordem e de reprodução dos valores dominantes.

Finalmente, no último item desse capítulo, a análise se concentrará na célebre figura de Leônidas da Silva, problematizando em *É a vez do preto? O “Diamante Negro” e as desavenças em torno de um protagonismo conquistado e construído* o papel de relevo do artilheiro brasileiro no campeonato mundial e as contradições que marcaram a construção de sua imagem como o grande “herói” da campanha brasileira.

### 3.1 “O Desfile Monstro!”: o futebol enquanto rito público

A preparação de algumas das principais capitais do país para a recepção ao escrete brasileiro ainda carregava todo o sentimento de consternação, que acompanhou a não confirmação do boato de anulação da partida semifinal da Copa do Mundo, uma vez que a mobilização para o reencontro com os craques tinha também o propósito de responder, em grande estilo, a toda “injustiça” que, de acordo com os nossos cronistas, nos impedira de erguer o caneco.

O abalo da derrota para a Itália conviveu com lampejos de esperança, que forneceram toda a intensidade à vivência daquele inusitado episódio do boato. A repercussão nas ruas da capital federal acerca do desenrolar da torcida, naquele fatídico dia, foi assim descrita pelo correspondente da *Gazeta*:

“Rio, 20 (Pelo telefone) – Já o leitor da Paulicéia se inteirou, pela leitura dos jornais, de tudo quanto houve aqui no Rio e adjacências, a respeito do jogo com os italianos. Ninguém se resignou com o resultado. Nós tínhamos que ganhar. Estava escrito que devíamos ganhar... Se não fosse a atitude parcial do juiz, marcando um penal fora de termo e medida, o resultado seria o empate.

Mas, vejamos a repercussão no espírito carioca. Houve aqui cenas de desespero, como todos sabem. Principalmente da parte do elemento feminino. Toda nervosa, a mulher tolera menos do que o homem... as decepções futebolísticas. Em Niterói, uma pobre rapariga perdeu a razão. Quando viu que os brasileiros não tinham alcançado a vitória, saiu para a rua dando vivas ao Brasil. Tinha ensandecido. Não foi esse um caso isolado; houve aqui no Rio um grande número de casos não capitulados na categoria da nova enfermidade – a ‘torcidite’ – mas os médicos argutos para logo perceberam que os pacientes estavam com a saúde abalada por causa das emoções violentas a que se entregaram...

Por último, o capítulo das adivinhações. O mais engraçado episódio da ‘torcida’ braba. Grande é o número de pessoas que recorreram aos espíritas e cartomantes para saber se o nosso ‘time’ ganharia ou não. E todos, cartomantes e espíritas, foram unânimes em atestar que sim, que nós ganharíamos a partida. Erraram? Não; não erraram, em parte. Nem as

cartas nem as almas do outro mundo, teriam adivinhado as intenções do juiz que atuou com um tão evidente propósito de não dar à América do Sul a glória do Campeonato. O leitor suspicaz, bem o percebemos, estará dizendo com os seus botões que o dom da presciência é o mais falível dos dons... Mas, penetrando no cérebro do juiz ou não, os nossos profetas também são humanos e também juntavam aos resultados das suas consultas uma dozesinha de partidarismo. Não podia ser por menos. Assim procedendo, teriam sido otimistas, como otimistas tinham sido todos quantos confiavam na vitória dos nossos rapazes. Espíritas e cartomantes também tem o direito de torcer. São humanos e, além de humanos, brasileiros”<sup>366</sup>.

As “más intenções” do árbitro da partida eram tão nebulosas, que teriam escapado até mesmo ao “sobrenatural”, na representação das previsões de cartomantes e espíritas, a quem os torcedores mais supersticiosos recorriam. É o aspecto ritualístico do jogo em sua dimensão religiosa como destacado pelo historiador Hilário Franco Júnior:

“É inegável que, da mesma maneira que o futebol expressa o mundo bélico e incorpora sua terminologia ... ele o faz em relação à religião. Os jogadores são ‘ídolos’, a camisa e a bandeira do clube, ‘manto sagrado’, os gols aparentemente ilógicos ‘espíritas’, gestos religiosos (ortodoxos ou não) cercam todo o ambiente futebolístico. As defesas incríveis são ‘milagrosas’ e seus autores ‘santos’. O Maracanã é o ‘templo sagrado do futebol brasileiro’, o velho estádio do Barcelona (*Les Cort*) era chamado ‘catedral’, como hoje o estádio da Luz, do Benfica. Sintetiza tudo isso, um cartaz exibido, por um torcedor, durante a Copa de 1994: ‘USA learn! Soccer is religion’ (‘Aprendam, Estados Unidos! Futebol é religião’)”<sup>367</sup>.

Ao trabalhar o futebol como metáfora da vida em seus mais diferentes aspectos, Franco Júnior ressalta seu caráter religioso, responsável por constituir um universo marcadamente devocional, permitindo e promovendo associações que compreendem os jogadores, o uniforme, e até o campo de jogo. Dessa forma, denota-se a força dessa dimensão religiosa e o quanto ela se encontra imbricada neste esporte, como se constatava já na relação dos torcedores brasileiros com os jogos do Brasil no mundial de 1938. Valia até mesmo recorrer ao sobrenatural para saber se venceríamos ou não aquela semifinal.

Diante do resultado negativo, a atuação da arbitragem continuaria a repercutir nas páginas esportivas. O correspondente da *Gazeta* junto da delegação, Thomaz Mazzoni, definia os jogadores brasileiros como “*os escravos do certame*”. A bronca do jornalista ia de encontro à entidade máxima do futebol mundial e, como justificativa para os muitos erros, que teriam prejudicado o Brasil, Mazzoni argumentava o fato de sermos os únicos sul-americanos no torneio:

<sup>366</sup> *A Gazeta*, 20 de junho de 1938, p. 1.

<sup>367</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 259.

“(…) Isolados na terceira competição mundial, em virtude da ausência de todos os países deste Continente, principalmente a Argentina e o Uruguai, os brasileiros não tiveram um apoio que seria de grande valor moral... Pelo menos, as perseguições para evitar que a ‘Taça’ saísse da Europa, não recairiam somente sobre o Brasil. O que aconteceu ao Brasil, obrigado a virar a França inteira em longas viagens e a “engolir” toda a sorte de árbitros sem critério, foi, porém, o motivo que levou a Argentina e o Uruguai ao desinteresse pelo campeonato mundial. ... (Ainda assim), as partidas do grande campeonato alcançaram a sua finalidade, os incidentes e acidentes corriqueiros e inevitáveis do futebol não conseguiram desviá-las para o terreno odioso do conflito de raças. Mas, infelizmente, o mesmo espírito de tolerância não guiou os atos dos dirigentes da FIFA, cuja parcialidade em relação ao futebol sul-americano se manifestou indisfarçavelmente... Não se diga que não lhe cabe culpa de partidarismo dos árbitros. Não se vai ao extremo de se acreditar que os juízes procederam incorretamente por insinuação da FIFA, o que seria um descalabro, mas competia à FIFA, após o desastre do Sr. Hertzka, escolher para cumprir a delicada missão num certame de tamanha importância, homens íntegros... Nesse ponto, precisa-se admitir que a entidade internacional fracassou lamentavelmente, permitindo que juízes europeus sem escrúpulos satisfizessem o seu bairrismo doentio ao favorecer absurdamente os quadros do Velho mundo”<sup>368</sup>.

Muito embora desconsiderasse quaisquer ações de má fé da entidade de Mr. Rimet, em relação à manipulação de resultados contra o Brasil, via arbitragem, Mazzoni foi um dos cronistas a demonstrar maior indignação pelo que ocorrera à seleção durante todo o torneio. Se, na crônica acima, *Olimpicus* rechaçava a possibilidade de “armação” da FIFA para cima do único representante sul-americano, o mesmo não ocorrera quando o assunto fora o filme com os principais lances do jogo Brasil x Itália:

“O jornalista brasileiro Thomaz Mazzoni, da *Gazeta* de São Paulo declarou estar autorizado a informar que a empresa que fez a filmagem do jogo Brasil x Itália, cortou o episódio do pênalti que deu o triunfo à Itália e motivou o protesto brasileiro. Apenas aparece o pênalti sendo batido. Assim o público brasileiro ficará privado de conhecer – no dizer do referido jornalista – a verdade do absurdo da penalidade. Frisa o interesse de se esconder o que ele chama de corpo de delito”<sup>369</sup>.

A informação veiculada pelo *Jornal dos Sports* vinha à tona, logo após o anúncio da exibição, na capital federal, do filme da partida semifinal, no cine Broadway. Ainda que o registro do confronto apresentasse os gols do *match* - incluindo o assinalado por Meazza no contestado penal -, as imagens da troca de agressões entre o atacante Piola e Domingos não constavam na película. De acordo com Mazzoni, o fato se dava porque, ainda na França, o trecho do pênalti havia sido cortado pela empresa que realizou a filmagem da partida, impedindo, portanto, que os brasileiros pudessem tomar conhecimento do “escândalo” que se passara em Marselha.

<sup>368</sup> *A Gazeta*, 18 de junho de 1938, p. 9.

<sup>369</sup> *Jornal dos Sports*, 24 de junho de 1938, p. 1. Descrição: **O Match Brasil x Itália**. 1938, Rio de Janeiro, RJ. Ficha Técnica: produção, direção e companhia produtora: Irmãos Ponce; distribuição: Broadway Programa; p & b; 35 mm; curta-metragem; 40 min; Documentário. Fonte: ORICCHIO, Luis Zanin. **Fome de Bola: Cinema e Futebol no Brasil**. Coleção Aplauso Cinema Brasil. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006, Filmografia.

Diante da declaração de Mazzoni, alimentar-se-ia a desconfiança em relação a uma suposta “falcatruagem” para cima da seleção nacional, “armação” que se verificaria, não somente pelo “absurdo” lance do penal (e o pretense corte das imagens no filme-documentário da partida), mas também por todos os problemas com a arbitragem que marcaram nossa participação no máximo certame do futebol mundial. A insatisfação nutrida nas páginas esportivas seria mais um fator motivacional a estimular cronistas, dirigentes e torcedores no retorno da nossa delegação.

Entrementes, a especulação em torno das imagens do pênalti não se sustentaria por muito tempo, uma vez que, poucos dias depois da polêmica levantada por Mazzoni, os torcedores brasileiros finalmente poderiam assistir ao famoso lance e tirar suas próprias conclusões sobre o episódio:

“Em um filme mandado fazer pela firma Ponce & Irmão, vê-se o pênalti pela reprodução 32 vezes dos 80 quadros do filme ‘Brasil – Itália’, que contém a penalidade e, assim, passando diante dos olhos do público 2. 560 reproduções, os dois incidentes entre Domingos e Piola decorrem na tela perfeitamente, de modo a permitir que se faça um juízo seguro sobre o assunto”<sup>370</sup>.

Desse modo, o filme-documentário da partida entre Brasil e Itália, contendo imagens mais detalhadas do lance do pênalti cometido por Domingos em Piola, era então anunciado no cine Broadway, no Rio de Janeiro. A exibição tão aguardada estava prevista para o dia 11 de julho, em conjunto com outro documentário, contendo os lances mais marcantes dos jogos do Brasil no mundial, merecendo destaque no *Jornal dos Sports* os reparos realizados pela firma Ponce & Irmão, na película original, de maneira a permitir a observação da polêmica jogada:

“Como a cena do pênalti naquele filme tem apenas oito metros, que passam rapidamente pela tela, não permitindo o espectador notar com precisão o acontecimento, Ponce & Irmão mandaram ampliar as cenas e reproduzi-las duas mil e tantas vezes de modo que os movimentos dos jogadores ficaram lentos, podendo o espectador verificar o incidente como se tivesse sido filmado em câmera lenta ... É digno de todos os elogios o esforço de Ponce & Irmão, no afan de esclarecer um assunto tão debatido e pôr, nos seus devidos termos, uma questão, de modo a não ficar, para o futuro, nenhuma dúvida a pairar no espírito público”<sup>371</sup>.

---

<sup>370</sup> *Jornal dos Sports*, 9 de julho de 1938, p. 2. É a seguinte a descrição dos filmes-documentários acima citados:

- **O incidente do Pênalti no Jogo Brasil x Itália**. 1938, Rio de Janeiro, RJ. Ficha Técnica: produção, direção e companhia produtora: Irmãos Ponce; distribuição: Broadway Programa; p & b; 35 mm; curta-metragem; 3 min; Documentário;

- **As Melhores Jogadas dos Brasileiros na Europa**. 1938, Rio de Janeiro, RJ. Ficha técnica: produção, direção e companhia produtora: Irmãos Ponce; distribuição: Broadway Programa, p & b; 35mm; curta-metragem; 9 min; Documentário. Fonte: ORICCHIO, op. cit., Filmografia.

<sup>371</sup> *Jornal dos Sports*, 10 de julho de 1938, p. 2.



(Registro da aglomeração de torcedores, em frente ao Cine Broadway, no Rio de Janeiro, aguardando a exibição do filme-documentário Brasil x Polônia, o primeiro de uma série de curtas que comporiam a filmografia das partidas brasileiras na Copa do Mundo de 1938. Todas as películas foram exibidas em salas da capital federal e contariam com grande público em suas sessões<sup>372</sup>. *Jornal dos Sports*, 16 de junho de 1938, p. 2)

Como se pode notar em toda a repercussão da partida semifinal e do polêmico pênalti, para os torcedores brasileiros, é como se esse tivesse sido o episódio derradeiro da Copa do Mundo de 1938. Ainda que restasse a disputa pelo inédito terceiro lugar, frente à Suécia, a insatisfação continuava a pulsar nas ruas do país e, para expressá-la, alguns grupos trataram de “homenagear” a entidade de Mr. Rimet:

“Rio, 18 (A. M.) – Numerosos grupos de estudantes percorreram as ruas da cidade fazendo o enterro da FIFA.

<sup>372</sup> Além dos documentários mencionados na nota anterior existem ainda outros filmes dos jogos do Brasil na Copa de 1938 produzidos por grandes companhias como a Cinédia, Irmãos Ponce e MGM, dentre os quais destacam-se:  
 - **Campeonato do Mundo**. 1938, Rio de Janeiro, RJ. Ficha Técnica: Companhia produtora: Cinédia; p & b; 35 mm; curta-metragem; Documentário;  
 - **Brasil 2 x Checoslováquia 1**. 1938, Rio de Janeiro, RJ. Ficha Técnica: companhia produtora: Metro Goldwyn Mayer – MGM; p & b; 35 mm; curta-metragem; Documentário;  
 - **Brasil x Tchecoslováquia: Empate por 1 x 1**. 1938, Rio de Janeiro, RJ. Ficha Técnica: produção e direção: Irmãos Ponce; Companhia produtora: Irmãos Ponce; p & b; 35 mm; curta-metragem; Documentário;  
 - **Brasil x Checoslováquia: a Nossa Vitória 2 x 1**. 1938, Rio de Janeiro, RJ. Ficha Técnica: produção e direção: Irmãos Ponce; Companhia produtora: Irmãos Ponce; p & b; 35 mm; curta-metragem; Documentário; - **Jogo de Futebol Brasil x Checoslováquia**. 1938. Rio de Janeiro, RJ. Ficha Técnica: produção, direção e companhia produtora: Irmãos Ponce; distribuição: Broadway Programa; p & b; 35 mm; curta-metragem; 3 min; Documentário;  
 - **Brasil x Suécia: O Brasil Vence a Suécia por 4 x 2**. 1938, Rio de Janeiro, RJ. Ficha Técnica: produção e direção: Irmãos Ponce; locução: Ari Barroso; Companhia produtora: Irmãos Ponce; p & b; 35mm; curta-metragem; 10 min; Documentário;  
 - **Recepção no Rio de Janeiro aos futebolistas**. 1938, Rio de Janeiro, RJ. Ficha Técnica: produção, direção e companhia produtora: Irmãos Ponce; distribuição: Broadway Programa; p & b; 35 mm; curta-metragem; 3 min; Documentário. Fonte: ORICCHIO, op. cit., Filmografia. Essas e outras películas fazem parte do acervo da Cinemateca Brasileira (SP), mas encontravam-se indisponíveis para consulta durante o desenvolvimento dessa Dissertação.

Os manifestantes pediram o imediato regresso dos jogadores brasileiros. Também em Niterói realiza-se amanhã um enterro daquela entidade”<sup>373</sup>.

O enterro simbólico da FIFA, no Rio de Janeiro, fora ainda acompanhado por outras manifestações, como telegramas de protesto, enviados à CBD, pedindo que os jogadores brasileiros não entrassem em campo para a disputa do terceiro lugar contra os suecos, em represália à atitude da FIFA, de não anular a partida contra a Itália:

“Rio, 18 (A. M.) – O ‘Diário da Noite’ publica diversos telegramas inclusive um dos funcionários públicos, dirigidos a CBD protestando contra a realização do jogo do Brasil contra a Suécia. Os signatários dos referidos despachos pedem o regresso imediato de nossa delegação”<sup>374</sup>.

A argumentação presente no conteúdo de boa parte das mensagens estava centrada na defesa da “dignidade” da pátria, que sofreria um abalo ainda maior, caso a CBD aceitasse passivamente as “injustiças” e o “desprezo” da FIFA, manifestos na atuação do árbitro da partida e na declaração do presidente Jules Rimet, a respeito do protesto dos brasileiros. Os torcedores reivindicavam da delegação que não cumprisse a programação e o regulamento do torneio, que previa a disputa com a Suécia pelo terceiro lugar. O curioso é que àquela altura dos acontecimentos, o clamor das ruas se dirigia justamente na contramão do que a imprensa esportiva e as autoridades estado-novistas exigiam, como princípios basilares daquela campanha, incentivando o descumprimento do regulamento e a represália à maior entidade do futebol mundial.

Mesmo diante da derrota e dos protestos, autoridades, como o Ministro Gustavo Capanema, procuravam ainda preservar o sentido patriótico, ordeiro e civilizado da campanha, saudando a trajetória realizada pelo escrete brasileiro de superação das maiores adversidades, impostas pelas sucessivas partidas em curto espaço de tempo. A seleção deixara ao país uma verdadeira lição da fibra e da luta que nos seriam características. Por feitos como o alcançado no Velho Continente, que o esporte brasileiro poderia estar esperançoso quanto ao seu futuro. Nas palavras do Ministro da Educação e Saúde:

“Dr. Castello Branco – Delegação Esportiva Brasileira – Marselha ou Paris – Mando efusivas congratulações aos bravos jogadores brasileiros pela alta demonstração de resistência e pugnacidade agora reveladas em tantas competições. Perdendo hoje para um valoroso adversário, os nossos rapazes não desmereceram da confiança com que temos acompanhado sua atuação. Esta sucessão vertiginosa de peijas duramente combatidas foi uma afirmação admirável da fibra do Brasil, a cujo esporte estão asseguradas muitas e belas glórias futuras.

<sup>373</sup> *Diário de Pernambuco*, 19 de junho de 1938, p. 12.

<sup>374</sup> *Ibid.*

Gustavo Capanema, ministro da Educação”<sup>375</sup>.

Entretanto, ainda que um dos homens fortes do governo estado-novista procurasse congratular o escrete, por todo o serviço prestado no estrangeiro, o que marcaria mesmo aquele episódio era o clima de tristeza e de resignação que tomou conta das ruas, como registrou o próprio Vargas nas anotações de seu diário:

“(Dia 16 de junho) Despacho com os ministros militares. Não houve audiências. O jogo de *football* monopolizou as atenções. A perda do *team* brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional”<sup>376</sup>.

Não bastasse a observação do chefe da nação, outro relato tratava de dimensionar os efeitos da Copa de 1938 para a vida política nacional. O embaixador norte-americano, no Rio de Janeiro, Jefferson Caffery, em seu relatório semanal ao secretário de Estado, em Washington (escrito no dia da derrota brasileira para a Itália), afirmava o quanto o envolvimento do “país inteiro” com os jogos da seleção, na Copa de 1938, fora responsável pelo esvaziamento do debate político sobre as fragilidades do regime varguista naquele contexto. Segundo o próprio diplomata, na observação da enorme repercussão do desempenho do Brasil no campeonato mundial, o entusiasmo nacional concentrava as atenções da opinião pública e proporcionava um momento benéfico para Vargas, por apaziguar - ao menos durante aqueles dias - as tensões políticas que caracterizariam o país:

“A incerteza política notada desde 11 de maio se evaporou, ao menos aparentemente, durante a última semana. Este fenômeno deve-se às partidas internacionais de futebol disputadas na França, das quais participa a equipe brasileira. Uma inesperada vitória do Brasil sobre a Polônia ... despertou o patriotismo do país inteiro, e durante toda a semana a imprensa dedicou a maior parte de suas páginas às atividades da equipe. A subsequente vitória brasileira sobre a Tchecoslováquia em 14 de junho fez do interesse do país pelo futebol uma febre, e não é exagero afirmar que esse assunto transcendeu todos os outros em cada movimento da vida do país nos últimos dez dias, tanto que a política e os rumores sobre a debilidade do regime Vargas foram um assunto morto nesse período. Ontem houve profundo desapontamento com a derrota brasileira para os italianos, mas, como a equipe jogará com a Suécia no domingo, o futebol continuará a monopolizar o interesse público por mais alguns dias”<sup>377</sup>.

Para o historiador Fábio Franzini, tal visão do embaixador norte-americano pode ser relacionada à própria associação simplista entre futebol e alienação “segundo a qual a bola seria

<sup>375</sup> *A Gazeta*, 17 de junho de 1938, p. 7.

<sup>376</sup> VARGAS, Getúlio. *Diário*. Vol. II. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 140, grifo nosso.

<sup>377</sup> CAFFERY, Jefferson apud FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira*: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro. DP&A, 2003, p. 83.

*um instrumento de desmobilização política, quase um aparelho ideológico do Estado*”<sup>378</sup>. É também nesse sentido que a análise da Copa de 1938 se mostra significativa, uma vez que, podem-se verificar os múltiplos interesses e significados que caracterizavam o envolvimento dos diferentes grupos sociais com o selecionado brasileiro. Ao invés de se constituir somente em mais um instrumento para a imposição do projeto político estado-novista, o futebol acabou por se apresentar como lugar social e simbólico de questionamento dos padrões e do projeto de nação desejado pelos artífices da campanha, ainda que o regime tenha se beneficiado dos dividendos gerados por aquele empreendimento.

Mesmo que provocando certo arrefecimento das tensões políticas, na ótica do embaixador norte-americano, a Copa do Mundo de 1938 promoveu uma efervescência das próprias tensões sociais entre os agentes e grupos envolvidos com a participação brasileira, arregimentando número incontável de torcedores, na construção do ideal de nação (realizado no escrete brasileiro), uma obra de edificação que esteve longe de atender ao projeto do regime de produção de consenso, harmonia e controle sobre a sociedade civil.

Tamanha mobilização e impacto daquele acontecimento no país, não permitiria afirmar que mesmo a disputa do terceiro lugar contra a Suécia se tornara mera formalidade. Mais do que um posto honroso ou um prêmio de consolação, o terceiro posto era tido pela imprensa brasileira como uma comprovação de que não fossem os “homens do apito” e os brasileiros seriam os campeões mundiais.

O adversário da vez passara pela primeira fase sem entrar em campo, por conta da já mencionada ausência da seleção austríaca. Favorecidos pelo cruzamento do torneio, nas quartas-de-final, tiveram pela frente a seleção de Cuba, em confronto cujo resultado bem expôs a grande diferença entre os dois escretes: 8 a 0; placar que figuraria como o mais elástico daquela Copa do Mundo. Todavia, no caminho até a final, existia ainda uma pedra de tropeço: a Hungria. O placar de 5 a 1 para os húngaros deixou a impressão aos jornalistas brasileiros de que, não fosse o caminho menos espinhoso até a semifinal, e os suecos não teriam chegado tão longe no campeonato mundial.

Dessa forma, brasileiros e suecos entraram em campo no *Parc de Lescure*, em Bordeaux, em sua última participação na Copa de 1938. O início do jogo contrariou a lógica determinada pela trajetória das duas seleções no torneio e a Suécia não só abriu o placar como, pouco antes do

---

<sup>378</sup> Ibid., p. 83 e 84.

final da primeira etapa, já vencia por 2 a 0, com gols de Jonasson e Neyberg. Mesmo com a volta de Leônidas à equipe, o Brasil não conseguiu impor seu jogo e, de acordo com o *Jornal dos Sports*<sup>379</sup>, os jogadores demonstraram certo desinteresse pela partida, sendo displicentes, na maioria das jogadas, e a nossa ofensiva caracterizava-se pelo preciosismo de seus atacantes. Apesar do duro início, o Brasil conseguiu diminuir o placar, em boa jogada individual de Romeu que, após driblar três marcadores, chutou de fora da grande área para amenizar o prejuízo brasileiro.

Já no segundo tempo, o escrete nacional voltou muito mais ligado na partida e passou a pressionar os adversários. Logo no início da etapa final, Roberto foi derrubado na área pelo zagueiro Erickson e o árbitro marcou pênalti. Contudo, o ponta-esquerda Patesko chutou para fora a chance do empate, o que em nada afetou o andamento da partida, já que o Brasil continuou dominando as ações do jogo. Em mais uma boa jogada de Roberto, Romeu recebeu o cruzamento e finalizou, com forte chute, para marcar o seu segundo gol na partida. E a virada não demorou muito, em chute descrito como espetacular, por conta da longa distância, o “Diamante Negro” deu o ar de sua graça, marcando o terceiro gol do Brasil<sup>380</sup> e arrancando numerosos aplausos dos torcedores presentes ao estádio. Em seguida, o decisivo centroavante brasileiro ainda daria belo passe para que Perácio fechasse a goleada: Brasil 4 a 2.

Diferentemente do que se pensa nos dias de hoje no Brasil, o terceiro lugar era tido como uma colocação honrosa na época, principalmente porque a seleção brasileira nunca havia chegado tão longe em um campeonato mundial. Para toda a delegação, a sensação era de missão cumprida, apesar das circunstâncias que impediram a escalada a uma inédita final de Copa do Mundo. Ainda assim, os jogadores não alimentavam grandes expectativas, quanto à volta para casa. Entretanto, eles seriam em muito surpreendidos.

---

<sup>379</sup> Disputa do terceiro lugar:

Brasil 4 x Suécia 2

Data: 19 de junho de 1938

Local: *Parc de Lescure* (Bordeaux)

Árbitro: Jean Langews (Bélgica)

Gols: Jonasson 18, Nyberg 38, Romeu 43 do 1º tempo; Leônidas 18 e 28, Perácio 35 do 2º.

BRASIL: Batatais; Domingos, Machado; Zezé Procópio, Brandão, Afonsinho; Roberto, Romeu, Leônidas, Perácio, Patesko.

SUÉCIA: Abrahamsson; Eriksson, Nilsson; Almgren, Linderholm, Svanstroem; Bersson, H. Andersson, Jonasson, A. Andersson, Nyberg. *Jornal dos Sports*, 20 de junho de 1938, p. 1 e 4.

<sup>380</sup> Esse gol elevou Leônidas à condição de um dos artilheiros da Copa de 1938, com sete gols marcados, ao lado do centroavante húngaro, Szentgellen.

A bordo do “Almanzora”, a primeira parada da delegação, de volta ao país, foi na cidade de Recife. Uma grande massa de torcedores se instalou no cais, desde as primeiras horas do dia, aguardando a chegada do transatlântico. O delírio tomou conta do público, quando os primeiros jogadores começaram a desembarcar, seguindo de carro para o “Grande Hotel”, onde aconteceria os discursos oficiais e cada atleta receberia uma medalha de ouro, como homenagem da cidade aos *scratchmens*. Ali estava concentrada uma multidão ansiosa por ouvir algumas palavras dos craques, através da varanda do primeiro andar do “Grande Hotel”, onde havia um microfone instalado com diversos alto-falantes da P.R.A. 8, posicionados em direção ao grande público. Dentre todos os jogadores, o mais aclamado foi Leônidas, que resumia em seu discurso o sentimento que tomava conta de quase todos os brasileiros: “*Os brasileiros cumpriram seu dever. Não voltaram vencidos, espoliados, sim ... a superioridade do team brasileiro é incontestável. E se não veio para o Brasil a Copa do Mundo é porque a força do apito vale mais do que a força do Direito*”<sup>381</sup>.

Depois da solenidade no “Grande Hotel”, a delegação seguiu para o Palácio do Governo. Contudo, não foi fácil para os jogadores deixarem o hotel e entrarem nos carros que os conduziram à sede do governo, principalmente para o “Diamante Negro”: “*Quando Leônidas apareceu para tomar lugar no automóvel que o conduziria juntamente com os companheiros para participar da recepção oferecida pelo interventor, a multidão quebrou todas as resistências para carregá-lo até o carro, enquanto uma massa incalculável o seguia a pé*”<sup>382</sup>.

Após as intensas manifestações em Recife, a delegação desembarcou em Salvador, onde, mais uma vez, os jogadores foram recebidos por uma multidão de torcedores, em uma demonstração grandiosa de toda a gratidão dos baianos a cada um dos “heróis” da Copa do Mundo, com destaque para os ídolos do Flamengo, Walter e Leônidas:

“Os membros da embaixada brasileira da *football* eram aguardados no cais por grande multidão que os ovacionava, principalmente a Walter e Leônidas...

O povo carregou Leônidas até o automóvel que os conduziu ao Palácio do Governo, pois o interventor manifestou desejo de conhecê-lo. Afonso e Roberto executaram, no rádio, um samba dedicado à Bahia. Os jogadores foram entusiasmamente saudados em todas as ruas que passaram em visita a cidade”<sup>383</sup>.

Entretanto, a grande recepção aconteceria mesmo nas ruas do Rio de Janeiro, onde, em mais uma iniciativa de Mario Filho – conjugando o apoio do *Jornal dos Sports*, de *O Globo*, da

<sup>381</sup> *Diário de Pernambuco*, 9 de julho de 1938, p. 12.

<sup>382</sup> *Jornal dos Sports*, 9 de julho de 1938, p. 4.

<sup>383</sup> *Jornal dos Sports*, 10 de julho de 1938, p. 6.

Rádio *Club* do Brasil e da CBD -, preparava-se um grande desfile da delegação em carro aberto, partindo do Cais Mauá, passando pelas principais ruas e avenidas da cidade, até a sede do Botafogo, onde ocorreria o encerramento dos festejos, em homenagem aos craques brasileiros. Era o “Desfile Monstro”, a mobilizar todo o “Brasil esportivo”: “*Será realizado um desfile monstro, com a participação de todos os clubes e entidades que desejarem se associar ao cortejo, traduzindo desta forma a gratidão de todo o Brasil esportivo que vibrou com o feito de nossos rapazes*”<sup>384</sup>.

Na coluna “Críticas e Sugestões”, do *Jornal dos Sports*, o cronista tratava de deixar o seguinte recado aos leitores torcedores, quanto à data de 11 de julho, em que a delegação desembarcaria no Rio de Janeiro:

“E temos, em virtude do esforço despendido, de respeitar o entusiasmo que não podemos sopitar e que se expandiu, livremente, atingindo até o delírio, em cada rincão do Brasil. A censura é um recuo, a revolta uma iniquidade. Seria apagar os momentos de vibração, os ímpetos de orgulho, a emoção que não escondemos e que exibimos nas ruas, como a oferenda única e justa aos bravos rapazes que defenderam o renome do *football* brasileiro. Vamos pagar a dúvida que contraímos sem as negações do mau pagador: repetindo as cenas de indescritível entusiasmo. O dia 11 de julho adquire uma significação nova. É o instante de mostrar que a cidade não esquece o esforço e a dedicação daqueles que serviram o Brasil. E este será o único estímulo para futuras jornadas”<sup>385</sup>.

Nas palavras acima, a recepção era apresentada como um momento em que a cidade finalmente poderia demonstrar, aos craques brasileiros, todo o entusiasmo que a acompanhou durante as irradiações das partidas na Copa do Mundo. Após reunião entre Mario Filho e o vice-presidente em exercício da CBD, Teixeira de Lemos, na sede da entidade, ficou acertado o apoio da Confederação ao “Desfile Monstro”, cuja organização compreenderia, desde o desembarque no Cais Mauá, até o destino final da recepção, a sede do Botafogo F. C.

Mais uma vez, a atuação de Mario Filho, na articulação de uma iniciativa de vulto ligada àquela campanha, foi ao encontro do papel desempenhado por ele e Thomaz Mazzoni - muito embora sob propostas distintas – não somente nas páginas esportivas, bem como na vivência do jornalismo esportivo. Tais figuras vão contribuir, à sua maneira, para a elevação do aspecto festivo do rito futebolístico, conforme sublinha Melina Pardini: “*Ao ressaltar a festa presente no ritual futebolístico, esses jornalistas representavam o futebol como um carnaval diário na*

---

<sup>384</sup> Ibid.

<sup>385</sup> *Jornal dos Sports*, 8 de julho de 1938, p. 2.

*sociedade, concretizando esse esporte como espetáculo e acentuando o seu aspecto mobilizador de massas”* <sup>386</sup>.

E foi justamente nesse misto de festa, espetáculo e solenidade que o “Desfile Monstro” se realizaria nas ruas da capital federal, permeado por uma atmosfera patriótica, assim descrita pelo *Diário de Pernambuco*:

“A pouca precisão sobre a hora em que o ‘Almanzora’ atracaria não serviu de óbice para o afluxo do povo. Ao contrário, como que o intensificou, pois, receando chegar atrasado, o público desde as primeiras horas da tarde começou a tomar posição nos pontos em que os players teriam que passar. Naturalmente, a grande ansiedade que animava a todos de aplaudi-los orientou a maior massa de povo para a praça Mauá que, já antes das 14 horas, apresentava uma belíssima imponência, inteiramente cheia. As calçadas, a rua, os bancos, os monumentos, as árvores, enfim, tudo quanto pudesse oferecer apoio a uma melhor visão foi tomado pela multidão. E, à medida que se aproximava a hora do desembarque, mais crescia a massa de povo. O trânsito se tornava cada vez mais difícil e terminou impossível.

A polícia, que estabelecera cordões de isolamento nas proximidades do Touring Club, continha à custa a ansiedade do público e conflitos ligeiros surgiam aqui e ali. E não somente na praça Mauá, mas em todo o trajeto anteriormente traçado para o cortejo com os cracks, o povo e massa se comprimiam para vê-los passar, constituindo isso tudo um aspecto como há muito não é dado observar em nossa cidade, tanto pela sua espontaneidade como pelo seu brilho e animação ...

Somente cerca das 16 horas é que o Almanzora ficou à vista dos que se encontravam na praça Mauá. Um novo frêmito de entusiasmo agitou a multidão, aumentando a sua ansiedade e dando maior trabalho aos mantenedores da ordem, que, afinal, se viram impotentes para conter a investida pacífica e alegre, mas decidida, realizada pelo povo, quando o pacote inglês concluiu as manobras de atracação.

Constituiu um acontecimento de excepcional relevo desfile dos cracks brasileiros, pela avenida, logo após o desembarque. A nossa principal artéria apresentava aspecto festivo, com as sacadas embandeiradas e despejando, sobre incalculável massa popular, confetes e serpentinas em profusão.

A cidade viveu um dos seus grandes dias, comparecendo o povo em verdadeira avalanche, tomando de assalto todos os pontos estratégicos, inclusive as marquises dos grandes edifícios, onde eram vistas senhoras em atitude de absoluto entusiasmo.

No trecho entre a rua do Ouvidor e a Galeria Cruzeiro os aplausos chegaram a ser ensurdecadores, aliados ao explodir das bombas e do gritar das ‘sirenes’.

Foi um espetáculo grandioso que a cidade poucas vezes tem assistido” <sup>387</sup>.

O interessante em toda a obra de composição e divulgação do cortejo da delegação, nas ruas do Rio, é que a própria designação de “Desfile” trazia em si a proposta solene, oficial, de uma celebração marcada pelo controle social a reger o encontro da delegação com os torcedores brasileiros. Ao menos no campo dos propósitos dos organizadores do evento, o caráter pretendido para a ocasião se assemelhava bastante ao que DaMatta identifica, ao analisar as comemorações do Dia da Pátria:

<sup>386</sup> PARDINI, op. cit., p. 137.

<sup>387</sup> *Diário de Pernambuco*, 13 de julho de 1938, p. 8.

“[No Dia da Pátria] O povo faz o papel de assistente, e, junto com os soldados, prestigia o ato de solidariedade e de respeito às autoridades e aos símbolos nacionais (a bandeira e as armas da República)... A forma assumida desse gesto é uma parada militar, termo que, em português, vem do verbo parar e que tem alto conteúdo simbólico. De fato, o desfile militar (e desfilar é andar em fila) aponta simbolicamente para um congelamento ou uma “parada” da estrutura social, e não poderia ser de outro modo. Isso porque as corporações desfilam seguindo uma rigorosa ordem... de desfile. A cerimônia segue, pois, atualizando em todos os seus níveis as distinções hierárquicas, estando organizada numa cadeia de comandos que vai das autoridades civis e militares, isoladas no palanque, para as tropas que desfilam (ordenadas segundo sua hierarquia interna), até o povo que participa da solenidade como assistente...[Assim] o desfile militar cria um sentido de unidade”<sup>388</sup>.

A análise de DaMatta, quanto ao papel do povo, em relação à parada militar, isto é, aos desfiles das corporações que compõem o sentido solene do Dia da Pátria, permite traçar um paralelo com a organização da recepção no Rio de Janeiro. A própria designação dada pela imprensa de “Desfile Monstro” (que visava enfatizar a grande dimensão do acontecimento, somada à perspectiva de ordenação e disciplinarização do regime sobre a sociedade civil) já permitia esse paralelo, desejável ao Estado-Novo, em relação às paradas militares, que marcavam as solenidades oficiais e comemorações cívicas do governo Vargas. O sentido de unidade que se procurava construir, entre os diferentes grupos no Dia da Pátria, está rigidamente assentado na distribuição hierárquica do espaço, na ordem dos desfiles (das diferentes corporações e agremiações) e na posição simbólica de autoridades e expectadores. A esses últimos se reservava a posição de assistente, mas uma assistência comportada, que deve se manter (e, quando necessário, ser mantida) atrás do cordão de isolamento, em obediência à ordenação do desfile, se colocando de forma respeitosa, em relação aos símbolos nacionais evocados e às autoridades presentes à cerimônia.

Para o caso do cortejo, realizado na capital da República, em homenagem ao selecionado nacional, ao invés de corporações militares, os membros da delegação é que desfilariam, em carros abertos, pelos principais pontos da cidade, acompanhados de dirigentes das principais entidades esportivas nacionais, como também de representantes dos principais clubes da cidade.

O caráter popular reivindicado pelos organizadores residiria no pressuposto de que o cortejo não se realizaria para a contemplação das autoridades políticas, mas para que os torcedores pudessem ver de perto e saudar os craques brasileiros. Daí o adjetivo “monstro”, que somente poderia ser conferido, devido à esperada participação de uma a multidão de aficionados,

---

<sup>388</sup> DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 56-57, grifo nosso.

durante todo o percurso do desfile da delegação. Ainda assim, a esses agentes, o lugar cativo não seria outro senão atrás dos cordões de isolamento.

Dessa forma, o espaço dos torcedores, a partir do início do desfile, era o da calçada, onde lhes era permitido assistir ao cortejo e aplaudi-lo. A organização e o planejamento da solenidade, mais uma vez, expressavam o autoritarismo hierarquizante e segregador, característico do regime estado-novista. Enquanto isso, à imprensa esportiva cabia a caracterização da ocasião como se tratasse de um verdadeiro “carnaval fora de época”, a fim de transmitir uma idéia de liberdade festiva que, contudo, não se realizou.

De todo modo, é a observação da dimensão ritualística do “Desfile Monstro” que possibilita a percepção da participação dos torcedores, em sua relação estreita com o escrete nacional e com a campanha brasileira. O rito emerge, nessa ocasião, como terreno de tensões em que é possível perceber e problematizar o que haveria de peculiar na manifestação daqueles que - qualificados por termos como “massa” e “multidão” - têm sua ação esvaziada pela investidura do anonimato, silenciados por aqueles (imprensa, dirigentes, políticos) que se pretendem porta-vozes desses “desconhecidos” (torcedores).

Para compreender a movimentação desses agentes é que o olhar deve se dirigir a tais “zonas de encontro e mediação”<sup>389</sup> que correspondem aos rituais públicos, como o futebol. Ritos que possibilitam, não a compreensão da real “identidade” brasileira - como se propõe a encontrar DaMatta -, mas a percepção da diversidade de “identidades” e mesmo as negociações e conflitos possíveis nesses espaços, enquanto lugares que produzem e expressam significados sociais:

“Por outro lado, discutir as peculiaridades de nossa sociedade é estudar também essas zonas de encontro e mediação, essas praças e adros dados pelos carnavais, pelas procissões e pelas malandragens, zonas onde o tempo fica suspenso e uma nova rotina deve ser repetida ou inovada, onde os problemas são esquecidos ou enfrentados; pois aqui - suspensos entre a rotina automática e a festa que reconstrói o mundo - tocamos o reino da liberdade e do essencialmente humano. É nessas regiões que renasce o poder do sistema, mas é também aqui que se pode forjar a esperança de ver o mundo de cabeça para baixo”<sup>390</sup>

Ao classificar o carnaval e a data comemorativa oficial do Dia da Independência como “rituais nacionais”, DaMatta apresenta os pressupostos que orientam essa classificação. Para ser considerado nacional, o rito deve mobilizar a atenção de toda a sociedade nacional e não somente dramatizar valores e sentidos caros a alguns grupos. O indício desse envolvimento é a alteração

---

<sup>389</sup> Ibid.

<sup>390</sup> Ibid., p. 18.

da rotina da coletividade nacional e conseqüente suspensão ou mudança radical de suas atividades, a saber, as relacionadas ao trabalho, o que possibilita a definição, desses momentos extraordinários da vida da nação, como “feriados nacionais”<sup>391</sup>.

Muito embora na classificação do antropólogo se observe uma clara separação entre as esferas festiva e solene, para a análise desse episódio, como rito futebolístico e de dimensão nacional, não se pode ignorar a tentativa de ordenação e conseqüente formalização das festividades, bem como os momentos de ruptura dessa lógica pelos torcedores. É possível e necessário observar sob esse prisma de interpenetração entre as esferas, evitando-se uma classificação de clássica dicotomização, que acabe por engessar a reflexão.

Seriedade, ordem, hierarquia, são princípios novamente evocados para reger as manifestações das ruas, não só durante os jogos do Brasil na Copa de 1938, assim como no retorno da delegação. A “festa” deveria ocorrer de maneira civilizada e, para isso, observam-se as duas dimensões dos processos civilizatórios, sinalizadas por Norbert Elias<sup>392</sup>: o controle externo (via medidas de organização e discursos orientadores por parte principalmente da imprensa esportiva) e o autocontrole (dimensão esta incutida e estimulada nos torcedores por um contexto ditatorial e repressivo).

É sob tal perspectiva de controle social que deveria se desenrolar o cortejo da delegação brasileira, em seu reencontro com a assistência na capital do país. E para a viabilização desse planejamento solene, a própria orientação da relação tempo / espaço da cerimônia atendia ao propósito de uma maior organização, com o ritual diurno possibilitando uma mais nítida demarcação dos espaços, que cabiam aos mais altos participantes, como também aos não tão estimados assim<sup>393</sup>.

Nesse sentido, o cortejo da delegação brasileira teria seu trajeto disposto - desde o desembarque da delegação no Cais Mauá, até o ponto final na sede do Botafogo - de maneira a compreender algumas das principais avenidas da cidade. Desse modo, constituía-se uma dinâmica de ordem e hierarquia entre os participantes do ritual, mais especificamente entre os desfilantes e os expectadores. O percurso foi o seguinte:

---

<sup>391</sup> Ibid., p. 46.

<sup>392</sup> ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Ruy Jungman (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1994.

<sup>393</sup> Para uma análise mais profunda da relação tempo e espaço, na construção do sentido dos rituais nacionais, ver: DAMATTA, op. cit., p. 55-56.

“Cais Mauá, Avenida Rio Branco, Beira-mar, Osvaldo Cruz, Praia de Botafogo, Avenida Pasteur e Avenida Wenceslau Braz. O ponto terminal será a sede do Botafogo F. C., onde serão prestadas as últimas homenagens. A diretoria do ‘glorioso’ oferecerá, aos *scratchmens*, uma taça de champagne, sendo na ocasião levantados os brindes e proferidos os discursos oficiais”<sup>394</sup>.

Mesmo que se assemelhando, em seu caráter e planejamento, às paradas militares do Dia da Pátria, o “Desfile Monstro” se apresentaria como uma associação de elementos, em que se pode identificar também semelhanças com o carnaval e com as próprias procissões religiosas. Fato é que o cortejo da delegação teria um cunho oficial expresso, não somente através da presença de políticos e autoridades esportivas, bem como pelo desfile de atletas e representantes das principais agremiações clubísticas da cidade, de modo a fornecer uma idéia de unidade da nação esportiva, que consagraria a representação – em última instância – da própria unidade nacional. Assim, tais associações foram chamadas à participação para reforçar (em conjunto com os torcedores) o lema da recepção no Rio de Janeiro: “*todos juntos na consagração do Brasil!*”.

Nessa direção analítica, o diálogo com DaMatta, acerca desses momentos ritualísticos da vida nacional demanda a consideração primordial de que cada um desses ritos se constituem como discursos sobre a estrutura social brasileira e que, por isso mesmo, não precisam ser irrestritamente coerentes em suas proposições - a despeito de simbolizar uma solenidade pública ou uma “festa” popular. Na vivência de suas práticas, tais rituais nacionais acabam por mesclar componentes, personagens, sentidos, se configurando como um terreno de múltiplos universos, interpretações, visões, significados, em um determinado contexto sócio-histórico.

Logo, mesmo o argumento de DaMatta acerca do predomínio do caráter *formal* ou *informal*, nesses ritos, não implica a desconsideração da ambigüidade da ordem social, que se manifesta nessas ocasiões, uma vez que elementos que parecem exclusivos a um grupo são utilizados e ressignificados por outro(s)<sup>395</sup>. Dessa maneira, o envolvimento dos torcedores com o “Desfile Monstro” acabou por se realizar na contramão do planejamento de seus organizadores, uma vez que, o comportamento equilibrado, obediente e contemplativo que se esperava e se exigia dos aficionados, acabou sucumbindo ante a forma espontânea e criativa com que a multidão enfrentou as barreiras que lhes eram impostas.

Após o frenesi verificado no desembarque, no cais Mauá, a passagem do cortejo pela Avenida Rio Branco desencadeou inúmeras manifestações, ainda que nem sempre as mais

<sup>394</sup> *Jornal dos Sports*, 10 de julho de 1938, p. 6.

<sup>395</sup> DAMATTA, op. cit., p. 68-69.

desejadas pela imprensa esportiva. O primeiro carro a chegar à altura da rua do Ouvidor trouxe Domingos (que acenava com braço estendido, saudando a multidão), Perácio, Argemiro e Brandão. Bastou a passagem do veículo com os jogadores para a multidão invadir a avenida e paralisar por alguns minutos o desfile: “Após a passagem do primeiro carro, o cortejo sofreu uma interrupção, de cerca de vinte minutos, motivada pela invasão do povo na Avenida. Os automóveis não podiam seguir e a polícia, a muito custo, conseguiu abrir passagem para os veículos”<sup>396</sup>.

As matérias do jornal de Mario Filho davam conta dos momentos de loucura dos aficionados, ao se depararem com os seus “heróis”. O sucesso do Desfile, sublinhado repetidamente nas páginas do *Jornal dos Sports*, teve de dividir espaço com notas sobre o “tumulto” que marcara a recepção desde o seu início, com vários acidentes sendo registrados ainda na praça Mauá:

“São os seguintes os acidentados: José Britto Mello, comerciário, foi atropelado por automóvel sofrendo, ao que parece, fratura da perna esquerda; Fernando Liberato Filho foi vítima de mal súbito; Wilson Lourenço Prado, artista de rádio, residente à rua Pereira Soares, 18, caiu de um poste, sofrendo contusões no frontal, e Manoel Bastos Sobrinho, comerciário, residente à rua Caxamby, 520, sofreu fratura do braço esquerdo; acabava de abraçar Perácio e ia abraçar Leônidas quando foi atingido por violento golpe de cassetete”<sup>397</sup>.



(Flagrante obtido no cais de desembarque, quando numerosos torcedores assistiam à chegada dos jogadores brasileiros. *Jornal dos Sports*, 12 de julho de 1938, p. 1)

<sup>396</sup> *Diário de Pernambuco*, 13 de julho de 1938, p. 8.

<sup>397</sup> *Jornal dos Sports*, 12 de julho de 1938, p. 4.

Para muitos dos torcedores que vivenciavam a alegria e a emoção do reencontro com os seus ídolos, todo esforço era válido para chegar o mais próximo possível dos craques brasileiros. Valia subir em postes por uma visão mais privilegiada; valia romper o cordão de isolamento; valia até mesmo suportar os golpes de cassetete para abraçar os jogadores do escrete nacional. Muitos desses torcedores faziam de tudo para estreitar ainda mais os laços com os seus heróis, mesmo que um abraço de gratidão e de carinho pudesse custar até mesmo um atropelamento.

Entretanto, a exaltação popular não se resumiu à adulação aos componentes da seleção. Mesmo os aplausos e gritos, que ecoavam durante todo o trajeto, conviviam com o sentimento que a Copa de 1938 havia deixado em muitos dos que acompanharam a trajetória brasileira: “*A bordo do ‘Almanzora’ chegaram os jogadores brasileiros. Transportados em automóveis de admiradores, passaram em cortejo pela Avenida Rio Branco, onde se reuniam milhares de pessoas que gritavam: ‘Viva os campeões roubados!’.* ‘*Abaixo a FIFA!*’”<sup>398</sup>.

Na concepção de muitos da imprensa esportiva, a atmosfera festiva estaria restrita aos dias de jogos e por conta dos muitos dias que ainda separavam o fim do torneio do regresso dos jogadores ao Brasil, não havia tanta convicção de que os torcedores prestigiariam da maneira devida o retorno do escrete. Porém, o receio de que o feito brasileiro logo caísse no esquecimento, pelo dinamismo da vida nas metrópoles brasileiras, nem de longe se confirmaria:

“(…) Ora, o milagre realizado por Leônidas e seus companheiros consiste precisamente em terem, sem o querer, forçado o brasileiro a fixar-se por mais de 48 horas num assunto empolgante. Muita gente, conhecendo esse feitio tão nosso de esquecer com extraordinária rapidez os acontecimentos mais sérios, estava persuadida de que o Rio de Janeiro faria aos jogadores uma recepção medíocre. Afinal de contas, lá já se vai o Campeonato. A vitória de nossos patrícios, para uma cidade sempre cheia de novidades, é história velha. Vibramos, choramos, maldizemos, sorrimos, numa palavra, torcemos doidamente, mas por isto mesmo que vivemos alguns dias de paroxismo verdadeiro, era natural que os jogadores nos encontrassem excedidos. E eis que não! A cidade renovou o seu entusiasmo, como se pela primeira vez se ocupasse dos bravos rapazes que desceram ali no cais do porto depois de terem elevado muito alto o nome do Brasil. A recepção foi uma coisa extraordinária... a multidão dominada pelo delírio de aplaudir, de vitoriar, no mais eloquente das consagrações. E tudo isso é tanto mais significativo quanto há da parte de todos os manifestantes, não o propósito de saudar indivíduos poderosos e capazes de, pela sua influência, modificar a situação de fortuna deste ou daquele, mas de enaltecer o mérito alheio. Foi a mais espontânea das manifestações, portanto.... A homenagem foi, como não podia deixar de ser, de um tocante desinteresse. Meninos, velhos, moços todos queriam que os jogadores lhes dessem uma lembrança qualquer. Daí a disputa de autógrafos. Nada mais justo. Os nossos patrícios realizaram esta coisa espantosa: o brasileiro, tão inclinado ao pessimismo, a menoscar o que é legitimamente nosso, pela primeira vez sentiu um grande orgulho de ser brasileiro. Os jogadores de futebol fizeram com que nós, em dado momento, acreditássemos em nós mesmos. Tanto bastou para que o Brasil se

<sup>398</sup> *A Gazeta*, 12 de julho de 1938, p. 8.

sentisse eletrizado. Os dias em que se disputava o campeonato foram dias de fé nos destinos da pátria.

Reconheçamos que o futebol, aí, serviu apenas de pretexto. Se, em vez de futebol fosse um torneio de oratória do qual participasse um grande orador brasileiro, o entusiasmo não seria menor”<sup>399</sup>.

Nas palavras do cronista, as manifestações de consagração, verificadas na capital brasileira e provocadas pelos jogadores do escrete, se tratavam de algo extraordinário, como se muitos torcedores estivessem inesperadamente aprisionados naquela atmosfera futebolística. No entanto, para o mesmo autor, todo aquele entusiasmo se explicaria pelo reencontro dos brasileiros com o orgulho de sua identidade. Assim sendo, agigantava-se a força do entusiasmo patriótico e diminuía-se o peso do futebol na vida nacional, o que, como sem tem visto, não correspondia ao sentimento da maioria daqueles torcedores, cada vez mais ligados ao universo futebolístico e à seleção.

Muito mais que o pretexto da vez, o futebol emergia, naquela ocasião, como um rito de caráter ambíguo, momento privilegiado para a propagação de determinados valores dominantes, bem como para a ressignificação dos mesmos e sua rejeição. Ou seja, aquela ocasião tornou-se também oportuna para a ação criativa e reflexiva dos torcedores, para expressão de sua consciência e de visões de mundo diferenciadas, em relação ao que se pretendia afirmar a partir da Copa de 1938.

Ordem e formalidade se misturavam ao comportamento espontâneo dos aficionados, muitas vezes alheios às convenções e restrições que lhes eram impostas pela organização da recepção, na composição de um quadro contrastante entre a oficialidade dos protagonistas desfilantes e a liberdade desejada pelos coadjuvantes torcedores:

“Rio, 11 (H) – Os ‘cracks’ brasileiros ... desde que pisaram em terras patricias, vem sendo alvo das mais significativas manifestações. Entretanto, acreditamos, nenhuma delas, sem dúvida, se pareceu com a que tiveram os valorosos integrantes da nossa equipe no sensacional certame, quando o ‘Almanzora’ entrou na Baía da Guanabara, numerosas embarcações já o aguardavam para o comboio à praça Mauá, onde estacionava uma verdadeira multidão, que se estendia ao longo da Avenida Rio Branco. A nossa principal artéria achava-se toda engalanada tendo quase todos os edifícios embandeirados. Muito antes da chegada do ‘Almanzora’, já o trânsito era desviado, ficando a avenida entregue inteiramente ao povo, que esperava a passagem dos ‘cracks’. Depois de muito custo foi então organizado o longo cortejo, no qual formavam representações de todos os clubes desta capital, devidamente uniformizados e que eram precedidos por batedores da Inspetoria do Tráfego, em uniformes de gala, que prestaram também a sua homenagem aos jogadores.

Já então, passava das 16 horas. A vibração que sacudiu a multidão não se descreve. O estouro das bombas e a gritaria que se verificou foram ensurdecadores. Um cerrado cordão

<sup>399</sup> *A Gazeta*, 14 de julho de 1938, p. 2.

de isolamento evitava que a multidão se acercasse dos automóveis, mas, assim mesmo, Leônidas, de todos o mais visado, vinha no seu carro, um transporte do Corpo de Fuzileiros Navais, rodeado de praças dessa corporação, e foi parar nos braços da multidão<sup>400</sup>

...  
Foi uma cena inédita e indescritível. Todos queriam abraçá-lo... O povo arrancou Leônidas do automóvel na praça Mauá. O grande *center-forward* nacional rogava que se afastassem porque queria respirar. Os fuzileiros navais, na impossibilidade de o isolar, usaram cassetetes e conseguiram metê-lo num carro-forte. Não obstante, a massa popular acompanhou o veículo na esperança de abraçar Leônidas. É um fato inédito. Não há memória na cidade de que nenhum vulto proeminente necessitasse socorro da polícia, a fim de evitar que morresse nos braços do povo”<sup>401</sup>.

Ainda que com todo o amparo policial, Leônidas, o mais assediado e festejado da delegação, não conseguiu escapar do entusiasmo da multidão. O interessante nessa cobertura do encontro dos torcedores com o selecionado brasileiro é que o encerramento do “Desfile Monstro”, na sede do Botafogo, demarcava um desfecho bastante restrito, em que finalmente a elite esportiva carioca poderia “abraçar” a seleção. Era o momento previsto de encontro dos “reis do *football*” com os seus súditos “mais nobres”:

“(...) na sede do Botafogo F.C., ponto terminal do cortejo, mais uma vez a delegação brasileira de *football* encontrou o aplauso quente, espontâneo, sincero e o que é mais significativo, de uma multidão de elite onde o elemento feminino predominava, com o seu sorriso e a sua graça. Na avenida Wenceslau Braz, em frente à sede do ‘glorioso’ um extenso cordão de isolamento mantinha os ‘fans’ a distância, enquanto no interior do palacete colonial altas autoridades esportivas da cidade, além de numerosos associados do Botafogo e famílias aguardavam a chegada dos automóveis conduzindo os reis do *football*”<sup>402</sup>.

Na entusiasmada descrição do *Jornal dos Sports*, os acalorados aplausos deveriam ser ressaltados, em seu valor e significado, por partirem de uma “multidão de elite” que, agraciada pela marcante presença feminina, enobrecia a recepção em frente à sede do Botafogo. Dali em diante, ao mais simples torcedor restava o consolo de observar a distância, separado por um “extenso cordão de isolamento”, os festejos aos “cracks” brasileiros. Na sede do “Glorioso” estava aberta uma verdadeira “caça” aos autógrafos de cada componente do escrete:

“(...) Houve um momento em que o repórter teve a impressão de que se encontrava em Hollywood ou uma capital da Europa, onde a paixão dos autógrafos chega a empolgar. Senhoritas, senhoras, rapazes, garotos, com cartões, pequenos livros e às vezes, simples papel apanhado ao acaso, iniciaram verdadeira caçada às assinaturas dos ‘cracks’ ... e o nosso companheiro Everardo Lopes, teve de satisfazer muitos *fans* que confundiram-no, pelo sobrenome, com o ponta-direita do *team* azul”<sup>403</sup>.

<sup>400</sup> *A Gazeta*, 14 de julho de 1938, p. 9.

<sup>401</sup> *Ibid.*

<sup>402</sup> *Jornal dos Sports*, 12 de julho de 1938, p. 4.

<sup>403</sup> *Ibid.*

Ao correspondente do diário esportivo carioca que cobria a participação brasileira na Copa do Mundo, Everardo Lopes, o assédio dos torcedores, no salão do alvinegro carioca, se assemelhava ao frenesi de Hollywood. Como se faziam aos astros de cinema, os aficionados disputavam as assinaturas dos craques brasileiros e, na confusão, até mesmo quem não era jogador, caso do próprio jornalista, não escapara do apetite voraz dos *fans*. Mesmo em toda essa agitação, o desfecho distintivo em nada se comparava ao brilho da festa dos torcedores pelas ruas da cidade. O *Diário de Pernambuco* assim descreveu o cortejo da delegação brasileira pelas ruas da capital da República:

“Constituiu um acontecimento de excepcional relevo o desfile dos *cracks* brasileiros pela avenida, logo após o desembarque. A nossa principal artéria apresentava aspecto festivo, com as sacadas embandeiradas e despejando sobre incalculável massa popular, confetes e serpentinas em profusão.

A cidade viveu um dos seus grandes dias, comparecendo o povo em verdadeira avalanche, tomando de assalto todos os pontos estratégicos, inclusive as marquises dos grandes edifícios, onde eram vistas senhoras em atitude de absoluto entusiasmo. Num trecho entre a Rua do Ouvidor e a galeria Cruzeiro os aplausos chegaram a ser ensurdecedores, aliado ao explodir das bombas, e dos gritos de ‘sirenes’. Foi um espetáculo grandioso, que a cidade poucas vezes tem assistido”<sup>404</sup>.

Para muitos, o que se viu e presenciou nas ruas do Rio de Janeiro foi um verdadeiro carnaval fora de época, com direito até a confete e serpentina. Saudava-se o escrete nacional, fazia-se “justiça” ao futebol brasileiro, e a justiça popular, naquele caso, não poderia vir de outro modo senão em forma de festa, uma festa digna de campeões mundiais, e não campeões “morais”, como rótulo mais desejado pelos organizadores da campanha.



<sup>404</sup> *Diário de Pernambuco*, 13 de julho de 1938, p. 8.

(A Revista *Careta* foi uma das que não perderam a oportunidade de ridicularizar a designação de campeões “morais” assumida pela imprensa esportiva, quanto ao escrete nacional. O texto, ilustrado pela gravura acima e com o sugestivo título de “Faz de Conta”, trazia o diálogo de dois cidadãos sobre o estranho comportamento de um torcedor, após o término da Copa de 1938:

- “- Que negócio é aquele?
- É um torcedor que não se conformou.
- Que tem ele nas mãos?
- É a taça, que nós ganhamos moralmente”. *Careta*, 9 de julho de 1938, p. 23).

De todo modo, na perspectiva do jornalista Mario Filho, aquela recepção deixava uma recordação indelével na vida esportiva nacional. Para o autor do *Negro no Foot-ball Brasileiro*, toda a multidão ali reunida a fim de homenagear o escrete nacional demonstrava a grandiosidade e o sucesso daquela campanha, da qual ele próprio era um dos principais artífices. Contudo, na visão do diretor do *Jornal dos Sports*, aquela apoteose das ruas tinha um significado ainda maior para a sociedade brasileira, pois não se festejava somente o Brasil, mas festejava-se o Brasil do negro Leônidas.

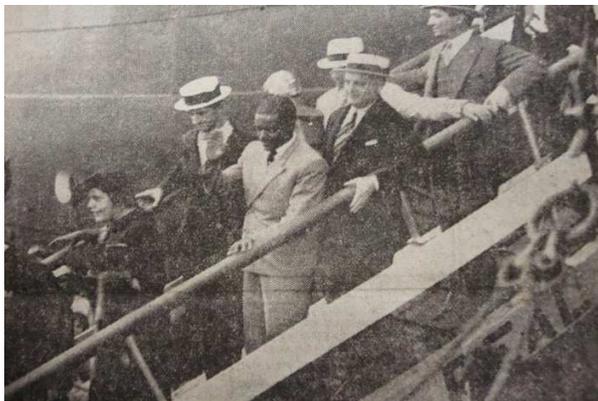
### 3.2 É a vez do preto? O “Diamante Negro” e as desavenças em torno de um protagonismo conquistado e construído

A recepção aos jogadores brasileiros, no Rio de Janeiro, seria rememorada por Mario Filho na primeira edição do *Negro no Foot-ball Brasileiro* (publicada no ano de 1947), a partir de uma construção narrativa dedicada a um único herói, Leônidas da Silva:

“Só se via torcedor descrevendo gol de Leônidas. Marcando gols de Leônidas contra a Itália. Leônidas era a vitória. Os outros tinham perdido, Leônidas não perdera uma vez. Por isso o torcedor deixou os outros de lado, ficou só com Leônidas, com a vitória. O que explica a volta triunfal do escrete brasileiro. O escrete brasileiro chegava numa cidade, o comércio fechava as portas, o povo ia para a rua carregar Leônidas em triunfo. Os outros jogadores dentro dos automóveis, os automóveis andando devagar, a passo de enterro, acompanhando o cortejo de Leônidas. E todo mundo pensando que estava homenageando o escrete brasileiro.

Os jogadores todos compareciam, a homenagem era para Leônidas, só para Leônidas receber medalhas, as *corbeilles* de flores, as flâmulas dos clubes, as bandeiras brasileiras.

Os outros assistiam, espremidos num salão arrebentando de gente, como se nem fossem jogadores”<sup>405</sup>.



(Flagrante do desembarque de Leônidas, no Rio de Janeiro. O “Diamante” foi um dos últimos jogadores a descer do “Almanzora”, para delírio dos torcedores na capital federal. *A Gazeta*, 12 de julho de 1938, p. 12)

Para o jornalista, que havia acompanhado bem de perto o desembarque dos atletas na capital da República, no dia 11 de julho, e o desfile da delegação pelos principais pontos da cidade, o reencontro do torcedor com a seleção foi uma recepção ao Brasil “vencedor”, e o Brasil “vencedor” se exprimia em Leônidas. Afinal de contas, a seleção – apesar da inédita conquista – havia perdido para a campeã Itália, na semifinal, enquanto Leônidas, em todas as partidas em que atuou no mundial, não sabia o que era a derrota. O escrete perdeu, Leônidas, não. Era nesse mote explicativo que Mario Filho recordaria a participação brasileira na Copa do Mundo de 1938.

O jornalista fazia questão de exaltar os feitos do “Diamante Negro”, o que justificaria todo o seu prestígio, no retorno ao país, a ponto de os torcedores “deixarem de lado” os demais jogadores, porque estavam nas ruas para homenagear Leônidas e, ao fazerem isso, deixavam a impressão de que honravam todo o escrete.

Entrementes, para a compreensão do protagonismo conquistado e construído em torno da figura de Leônidas é necessário recapitular a participação do centroavante na campanha brasileira, uma trajetória de percalços, polêmicas e sucesso que se confunde com a história do próprio escrete na Copa do Mundo de 1938. Vale lembrar, pois, do cartão de visitas apresentado por ele e pelos demais craques do Flamengo, logo após a notícia de sua convocação para o

---

<sup>405</sup> RODRIGUES FILHO, op. cit., p. 218-219.

período de treinamento da seleção, quando ainda excursionavam pela Bahia com o rubro-negro carioca. Para o cronista da *Gazeta* o alerta estava dado:

“A notícia chegada da Bahia não nos surpreende. Vários jogadores do Flamengo, entre eles Domingos, Fausto e Leônidas, como bons ídolos futebolísticos da maravilhosa Guanabara, após o jogo de estréia do Flamengo na Bahia, deixaram o hotel e foram gozar sua popularidade na cidade indo, depois, para o “cabaré”. Durante a alegre noite os rapazes acabaram por se insultar e por se agredir mutuamente. Bonita cena!

Domingos surrou os seus grandes amigos Fausto e Leônidas, interveio a polícia que foi desrespeitada e todos foram para a delegacia, sendo que Domingos foi recolhido ao xadrez! Fausto estava em trajes menores!!!

Exemplar amostra de disciplina!...

Domingos, Fausto e Leônidas são nomes apontados para a seleção nacional que irá a ‘Taça do Mundo’! Com esse espírito disciplinar de ‘cabaré’, com essa mentalidade de ‘touriste’, com essa ‘excelente’ demonstração de camaradagem, imaginem o que os Fausto, Domingos, Leônidas não irão fazer em Paris!...”<sup>406</sup>.

A “bonita cena” armada pelos “bons ídolos futebolísticos da maravilhosa Guanabara” era noticiada com uma indignação irônica e carregada pela rivalidade Rio x São Paulo, que pulsava nas páginas esportivas naquele contexto. No entanto, chama a atenção o fato de que a presença de Leônidas na seleção, desde sua convocação, se não era questionada em termos de sua qualidade como jogador, o era por seu comportamento.

Todavia, a desconfiança em torno da sua figura não pode ser explicada somente a partir daquela Copa do Mundo. Tal competição, que viria a se tornar o ápice de sua carreira futebolística, conviveria em sua trajetória com outros títulos expressivos e polêmicas, que extrapolavam os gramados.

O ano de 1932, que marcou uma de suas primeiras grandes conquistas (com o já mencionado triunfo na Copa Rio Branco, sobre o Uruguai), coincidiria também com um dos episódios mais marcantes de sua carreira. Durante a excursão de seu clube, o modesto Bonsucesso, pelas cidades de Santos e São Paulo, para a disputa de alguns amistosos de preparação para a temporada, Leônidas atrairia a atenção por razões nada agradáveis.

Dentro de campo, as vitórias contra um time local do litoral paulista e a surpreendente vitória, por 3 a 1, sobre o Palestra Itália, não seriam o assunto principal daquela viagem, conforme André Ribeiro:

“(...) corria pelas ruas do Rio a história do roubo de um colar envolvendo o jogador. O episódio teria acontecido pouco tempo antes, durante uma das viagens a Santos. Uma mulher com quem Leônidas tivera um caso o acusou de ter roubado o seu colar. Cabalero, amigo e empresário do Bonsucesso, teve de intervir e garantiu que tudo não passou de um mal-entendido. Leônidas teria pego apenas um broche que não valia 10 mil réis... A brincadeira acabou na delegacia, com Leônidas tendo de se explicar para as autoridades.

<sup>406</sup> *A Gazeta*, 23 de março de 1938, p. 11.

Mesmo liberado, a história correu centenas de quilômetros e no Rio só se falava no colar de Leônidas”<sup>407</sup>.

Por conta do suposto roubo do colar, à época, o ainda jovem e promissor centroavante já teria de se acostumar com as críticas da imprensa e gozações dos torcedores adversários, que, em jogos contra o Bonsucesso, cuidavam logo de lembrá-lo do ocorrido, conforme Denaldo Alchorne de Souza: “(...) *O Bonsucesso teve de desembolsar 40 mil réis por um colar para tentar deixar a mulher roubada em silêncio. Calou a boca da mulher, mas não da imprensa e muito menos da torcida adversária que fazia inúmeras provocações contra o jogador*”<sup>408</sup>.

De acordo com o historiador, é possível que, por conta desse episódio, Leônidas tenha recebido o apelido de “Diamante Negro”, assim chamado pelos torcedores adversários, para desestabilizá-lo em campo, procurando lembrá-lo do vexatório incidente. Existem outras versões que indicam a Copa de 1938 como o momento dessa designação, como um, dentre alguns apelidos, dados ao destaque brasileiro, pela imprensa francesa. Contudo, como esclarece André Ribeiro, já existiam referências a Leônidas como “Diamante Negro” em matérias de jornais de anos anteriores a esse mundial<sup>409</sup>. Ainda assim, para o autor da biografia do centroavante, foi mesmo a atuação de Leônidas na Copa de 1938 que acabou por consagrar positivamente o apelido:

“Há também uma versão de que teriam sido os uruguaiois os primeiros, em 1932, quando o Brasil conquistou a Copa Rio Branco, a colocar o apelido. Mesmo que todas as versões anteriores à Copa de 38 sejam verdadeiras, o fato é que somente a partir do mundial da França o apelido seria usado definitivamente”<sup>410</sup>.

Dessa forma, a Copa de 1938 foi fundamental para demarcar a maior projeção e sucesso de Leônidas. O apelido de “Diamante Negro”, a partir daquele momento, seria definitivamente adotado como marca do avante brasileiro, tornando-se inclusive o nome do famoso chocolate das indústrias Lacta (produzido e comercializado até os dias de hoje), constituindo um dos muitos acordos comerciais fechados pelo centroavante, com empresas de diversos setores, após o mundial, assunto que trataremos mais adiante.

<sup>407</sup> RIBEIRO, André. **O Diamante Eterno**: Biografia de Leônidas da Silva. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 34.

<sup>408</sup> SOUZA. op. cit., p. 135.

<sup>409</sup> Para fundamentar sua afirmação, André Ribeiro cita, por exemplo, trecho de matéria do *Diário da Noite*, ainda no ano de 1935, em que o apelido já é mencionado: “*Leônidas na linha de frente foi a principal figura. O Diamante Negro realmente é um craque. Tem domínio de bola, passa com perfeição. É o número um, quer na meia esquerda ou direita*”. *Diário da Noite*, 25 de novembro de 1938 apud RIBEIRO, op. cit., p. 97.

<sup>410</sup> Ibid.

O que interessa de fato é que Leônidas fora, por muito tempo, conhecido não só pelos seus gols e jogadas de efeito <sup>411</sup> como por um comportamento muitas vezes considerado polêmico e indisciplinado. E o incidente da Bahia era só o prenúncio de outros problemas que envolveriam o craque rubro-negro. A CBD fazia tanta questão da presença do atacante e de Domingos, no início da preparação, que antecipou o seu retorno, arcando com as despesas das passagens de avião de Salvador (onde excursionavam com o Flamengo) ao Rio de Janeiro.

Porém, já em sua chegada, os dois grandes nomes daquela seleção se envolveriam em nova desavença. Segundo a imprensa, Leônidas teria procurado Castello Branco pedindo o pagamento de luvas, para que fosse disputar a Copa do Mundo, alegando não serem suficientes os valores dos ordenados, gratificações e ajudas de custo. Em forte declaração ao *Jornal dos Sports*, o presidente da FBF demonstrava toda a sua insatisfação e sinalizava com um desfecho nada amigável para o assunto: “- *Está resolvido, não pensamos mais em Leônidas, pois seu concurso não interessa ao scratch*” <sup>412</sup>.

Quanto a Domingos da Guia, a mesma reportagem dizia que o zagueiro do Flamengo teria chegado atrasado ao jogo-treino, alegando estar doente e, por isso, não podendo partir junto da delegação para Caxambu. A situação do zagueiro rubro-negro teria se agravado junto dos dirigentes do selecionado, por conta de seu pedido a Castello Branco, para que sua esposa pudesse acompanhá-lo na delegação que seguiria à França. Como informa a matéria do *Jornal dos Sports*, os dirigentes se mostravam, *a priori*, irredutíveis a respeito desse assunto: “*Nenhum jogador poderá se fazer acompanhar da esposa pois todos ficarão submetidos em Paris às mais rigorosas concentrações, sob controle absoluto*” <sup>413</sup>.

Tais notícias preocupavam os torcedores, na capital da República, diante da possibilidade de corte dos dois grandes nomes da seleção. Diante do impasse, o cronista manifestava seu apoio

---

<sup>411</sup> Marcado pela elasticidade em seu estilo de jogar (sendo apelidado inclusive de “Homem de Borracha” pela imprensa francesa, durante a Copa de 1938) Leônidas foi um dos grandes responsáveis por popularizar a jogada conhecida no Brasil como “bicicleta”, assim denominada em alusão ao movimento de corpo feito pelo jogador, assemelhando-se à ação de quem pedala uma bicicleta, como descreve o próprio Leônidas, ao esclarecer que o compositor Ary Barroso foi quem deu nome ao lance: “*Quem deu esse nome à jogada foi o Ary Barroso, que além de excelente compositor, era comentarista de futebol. Quando ele me viu pular de cabeça para baixo, de costas para o gol, dar o chute com as pernas pedalando no ar e marcar, botou esse nome*”. Ver: MORAES, Mario de. **Futebol é Arte**: Parte I. Rio de Janeiro: MIS Editorial, 2002, p. 118. Há autores que atribuem a invenção da jogada a Ramon Unzaga, que a teria mostrado no porto chileno de Halchahuano. No ano de 1927, coube a David Arelhano, atacante do Colo-Colo, a sua execução e difusão pelos estádios da Espanha, durante excursão de sua equipe. Daí o fato dos jornais espanhóis passarem a chamá-la de “chilena”. Cf. GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004, p. 58-59.

<sup>412</sup> *Jornal dos Sports*, 7 de abril de 1938, p. 1 e 4.

<sup>413</sup> *Ibid.*

ao chefe da delegação, deixando claro que, àquela altura, mais importante do que a presença dos craques na seleção era zelar pela melhor imagem da Pátria em território francês:

“Os dirigentes da FBF queixam-se amargamente de Leônidas e Domingos, acentuando a displicência deste último, que chegou tarde ao estádio para treinar. Frisam que os fizeram vir de avião da Bahia para o Rio e, entretanto, se vêem na contingência de afastá-los das cogitações. Não resta dúvida que ambos farão falta a representação do Brasil, a que todos deveriam se esforçar para servir com interesse e patriotismo”<sup>414</sup>.

Se os grandes nomes daquela geração não se “esforçavam” da maneira esperada e exigida para “*servir com interesse e patriotismo*” na Copa do Mundo, os dirigentes não teriam alternativa senão alijá-los do selecionado. Mesmo reconhecendo que uma possível ausência dos jogadores seria sentida pelo *scratch*, àquela altura, mais valeria a presença de outros atletas comprometidos com os preceitos morais tão advogados àquela empreitada.

O *Jornal dos Sports* aproveitava a ocasião para contrastar, na mesma edição, o comportamento de Domingos e Leônidas, com atitudes como a do árbitro Carlos Monteiro. O encarregado de apitar o último jogo-treino, antes do embarque da delegação para Caxambu (MG), foi saudado em sua “simpática” decisão pela folha esportiva, ao abrir mão da quantia que lhe seria paga pela CBD:

“O árbitro Carlos de Oliveira Monteiro teve um gesto digno dos maiores elogios. Tendo atuado no treino dos escretes, cabia-lhe a remuneração de 200\$000 (duzentos mil réis). Desejando, entretanto, prestar sua cooperação ao financiamento da embaixada que vai a Paris, o popular ‘Tijolo’ desistiu do recebimento daquela importância, fazendo cientes dessa sua resolução os dirigentes da CBD”<sup>415</sup>.

Enquanto os mais simples indivíduos faziam “sacrifícios” em prol do selecionado, o cronista do diário carioca lamentava o fato de que, no caso de dois dos principais craques daquele grupo, não se observava o mesmo comprometimento. No entanto, já na edição do dia seguinte, toda a situação que havia sido tratada como “irreversível”, nas páginas do jornal de Mario Filho (dando conta de uma “inevitável” exclusão de Leônidas e Domingos do escrete), era dada agora como solucionada, com base em nova declaração do próprio Castello Branco, esclarecendo o ocorrido:

“- Leônidas disse-me que não podia treinar porque estava machucado, assim como não podia embarcar imediatamente para Caxambu. Pimenta estava ao nosso lado e aí eu declarei ao técnico que assim, era melhor não contar com Leônidas, desde que a concentração em Caxambu era uma condição *sine-quantum* para figurar no *scratch*. A minha frase teve o intuito único de mostrar ao jogador a responsabilidade que tinha de

---

<sup>414</sup> Ibid.

<sup>415</sup> Ibid., grifo nosso.

assumir cada um. Não era uma exclusão do *scratch* tanto que como Leônidas declarou que precisava falar comigo, esperei o jogador para um esclarecimento definitivo. Se se dispusesse a integrar o *scratch* nas condições estabelecidas para todos seria requisitado definitivamente, exceto se o exame médico o colocasse fora de cogitações”<sup>416</sup>.

Nas palavras do então presidente da FBF nota-se o desconforto gerado pelo impasse com “Diamante Negro”. A indisposição com o centroavante vinha acompanhada da advertência de que, para integrar o escreto, Leônidas precisava se conscientizar de que não teria qualquer tipo de privilégio ou favorecimento em relação aos demais.

No que dizia respeito às possíveis exigências de Domingos da Guia, o mesmo chefe da delegação fazia questão de desmentir as informações veiculadas a respeito do verdadeiro teor e conteúdo da conversa:

“Também Domingos não me exigiu nada. Fez-me ver que a senhora (sua esposa) estava doente e por isso não podia embarcar na data fixada para a concentração de Caxambu. Nessa ocasião Domingos lembrou a hipótese de ir para Paris na companhia de sua senhora e eu retruquei-lhe que tal coisa era possível desde que não representasse ônus para a CBD”<sup>417</sup>.

Sobre o episódio acima referido, convém lembrar que o *Jornal dos Sports* não era uma folha esportiva qualquer, mas um diário de grande circulação na capital da República. Não bastasse isso, o diário esportivo tinha como proprietário e diretor o jornalista Mario Filho, uma das maiores figuras da crônica esportiva brasileira. O irmão tão admirado pelo não menos famoso Nelson Rodrigues, acumulava, àquela altura, uma já considerável experiência no *métier* e procurava seguir os ensinamentos de seu pai, Mario Rodrigues. Como legado, Mario Filho carregava o importante aprendizado de que não era o jornal que impunha a notícia aos seus leitores, mas o próprio público-leitor que ditava os assuntos que compunham a edição do jornal.

E foi em torno de Domingos e, principalmente, Leônidas, que gravitavam as manchetes do *Jornal dos Sports*. A polêmica envolvendo Castello Branco e os craques do Flamengo foi apenas mais uma entre tantas outras notícias que, durante a Copa de 1938, tiveram o “Diamante Negro” como protagonista. Dentro dos gramados e fora dele, a imagem do artilheiro do mundial seria intensamente explorada pela imprensa esportiva, fato que se adequava muito bem ao tipo de jornalismo que Mario Filho se propunha a fazer, conforme destacado por Castro: “*Numa coisa, no entanto, Mario Filho era Mario Rodrigues da cabeça aos pés: ‘Papai me dizia que o jornal*

---

<sup>416</sup> *Jornal dos Sports*, 8 de abril de 1938, p. 4.

<sup>417</sup> *Ibid.*

*não deve limitar-se a dar a notícia. Deve também produzir a notícia e, se preciso, ser a notícia”*<sup>418</sup>.

Habitado a transitar nos mais importantes círculos da sociedade carioca; influente no trato com os mais diversos grupos e agentes (não à toa, o livre acesso ao gabinete do chefe da nação); dono de um estilo bastante peculiar; Mario Filho acabaria se caracterizando-se não somente por sua vivência nas redações, mas também por suas iniciativas fora delas, quase sempre ligadas ao futebol e aos esportes.

Idealizador de grandes projetos, uma de suas mais importantes iniciativas foram os “Jogos da Primavera” que, de 1949 a 1972, eram disputados durante duas semanas do mês de setembro, atraindo milhares de jovens atletas dos colégios e clubes cariocas, aproximando-os cada vez mais dos esportes. Mesmo para eventos de tamanho porte, Mario Filho nem sempre se sujeitava a qualquer tipo de suporte financeiro, como observa Castro:

“Embora isso hoje pareça impensável, Mario Filho bancava tudo sozinho, sem patrocínios, ‘apoios’ ou subvenções. Dutra, presidente em 1949, ofereceu-lhe ajuda em dinheiro, através do Ministério da Educação, para fazer os primeiros ‘Jogos’. Mario Filho, delicadamente, recusou. Achava que, se dependesse de um presidente, iria depender de todos”<sup>419</sup>.

Dentre outras competições por ele criadas, destacam-se o Torneio Rio - São Paulo (iniciado em 1950) e a Copa Rio, que reunia os campeões carioca e paulista em jogos contra grandes equipes internacionais<sup>420</sup>, campeões em seus respectivos campeonatos nacionais. Formulador dessas grandes disputas, Mario Filho travaria uma intensa disputa com o então vereador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, por ocasião da escolha do local em que seria construído o Estádio do Maracanã.

Como o Brasil seria a sede da Copa do Mundo de 1950, cerca de três anos antes, a prefeitura da capital federal se responsabilizou por construir aquele que, por muito tempo, seria o maior estádio do mundo, com capacidade para cerca de 170 mil pessoas. As divergências surgiram quando Carlos Lacerda e alguns de seus partidários se posicionaram contrariamente à construção que se realizaria no antigo Derby Clube, espaço de corridas de cavalo no bairro do Maracanã. Lacerda defendia a construção do grandioso estádio no bairro de Jacarepaguá. Para

<sup>418</sup> CASTRO, op. cit., p. 225.

<sup>419</sup> Ibid., p. 224

<sup>420</sup> Até os dias de hoje, clubes como o Palmeiras (campeão da primeira edição deste torneio disputado em 1951) e o Fluminense (ganhador do campeonato em 1952) reivindicam junto à entidade máxima do futebol mundial, a FIFA, o reconhecimento como campeões mundiais nos respectivos anos, visto que a Copa Rio era o grande torneio internacional interclubes da época.

Mario Filho, tal opção representaria o afastamento dos torcedores mais pobres das partidas de futebol, por conta do difícil acesso. Desse modo, o jornalista acabou se posicionando como um dos maiores defensores da construção do estádio no local em que hoje ele se encontra. Sua vitória quanto à tese do estádio do Maracanã foi também a vitória dos torcedores. No ano de sua morte em 1966, o Maracanã passaria então a receber o seu nome, em uma justa e representativa homenagem.

Diante dessas considerações, pode-se compreender a representatividade de Mario Filho no cenário esportivo nacional, posição de relevo que também o caracterizava no meio do jornalismo esportivo. Assim, durante a Copa de 1938, coube ao *Jornal dos Sports* o fomento e a propagação de episódios polêmicos envolvendo, principalmente, Domingos e Leônidas. Daí, por exemplo, a insatisfação do presidente do Flamengo, Raul Dias Gonçalves, em relação à imprensa, inclusive ao jornal de Mario Filho, por alimentar a discórdia envolvendo Domingos, Leônidas e Castello Branco, assunto bastante explorado nas páginas do cor-de-rosa:

“- Não posso tomar conhecimento oficial de casos através dos jornais. Sei que Leônidas e Domingos não fizeram nenhuma exigência ... Deve-se colocar a questão em seu devido termo, mesmo porque não se tem o direito de expor o prestígio de dois jogadores que estão dispostos a servir ao *scratch* brasileiro sem criar embaraços”<sup>421</sup>.

Era natural que Raul Dias saísse em defesa dos dois grandes craques do Flamengo. Porém, tal declaração se apoiava em uma crítica à imprensa que, na visão do dirigente, não se dedicava só a veicular a notícia, mas também a fabricá-la. O interessante nesse episódio é o fato de Mario Filho publicar a entrevista do presidente do Flamengo como garantia ao torcedor de que Leônidas e Domingos não tinham maiores problemas com Castello Branco. Ou seja, para o diretor do *Jornal dos Sports*, as palavras de Raul Dias não valiam para outra coisa senão garantir ao torcedor que os dois maiores nomes do futebol brasileiro não haviam sido cortados do escrete nacional. Era isso que importaria ao torcedor, Leônidas e Domingos iriam sim disputar a Copa do Mundo. Por isso mesmo, o sugestivo e apelativo título dado à reportagem: “*Domingos e Leônidas irão a Paris!*”<sup>422</sup>. O torcedor agora podia ficar mais tranquilo.

Mesmo diante do esclarecimento do caso por Castello Branco, Domingos e Leônidas se apresentariam com atraso de alguns dias ao grupo de jogadores que treinava em Caxambu (MG),

<sup>421</sup> *Jornal dos Sports*, 8 de abril de 1938, p. 1.

<sup>422</sup> *Ibid.*, p. 4.

determinando o prolongamento durante mais alguns dias do mal-estar gerado pelas supostas exigências feitas pelos craques ao chefe da delegação.

Diante das muitas críticas que recaiam sobre a sua figura, Leônidas concederia entrevista ao *Jornal dos Sports*, aproveitando a oportunidade para tentar se “redimir” quanto ao pedido por maiores ordenados para defender o Brasil na Copa do Mundo:

“- Quero dar uma prova convincente das minhas disposições em defender as cores do Brasil, desde que meu concurso venha a se tornar necessário. Estou pronto até a abrir mão dos ordenados e das gratificações.

Leônidas, cada vez mais se empolga, focalizando em cores vivas a cooperação que todos devem prestar para maior brilho da representação brasileira. E deixa escapar um vibrante apelo aos seus companheiros:

- É chegado o momento de que se reúnam as disposições patrióticas de cada um. Por isso, eu estaria disposto até a lançar um veemente apelo aos meus companheiros: prescindirem, aqueles que pudessem, da remuneração a que temos direito, prestando mais esse serviço à causa da nossa representação em Paris!”<sup>423</sup>

Com a repercussão negativa, na imprensa, da solicitação feita junto a Castello Branco, por um aumento nos valores de ajuda de custo, ordenados e gratificações (definidos previamente pelos dirigentes no acordo firmado com cada jogador convocado), Leônidas mudou o discurso e garantiu à opinião pública que estaria disposto até mesmo a abrir mão da quantia que teria direito para cooperar com a representação brasileira na Copa do Mundo. Mais do que isso, o “Diamante Negro” não só se mostraria abnegado em seu “compromisso patriótico”, como apelaria aos seus companheiros de seleção para que fizessem o mesmo, demonstrando, com tal atitude, todo o desejo de servir à nação nos gramados franceses.

Muito embora na entrevista concedida ao jornal de Mario Filho o centroavante brasileiro se mostrasse disposto aos maiores “sacrifícios”, para fazer parte da embaixada brasileira que seguiria à França, o que se verificaria, na prática, seria a insistência dos jogadores, inclusive de Leônidas, para garantir o aumento nos valores a serem pagos pela CBD aos atletas. Tal fato desencadearia a já mencionada recusa dos dirigentes ao abaixo-assinado feito pelos jogadores, ainda em Caxambu, solicitando um maior aporte financeiro para que pudessem despender os seus serviços ao selecionado nacional.

---

<sup>423</sup> *Jornal dos Sports*, 13 de abril de 1938, p. 4. Leônidas só viria a participar do segundo exercício em Caxambu, marcado por mais uma vitória do escrete azul, por 6 a 5, contra a equipe branca. O “Diamante” integraria o quadro vitorioso, anotando dois gols. (*Jornal dos Sports*, 15 de abril de 1938, p. 1 e 4)



(Flagrante de Leônidas (à esquerda com sua esposa) e Domingos (com sua esposa e filha) no trem em viagem do Rio de Janeiro para a cidade mineira de Caxambu, onde a seleção esteve concentrada durante boa parte do período de treinamentos para a Copa do Mundo. *A Gazeta*, 14 de abril de 1938, p. 9).

Mesmo após o acerto da questão contratual entre dirigentes e jogadores, os atritos daquela campanha continuariam se manifestando, dentro e fora das quatro linhas, dessa vez na breve passagem pela capital portuguesa. A agência de notícia *United Press* foi a primeira a noticiar o incidente, mas as versões por ela apresentadas seriam rechaçadas pela imprensa brasileira, após a nova versão do ocorrido, trazida pela agência *Havas* e confirmada pelos correspondentes da imprensa brasileira junto da delegação.

No entanto, vale lembrar que diante das muitas exigências da opinião pública por disciplina e bom comportamento, a divulgação das primeiras notícias sobre o ocorrido, no *Jornal dos Sports* e na própria *Gazeta*, logo assumiria um tom de repúdio e repreensão aos atletas do escrete: “A missão que levou os esportistas à Europa, não admite desvios de indisciplina, onde a falta de responsabilidade aparece em tão alto grau. Não é quebrando vidraças em países irmãos que se constroem amizades, fazendo-se ainda uma péssima propaganda do Brasil”<sup>424</sup>.

E se a questão era colocada nesses termos e, posteriormente, abordada sob o viés do preconceito de cor, não foi surpresa o nome de Leônidas ser dado como certo no incidente. Ao saber que vinha sendo apontado como um dos envolvidos no caso, o atleta demonstrou toda a sua indignação, em entrevista ao *Jornal dos Sports*:

<sup>424</sup> *Jornal dos Sports*, 15 de maio de 1938, p. 1 e 6.

“- Só posso atribuir tal fato a alguma prevenção pessoal contra minha pessoa. O meu nome veio logo à tona, com uma espantosa facilidade. Estou aqui na delegação, servindo ao Brasil e desafio que se aponte qualquer ato de minha parte que mereça noticiários escandalosos. O testemunho dos chefes da delegação e do técnico Pimenta poderão ser invocados a qualquer momento pelos que não se simpatizam comigo”<sup>425</sup>.

Ainda que as fontes não permitissem afirmar, com absoluta certeza, a presença ou não do atacante no incidente, o interessante é a observação de que o “Diamante Negro” pagava o preço da imagem de jogador irresponsável e polêmico que o acompanharia durante toda a sua carreira.

Entretanto, mesmo que o centroavante rubro-negro fosse figura carimbada nos incidentes da embaixada, a admiração dos torcedores e as expectativas em torno de seu desempenho somente cresciam, à medida que o torneio se aproximava. Ainda assim, deve-se lembrar que esse protagonismo não era unísono, no que diz respeito às opiniões dos aficionados. Nem mesmo craques como Leônidas, Domingos ou Romeu Pelicciari tinham lugar cativo na seleção dos torcedores, fato perfeitamente compreensível e esperado, levando-se em conta a pulsante identidade clubística que permeava o envolvimento dos aficionados com a preparação da seleção. Daí, por exemplo, a recorrência de telegramas enviados à *Gazeta* por torcedores da capital paulista, em que nenhum dos craques é lembrado em sua seleção ideal. Como foi o caso de um leitor identificado como Joca, que trazia a sua opinião sobre a escalação do selecionado, em forma de versos e rimas:

Para o Brasil conquistar  
O campeonato-troféu tão desejado  
É indispensável que apresente  
O seu quadro bem formado.

Com disciplina e coragem,  
Junto à técnica e fé ardente,  
Estando os ‘cracks’ bem treinados  
A nossa vitória é patente.

Vou apresentar um quadro  
Mas, leitor, não precipite,  
Pois o ‘onze’ que direi  
É apenas o meu palpite.

Jurandyr é o meu guardião;  
‘Crack’ tão consagrado  
Batataes na reserva,  
Está muito bem colocado.

Carnera e Nariz são os zagueiros  
Que dão conta do recado,

---

<sup>425</sup> *Jornal dos Sports*, 31 de maio de 1938, p. 1.

Mas podem também jogar  
Os 'cracks' Jahu e Machado.

Tunga, Brandão e Argemiro  
É a linha média escolhida,  
Mas se Argemiro cansar,  
Del Nero jogará a partida.

Roberto, Luizinho, ala direita  
Que tem muita combinação;  
Jeronymo na reserva  
Seria grande atração.

Niginho é o centroavante  
De primeira qualidade;  
Caxambu seu substituto  
Para qualquer eventualidade.

Tim, Hércules, ala esquerda  
De grande realização  
Mas Rolando na meia  
Causará sensação.

Essa a representação do Brasil  
A seleção ideal,  
Que com brilho venceria  
O campeonato mundial <sup>426</sup>.

Não é de se estranhar o absoluto predomínio de jogadores que, à época, atuavam nos clubes de São Paulo. O que vale ressaltar é o caráter diverso e as múltiplas identidades que permeavam o envolvimento dos diferentes torcedores com o selecionado nacional. Tais diferentes concepções e leituras faziam com que nomes consagrados como os de Domingos e Leônidas fossem preteridos, na maioria dos palpites dos leitores da *Gazeta*, acerca do “onze ideal” a representar o futebol brasileiro na Copa do Mundo.

Outro ponto que não se pode desconsiderar é a menção à “disciplina”, nos versos do torcedor, que muito embora não fosse um princípio determinante a nortear a relação dos torcedores com o selecionado nacional, poderia emergir como um dos elementos importantes para a conquista do título. Logo, a finalidade da organização e da disciplina, nos versos de Joca, não era outra senão a tão almejada taça, ao passo que, nas palavras das autoridades políticas e esportivas, bem como da imprensa especializada, a ênfase recorrente a esse princípio observava muito mais o anseio pela demonstração de uma “boa imagem” da nação brasileira perante as autoridades e torcedores europeus.

---

<sup>426</sup> *A Gazeta*, 22 de abril de 1938, p. 13.

Foi por conta da cobrança por disciplina pela imprensa esportiva, que jogadores como Leônidas e outros carregaram um pesado fardo durante todo o torneio. O próprio treinador da seleção sofreria duras críticas, após o desembarque na França, diante da notícia <sup>427</sup> de que Pimenta não estabelecera o regime de concentração absoluta para os jogadores brasileiros, liberando-os inclusive para saírem à noite, em Paris, desde que estivessem de volta até à meia-noite. A medida não foi bem recebida pela imprensa esportiva do Rio e de São Paulo, que viam-na como um retrocesso em relação ao programa estabelecido. Por sua vez, o treinador da seleção argumentava não poder tratar seus comandados como “crianças”, além do fato de que deixá-los em regime fechado poderia nutrir a insatisfação do grupo e refletir em uma menor dedicação aos treinamentos. Sua proposta consistia em fazer concessões e assim garantir um firme comprometimento dos atletas durante o período de treinos antes da estréia.

Entretanto, ante a repercussão negativa na imprensa carioca e paulista quanto à liberdade concedida aos jogadores em Paris, o regulamento seria novamente enrijecido pelos dirigentes e, a partir da hospedagem no Hotel Neiderbrom-les-bains, em Estrasburgo (local do primeiro jogo contra a Polônia), ficou definido que os jogadores (inclusive os casados) deveriam se recolher aos seus quartos a partir das 21h <sup>428</sup>. Ainda assim, os jogadores Tim e Patesko foram multados no valor de 200\$000 (duzentos mil réis) por não respeitarem o “toque de recolher” imposto aos jogadores em Estrasburgo, sendo encontrados, depois do horário permitido, em bar próximo ao hotel Neiderbrom-les-bains <sup>429</sup>.

A imprensa brasileira seguiria fiscalizando os passos dos jogadores, em território francês. O problema, no entanto, era que outros membros da delegação também pretendiam desfrutar da vida noturna francesa:

“As atitudes do Sr. Castello Branco, ausentando-se constantemente do campo de concentração, a ponto de não manter quase nenhuma comunicação com os jogadores, causa péssima impressão. Nunca se vê o chefe da delegação brasileira e os *cracks* consideram isso como um descaso, salientando que a medida de concentração devia ser geral, sem privilégios, pois todos vieram cumprir uma missão determinada ... Com a ausência do Sr. Castello Branco os jogadores passaram a reclamar o que chamaram de “prisão”. Como se vê a situação, em St. Germain, passou a ser delicada, gerando descontentamento” <sup>430</sup>.

---

<sup>427</sup> *Jornal dos Sports*, 22 de maio de 1938, p. 1.

<sup>428</sup> *Jornal dos Sports*, 27 de maio de 1938, p. 1 e 3.

<sup>429</sup> *Jornal dos Sports*, 4 de junho de 1938, p. 1 e 4.

<sup>430</sup> *Jornal dos Sports*, 24 de maio de 1938, p. 4.

Em carta aberta ao chefe da delegação, Castello Branco, na coluna “Críticas e Sugestões”, o cronista do *Jornal dos Sports* dirigia toda a sua insatisfação à postura do dirigente, indagando-se de que maneira seria possível exigir a disciplina dos jogadores se o próprio chefe da embaixada brasileira não cuidava de lhes dar bom exemplo:

“Não se exigia muito. Apenas que se cumprisse um programa. Tornava-se não só inadmissível como imperdoável a indisciplina. E isso porque a ida do Brasil ao Campeonato do Mundo deixara de ser uma questão esportiva. As circunstâncias que a cercaram ampliaram-lhe o sentido ... Que aconteceu porém? Quando se pediu uma multa você (Castello Branco) travestiu-se de conciliador. E temos de convir em uma coisa, você não agia como chefe e sim como faltoso também. Se punisse teria de exigir, também de você, a mesma disciplina inflexível.

Não poderia abandonar Saint Germain, não poderia pleitear o meio termo para a concentração que devia ser rigorosa, absoluta. Você foi coerente desde que o “Arlanza” largou ferros. Antes, seria perigoso alterar programas. Mais perigoso ainda quando você tinha prometido ser mais um concentrado. As obrigações assumidas pelos jogadores seriam também obrigações do chefe. Sabemos que você não resistiria ... Que encanto ofereceria Paris se fosse uma cadeia ou mesmo um mosteiro de ascetas? Mas devemos recordar, igualmente, que não se prometeu o paraíso de Maomé ao chefe da delegação brasileira. Pelo contrário: a chefia seria um posto de sacrifício, de trabalho, de dedicação, de inflexibilidade, de disciplina de cima para baixo. Você não fez nada do que prometeu e só o entusiasmo dos jogadores brasileiros, somente a força de vontade, somente o ímpeto do *scratch* favorito do Campeonato do Mundo, poderão salvá-lo, Castello Branco”<sup>431</sup>.

Basta, *a priori*, observar a substituição feita pelo cronista do pronome de tratamento “Sr.” – recorrente quando se aludia a qualquer autoridade – para “você”, em direta demonstração de desconsideração da legitimidade do poder concedido ao chefe da delegação por seu cargo, porém não corroborado na prática de suas ações e decisões.

As notícias que davam conta das escapadas noturnas de Castello Branco e Pimenta, bem como de alguns dos jogadores, vão ao encontro das lembranças de um dos componentes do escrete naquela oportunidade, o meia do Palestra, Luis Mesquita de Oliveira, o Luizinho, em depoimento concedido ao Museu da Imagem e do Som, no ano de 1982. Rememorando a participação brasileira naquele mundial, o jogador abre o jogo sobre o quesito “disciplina” na concentração:

“Nós estávamos no hotel, numa vilazinha apegada de Paris. Era uma vila que era um encanto de vila! Um parque, uma maravilha! Uma vista! Você via Paris toda de lá, sabe. E, então, nós estávamos ali, aquela moçarada toda e... as francesas não eram sopa também. Cada trem de francesa! Mas eu tava com a minha esposa e o Nariz, o Dr. Lopes Cansado, mineiro, *back* ... porque ele levou a esposa dele. Então nós ficamos muito juntos. E, bom, então: ‘vamos dormir, vamos deitar porque amanhã nós temos treino às 9 horas lá num daqueles parques’. Ótimo. Então, chegava assim, a correção. Ia o Dr. Castello Branco, ... o Pimenta ‘Quarto tal, quarto tal...’. Tava todo mundo lá, dormindão, tudo roncando, luz apagada, aquele negócio todo. E eles então: ‘Moçada, tá todo mundo dormindo. Vamos pra cidade!’ E eles sumiam, iam embora... e nós atrás. Nós atrás. Só que nós tínhamos que

<sup>431</sup> *Jornal dos Sports*, 1 de junho de 1938, p. 2, grifo nosso.

chegar às quatro da madrugada e eles podiam chegar às cinco e meia, às seis. Nós marcávamos treino, por exemplo, oito e meia. Você pensa que alguém estava às oito e meia no local do treino? Estava eu, estava o Nariz, estava o Zezé Procópio, estava o Brandão... e uma meia dúzia. O resto todo dizia: 'É, daqui a pouco eu vou! Eu vou acabar de tomar o café'. E nós íamos lá... só às dez e meia, onze horas que ia começar o nosso treino. Você não tinha a menor disciplina. E foi por isso que nós rodamos"<sup>432</sup>.

Mesmo que mencionada apenas de passagem, na fala do ex-jogador, a situação privilegiada dos atletas casados da delegação seria outra questão a gerar o descontentamento entre os jogadores. A proximidade entre o zagueiro Nariz (médico) e o próprio Luizinho (estudante de direito) com Pimenta e Castello Branco, se justificava pelo fato dos casados ficarem hospedados no pavilhão principal do Hotel "Henri IV" com suas esposas, enquanto os demais jogadores ficavam em quartos mais modestos, com três atletas por cômodo. A reclamação se dava por conta do pavilhão principal hospedar somente as mais altas autoridades da delegação (casos de Castello Branco e do secretário da delegação Célio de Barros, além de convidados ilustres como o *speaker* Gagliano Netto com a sua esposa). Dessa forma, criava-se uma situação de distinção, em que os dois jogadores que levaram suas esposas eram tidos pelos demais como favorecidos pela chefia da embaixada<sup>433</sup>.

Tal depoimento de Luizinho é significativo, uma vez que, auxilia a compreensão da indignação da imprensa esportiva brasileira contra Castello Branco, além dos atritos informados no seio da delegação, em razão do tratamento diferenciado aos jogadores casados. A presença das esposas junto da delegação desencadeou outros desentendimentos e não somente entre aqueles que entravam em campo:

"(...) Por exemplo: um desentendimento entre Nariz e Gagliano Netto, o *speaker* da "PRA-3", que acompanhava a delegação. E ditado pela afetividade da esposa pelo esposo. A distinta senhora de Lopes Cançado sentiu-se, com referências que julgou menos justas do locutor sobre seu marido. Não pôde conter o silêncio. Resultado: uma interpelação enérgica do *player* ao *speaker*. Isto ainda em viagem a Paris. Mais tarde: um mal-entendido entre Luizinho e Oswaldo Menezes, o "embaixador da torcida", segundo o qual este último teria se dirigido a senhora Luiz Mesquita em termos pouco cavalheirescos. Felizmente a intervenção de Walter e Machado, aos quais Menezes de fato se dirigira, e não à esposa de Luizinho, teve o condã de colocar os fatos nos seus devidos termos. Por fim, também sem maior reflexo, mas, em todo o caso, incidência desagradável, foi a que ocorreu entre Machado e madame Mesquita, em Cherburgo, na data do regresso, já a bordo do 'Almanzora', por uma questão insignificante de restituição dos cigarros retidos na aduana local, no dia da chegada do 'Arlanza' àquele porto, para demanda a Paris.

<sup>432</sup> Entrevista Luís Mesquita de Oliveira (Luizinho) concedida ao Museu da Imagem e do Som (SP) como parte integrante do projeto "História do Futebol Brasileiro", coordenado por José Sebastião Witter. 08 de dezembro de 1982.

<sup>433</sup> *Jornal dos Sports*, 26 de maio de 1938, p. 1 e 6.

Insignificantes, estes fatos. Mas teriam acontecido se não houvesse senhoras na delegação?”<sup>434</sup>.

Nesse mote, vale lembrar que o próprio Domingos da Guia havia consultado Castello Branco na tentativa de levar sua esposa, a bordo do “Arlanza”, para acompanhá-lo durante o torneio. A resposta negativa do dirigente vinha acompanhada da garantia de que a nenhum jogador casado se autorizaria o mesmo benefício na embaixada. Diante do que se verificou, na prática, era de se esperar a total insatisfação do zagueiro rubro-negro com Castello Branco, ao passo que Nariz e Luizinho desfrutavam da companhia das suas senhoras e de uma ligação mais estreita com o chefe da delegação:

“Era desejo de Domingos viajar à Europa acompanhado de sua senhora. Disso o grande zagueiro – é seu próprio, o relato – teve ocasião de dar conhecimento ao Sr. Castello Branco, a quem se dirigiu, solicitando os bons ofícios junto à presidência da CBD, se tal era julgado necessário. Como resposta, Domingos teria obtido a declaração, partida do chefe da delegação, de que absolutamente seria permitida a presença de senhoras na delegação.

Que ficasse descansado, quanto à versão corrente de que outros *players* iriam acompanhados de suas esposas. E, uma tarde, já o ‘Arlanza’ em demanda aos mares do Norte, o companheiro de Walter e Leônidas desabafou sua mágoa junto ao repórter:

- Fui iludido até o último momento. Tão desgostoso fiquei que, juro, tive ímpetos de regressar imediatamente, do primeiro porto. Só não o fiz em atenção à importância da missão de que vínhamos revestidos”<sup>435</sup>.

Foi em meio a esse clima de discórdia que o Brasil entrou em campo, em Estrasburgo, para enfrentar a Polônia. Nas páginas esportivas é esse o momento em que começou a sair de cena o discurso mais contundente a respeito do caráter disciplinador da campanha e ganhou espaço o entusiasmo movido pelos resultados e pela efervescência das ruas. Todavia, a grande atuação de Leônidas - num confronto marcado pela marcante dramaticidade e somente decidido na prorrogação, com gols do próprio centroavante brasileiro -, não reservaria oportunidade para partilhar as atenções entre os vencedores. Leônidas começava a “roubar a cena”, até mesmo ante a crítica esportiva parisiense:

“‘Le Jour-Echo’ de Paris declara: - ‘Já se sabia que os brasileiros eram jogadores extraordinários. Foi por isso que a sua elegância na ação e suas acrobacias, a ninguém surpreendeu, a não ser as proezas de Leônidas, que merece particular exame. Foi pelo seu brio, seu fôlego e sua resistência, que os brasileiros nos surpreenderam ... O homem do dia foi Leônidas. Compreende-se que a América do Sul inteira considere esse jogador um prodígio. Leônidas parte no ataque como um raio, infiltra-se na linha média e o seu chute de escape em posições acrobáticas, é de uma precisão, de uma violência de estarrecer... Na expectativa de centrar a bola, vê-se que ele executa no ar uma série de tesouras, como um jogador de *baseball*, faz uma série de reviravoltas e chuta finalmente a pelota com a maior violência’. ‘L’Auto’, subordina a este título a sua reportagem: ‘Os brasileiros verdadeiros

<sup>434</sup> *Jornal dos Sports*, 19 de julho de 1938, p. 4.

<sup>435</sup> *Ibid.*

malabaristas, são a atração da taça mundial'. O diabólico Leônidas ganhou a partida. Sempre às voltas com a pelota, rápido, enfrentando com desprezo o perigo, esse hábil 'homenzinho' saía a cada momento das refregas, como um diabo de uma caixa"<sup>436</sup>.

Depois de brindar os torcedores franceses com a sua mais destacada atuação em mundiais, Leônidas recebia todos os gracejos da imprensa local, principalmente por seu estilo "acrobático" de jogar futebol. Não à toa, a descrição em detalhes da famosa "bicicleta", pelo *Le Jour-Echo*, o mesmo jornal que o apelidaria de "Homem de Borracha" pela elasticidade de seus movimentos, expressa em toda a sua plenitude na jogada característica do "Diamante Negro".

Assim, as marcas da "brasilidade" relacionadas ao estilo de jogo de Leônidas por Freyre e Mario Filho apareceriam não só dentro de campo, como também na comemoração do triunfo pelos próprios jogadores. O ponta-direita Roberto fez jus a sua fama de exímio sambista e reuniu companheiros e jornalistas na concentração para apresentar a sua composição, intitulada "*Um Samba em Paris*":

"Eu fui à França e conheci Paris;  
Cantei um samba, eles pediram bis.  
Logo depois que o samba estava terminado,  
Uma linda francesinha se chegou para o meu lado,  
E foi dizendo logo o que sentia ...  
Mas eu não compreendia,  
Pois não sabia francês.  
E ela então saiu desanimada,  
E a minha ilusão naquela noite se desfez.

Tive a lembrança de comprar um dicionário  
Para não bancar o otário  
E me defender ...  
Pois a francesa era bonita de verdade  
E eu tinha necessidade de compreender

No outro dia quando a encontrei,  
O *bon soir* (boa noite) eu logo lhe falei,  
E gentilmente ela me respondeu:  
*Comment allez-vous, mon amour, comment allez-vous?* (Como vai você, meu amor...)  
Aí então, eu falei tudo o que aprendi.  
Inclusive *trés bien mon amour, très jolie*. (Muito bem meu amor, muito feliz)

Ela mostrou-se cheia de contentamento  
Me falou em casamento  
E muito insistiu ...  
Mas eu que tenho o meu amor lá no Rio disse a ela:  
"Au revoir mademoiselle", (Adeus, senhorita)  
Vou para o Brasil"<sup>437</sup>.

<sup>436</sup> *A Gazeta*, 7 de junho de 1938, p. 10.

<sup>437</sup> *Diário de Pernambuco*, 6 de junho de 1938, p. 3.

A letra publicada pelo *Diário de Pernambuco* foi ao encontro da brasilidade, como a sugeriria Gilberto Freyre, em artigo publicado, dois dias depois, nesse mesmo jornal. O jeito de ser “brasileiro” presente na composição de Roberto encontraria sua expressão mais perfeita no samba, enquanto outro destacado expoente cultural de nossa sociedade naquele contexto, e que também seria identificado pelo sociólogo pernambucano em nosso *Foot-ball* mulato. Sambávamos dentro de campo como o fazíamos muito bem fora dele.

Assim, o sambista Roberto apresentava e representava o brasileiro que “se vira”; que não quer “*banicar o otário*” no estrangeiro; que dá o seu “jeitinho” para impressionar uma “linda francesinha”, bastando uma rápida “visita” ao dicionário. Não que o aprendizado em questão viesse como resultado de dedicação e muito estudo, e sim aquele “à boa moda brasileira”, “da noite para o dia”, da “esperteza” do malandro que se arma do necessário para “saber se defender”. Um malandro que depois de deixá-la “*cheia de contentamento*” quer saber de tudo menos “*casamento*”, afinal, a “boa” malandragem não se deixa dominar pelas rédeas do compromisso. Um malandro bem “brasileiro” que no fim das contas ainda dá mostras de seu “patriotismo” conveniente, porque, na hora do aperto, melhor mesmo era voltar ao Brasil, para os braços do seu amor.

Tal composição serve como reflexão de quão oportuna se tornaria aquela ocasião para que a imprensa esportiva iniciasse uma guinada interpretativa quanto à narrativa da campanha brasileira em gramados franceses. Não haveria momento mais adequado para que matérias como essa povoassem as edições. Tais publicações ilustravam a celebração das vitórias brasileiras na Copa do Mundo sob influência das muitas manifestações populares, observadas nas diferentes capitais do país, que jubilavam não pela “disciplina”, “ordem” e “harmonia” dos representantes da Pátria, mas pelos resultados conquistados em canchas francesas, que pavimentavam a estrada do tão desejado título mundial.

E se Roberto ditava o ritmo fora de campo, Leônidas seguia dando o tom dentro dele. Após os três gols marcados na estréia, o avante deixaria novamente a sua marca no empate contra os tchecos, uma partida muito mais marcada pela violência e descontrole dos jogadores no gramado do que pelo bom futebol apresentado à assistência. O segundo jogo do Brasil na Copa do Mundo teve a expulsão de dois de nossos jogadores, mas, para não manchar a campanha, a imprensa brasileira dirigiria os comentários e críticas ao árbitro da partida, cuidando com isso de vitimizar os “bons” representantes da Pátria.

Muito embora, àquela altura, a narrativa das derrotas brasileiras em Copas do Mundo ainda não estivesse alicerçada, na visão de que a derrota do nosso futebol representava “*um desvio do caminho natural e certo da vitória*”, conforme adverte Leda Costa <sup>438</sup>, a dificuldade de explicar atuações fora do programa traçado já se colocava ante os “homens de jornal”. Ou seja, à imprensa esportiva caberia justificar que a razão de não termos vencido os atuais vice-campeões mundiais fora a má atuação do árbitro do jogo. Desse modo, a sua preocupação permaneceria sendo a de manter intacta a imagem da nação construída para os torcedores, em torno daquela seleção. Uma seleção que vinha mostrando muitas coisas dentro de campo, menos um comportamento disciplinar.

Diante disso, o tão apregoado discurso disciplinador perdia força, ante a emergência do heroísmo de Leônidas acompanhado da construção da vilania do torneio, nas páginas esportivas brasileiras. E era sobre os “homens do apito” e a FIFA que recairia o peso da derrota para os italianos, o que já se começava a sedimentar a partir do empate com a Tchecoslováquia.

Enquanto a revolta já se disseminava pelos torcedores, a mesma imprensa esportiva cogitava a realização de alterações no quadro que jogaria o *match*-desempate, contra os tchecos. As especulações davam conta de que até mesmo Leônidas, machucado, ficaria de fora do decisivo duelo, situação incompreensível para os maiores interessados nas resoluções de Pimenta: os torcedores.



(A fim de ilustrar a violência, sofrida por Leônidas, no duelo contra os tchecos e o quanto a Copa de 1938 havia se tornado o assunto por excelência do dia-a-dia dos brasileiros, mas também a grande admiração dos torcedores pelo “Diamante”, a revista *Careta*

<sup>438</sup> COSTA, Leda Maria. **A trajetória da queda**: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. 159 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2008, p. 14.

apresentava (através da gravura acima) uma inversão de papéis entre aluno e professor, com o estudante corrigindo a história contada pelo mestre, na sala de aula:

“Não confundamos!”

O professor: - Nas Termópilas, então, com poucos espartanos, Leônidas desafiava os persas.

Zequinha: - Persas, não, seu ‘fessô’: Tchecos; e Leônidas machucado e muito marcado”. *Careta*, 9 de julho de 1938, p. 1)

Aproveitando-se das “distrações” de Bordeaux, o “Diamante Negro” dava mostras de que seu interesse em disputar o mundial da França não estava exclusivamente atrelado ao patriotismo já dantes reivindicado por ele próprio, na polêmica dos ordenados e gratificações, ainda em Caxambu. Em momento de lazer, após o empate com os tchecos, Leônidas foi indagado pelo repórter da *Havas* sobre o jogo-desempate, e sua resposta sinalizava com outras preocupações, além de servir ao escrete nacional:

“É provável que Adhemar Pimenta só comunique amanhã a composição oficial do quadro que jogará, às 18 horas, contra os tchecos ... Os que não jogarem amanhã aproveitam esta oportunidade para se distrair um pouco. Assim é que Leônidas aceitou o convite para tomar um suco de tomate num bar elegante, onde dançou rumba, com uma loira bordaleza. ‘Ele dança quase tão bem como joga futebol’, declarou ao enviado da Agência *Havas* o gerente do bar, que como todo bom bordalês aplaudiu ontem as proezas de Leônidas...

‘A turma que vai jogar amanhã é excelente, declarou Leônidas à Agência *Havas* – e alguns dos seus jogadores, como Patesko, Jahú, Britto e Brandão são verdadeiramente extraordinários. Quanto a mim, estou contente por não ter que jogar, pois só assim poderei satisfazer o desejo que vinha nutrindo há muito tempo: ir ao cinema’”<sup>439</sup>.

A espontânea declaração de Leônidas é mais um elemento indicador das percepções e interesses diferenciados que motivavam os jogadores brasileiros naquela Copa do Mundo. Seu comportamento dentro e fora dos gramados (da mesma forma que o comportamento de outros jogadores e membros da delegação) nem de longe demonstrava um enquadramento passivo no programa e nos princípios advogados pela imprensa esportiva, pelas autoridades estado-novistas e pelos próprios dirigentes, quanto àquela campanha. É o que também admite seu companheiro de escrete Luizinho, quando, em entrevista ao Museu da Imagem e do Som (em trecho citado por Franzini), reconhece que os princípios patrióticos nem de longe orientaram a vivência daquele acontecimento para os seus principais atores, os jogadores:

“Você não imagina a tristeza que foi aquele nosso negócio. Nós não tivemos o menor patriotismo, não tivemos a menor consciência do que íamos fazer. Nós fomos passear, eu fui passear. Ninguém disse: olha, nós vamos fazer um campeonato do mundo, então

<sup>439</sup> *A Gazeta*, 14 de junho de 1938, p. 10.

precisamos jogar direito, precisamos treinar aqui na Europa e tudo mais. Basta dizer que nós saímos daqui, na Bahia já ouvi um ‘enguiço’ com jogador de futebol. O navio atrasou para esperar uns ‘caboclinhos’ que estavam em certos lugares onde não deviam e não chegaram na hora do navio. ... Em Portugal, quatro dos nossos companheiros foram presos. Chegamos à França, descemos do navio, pegamos um trem e fomos até Paris – eu não me lembro do porto em que descemos -, para uma estaçãozinha lá. Descemos do trem, cadê nosso ônibus? Sentamos numa praça, cada um vigiando a sua maletinha para não ter nenhum ‘espeto’ que fosse pegar. Disse: ‘Como é, o negócio aí fica nisso?’. ‘É, precisa saber onde é que nós vamos’. ‘E o hotel, qual é o hotel?’ ‘Nós não sabemos o hotel ainda’. Aí pegamos um rapaz que era auxiliar do nosso chefe, do Castello Branco. Ele era muito bonzinho, mas não teve habilidade para dirigir a nossa excursão, infelizmente. Ele mandou o rapazinho à embaixada brasileira, então veio um *attaché* [adido] nosso, um rapaz que trabalhava com o cônsul, porque não tinha intérprete. Aí fomos fazer a nossa via sacra”<sup>440</sup>.

Todo o investimento financeiro e simbólico, em torno do direcionamento da campanha brasileira, efetuado pelo Estado-Novo, pelo comércio, pelos bancos e pelas indústrias, além é claro, pela imprensa, não parece ter sido suficiente para que a embaixada brasileira e seus representantes primassem pela organização, civilidade e disciplina, ao menos sob o ponto de vista do meia brasileiro. Ainda assim, a seleção atingia uma inédita semifinal e o sonho do título parecia cada vez mais próximo.

Entrementes, toda a alegria pela vitória sobre a Tchecoslováquia seria logo arrefecida, ante a ausência de Leônidas contra a Itália<sup>441</sup>. Naquele fatídico momento para o escrete brasileiro, a narrativa da derrota, empreendida na crônica esportiva brasileira, encontraria sua base de sustentação no “Diamante Negro”, como lamentava Thomaz Mazzoni:

“ ‘A História seria outra..’

Feliz público de Estrasburgo e Bordeaux, que viu jogar o ‘Diamante Negro’, e que pena para nós não ter jogado em Marselha (semifinal), em Paris (palco da decisão)...

Estamos certos de que, nos campos da Europa, ainda não apareceu um malabarista, um improvisador como Leônidas. Simplesmente fantástico! Com Leônidas, no último campeonato sul-americano, como centroavante, teríamos vencido o título brincando... Os italianos e os húngaros vão dividir entre si os dois primeiros lugares da 3ª Taça do Mundo, graças exclusivamente a ausência de Leônidas do nosso quadro, no jogo de ontem. Podem

<sup>440</sup> Entrevista Luís Mesquita de Oliveira (Luizinho) concedida ao Museu da Imagem e do Som (SP) como parte integrante do projeto “História do Futebol Brasileiro”, coordenado por José Sebastião Witter. 08 de dezembro de 1982 apud FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro. DP&A, 2003, p. 73-74, grifo do autor.

<sup>441</sup> Vale esclarecer, que a delegação foi pega de surpresa com a impossibilidade de inscrever o centroavante Niginho junto à FIFA, para a disputa do mundial. Segundo a *Gazeta*, foi encaminhado um protesto à entidade, por parte dos dirigentes da federação italiana de futebol, com o intuito de impedir que o jogador Dionísio Fantoni (Niginho) fosse inscrito pelo Brasil na Copa do Mundo. O argumento para tal medida seria um suposto descumprimento de contrato de Niginho com a Lazio, tendo o centroavante deixado o clube de Roma na “surdina”, sem disputar os últimos jogos do campeonato, por ocasião da Guerra da Etiópia. Após retornar ao Brasil, Niginho assinou um acordo para atuar no Vasco, clube que o cedeu à CBD para a disputa da Taça do Mundo. O imbróglie impediu o jogador de atuar pela seleção, fato que seria ainda mais sentido, ante a ausência do titular da posição, Leônidas, na semifinal contra a Itália, sendo Niginho o substituto imediato do “Diamante Negro”.

crer os afeiçoados do Brasil: esse é o único motivo porque a seleção nacional não regressará com o título de campeã do mundo! Não foram os nossos adversários que nos impediram de conquistar a taça, e sim a fatalidade. Parece incrível: de 22 ‘azes’, o único que não pôde entrar no gramado foi justamente o único insubstituível! Com Leônidas contra a Itália, ainda que devemos ter presente a parcialidade dos juízes europeus a nosso dano, a história da 3ª Taça do Mundo seria bem outra”<sup>442</sup>.

A ausência de nosso grande “herói”, para o correspondente da *Gazeta*, nos alijara de qualquer possibilidade de conquistar a Taça do Mundo. Se Leônidas estivesse em campo, nem mesmo a atuação “inescrupulosa” do árbitro da partida nos impediria de alcançar a final. Contudo, é necessário lembrar que, sob essa análise, pesava todo o investimento simbólico feito sobre aquele selecionado e o intuito agora era o de preservar os componentes do escrete de quaisquer tipos de críticas, dirigindo a culpabilidade da derrota para aqueles que não faziam parte daquela corrente. Pela forma como a campanha fora conduzida, não caberia que a vilania recaísse sobre um de nossos representantes ou mesmo sobre mais de um deles.

No entanto, com o passar dos anos, a desconfiança sobre a contusão de Leônidas, que o impedira de atuar naquele jogo semifinal, ainda geraria muita polêmica no meio esportivo. E essa polêmica acabou sendo alimentada por alguns dos próprios companheiros do jogador naquele grupo de 1938, como foi o caso do centroavante Niginho. No ano de 1958, quando já comentarista de rádio, Leônidas concedeu entrevista ao jornalista Mario de Moraes, na Revista *O Cruzeiro*, defendendo-se das acusações do ex-companheiro de seleção na Copa de 1938, que teria afirmado que o “Diamante Negro” havia se negado a entrar em campo contra os italianos “*aparecendo com uma ‘estranha distensão muscular’, que o ‘médico’ (Nariz) não conseguiu localizar. Para Niginho, Leônidas havia sido subornado pelos assessores de Mussolini*”<sup>443</sup>. A acusação tardia de Niginho surpreendia Leônidas, que fazia questão de esclarecer o ocorrido:

“(…) tudo começou no jogo com a Tchecoslováquia. Logo no primeiro tempo ficamos com nove jogadores (Zezé e Machado tinham sido expulsos) e agüentamos toda a partida e mais a prorrogação. Foram duas horas de futebol que me estouraram os músculos. Empatamos. Deveríamos voltar a jogar com os tchecos 48 horas depois. Falei com o técnico Ademar Pimenta, e ele me disse que eu precisava jogar, que ia me sacrificar porque o Brasil não podia ser desclassificado. Do primeiro time só atuaram, na partida-desempate, eu e o Walter. Quando ela terminou, meus músculos acusavam o desgaste. ... Após aquele jogo, tomamos um trem para Marselha, viajando 17 horas seguidas. Sofri bastante nessa viagem, pois naquele tempo não existiam os atuais recursos médicos. Tentaram me tratar no próprio trem, com compressas quentes. Carlos Volante, hoje técnico, pode dar o seu testemunho, pois foi um dos que me atenderam nessa hora. O Dr. Castelo Branco acumulava as funções de chefe da delegação e médico e tinha, como

<sup>442</sup> *A Gazeta*, 25 de junho de 1938, p. 12.

<sup>443</sup> Ver: MORAES, Mario de. **Futebol é Arte**: Parte I. Rio de Janeiro: MIS Editorial, 2002, p. 36.

auxiliar, o Nariz, que estava estudando Medicina. Os dois também podem ser testemunhas dos meus padecimentos. É mentira dizer que Nariz não conseguiu localizar minha contusão, pois o que eu tinha era exaustão muscular, estava próximo de uma distensão. Em Marselha, continuei o tratamento, mas, no dia do jogo com a Itália, vi que era impossível entrar em campo. Fiquei, durante toda a partida, junto ao locutor Gagliano Netto, que irradiava da pista, procurando auxiliar meus companheiros, transmitindo ordens do Pimenta ... Não param aí as mentiras do Niginho, que, segundo opinião de muitos, não devia estar regulando bem quando fez tais acusações.

Dois dias depois do jogo com a Itália eu realmente atuei contra a Suécia, mas continuava contundido. Entrei com os músculos em pandarecos. O Pimenta me dissera ‘Eu não posso perder o terceiro lugar. Mesmo parado você me será útil, pois obrigará os zagueiros a marcá-lo e deixara seus companheiros mais soltos’. Foi o que me aconteceu. Fiz dois gols, mas aproveitando dois ótimos passes. Poderão alegar que Pimenta também poderia ter me escalado contra a Itália. Não. Este era um jogo decisivo, ele precisava de um homem são. Não ia disputar um terceiro lugar, mas a oportunidade de ser campeão. Colocou Romeu (Niginho estava impedido, pois os dirigentes locais alegavam que, como era descendente de italianos, ele não podia atuar pela nossa seleção), o único que já jogara de centroavante. E volto a discordar de Niginho, quando ele diz que Romeu não era tão bom jogador como eu. Romeu, no meu entender, foi o maior jogador do Brasil, em todos os tempos. Niginho insinua que eu fui subornado pelos italianos. Deslavada mentira! Não fui procurado por ninguém que me quisesse subornar, Nunca, em toda a minha vida de jogador de futebol, estive envolvido em escândalos dessa ordem. Não teriam coragem de me propor suborno, pois sabiam qual seria a minha reação”<sup>444</sup>.

Todavia, quando se volta a 1938, observa-se que a imprensa agiria observando a premissa de que o culpado não poderia estar dentro do grupo, isto é, entre os disciplinados representantes da Pátria. Foi assim que os jornais esportivos praticamente eximiram de culpa a Domingos no caso da troca de agressões com Piola, no lance do penal na semifinal contra a Itália, afinal, na narrativa da campanha, uma seleção preparada e arquitetada cuidadosamente, sob tão nobres princípios e elevados ideais, só poderia ser vítima dos adversários e não de si mesma.

Uma jogada de tamanha violência praticada por um dos expoentes daquele escrete e do futebol brasileiro, no período, era difícil de se aceitar, para os defensores da ordem e da disciplina, daí as reclamações dirigidas ao árbitro da partida e à FIFA, que eram responsabilizados pela nossa dura derrota, enquanto Domingos teria “apenas” revidado as agressões do atacante italiano<sup>445</sup>. A culpa do pênalti que determinou a derrota no placar não era dele, porque isso não se adequava ao roteiro escrito para a Copa de 1938.

<sup>444</sup> Ibid., p. 36-37.

<sup>445</sup> O próprio Domingos em depoimento concedido ao Museu da Imagem e do Som, no ano de 1967, reforçaria essa narrativa sobre o episódio do penal: “O jogo corria muito bem, até que a Itália fez 1 a 0. Logo a seguir vem o lance polêmico. O meia-direita italiano cruza uma bola pelo lado direito da nossa defesa. A bola sai pela linha de fundo. Eu viro as costas para Piola e ele me dá um pontapé no tornozelo. Eu devia ter caído e feito uma cena, mas me virei e dei um pontapé no joelho dele. O Piola, então, fez o que eu não fiz, uma bruta cena. O juiz veio pra mim e rurururururu, e eu: ‘Sim, senhor, sim, senhor’, certo de que ele havia me expulsado. Mas ele apanhou a bola e colocou-a na marca do pênalti. Aí me chamou e disse ‘fica aí!’. Disseram que o gol podia ser anulado, pois a bola

Não era à toa o fato de a argumentação construída sobre o episódio da derrota para os italianos ignorar qualquer tipo de deficiência de ordem esportiva (técnica ou tática) ou mesmo disciplinar, da parte de nossa seleção. Concentrando a análise no “fatídico” lance do penal, a imprensa esportiva brasileira construiria a vilania de nossa participação no mundial, a partir do apontamento das deficiências de ordem moral da própria FIFA, responsável direta pela arbitragem desastrosa e “mal-intencionada”, em relação ao Brasil em quase todas as pelepas de que tomamos parte.

Desse modo, só mesmo um golpe desferido pelo destino (ao retirar Leônidas de combate, quando mais o escrete precisava dele) e a parcialidade do juiz, poderiam impedir nosso triunfo. O alento para a derrota estava sacramentado e não era outro senão o fato de a culpa não residir em nenhum dos elementos do nosso escrete. O árbitro daquela partida (como representante dos interesses da FIFA) compartilharia com a entidade suprema do futebol internacional a responsabilidade pela nossa derrota. Os representantes da nação só caíram diante do “mau-caratismo” do representante da FIFA. Estava assim justificada, pela imprensa, a insatisfação dos brasileiros e a necessidade de uma recepção apoteótica à delegação, como de fato se verificaria, por fim, na capital federal:

“Os ‘cracks’ que desembarcaram e viram a exaltação da cidade e assistiram ao entusiasmo do povo e ao marulhar das multidões – devem ter experimentado uma dessas emoções que se eternizam na memória. Que prêmio maior para os que realizaram na Europa uma verdadeira epopéia? Que prêmio maior do que as palmas, as aclamações, o delírio e, em suma, a apoteose em que importou a recepção de ontem? E Leônidas? Ele se sentiu pago, por certo, bem pago, do seu esforço e de sua virtuosidade, quando a multidão se apossou dele, e o arrastou, e lhe rasgou a roupa, e o sufocou quase, nos ímpetos de um entusiasmo delirante. Assim magoado, machucado, quase pisado – Leônidas terá sentido a maior alegria do seu destino esportivo, e a sua emoção mais linda. E assim todos os outros”<sup>446</sup>.

Pelos relatos, presentes nos jornais, o regozijo das ruas vinha, antes de tudo, como prêmio para o escrete nacional. A gratidão dos torcedores se manifestava para cada componente, porém, o assédio maior se dirigiu mesmo ao grande artilheiro da Copa do Mundo, o que não implica considerar que os demais jogadores passaram despercebidos pela multidão.

---

*estava fora de campo, quando ocorreu a penalidade máxima. Fomos à FIFA, mas eles nos mostraram a súmula. O juiz tivera o cuidado de declarar que a bola estava em jogo e que não me expulsara porque o público não podia ser punido pela minha falta. ...Nós aceitamos o pênalti e perdemos o jogo. Dizem que eu fui o culpado. Eu não fui culpado coisa nenhuma, eu revidei uma agressão”. Ver: MORAES, Mario. **Futebol é Arte**: Série Depoimentos / Domingos Da Guia, Zizinho e Pelé - Parte II. Rio de Janeiro: MIS Editorial, 2002, p. 198-199.*

<sup>446</sup> *Jornal dos Sports*, 12 de julho de 1938, p. 2.

É nessa perspectiva que Mario Filho insistiria na construção do heroísmo de Leônidas, a partir do contraste entre o sentimento popular demonstrado para com o artilheiro, durante todo o torneio e na recepção ao selecionado, e o suposto “desprezo” em relação aos demais jogadores:

“A multidão não se enganava quando pulava dentro do campo para carregar Leônidas em triunfo. Os braços se estendendo para pegar Leônidas, para tocar em Leônidas. Por isso durante o campeonato do mundo, depois de uma vitória brasileira, o povo inundava as ruas, e só se ouvia Brasil e Leônidas.

Nenhum grito de Domingos, de Romeu, de Perácio, de qualquer outro jogador que, como Leônidas, tinha corrido em campo, molhado a camisa, lá em Estrasburgo, lá em Bordeaux, pela vitória do Brasil. Aquele Brasil, aquele Leônidas, juntos, um puxando o outro, exprimiam tudo”<sup>447</sup>.

Em sua narrativa caracteristicamente romaneada, Mario Filho fazia questão de esclarecer aos leitores que “*aquele Brasil*” e “*aquele Leônidas*” é que “*exprimiam tudo*”, ao menos a respeito do que se verificara pelo país durante a Copa do Mundo de 1938. Triunfava, em sua visão, o “Brasil de Leônidas”, porque Leônidas era o próprio “Brasil”, de identidade miscigenada em seus traços e dionisíaca em seu comportamento e vivência.

Assim, delineava-se a tradição do que deveria representar a Copa do Mundo de 1938. Um acontecimento esportivo que causou grande impacto na vida nacional e que permitira ao brasileiro se encontrar definitivamente consigo mesmo. Para Mario Filho, era como se, a partir daquele momento, o futebol brasileiro encontrasse sua mais profunda e genuína identidade, uma identidade amplamente aceita e longamente reproduzida, como se fosse a quinta-essência de nossa existência e para a qual a Copa de 1938 e, especialmente, Leônidas da Silva, teriam exercido uma especial contribuição.

Todavia, apesar do protagonismo de Leônidas, tal interpretação acerca da representatividade de sua figura e de sua significação para os torcedores brasileiros, não era consensual, nem mesmo nas páginas esportivas. Em uma de suas colunas, escritas como um balanço geral da Copa do Mundo de 1938, Mazzoni destacava o sucesso de Leônidas, associando sua popularidade, no mundial daquele ano, com a figura de Friedenreich, no Sul-Americano de 1919:

“Poucas vezes se tem visto uma manifestação popular como a de outro dia, no Rio de Janeiro, por ocasião da chegada dos ‘azes’ brasileiros que disputaram a ‘Taça do Mundo’ na França ...

O III Campeonato Mundial, como é sabido, empolgou todo o Brasil de Norte a Sul e era natural que a recepção aos ‘azes’ no seu desembarque no Rio deveria constituir um espetáculo inesquecível. Todos os nossos ‘azes’ foram homenageados como mereciam, pois todos jogaram e o mérito do 3º lugar foi igual.

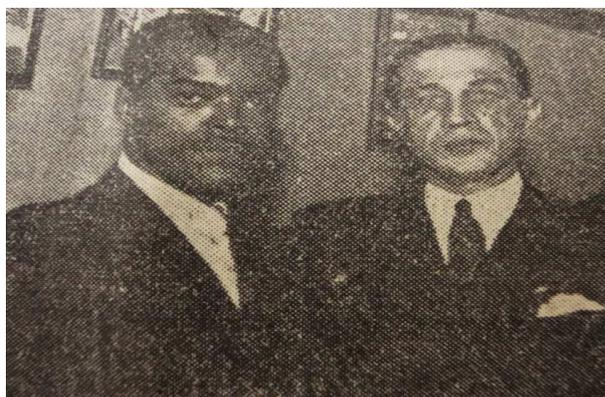
<sup>447</sup> RODRIGUES FILHO. op. cit., p. 217-218.

O povo, no entanto, chegou ao máximo da vibração com Leônidas, sem dúvida alguma a figura número 1 do campeonato. Foi um fenômeno. No ‘Diamante Negro’ revive agora a popularidade de ‘El Tigre’, o ídolo do Brasil, após o campeonato Sul-Americano de 1919. Depois de cerca de 20 anos surgiu, pois, outra figura que atingiu os píncaros da popularidade, um ‘herói nacional’.

Fried, tem, portanto, em Leônidas, seu sucessor. Justamente era o que a ‘torcida’ do país procurou ter durante este lapso de tempo. A alma popular quer o seu ídolo máximo no esporte ...

Enfim, estava destinado que surgiria no III Campeonato Mundial. E foi em Leônidas, nesse 1938, que se fixaram a fama e a glória de Fried, em 1919”<sup>448</sup>.

A associação entre Leônidas e Friedenreich atendia mais uma vez à finalidade, continuamente presente nas crônicas de Mazzoni, de exaltar o valor de São Paulo para a glória do futebol brasileiro, haja vista que Fried não somente era um ídolo nacional, mas um ídolo paulistano. Daí a oportuna afirmação de que Leônidas era “o ressurgimento de Friedenreich” na alma brasileira. Para Mazzoni não estava em questão a cor, mas a exaltação da paulistanidade através da vinculação do maior destaque do futebol brasileiro, em suas duas primeiras décadas, com o ídolo do momento, que seria ainda mais engrandecido, nas palavras de *Olimpicus*, pela sombra do ídolo nacional do passado.



(Leônidas (à esquerda) ao lado de Friedenreich, na redação do jornal *A Gazeta*. O encontro foi promovido após a Copa do Mundo de 1938, para a entrega de alguns prêmios ao “Diamante Negro”, aproveitando sua visita a São Paulo, a convite da Fábrica de Cigarros Sudan e do comendador Sabbado D’Angelo. *A Gazeta*, 26 de julho de 1938, p. 9)

<sup>448</sup> *A Gazeta*, 15 de junho de 1938, p. 10.

No entanto, deve-se também observar que onde Mario Filho procurava contrastar a consagração de Leônidas com o desprezo aos demais jogadores, Thomaz Mazzoni, ainda que reconhecendo o maior entusiasmo em torno do “Diamante Negro”, tratava de afirmar que não só o centroavante, mas todos haviam recebido o carinho popular. Por isso, a afirmação de Mazzoni de que o mérito não era só de Leônidas, e sim de todos os jogadores do escrete, logo, todos eram dignos das maiores homenagens, como se verificara em Recife, Salvador, Rio e São Paulo.

Na capital paulista, por exemplo, os jogadores dos grandes clubes da cidade, que ali desembarcaram, foram recebidos com todas as honras e festejos. Os *players* Jahú, Brandão, Argemiro e Lopes foram saudados pelos torcedores da paulicéia, assim que desceram do trem em que vieram do Rio de Janeiro, sendo carregados em triunfo, em cenas semelhantes ao que se verificara em outras capitais.



(Os “azes” paulistas, que participaram do III Campeonato Mundial de Futebol, foram entusiasticamente recebidos na estação do Norte, conforme o atestam as gravuras acima. À esquerda, Brandão, carregado nos ombros pelos torcedores, da mesma forma como o zagueiro Jahú e o meia Luizinho (à direita), todos levados em triunfo, quando tentavam deixar a estação. *A Gazeta*, 13 de julho de 1938, p. 8)

Para outros jogadores que se destacaram em gramados franceses, como o meia Romeu Pelicciari, a recepção também guardaria momentos inesquecíveis. O “az” do Fluminense foi homenageado em sua cidade natal, Jundiaí (SP), em ocasião que reuniu autoridades políticas da cidade e uma multidão de torcedores, que desejavam prestar, ao seu ídolo máximo, todas as honrarias devidas pelo grande papel desempenhado na Copa do Mundo de 1938.



(O meia-direita da seleção brasileira, individualmente, uma das maiores figuras da Copa do Mundo de 1938, foi recebido festivamente em Jundiaí. Na foto acima, vemos o jogador do Fluminense (de terno e gravata ao centro) cercado pelos seus torcedores conterrâneos, por ocasião de receber a medalha de honra, por seu grande papel desempenhado junto da seleção. *A Gazeta*, 22 de julho de 1938, p. 10).

Por mais que fizesse crer, Mario Filho, a partir de suas crônicas e seu clássico, nem só de Leônidas viveram os torcedores brasileiros na recepção ao escrete nacional. Os aficionados não tinham um só herói, e ainda que - por tudo o que fizera dentro de campo - o “Diamante Negro” tenha sido, dentre todos, o mais festejado, isso não significa dizer que nada tenha restado de honraria e júbilo aos demais craques.

Entretanto, ninguém dentre os membros do selecionado saberia usufruir, como Leônidas, dos dividendos gerados pela campanha brasileira na Copa do Mundo, muito embora, até isso acontecer, os jogadores tivessem de aprender que os anúncios publicitários, voltados à imagem de um selecionado vencedor, deveriam lhes render mais do que uma simples “goiabada”:

“Aproveitando a curta estada em Recife, os nossos ‘azes’ foram convidados a visitar os monumentos e edifícios mais notáveis da cidade, assim como alguma das suas principais indústrias. A fábrica Peixe despertou tal entusiasmo em Leônidas, que ele não se furtou ao desejo de registrar a sua impressão no livro de ouro. Leônidas declarou: ‘De todos os doces do mundo, o melhor é a goiabada marca Peixe, que recomendo aos esportistas brasileiros’”<sup>449</sup>.

A visita à fábrica das Indústrias Peixe, em Recife, a convite do diretor da companhia, Manoel de Britto, fora somente a primeira de muitas outras iniciativas de empresas que buscariam associar suas marcas ao escrete brasileiro e, principalmente, a Leônidas da Silva, o mais badalado na imprensa esportiva. O problema para os atletas é que, em troca das assinaturas no livro da empresa, que seriam estampadas nos jornais junto a fotos da visita, eles receberiam

<sup>449</sup> *A Gazeta*, 9 de julho de 1938, p. 11.

somente uma caixa de doces. Dessa maneira, não foi somente o “Diamante” a ceder sua imagem “a troco de nada” à marca Peixe, outros grandes destaques do Brasil como Romeu, Roberto e Martim também tiveram seus nomes e declarações incorporadas ao anúncio da empresa alimentícia.



(À esquerda, o anúncio com a imagem e a declaração de Leônidas sobre a goiabada “Peixe”, em letras destacadas, a “*Sobremesa Melhor do Mundo*”, em alusão à consideração de que tínhamos o melhor futebol do mundo, mesmo sem a conquista do caneco, na Copa de 1938. Ao lado, o registro da visita dos jogadores brasileiros à fábrica da empresa, durante a curta passagem por Recife, no retorno da delegação. *A Gazeta*, 26 de julho de 1938, p. 10; e *Jornal dos Sports*, 12 de julho de 1938, p. 5)

Entrementes, como o maior destaque recaía sobre Leônidas, Mario Filho sublinharia, mais uma vez, a atitude inocente do “Diamante Negro”, como se somente o artilheiro não soubesse lidar com a fama. Tamanha projeção em torno da sua figura revelaria, de acordo com o irmão de Nelson Rodrigues, a “camaradagem” de Leônidas, característica que faria o torcedor se sentir mais próximo de seu “herói”, mas que também seria utilizada por empresários interessados em associar suas marcas, empresas e produtos à imagem do centroavante brasileiro. Na perspectiva do diretor do *Jornal dos Sports*, havia um jogo para o qual nem mesmo o craque brasileiro estaria preparado para lidar, o da publicidade:

“(…) (Leônidas) assinou uma declaração, só comia goiabada marca Peixe, declaração que saiu em anúncios enormes pelos jornais, de quarto de página para cima, por um caixote de doces. E Manoel de Brito deu o caixote de doces porque quis dar, Leônidas nem pediu. Uma coisa que impressionou Manoel de Brito: a camaradagem de Leônidas. Outro teria “metido a faca” no peito dele: dez, vinte contos. Leônidas pegou a caneta, assinou o nome,

Leônidas da Silva, com a bonita letra que tinha, de aluno aplicado de caligrafia. Achando que era mais um autógrafo que assinava ... Foi preciso que José Scassa, um jornalista torcedor do Flamengo, abrisse os olhos dele. Mostrando a diferença que havia entre um autógrafo num álbum de poesia de menina de colégio e uma assinatura embaixo de uma declaração como aquela da goiabada de marca Peixe. Leônidas podia assinar quantos autógrafos quisesse, recomendações, porém, de marcas de goiabada, de cigarros, fosse o que fosse, só por dinheiro”<sup>450</sup>.

Assim, da mesma maneira que havia aprendido a lidar com a perseguição dos zagueiros adversários, dentro de campo, Leônidas também aprenderia a lidar com a perseguição das empresas interessadas em sua imagem, fora dele. A marcação cerrada geraria muitos frutos financeiros ao artilheiro da Copa do Mundo de 1938, que viraria nome de cigarro, sapato<sup>451</sup> e até mesmo do famoso chocolate das Indústrias Lacta que leva o seu apelido até os dias de hoje, um acordo que, à época, satisfez o avante brasileiro: “*Uma indústria lançou um chocolate com o meu apelido. Eu cheguei a fazer, de graça, a propaganda do produto, até que os amigos me fizeram ver que estava sendo tolo. Aí cobreí e eles me pagaram dois contos de réis, uma boa quantia na época*”<sup>452</sup>.



(Anúncio do então lançamento das Indústrias Sudan: os “*Cigarros Leônidas*”. O craque brasileiro viajaria à capital paulista, a convite do Comendador Sabbado D’Ângelo, para

<sup>450</sup> RODRIGUES FILHO, op. cit., p. 219, 221-222.

<sup>451</sup> A loja de sapatos Mauritània aproveitou o sucesso de Leônidas para dar nome a um de seus sapatos, em troca do pagamento de um conto de réis ao jogador. O anúncio, nas páginas esportivas, trazia os seguintes dizeres: “*LEÔNIDAS jogando, com sapatos!!! Ah! Mas é com sapatos LEÔNIDAS. Exclusividade d’A MAURITÂNIA. AVENIDA PASSO, 109. Preços Baratos*”. *Jornal dos Sports*, 7 de agosto de 1938, p. 6.

<sup>452</sup> MORAES, Mario de. *Futebol é Arte*: Parte I. Rio de Janeiro: MIS Editorial, 2002, p. 118.

firmar acordo com a Sudan e visitar sua fábrica, bem como as filiais, em Jundiá e Campinas. *A Gazeta*, 22 de julho de 1938, p. 1).

Na visão do jornalista Mario Filho, a rotina de Leônidas mudaria drasticamente nos meses que se seguiram ao fim do máximo certame mundial. Pior para o Flamengo, que começaria, a partir de então, a travar uma longa batalha com o centroavante:

“Perdia dez minutos, o tempo de bater uma chapa, de se abrir uma garrafa de champagne, na inauguração de uma sapataria, um conto de réis. Metia um conto de réis no bolso, não custava nada fazer um favor, atender a um pedido de Gerson Coelho, presidente do América Mineiro, amigo do dono da sapataria. E um conto de réis porque era em Belo Horizonte, se fosse no Rio pelo menos dois contos.

O Flamengo em Belo Horizonte, tudo pago, a multidão defronte do Grande Hotel, de pescoço esticado, olhando para uma janela fechada, talvez a janela se abrisse, Leônidas aparecesse.

Leônidas não aparecia. Quem quisesse vê-lo que fosse à inauguração da sapataria do amigo Gerson Coelho, que fosse ao Teatro Municipal, onde ele ia fazer uma conferência. Sucesso absoluto. Nenhum lugar vazio, gente de pé nos corredores, se espremendo. Para se fazer uma idéia: as bilheterias arrecadaram dezoito contos. O que havia de melhor em Belo Horizonte comprou torrinhos, cadeiras, frisas, camarotes, Leônidas contou como tinha feito os gols em Estrasburgo e em Bordeaux.

Contou bem, ao modo dele, mais com os pés do que com a boca. Levantava o pé e a platéia não tirava os olhos do pé dele, fascinada, fora assim, o pé se encolhia e se soltava. Para descrever o quinto gol contra a Polônia ajoelhou-se no palco, fingiu que ia amarrar a chuteira, desamarrou o sapato<sup>453</sup>.

Leônidas descobrira um veio de ouro. Queria viver assim, inaugurando sapatarias, fazendo conferências. Muitas vezes, porém, era obrigado a recusar um bom convite, o Flamengo ia jogar aqui no domingo, no meio da semana, tratando de arrancar o máximo dele. ...

E Leônidas, nessas idas e vindas, ganhava dinheiro, contos e contos de réis. Os convites choviam. Leônidas não chegava para as encomendas. O que lhe atrapalhava a vida era o futebol, embora ele se defendesse treinando cada vez menos, quase nada. Já fazia muito jogando, sacrificando os seus interesses nos domingos”<sup>454</sup>.

De acordo com a imprensa da época, que acompanhava de perto as andanças de Leônidas, país a fora, o futebol de fato havia se tornado um peso para o atacante rubro-negro, nos dias que se seguiram à Copa do Mundo. O problema para o Flamengo (que havia firmado contrato por mais dois anos com o atacante antes do mundial) era que, ao menos naquele oportuno momento,

<sup>453</sup> RODRIGUES FILHO, op. cit., p. 221. O sucesso de Leônidas era de tamanha proporção, que um festival foi promovido, pelo ator Procópio Ferreira, no Teatro João Caetano, em benefício da instituição “União dos Cegos do Brasil”, tendo como maior destaque o “Diamante Negro”. Intérpretes de samba famosos do rádio, à época, como Orlando Silva, Carlos Galhardo e Moreira da Silva, além dos jogadores-sambistas Roberto e Affonsinho, foram algumas das atrações. Na segunda parte da festa, Leônidas se encarregou de dar uma preleção sobre suas principais jogadas na Copa do Mundo. Outra de suas grandes conferências foi realizada numa sexta-feira, 29 de julho, em Belo Horizonte, no Teatro Municipal. Bem trajado, com um *smocking* presenteado pela Sapataria “Capital”, Leônidas monopolizou todas as atenções do público mineiro que lotou o local, para alegria de Procópio Ferreira que, por meio de sua companhia, mais uma vez, patrocinou o evento. Ao “Diamante Negro” coube metade da renda da palestra, em que pôde - por meio de gestos e com a ajuda do quadro negro - realizar uma demonstração de cada um de seus gols na Copa de 1938.

<sup>454</sup> Ibid., p. 222.

o seu artilheiro ganhava muito mais dinheiro usufruindo da publicidade em torno de seu nome. Por conta disso, não foram poucas as vezes em que o “Diamante Negro” era pego faltando a treinos e jogos do Flamengo, uma vez que era mais complicado, àquela altura, desistir de compromissos mais rentáveis.

Dentre as ocasiões em que Leônidas deu “o ar de sua graça”, em excursões do rubro-negro carioca, foi, na passagem por Belo Horizonte, que finalmente o chefe da nação solicitaria um encontro público com o grande destaque brasileiro na Copa de 1938. A delegação do Flamengo foi convidada para uma festa, em homenagem ao presidente, na qual Vargas se propunha a cumprimentar os jogadores do rubro-negro que compuseram a seleção:

“- Os *footballers* do Flamengo, quando em Belo Horizonte, compareceram a uma festa dedicada ao Chefe do Governo, Sr. Getúlio Vargas. S. Ex. teve curiosidade de conhecer, pessoalmente, os três ‘cracks’ que integraram a seleção brasileira. Walter, Domingos e Leônidas, compareceram a presença do supremo magistrado da Nação, que teve palavras elogiosas para cada um, abraçando, a seguir, o ‘Diamante Negro’”<sup>455</sup>.



(Registro de Leônidas em seu primeiro encontro com Vargas após o regresso. Os craques do Flamengo foram recebidos pelo presidente da República em festividade durante a excursão da equipe em Belo Horizonte(MG). *Jornal dos Sports*, 20 de julho de 1938, p. 10).

O tardio encontro entre o presidente e alguns dos craques do selecionado ainda atendia aos propósitos de referendar a ligação do Estado-Novo com a campanha brasileira. E se a imagem vencedora daquela epopéia se exprimia fundamentalmente no “Diamante Negro”, nada mais estratégico do que o abraço de Vargas, dado a Leônidas, em Belo Horizonte. Um desfecho

<sup>455</sup> *Jornal dos Sports*, 20 de julho de 1938, p. 1.

bastante propício ao governo, muito embora a projeção desejada da imagem da nação, perante o estrangeiro, e diante dos torcedores brasileiros não tivesse se sustentado nos princípios tão advogados pelas autoridades políticas e esportivas, como já foi demonstrado.

Mais do que isso, o abraço de Vargas ao “*Homem de Borracha*” representava o reconhecimento oficial da posição alcançada pelo jogador no cenário nacional, após a Copa de 1938, uma legitimação à condição de “herói nacional”, atribuída a ele, pela imprensa esportiva. E se a popularidade elevaria Leônidas a tal posição (ao menos no período de alguns meses, que se seguiram ao término do mundial) no caso de outros jogadores do escrete nem mesmo o bom papel desempenhado em gramados franceses seria suficiente para livrá-los de confusões, após o retorno ao Brasil. Que o diga o médio Affonsinho: “*Rio, 14 (H) – Affonsinho, o médio-esquerdo do quadro brasileiro no Campeonato do Mundo, foi detido pelas autoridades do Exército, como insubmisso, sendo recolhido a uma das unidades dessa região*”<sup>456</sup>.

Como se pode observar, nem todos os componentes do escrete eram intocáveis ou mesmo imunes ao que mais havia caracterizado a odisséia brasileira: as confusões. Enquanto Leônidas gozava os louros do sucesso, no retorno ao país, outra importante figura daquele grupo e nome recorrente nos casos de indisciplina do escrete cuidaria de trazer um tempero apimentado aos festejos destinados aos “*verdadeiros campeões*”.

Para aqueles que apostavam no arrefecimento dos conflitos e problemas, entre os membros da delegação, após o mundial, a divulgação, no *Diário de Pernambuco*, do conteúdo de uma carta, escrita pelo meia-esquerda Tim à sua mãe (moradora da cidade de Ribeirão Preto (SP)), mostraria que a campanha brasileira deixaria ainda suas marcas:

“S. Paulo, 7 (A.M.) – Conseguimos ler uma carta enviada por Tim, um dos elementos da seleção nacional, à sua mãe, residente em Ribeirão Preto, neste Estado. Nesta carta, o conhecido avante nacional fez acusações a Pimenta e ao *speaker* Gagliano Netto. Pelo interesse da referida carta, passamos a transmitir alguns de seus trechos:

‘Soube, aqui, que o Gagliano Netto, na irradiação do jogo contra os tchecos, fez as piores referências ao meu jogo dizendo que eu era o pior elemento do ataque e que estava prejudicando o jogo dos companheiros. Entretanto, as coisas foram justamente ao contrário. Eu nunca fiz uma partida como aquela e, para provar, já mandei para o Fernando alguns recortes de jornais franceses, que ele traduzirá e mandará para a senhora dele. Gostaram tanto do meu jogo que recebi uma proposta de um clube daqui que me ofereceu 150 mil francos, para assinar um contrato por um ano, com ordenado de 6 mil francos por mês. Por aí a senhora vê como eu joguei. E, no entanto, esse ordinário do Gagliano procurou me desmoralizar. Mas, como a senhora sabe que existe Deus, agora os desmoralizados são ele e o Pimenta, porque se não somos os campeões mundiais a culpa é unicamente dele.

<sup>456</sup> *A Gazeta*, 15 de julho de 1938, p. 10.

... o Pimenta procurou prejudicar-me de todas as maneiras. E foi tão injusto que todos os jogadores estão revoltados contra ele, e agora vive pedindo aos cronistas que acompanham a delegação para falarem comigo, a fim de não levar nada a mal. O cronista da 'Gazeta', de S. Paulo (Thomaz Mazzoni), veio falar comigo para eu não ficar aborrecido com os erros do Pimenta, para me esquecer e botar uma pedra em cima de tudo...

Eu perguntei-lhe, apenas: e por que vocês da imprensa não fazem justiça? E ele não respondeu, porque eu tinha razão...

O Pimenta foi tão ordinário que pediu aos cronistas para me 'meterem o pau' e elogiarem o Perácio, e foi tão injusto comigo que até deu margem a que o Dr. Nariz brigasse com ele por minha causa.

Se eu joguei no segundo jogo contra a Tchecoslováquia foi justamente porque ele não podia botar outro em meu lugar e, mesmo assim, ele só me botou porque pensava que nós íamos perder. Porque o *team* da Tchecoslováquia é um dos melhores *teams* que disputaram o torneio. E qual não foi a decepção de Pimenta quando nós ganhamos.

O povo daqui gostou tanto do meu jogo que o jornalista francês, aqui no hotel, disse ao Luizinho e ao Nariz que o jogador mais completo que ele já viu jogar até hoje fui eu. Por aí a senhora pode ver como o Pimenta e o Gagliano foram injustos para comigo”<sup>457</sup>.

A indignação do meia-esquerda do Fluminense e da seleção, contra Pimenta, se arrastava já desde a polêmica passagem da delegação pela Bahia, antes de seguir à França, para a disputa da Copa do Mundo. Na ocasião, alguns jogadores do escrete teriam provocado o atraso no embarque do “Arlanza”, rumo a Recife, por se aventurarem “*em certos lugares onde não deviam*” pelas ruas de Salvador, como havia confessado o meia daquela seleção, Luizinho<sup>458</sup>, em depoimento já mencionado.

Insatisfeito com o que considerava “perseguição” de Pimenta contra a sua figura, “El Peón” (apelido pelo qual Tim ficara conhecido na imprensa esportiva) seguiria reclamando do privilégio que o técnico supostamente daria aos jogadores do escrete azul (titulares), nos treinamentos e durante a Copa do Mundo, o que lhe acarretaria nova multa, dessa vez por desobedecer as ordens de Pimenta, em um dos exercícios na França. A condição de reserva do selecionado era para Tim fruto direto dessa indisposição com o treinador e, nem mesmo a oportunidade de atuar no jogo-desempate contra os tchecos, mudaria alguma coisa na atribulada relação.

E, para desespero do jogador, enquanto a imprensa francesa elogiava seu estilo ágil de jogo, demonstrado na vitória contra a Tchecoslováquia, Pimenta seguiria o preterindo por Perácio e ainda “pediria” (nas palavras de Tim) aos correspondentes da imprensa brasileira junto da delegação, que legitimassem sua escolha, criticando o desempenho de Tim e exaltando o meia-

<sup>457</sup> *Diário de Pernambuco*, 8 de julho de 1938, p. 12.

<sup>458</sup> Entrevista Luís Mesquita de Oliveira (Luizinho) concedida ao Museu da Imagem e do Som (SP) como parte integrante do projeto “História do Futebol Brasileiro”, coordenado por José Sebastião Witter. 08 de dezembro de 1982.

esquerda do Botafogo. Além disso, “El Peón” declarava sua “bronca” com o locutor Gagliano Netto que, durante a irradiação da única partida em que o jogador esteve em campo na Copa do Mundo de 1938, havia criticado sua atuação, dizendo ter sido ele um empecilho ao bom funcionamento do ataque brasileiro.

Foi assim que, justificando sua irritação, o “az” do Fluminense concedeu entrevista aos *Diários Associados*, confirmando a autoria e o conteúdo da carta e expressando, mais uma vez, sua mágoa contra Pimenta e Gagliano:

“(…) Confirmo tudo e lamento ser eu o acusador. Mas sei que não estarei sozinho. Pimenta demonstrou grande parcialidade a favor dos ‘azuis’. Mandou Domingos jogar com febre alta, sacrificando a saúde do grande *back*, contanto que o Nariz não jogasse, ele que é tão grande como o *back* do Flamengo.

Só diante do impossível é que Batataes foi substituído por Walter, consagrado pela imprensa mundial como grande guardião do campeonato. Os demais jogadores esfalfados e contundidos enquanto os brancos estavam dispostos e prontos para qualquer performance.

Pimenta só mandou os brancos jogarem com os tchecos, na segunda partida, com a firme intenção de desmoralizá-los, pois contava com a derrota. Sua intenção clara era botar sempre em campo os ‘azuis’ para sagrá-los campeões.

Patesko, que sempre foi superior a Hércules, só figurou porque este - havendo sofrido uma contusão - estava impossibilitado de jogar. A imprensa francesa elogiou a performance de Patesko, a que sagrou pela sua agilidade diabólica...

#### PROVAS

‘Para que não pense que estou falando injustamente mostro ao representante dos ‘Diários Associados’ que tiveram a gentileza de divulgar a minha carta, uns recortes do ‘Paris Soir’ e de outros jornais franceses que confirmam tudo o que eu digo’. Tim abriu um exemplar do Paris onde se lia em manchetes ‘PIMENTA RESPONSÁVEL NÚMERO UM PELA DERROTA DOS BRASILEIROS!’. Outros jornais exaltando as performances de Nariz e Tim, como grandes jogadores universais, dizem que ‘COM UM TÉCNICO OS BRASILEIROS SERIAM INVENCÍVEIS’. Num jornal de Marseille, lia-se um longo estudo sobre o jogo de Tim, Patesko e Nariz.

#### VÍTIMAS DE PIMENTA

‘Pois é isso que o senhor vê. Fomos vítimas dos juízes europeus, mas fomos vítimas maiores do técnico Pimenta... Deste Gagliano nem desejo falar. Ótimo *speaker*, mas não hesito de chamá-lo de mau caráter. Tudo fez para deprimir o meu jogo e de alguns companheiros. Não veio no ‘Almanzora’, com receio de alguma revanche por parte daqueles que ele injuriou. Apanharia na certa. Lamento tudo isso como *sportmen*. Mas, infelizmente, não podemos colar com tanta injustiça. Somos homens de esporte e por isso mesmo somos homens de brio’<sup>459</sup>.

Na visão de Tim, a vilania do torneio deveria ser dividida e, se possível, ainda mais atribuída ao seu algoz, o treinador Adhemar Pimenta. Para o jogador, foi pelas escolhas e pela conduta do técnico que o Brasil não pôde ser campeão do mundo e não somente pelo “mau-

<sup>459</sup> *Diário de Pernambuco*, 9 de julho de 1938, p. 8.

caratismo” da arbitragem. “Mau-caratismo” esse que o próprio jogador identificaria também nas críticas feitas por Gagliano Netto ao seu jogo.

Apesar das “provas” apresentadas, por Tim, ao repórter dos *Diários Associados*, o que não se pode ignorar é que não foi só por razões de ordem técnica ou tática que lhe fora negada a titularidade do escrete. A sua não inclusão no escrete azul se deveu também aos atritos com Pimenta e ao seu comportamento, considerado indisciplinar fora dos gramados.

Em resposta às fortes acusações públicas feitas pelo meia do Fluminense, Pimenta também concedeu entrevista aos *Diários Associados*, em que se defendeu dos ataques recebidos, trazendo a sua versão para a desconfortável situação:

“Rio, 12 (A.M.) – De acordo com o que prometera o técnico Adhemar Pimenta concedeu a sua primeira entrevista aos *Diários Associados*. Rebateu as acusações que lhes foram feitas dizendo que não perseguia os elementos do quadro branco.

Quanto a Tim disse que lhe relevara a pena à passagem do escrete pela Bahia. Não obstante, aquele jogador não se corrigiu. Adiantou que o encontrara, em companhia de Patesko, bebendo cerveja em um bar de Neidenbroon, sendo ambos multados. A seguir reafirmou que não preteriu Tim, mas julga que Perácio lhe é superior.

Na verdade, diz Pimenta ‘o jogo de Tim mereceu os maiores elogios da imprensa da França, onde se aprecia o jogo para armar efeito nas arquibancadas, no qual Tim é mestre’”<sup>460</sup>.

A mesma matéria, publicada pelo *Diário de Pernambuco*, também trazia o posicionamento do chefe da delegação, Castello Branco, ante o imbróglio Tim – Pimenta, e a opinião dos demais jogadores em relação ao treinador do selecionado:

“O Sr. Castello Branco, também falando aos Associados, confirmou as assertivas de Pimenta, Tim e Patesko tinham sido encontrados, à meia-noite, em um Café de Neidenbroon...

A CBD, embora afastada a hipótese de punição aos jogadores brasileiros, solicitou de Pimenta um relatório sobre o assunto... À exceção de Nariz, Tim e Patesko, os *players* brasileiros, que foram disputar a Copa do Mundo, elogiam Pimenta”<sup>461</sup>.

As marcas não tão positivas da campanha deveriam ser apagadas pela celebração das ruas e das páginas esportivas. No entanto, nem mesmo os festejos e honrarias aos heróis nacionais impediriam que as tensões e desavenças, no seio da delegação, continuassem a pulsar, para desagrado dos dirigentes e cronistas esportivo,s que pretendiam um desfecho sem manchas para aquela empreitada.

A participação brasileira na Copa do Mundo da França, de 1938, terminava de forma bastante semelhante ao modo como iniciara, imersa em confusões e polêmicas. Muito embora o

<sup>460</sup> *Diário de Pernambuco*, 13 de julho de 1938, p. 5.

<sup>461</sup> *Ibid.*

quisesse Mario Filho, a figura de Leônidas - navegando de uma imagem de jogador indisciplinado à condição de herói nacional - não exprimia tudo o que dizia respeito àquela campanha. O “Brasil” não era só Leônidas, o “Brasil”, nem de longe, se assemelhara à imagem da nação forjada nas páginas esportivas.

A construção do edifício nacional sofreria grandes abalos quando a harmonia desejada pelas autoridades políticas e esportivas se chocava com as desavenças entre os próprios “representantes da Pátria”. Os alicerces da campanha estremeciam quando os gritos das ruas não reproduziam os princípios tão alardeados para aquele empreendimento. A ambigüidade daquele momento histórico mostrava que o futebol, como símbolo nacional, serviria não somente aos propósitos de conservação da ordem vigente, mas também como instrumento de contestação e questionamento a essa mesma ordem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A análise empreendida, ao longo dessas páginas, a respeito da participação brasileira na Copa do Mundo de 1938 teve o propósito maior de chamar a atenção para a excepcionalidade desse evento, buscando não só contribuir para uma melhor compreensão da relação entre futebol e identidade nacional na sociedade brasileira, mas também no intuito de valorizar a própria força e a grandeza desse acontecimento na vida nacional, em meio a um contexto ditatorial.

Para o senso comum - e até mesmo para certa parcela de estudiosos da história do futebol brasileiro, nos dias de hoje, falar de seleção brasileira e Copa do Mundo é rememorar os títulos mundiais, é fazer menção aos muitos craques, como Didi, Garrincha, Pelé, Gerson, Tostão, Rivelino, Romário, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo, e tantos outros, em lista infindável de heróis que a narrativa das Copas nos traz. É também lembrar as mais duras derrotas, como a “tragédia” do Maracanazo, em 1950, episódios que, por sua vez, oferecem uma lista inacabável e muitas vezes injusta de vilões.

Contudo, quando nos dispomos a caminhar um pouco mais no tempo é como se tratássemos da pré-história da seleção nos mundiais, uma parte não tão “digna” do esforço da lembrança, do ardor da pesquisa, como um percurso não tão atrativo à epistemologia histórica, no que diz respeito ao futebol brasileiro. É a esse desafio que nos lançamos a fim de analisar a Copa de 1938, não como um momento importante para entendermos os caminhos que nos levaram à derrota de 1950, mas para percebermos a relevância e os diferentes sentidos desse momento de grande vulto na vida da nação.

É no exame desse episódio que podemos observar em que medida a invenção de uma tradição futebolística brasileira vai ganhando seus contornos mais nítidos, ao mesmo tempo em que o futebol vai se afirmando, cada vez mais, como símbolo nacional. Uma campanha que serviria não só à tentativa de imposição do projeto político estado-novista de construção da unidade nacional, como também ofereceria aos torcedores um lugar social e simbólico para o questionamento da ordem vigente, a partir da resignificação daquele empreendimento e da não adequação aos princípios e aos padrões de participação que lhes eram impostos pela imprensa esportiva e pelos dirigentes do esporte.

Portanto, esse trabalho sobre a Copa do Mundo de 1938 se preocupou em investigar a superfície rugosa da epopéia brasileira, as “manchas” que a narrativa oficial, nutrida nas páginas esportivas, através de jornalistas como Mario Filho e Thomaz Mazzoni, preferiria apagar.

Nesse sentido, consideramos válido rememorar a crônica publicada no *Jornal dos Sports*, no que diz respeito à importância do dia 11 de julho de 1938, data do desembarque da delegação, no Rio de Janeiro, após a disputa do campeonato mundial. O clamor do cronista aos torcedores era para que um grande desfecho fosse preparado como lembrança à posteridade da grandeza da campanha brasileira em gramados franceses:

“(…) Naturalmente temos de encarar as alternativas da campanha dos brasileiros como naturais e inevitáveis. Ainda não se adquiriu uma noção rígida de disciplina, mas a verdade é que a disciplina, mas a verdade é que a disciplina se impõe através de uma evolução que nunca adquiriu a rapidez desejada. Um jogador tem que saber que não pode revidar, que não pode ceder a um excesso... O Campeonato do Mundo deve ser acompanhado sobre esse aspecto e o papel do crítico é impedir que se reproduzam os erros, sem chegar ao exagero de querer reformar acontecimentos passados e irreversíveis. Por isso mesmo se exige serenidade no exame das falhas sem a busca afanosa de um responsável que não existe. O que há de concreto é uma campanha magnífica – a mais brilhante do futebol brasileiro, apesar de tudo: de *Saint-Germain*, dos pontapés de Zezé e Machado, do calço de Domingos, do erro de Pimenta, da fraqueza de Castello Branco, da indisciplina dos casados. Esmiuçar em busca de culpados, em busca de falhas, em busca de manchas, seria realizar uma obra de destruição lamentável. E aí restariam apenas nomes, pedaços de um feito que não se uniriam mais.

Aliás, o admirável da campanha está nisso. Contra todos os obstáculos, alguns de origem interna, os brasileiros conseguiram dar uma exibição maravilhosa de técnica e entusiasmo, de fibra e virilidade. Sem um padrão, sem um sistema, improvisando, sem a experiência dos adversários, sem a organização dos rivais, souberam empolgar, conquistando um título que, para nós, vale mais do que a de campeões do mundo. E temos, em virtude do esforço despendido, de respeitar o entusiasmo que não podemos sopitar, que se expandiu, livremente, atingindo até o delírio em cada rincão do Brasil.

A censura é um recuo, a revolta uma iniquidade. Seria apagar os momentos de vibração, os ímpetos do orgulho, a emoção que não escondemos e que exibimos nas ruas, como a oferta única e justa aos bravos rapazes que defenderam o renome do futebol brasileiro. Vamos pagar a dívida que contraímos sem a negação do mau pagador: repetindo as cenas do indescritível entusiasmo. O dia 11 de julho adquire uma significação nova. É o instante de mostrar que a cidade não esquece o esforço e a dedicação daqueles que serviram ao Brasil. E esse será o único estímulo para futuras jornadas”<sup>462</sup>.

Enfim, era esse o recado que deveria ser deixado à posteridade. A maior lembrança que poderia ser transmitida às gerações seguintes era a de uma conquista “magnífica”. A imagem vitoriosa deveria sobrepujar as “manchas”, uma vez que se concentrar nos deslizos significaria “realizar uma obra de destruição lamentável”, algo que tamanho feito não mereceria. Ou seja, era o momento de preservar todo o esforço despendido para elevar o nome esportivo do Brasil no

<sup>462</sup> *Jornal dos Sports*, 8 de julho de 1938, p. 2.

estrangeiro e perante os próprios brasileiros. O que havia se passado de ruim e lamentável, naquele percurso, deveria ser posto de lado, pois – ao menos por hora -, os torcedores teriam muitos motivos para festejar e para fazer justiça ao esporte nacional.

Portanto, a lembrança de todo o entusiasmo das ruas deveria permanecer viva na memória esportiva nacional. Como legado, as páginas esportivas e os artífices daquela campanha ofereciam uma epopéia construída. Como herança à posteridade, um desejado esquecimento de todos os traços impróprios à narrativa épica daquele acontecimento.

## FONTES

### JORNAIS E REVISTAS:

- *A Gazeta, Seção “Todos os Esportes”* (Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo, documento original. Códigos: 13/083 (jan-mar. 1938), 13/084 (abr-jun. 1938) e 13/085 (jul-set. 1938));

- *Diário de Pernambuco* (Consulta realizada no acervo da Biblioteca Nacional (RJ), setor de Obras Raras, no formato de microfilme. Códigos: PRC-SPR 00008 e PRC-SPR 00008 D);

- *Jornal dos Sports* (Consulta realizada no acervo da Biblioteca Nacional (RJ), setor de Periódicos, no formato de microfilme. Códigos: CPR-SPR 20 (01 jan – 30 jun. 1938) e PRC-SPR 20 (01 jul – 31 dez. 1938));

- *Revista Careta* (Consulta realizada no acervo da Biblioteca Nacional (RJ), setor de Obras Raras, no formato de microfilme. Código: PR-SPR 00142[1-72], (jul. 1938)).

### ENTREVISTAS:

- *Depoimento de Leônidas da Silva ao Museu da Imagem e do Som (SP)* como parte integrante do projeto “História do Futebol Brasileiro”, José Sebastião Witter (coord.). Data: 07 de janeiro de 1976. (Arquivo de áudio consultado na MEDIATECA do Museu da Imagem e do Som (SP))

- *Depoimento de Luís Mesquita de Oliveira (Luizinho) ao Museu da Imagem e do Som (SP)* como parte integrante do projeto “História do Futebol Brasileiro”, José Sebastião Witter (coord.). Data: 08 de dezembro de 1982. (Arquivo de áudio consultado na MEDIATECA do Museu da Imagem e do Som (SP)).

## BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo, Editora Ática, 1989.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **O futebol nas fábricas**. Revista USP, n. 22, Jun-Ago/1994.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa - Brasil - 1900 a 2000**. Rio de Janeiro, MAUAD, 2007.

\_\_\_\_\_. **Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória**. Niterói: EdUFF, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Coisas Ditas**. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim (trad.). São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Maria Lúcia Machado (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

CALDAS, Waldenyr. **Pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. São Paulo: IBRASA, 1990.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

COSTA, F et al. Características Sociais do Futebol: Notas a partir da teoria de Norbert Elias e Eric Dunning. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR: TECNOLOGIA E CIVILIZAÇÃO**. 9., 2005. Ponta Grossa (PR). **Anais Eletrônicos...** nov.

2005. Disponível em:

[http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd\\_Simposio/artigos/comunicacao\\_oral/art9.pdf](http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/comunicacao_oral/art9.pdf)

Acesso em: 24 fev. 2010.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. “Os Gramados do Catete: futebol e política na era Vargas” (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). **Memória Social dos Esportes – Futebol e Política**: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro, Mauad Editora: FAPERJ, 2006. v. 2. p. 107-132.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESP; 2000.

\_\_\_\_\_ & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 255-272, dez. 2007.

DAMATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo X drama da justiça social. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, vol.1, nº 4, novembro de 1982

\_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que faz do Brasil, Brasil?** 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

DUNNING, Eric. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer. **Revista História / Questões e Debates** (UFPR), n. 39, Jul-Dez/2003.

ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Ruy Jungman (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1994.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador (vol. II)**: Formação de Estado e Civilização. Ruy Jungman (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1994.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.). **O Brasil Republicano**: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. V.2 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonso & Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fabio. **Futebol é “coisa pra macho”?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História. v. 25. n° 50, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: MELO, Victor Andrade de & DEL PRIORE, Mary (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 107-131.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933;

\_\_\_\_\_. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

\_\_\_\_\_. Ainda a propósito do futebol brasileiro. O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 25 jun. 1955. In **Pessoas, Coisas e Animais**. Disponível em [http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa/ainda\\_futebolbrasileiro.html](http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/ainda_futebolbrasileiro.html) Acesso em: 03 ago. 2010.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GARRIGOU, Alain e LACROIX, Bernard (orgs.). **Norbert Elias: A Política e a História**. Maria Lúcia Pereira (trad.). São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

GUEDES, S. L. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo suspenso e história; **Aquinate**, v. 3, n. 3. p.163 - 172, 2006. Disponível em: <http://www.aquinate.net/revista/edicao%20atual/Estudos/Estudos-3-edicao/estudo-simoni-copa.pdf> Acesso em: 22 fev. 2010.

HALL, Stuart. A Formação de um Intelectual Diaspórico. In: **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro (trad.). 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a desconstrução do "popular" . In: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org); trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses – Futebol e Cultura de Massa no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1997.

HOBSBAWM, Eric J.. **Nações e Nacionalismo desde 1870**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_ & RANGER, Terence (org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LANDINI, Tatiana Savoia & PASSIANI, Enio. Jogos Habituais – sobre a noção de Habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias. SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR. 10., 2007. Campinas (SP). **Anais Eletrônicos...** abr. 2007. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos\\_PDF/Tatiana\\_Landini.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos_PDF/Tatiana_Landini.pdf)  
Acesso em: 10 mar. 2010.

LEVI, G. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, Editora UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

LOPES, José Sérgio Leite. **A vitória do futebol que incorporou a pelada**. Revista USP, n. 22, Jun-Ago/1994.

\_\_\_\_\_. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In BATALHA, Cláudio H. M., SILVA, Fernando Teixeira da., e FORTES, Alexandre. (org.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2004.

MACEDO, Rafael Luís. **O Esporte no Estado Novo: Vigilância, Formação e Controle em época de Guerra**. Paraná: Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade/UFPR. Disponível em: <http://www.futebolesociedade.com.br/artigo.php?num=134> Acesso em: 24 fev. 2010.

MALERBA, Jurandir (org.). **A velha história**: Teoria, método e historiografia. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

MARANHÃO, T. J. F. de Albuquerque. *Apolo versus Dionísio no campo da História: o futebol em Gilberto Freyre*. **efdeportes Revista Digital** - Buenos Aires - Año 10 - N° 73 – jun. de 2004. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd73/freyre.htm> Acesso em: 09 mai. 2010.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

\_\_\_\_\_. A Falação Esportiva (O discurso da Imprensa Esportiva e o aspecto mítico do futebol). CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO. 25., 2002. Salvador (BA). **Anais Eletrônicos...** set. 2002. Disponível em: <http://www.unifra.br/professores/viviane/A%20Fala%C3%A7%C3%A3o%20Esportiva.pdf> Acesso em: 23 mar. 2010.

MAZZONI, Tomaz. **História do futebol no Brasil (1894-1945)**. São Paulo, Ed. Leia, 1950.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom & WITTER, José Sebastião (org.). **Futebol e Cultura** – coletânea de estudos. São Paulo, Convênio IMESP/DAESP, 1982.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos**: o centenário da independência no Rio de Janeiro. CPDOC, 1992, 18f. Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/1039.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1039.pdf) . Acesso em: 25 out. 2010.

MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça – Elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro, Irradiação Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. “Considerações Possíveis de uma Resposta Necessária”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n 24, 1999, p. 431-446. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2094/1233> Acesso em: 25 out. 2010.

NASCIMENTO, Paulo Henrique do. A Copa do Mundo de 1938: nacionalismo e a identidade nacional brasileira em campo, **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, São Paulo, n. 30, abr. 2008. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao30/materia07/texto07.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2009.

\_\_\_\_\_. O futebol e a identidade nacional: o caso da copa de 1938. **Educación Física y Deportes**, n. 10, maio de 1998. Disponível em <http://www.efdeportes.com/edf10/copa38.htm> Acesso em: 18 nov. 2009.

ORICCHIO, Luis Zanin. **Fome de Bola: Cinema e Futebol no Brasil**. Coleção Aplauso Cinema Brasil. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.

PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **Futebol e o Projeto de Unidade Nacional no Estado-Novo (1937-1945)**. SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR: SOCIABILIDADES E EMOÇÕES. 10., 2007. Campinas (SP). **Anais Eletrônicos...** abr. 2007. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/trabalhos\\_geral.htm#M](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/trabalhos_geral.htm#M) Acesso em: 10 mar. 2010.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro, FGV, 1998.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro** (4ª edição). Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. Modesto Carone (trad.). São Paulo: Perspectiva, 1993.

SAROLDI, Luis Carlos e MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet e COSTA, Vanda Maria Ribeiro da. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, MetrÓpole e Desatinos**, in Revista USP (nº 22), São Paulo, Gráfica CCS, 1994.

SOARES, Antônio Jorge. “História e invenção das tradições no campo de futebol”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2087/1226> Acesso em: 11 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: Alabarces, P. (ed.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Clacso-Grupo de Trabajo Deporte e Cultura. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003, p. 145-162. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/alabarces/PII-Soares.pdf> Acesso em: 2 fev. 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TOTA, Antonio Pedro. **A Locomotiva no ar**: rádio e modernidade em São Paulo, 1924-1934. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990.

THOMPSON, Edward. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

VARGAS, Getúlio. **Diário**. São Paulo: Siciliano, 1995.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história**: os protagonistas anônimos da história. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. “**A Imprensa e a Cultura Popular: Uma Perspectiva Histórica**”. Ricardo B. Iannuzzi e Heloísa de Faria Cruz (trad.). In: Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 15-26, dez. 2007.

## TESES E DISSERTAÇÕES PESQUISADAS

ALCHORNE DE SOUZA, Denaldo. **O Brasil entra em campo**: estado, trabalhadores e imprensa na construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947). 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

AZEVEDO, Lia Calabre de. 2002. **No tempo do rádio**: radiodifusão e cotidiano no Brasil – 1923-1960. Tese (Doutorado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2002, p. 143-144.

BOTELHO, André Ricardo Maciel. **Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo**. A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894 – 1919). 2005. 126f. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Rio de Janeiro: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em História Comparada.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades Imaginadas**: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX. 2007. 381f. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFP).

CORRÊA, Denise Aparecida. **Os Governos de Getúlio Vargas (1930-1954) e a Educação Física Escolar no Estado de São Paulo**: lembranças de velhos professores. 2009. Tese (Doutorado em História), São Paulo, PUC-SP.

COSTA, Leda Maria. **A trajetória da queda**: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. 2008. 159 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo**: o futebol e a vitória na fundação da metrópole. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo (USP).

GUIMARÃES, Silvana Goulart. **Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo.**

Dissertação de Mestrado – FFLCH/USP. São Paulo, 1984.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de. **A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40.**

1998. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.

PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A Narrativa da Ordem e a Voz da Multidão: O**

Futebol na Imprensa durante o Estado Novo (1937-1945). 2009. 239f. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: USP/Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.